KRISHNAMURTI

Cultrix

KRISHNAMURTI

Tal como outras obras de Krishnamurti publicadas pela Cultrix, O Homem Livre também nos traz, viva e fiel, a palavra do grande pensador, visto ser o registro escrito de palestras pronunciadas por ele na Índia. Aqui, mais uma vez, aprofunda Krishnamurti as bases do seu pensamento iluminador, ao discutir os problemas capitais da liberdade essencial do ser humano e do seu inato poder para, ultrapassando o véu enganador dos dogmas e dos preconceitos, descobrir por si mesmo a essência e o significado da vida. Entre outros temas de igual importância, são aqui focalizados: o autoconhecimento, a importância da ação individual, o descondicionamento mental, o sentimento do sagrado, o florescer da bondade, o infinito aprender, o investigar para descobrir etc.

KRISHNAMURTI O HOMEM LIVRE

Outras Obras de Krishanamurti Publicadas Pela Cultrix

A Suprema Realização

A Primeira e Última Liberdade

Comentários Sobre o Viver

O Mistério da Compreensão

A Importância da Transformação

Reflexões Sobre a Vida

Uma Nova Maneira de Agir

Diálogos Sobre a Vida

A Educação e o Significado da Vida

O Passo Decisivo

Fora da Violência

A Mutação Interior

A Cultura e o Problema Humano

Liberte-se do Passado

J. KRISHNAMURTI

O HOMEM LIVRE

Tradução

de

Hugo Veloso

EDITORA CULTRIX

SÃO PAULO

SUMÁRIO

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul em 1897 e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófico-religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais nas maiores cidades do mundo, há já várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, grande número de publicações, de palestras e conferências suas, foram lançadas em português, com êxito igual ao obtido quando publicadas em espanhol, francês, alemão, holandês, finlandês e vários outros idiomas, além do original inglês.

AUTOCONHECIMENTO

(Nova Deli — I)

Sendo numerosos os problemas de cada ser humano, não apenas na Índia mas no mundo inteiro, o mais importante, parece-me, é descobrir-se uma nova maneira de considerá-los. Porém, para a maioria de nós, é bem difícil encontrar esse novo modo de considerar os problemas, porque acostumamo-nos a pensar conclusivamente; e, sem dúvida, pensar com uma conclusão não é pensar nenhum. Mas não é fácil nos livrarmos do pensamento baseado em conclusão. Em geral, pensamos em qualquer problema, por mais complexo que seja, como hinduístas, como cristãos, budistas ou comunistas, e isso indica que nos abeiramos do problema com a mente já "preparada"; e, assim, o problema, que requer um exame totalmente novo, sempre se nos escapa e se multiplica.

Ora, é possível a entes humanos como vós e eu, como indivíduos, livrarem-se de todas as conclusões, de todo e qualquer pensamento condicionado, psicologicamente formado e controlado pela sociedade, pela chamada cultura? Não sei se já pensastes nesta matéria, mas, por certo, a questão não é de como resolvermos os nossos problemas; trata-se, antes, de compreender o problema, qualquer que ele seja. Temos muitos problemas na vida, não só econômicos e sociais, senão também o problema da morte e da imortalidade, o problema de descobrir se existe uma realidade, Deus — ou como quiserdes chamá-lo; e, a meu ver, só poderemos compreender e resolver esses problemas quando formos capazes de considerá-los, não com a mente dividida, porém com a mente "integrada". Aí se encontra, penso eu, toda a nossa dificuldade. Como é possível, então, nos abeirarmos de tantas questões com a mente já purificada de todas as obstruções, de todos os preconceitos, de todas as conclusões religiosas e pressões psicológicas que nos foram impostas no curso das idades? O problema, por certo, nunca é velho; ele varia e está em movimento constante. Mas nossa mente é

estática, já está ajustada, formada, condicionada por nossos pretéritos pensamentos, temores e esperanças.

Assim é que invariavelmente nos abeiramos dos problemas com uma mente que já *concluiu;* e acho que a questão consiste inteiramente em nos habituarmos a libertar a mente de todas as conclusões, porque o pensar que se inicia com uma conclusão não é pensar, em absoluto. Se eu penso como hinduísta, é claro que meu pensamento é sem vitalidade; faz parte de uma suposição sem valor, e procura resolver os complexos problemas da existência através do crivo de determinada conclusão, preconceito ou idéia.

Mas é possível libertar a mente da ideação? Porque estas palestras não vão ser uma troca de idéias. Não vou expor uma nova filosofia, um novo sistema de idéias, dogmas, doutrinas. Para mim, tudo isso — crenças, idéias, dogmas, doutrinas — são empecilhos à percepção do que é verdadeiro, e se estais esperando uma nova coleção de idéias com que enfrentardes o célere movimento da vida, sinto dizer que não só ficareis decepcionados, mas também confusos. Já se pudermos pensar no problema de maneira nova, não como hinduístas, muçulmanos, budistas, comunistas ou cristãos, não como "quem sabe" e como "quem não sabe" — coisa realmente absurda —, porém como entes humanos interessados em resolver o problema da existência, então, acho que estas palestras terão verdadeira utilidade. Porque, fundamentalmente, só há um problema, que é o "processo" integral da existência — não de uma existência religiosa em oposição a uma existência mundana, nem de uma existência espiritual em oposição à da sociedade.

Os numerosos problemas humanos que nos defrontam estão-se tornando cada vez mais complexos, mais mortalmente destrutivos, causando enorme sofrimento não só aos indivíduos, mas também à vida coletiva dos povos; e se desejamos considerar esse "processo" da existência em sua perspectiva total, necessita-se de uma vital transformação em nosso pensar. Isto é bem óbvio, não achais? Se eu penso como comunista, meu pensamento está baseado numa conclusão preestabelecida, a qual, por mais inteligente e sutil que seja, não pode resolver o problema, pois este é totalmente novo, cada vez que me ponho a considerá-lo. Como ente humano desejoso de compreender esse inteiro processo da existência, com todas as suas complexidades, suas aflições, divisões e incessante conflito, é claro que a ele devo aplicar-me com uma mente não condicionada como hinduísta, budista, comunista ou cristã; mas, infelizmente, nossa mente *está* condicionada. Sabeis o que entendo por "mente condicionada". Por meio da educação, de sanções religiosas e compulsões psicológicas da sociedade, nossa mente foi ajustada a um certo padrão. Vós pensais como hinduísta, como muçulmano,

ou o que quer que seja; ou, se rejeitastes os padrões mais ortodoxos, pensais como um homem que está livre de tudo isso, porém condicionado por suas próprias idéias, suas próprias conclusões, baseadas em estudos e experiências pessoais. Assim, há possibilidade de nos abeirarmos dos problemas da existência humana com a mente inteiramente livre de condicionamento?

Nossa investigação não visa então a descobrir como resolver o problema, porém a descobrir como pode a mente libertar-se de seu condicionamento, tornando-se fresca, nova e, portanto, capaz de aplicar-se ao problema de modo criador, e não, como está fazendo, de maneira fracionária e destrutiva.

Como já disse, estamos aqui conversando não com o fim de permutarmos idéias ou de promulgarmos uma nova filosofia — pois isso é absurdo em extremo —, porém, antes, com o fim de investigarmos profundamente em nós mesmos, como seres humanos, para vermos se é possível libertar a mente — nossa mente, não a mente de outro — do condicionamento que lhe foi imposto no decurso de séculos. Se dizeis ser impossível libertar a mente de seu condicionamento, ou se pressupondes que é possível, nesse caso já tendes uma conclusão e, conseqüentemente, já não há pensar criador. O importante é que, escutando o que se está dizendo, vos torneis cônscios de vós mesmos, de vosso próprio condicionamento, vosso próprio pensar, cônscios, portanto, de como vossa mente opera. Dessarte, ficareis aptos a libertar a mente de seu condicionamento, não por me estardes ouvindo, mas pelo observardes a vossa mente mediante a descrição que estou fazendo. Acho importante compreender isso logo de início, porque só assim se pode estabelecer a relação correta entre nós. Para mim, a idéia de *guru* e discípulo é completamente falsa, porquanto só pode causar a escravização do pensamento. Eis por que tanto importa estabelecer desde o começo a correta relação entre o orador e vós.

O que estamos tentando é descobrir sem que nos digam o que devemos achar, e isso significa que vós e eu temos de ter uma mente capaz de descobrimento; mas nada descobriremos, se partirmos de uma série de conclusões ou experiências, nossas ou de outro, e aí é que está nossa principal dificuldade. Se vos observardes, vereis que vosso pensamento é apenas uma série de citações do *Gita,* do *Alcorão,* ou da *Bíblia,* ou do que foi dito por Buda ou pelo mais moderno santo e, em tais condições, a mente é incapaz de descobrimento. Descobrir é não só encontrar as soluções para nossos problemas, mas também, com a compreensão dos problemas, descobrirmos por nós mesmos o que é verdadeiro, se existe a Realidade, Deus, em vez de meramente afirmarmos que existe ou não existe.

Ora, como poderá a mente, tão condicionada, tão coarctada pela autoridade, pela tradição, libertar-se do passado? Notai, por favor, que não apresento uma teoria, nem vos estou dizendo o que deveis fazer. Se eu vos dissesse o que deveis fazer e vós o fizésseis, isso seria completamente errôneo, porquanto estaríeis então seguindo a outrem. Podeis abandonar o velho e seguir o novo, mas continuais a ser um seguidor, e quem segue nunca encontrará o que é verdadeiro, nunca descobrirá por si mesmo se existe a Verdade, Deus, a Paz.

Por conseguinte, eu não vos estou indicando o caminho da Verdade, porque a Verdade não tem caminho, nem sistema; ela não se acha mediante cultivo da virtude, porque o cultivo da virtude é apenas uma forma de atividade egocêntrica. Precisais de uma mente livre para descobrir o real, e é dificílimo ter uma mente livre, mente não peada pela tradição, mente que tenha deixado de aceitar ou rejeitar conclusões, uma mente não pejada de experiência, por mais nobre ou mais transitória que seja. O importante não é seguirdes meramente o que eu digo, porém descobrirdes vós mesmos como vossa mente está condicionada e verdes se é possível libertá-la desse condicionamento. Vossa mente está evidentemente condicionada; isto, quer vos agrade quer não, é um fato, e enquanto vos denominardes indiano, hinduísta, comunista, o que quer que seja, estareis sustentando esse condicionamento.

Ora, como pode uma pessoa ficar cônscia de seu condicionamento? Entendeis o problema? Podeis afirmar verbalmente que estais condicionado; mas o afirmá-lo simplesmente, e o descobrir que estais condicionado, no vosso falar, no vosso pensar, de dúzias de maneiras, são dois estados completamente diferentes. Saberdes que sofrei é uma coisa, e simplesmente especular acerca do sofrimento é outra. Infelizmente, em geral, especulamos superficialmente sobre o nosso condicionamento, e dessa maneira criamos uma divisão entre nós, como realmente somos, e a idéia de estarmos condicionados. Isso é claro, não?

Em todas as partes do mundo o homem dividiu sua existência em espiritual e mundana, e essa divisão existe em nossa vida. Buscais Deus, meditais, etc., enquanto na vida diária sois ambiciosos, estais buscando o poder, a posição, o prestígio — e procurais combinar as duas coisas e, desse modo, criar algo. Viveis assim uma existência esquizofrênica, uma existência fracionada, secionada, e verificardes por vós mesmos que existe esta cisão é muito diferente da simples aceitação da idéia, não achais? Saber que tenho fome, sentir-lhe o tormento, é uma coisa, e pensar a respeito da idéia da fome é um estado completamente diferente. A maioria de nós está meramente pensando sobre esses problemas, não os está sentindo. Se fôssemos capazes de sentir totalmente qualquer problema, então nossa maneira de considerá-lo seria

totalmente diferente, não fracionária; e considero muito importante compreender como a mente está enredada nas palavras e, portanto, incapacitada de olhar o fato livre da palavra.

Se estais ouvindo tudo isso como uma mera palestra, uma conferência como outra qualquer, o que se está dizendo terá então pouca significação. Só terá real valia, se o escutardes com o fim de descobrir como vossa mente opera, observando como está ela dividida em fragmentos, cada fragmento em conflito com outro, como outros tantos desejos opostos, e que aí vos achais presos e tentando levar a paz ao meio de toda esta confusão.

Há, pois, uma vasta diferença entre o fato e uma opinião ou idéia *a respeito* do fato. Qual é realmente o vosso caso? Estais enfrentando o fato, como quer que ele seja, ou trata-se apenas de vossa opinião acerca do fato? E pode-se libertar a mente da opinião, da conclusão, e olhar diretamente o fato? Se podemos olhá-lo dessa maneira, há então ação "integrada", compreensão completa do fato e, por conseguinte, a dissolução do fato.

A dificuldade é que, se existe problema em nossa vida, como realmente existe — o problema do sofrimento, da solidão, da divisão —, a dificuldade é que desejamos uma solução; mas a solução não se encontra fora do problema. Prestai um pouco de atenção. A solução do problema se encontra no próprio problema, e não fora dele. Ora, nossa própria existência se tornou um problema, e para compreendermos nossa existência, cumpre, naturalmente, olhá-la, não em conformidade com o que a seu respeito se disse, porém tal qual ela realmente é. Muito importa uma pessoa conhecer-se, não achais? Porque, se não conhecer a si mesma, o que quer que pense, o que quer que creia, não terá base nem validade. Assim, primeiramente deveis conhecer-vos, pois esta é a base sobre a qual podeis edificar; em verdade, se não há autoconhecimento, vosso construir nenhuma significação tem. Porém, a dificuldade é que em geral não desejamos conhecer-nos. Estamos entendiados de nós mesmos e queremos fugir a esse tédio por meio de uma distração qualquer: procurar o *guru*, freqüentar a igreja, executar rituais, buscar poder, posição — todas essas preocupações da hodierna sociedade.

O importante, pois, é conhecer a si próprio. O autoconhecimento é o começo da sabedoria, e adquirir autoconhecimento não é um problema complexo. Podeis conhecer a vós mesmos como realmente sois, observando-vos a cada minuto do dia ou quando for possível. Se desejo conhecer-me, tanto a parte consciente como a inconsciente, se desejo compreender toda a estrutura do "eu", devo observar-me quando

entro no ônibus, quando estou conversando com um amigo; devo observar a maneira como falo a minha mulher, meu patrão, meu criado. Por certo, só me posso ver como sou no espelho das relações. Estais seguindo? Se vos aplicardes a isso realmente, vereis que é extraordinariamente simples.

Não havendo autoconhecimento, não há solução possível nem para o problema do mundo nem para vosso problema pessoal. Sabeis muito bem o que está acontecendo no mundo. Há confusão e tirania em escala cada vez maior. Por toda a parte está a espalhar-se o sistema do "partido único", encabeçado por um grande líder, assim chamado. O homem está sendo moldado, condicionado para pensar segundo um certo padrão, dentro de uma certa esfera e, conseqüentemente, evitando a revolução religiosa. E pode-se ver que é necessária uma revolução dessa natureza, revolução não baseada em convulsão econômica ou social, porém revolução total, revolução verdadeiramente religiosa. Não me refiro à religião do hinduísta, do budista ou do cristão. Isto não é religião, em absoluto, porém mero dogma, sistema de crenças oriundas do medo, do desejo de segurança, de sentar-se "à direita de Deus-Padre", o que quer que seja. Religião é coisa bem diversa, e para se achar a vida religiosa necessita-se de revolução total em nosso pensar. Para criar um mundo diferente, uma civilização inteiramente nova, deve cada um de nós começar da base correta, e essa base correta se lança com o autoconhecimento. Deveis começar a conhecer a vós mesmos, e não simplesmente a parte superficial de vossa consciência.

Fizeram-me algumas perguntas, as quais tentarei investigar; mas antes disso eu gostaria de saber por que interrogais. Ou pretendeis que outrem vos indique a maneira de sairdes de vossa confusão, ou esperais vos seja mostrado como resolver os vossos problemas. É bom duvidar, criticar, inquirir, e nunca aceitar; mas quando inquirimos temos sempre um fim em vista e, por essa razão, isso já não é uma verdadeira investigação. Se tendes um problema, desejais para ele uma solução imediata, não é verdade? Do contrário, não faríeis a pergunta. Não estais procurando compreender o problema, mas, sim, procurando solução satisfatória, um abrigo seguro, onde nunca sejais perturbado; por conseguinte, já não estais investigando o problema, e acho muito importante perceber isso.

Assim, ao considerar essas perguntas, não vou dar respostas, porquanto a vida não tem resposta: a vida é para ser vivida, compreendida, e dela não devemos fugir para abrigo nenhum. Para compreendermos esta tão complexa existência e descobrirmos se existe a Realidade, temos de proceder com muita cautela, experimentalmente, porque só

assim poderemos começar a compreender a nós mesmos, toda a estrutura do nosso ser.

PERGUNTA: Li hoje no jornal vossa declaração de que para se resolverem os problemas humanos, necessita-se, não de revolução econômica ou social, porém de uma revolução religiosa. Que entendeis por revolução religiosa?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, averigüemos o que se entende por religião. Que é religião para a maioria de nós — não a teoria sobre o que deve ser religião, porém o fato real? Em regra, consideramos como religião uma série de dogmas, tradições, o que diz o *Upanishads*, ou o *Gita*, ou a *Bíblia;* ou, também, é constituída das experiências, visões, esperanças, idéias, brotadas da mente condicionada, da mente ajustada de acordo com o padrão hinduísta, cristão ou comunista. Começamos com um certo condicionamento e temos experiências nele baseadas. O que chamamos religião é oração, ritual, dogma, desejo de encontrar Deus, aceitação da autoridade e de um vasto número de superstições, não é exato? Mas isso é religião? Indubitavelmente, quem deseja descobrir o que é verdadeiro deve abandonar tudo isso, não achais? Deve rejeitar totalmente a autoridade do *guru,* dos livros sagrados, e a autoridade de suas próprias experiências, de modo que, depurada de toda influência, a mente seja capaz de descobrimento. Isso significa que deveis deixar de ser hinduísta, cristão, budista, que cumpre perceber quanto tudo isso é absurdo, e vos libertardes. E desejais fazê-lo? Porque, se o desejais, estais contra a atual sociedade e arriscado a perder vosso emprego. E assim é que o medo nos domina a mente e continuamos a aceitar a autoridade.

O que chamamos religião, por conseguinte, não é religião em absoluto. Se cremos em Deus ou se não cremos em Deus, isso depende de nosso condicionamento. Vós credes em Deus e o comunista não crê em Deus. Qual a diferença? Nenhuma, absolutamente; porque vós fostes educado para crer e ele foi educado para não crer. Assim sendo, o homem que está seriamente investigando rejeitará esse "processo", não achais? Rejeitá-lo-á por compreender seu inteiro significado.

Vendo-nos inseguros, assustados, com insuficiência interior, identificamo-nos com um país, uma ideologia ou uma crença em Deus; e podemos ver o que está sucedendo no mundo. Toda religião — embora cada uma delas professe o amor, a fraternidade, etc. — está de fato separando o homem do homem. Vós sois *sikhi* (1) e eu hinduísta,

---

(1) *Sikhi:* adepto do Sikhismo, seita fundada em 1500, no Punjab (Índia) por Guru Nanak *(Dic. Webster)*. N. do T.

aquele muçulmano e aquele outro budista. Vendo-se toda esta confusão e separação, percebe-se também a necessidade de um diferente modo de pensar; mas, é óbvio, esse diferente modo de pensar não pode tornar-se existente enquanto permanecermos hinduístas, cristãos ou seja o que for. Para vos libertardes de tudo isso, precisais conhecer-vos — conhecer toda a estrutura de vosso ser; cumpre perceber por que aceitais, por que seguis a autoridade; isso é evidente. Desejais bom êxito, desejais a garantia de que existe um Deus no qual possais confiar nos momentos de tribulação. O homem que realmente sente alegria, que é feliz, nunca pensa em Deus. Pensamos em Deus quando nos achamos em aflição, em conflito; mas nós mesmos criamos a aflição e o conflito, e, se não compreendermos inteiramente o processo respectivo, o mero investigar acerca de Deus conduzirá à total desilusão.

Assim, a revolução religiosa a que me refiro não é o ressurgimento ou a reforma de uma dada religião, porém a completa libertação de todas as religiões — o que, em verdade, significa libertação da sociedade que as criou. Por certo, o homem ambicioso não pode ser religioso. O homem ambicioso não conhece o amor, ainda que fale a respeito dele. No sentido mundano, pode alguém não ser ambicioso, mas se deseja tornar-se um santo, uma personalidade espiritual, ou alcançar um certo resultado no outro mundo, então essa pessoa é realmente ambiciosa. Assim, a mente precisa não só despojar-se de todas as cerimônias, crenças e dogmas, mas também estar livre da inveja. A liberdade total do homem está na revolução religiosa, porque só então será ele capaz de considerar a vida de maneira inteiramente diferente e deixar de criar problemas e mais problemas.

Provavelmente estivestes escutando tudo isso verbal ou intelectualmente apenas, porque para vós mesmo dizeis: "Que faria eu na vida, se não tivesse ambição?" Talvez fôsseis destruído pela sociedade. No momento em que compreendeis a sociedade e rejeitais toda a estrutura em que está baseada — ambição, inveja, ânsia de êxito, dogmas religiosos, crenças e superstições —, estais fora da sociedade e, por conseguinte, sois capaz de pensar no problema de maneira nova; talvez não exista então problema algum. Mas provavelmente só escutastes no nível verbal e continuareis, amanhã, do mesmo modo: lendo a *Bíblia,* freqüentando o guru ou o sacerdote, etc. Podeis escutar tudo isso e aceitá-lo intelectualmente, verbalmente, mas vossa vida continua na direção oposta e, desse modo, apenas criastes mais um conflito; por conseguinte, é muito melhor não escutar nada, pois já tendes suficientes conflitos e problemas e não precisais acrescentar-lhes um novo. É muito interessante estar aqui sentado a ouvir o que se está dizendo, mas se isso nenhuma relação tem com vossa vida, é preferível tapardes os

ouvidos; porque, se escutais a Verdade mas não a *viveis,* vossa vida se torna uma medonha confusão, a lamentável trapalhada que realmente é.

PERGUNTA: Pareceis contrário à própria essência da autoridade. A aceitação da autoridade não é inevitável em nossa vida individual?

KRISHNAMURTI: Vejamos o que se entende por autoridade e por que a aceitamos — em vez de especularmos sobre se, se não houvesse autoridade, a sociedade se desintegraria. A sociedade se está desintegrando, quer gosteis, quer não; ela se está despedaçando porque temos seguido a autoridade. Portanto, investiguemos isso.

Por que seguimos a outrem? Este é um problema muito complexo e, por conseguinte, devemos abeirar-nos dele cautelosa, judiciosa e pacientemente. Ele compreende o problema do conhecimento, isto é, o problema da aceitação da autoridade de um que possui conhecimento, na suposição de que vós não sabeis e ele sabe. Admitimos a autoridade do médico e a autoridade civil que nos manda "conservar a direita", na estrada. Se não tiverdes o bom senso de obedecer à regra geral de trafegar pelo lado direito da estrada, acabareis num posto policial. Assim, em certas coisas, importa obedecer à autoridade normal. Se desejo construir uma ponte, não posso rejeitar os conhecimentos acumulados através de séculos; isso seria absurdo. Não nos referimos a essa espécie de autoridade. Referimo-nos à autoridade existente num nível completamente diferente: a autoridade do instrutor, do *guru,* que diz que sabe e é seguido pela pessoa que não sabe e deseja ser conduzida à Realidade. Fique, pois, bem claro que é sobre essa autoridade que estamos falando, não a autoridade do conhecimento positivo, acumulado durante séculos, na medicina ou qualquer outro ramo científico. Rejeitar tudo isso seria muita insensatez. Estamos falando da autoridade que vós criastes na pessoa que afirma conhecer Deus, a Verdade, e poder conduzir-vos a essa realidade. O problema está, portanto, claro, não? Aludimos à autoridade espiritual, se posso empregar o termo "espiritual" sem ser mal entendido; a autoridade do *guru* que sabe, em sua relação com o discípulo que não sabe.

Quando o *guru* diz que sabe, que significa isso? Significa que ele "experimentou" Deus, a Verdade, a paz perfeita, etc.; ele "sabe" e vós "não sabeis" e por isso o seguis, esperando que vos leve àquela realidade. Eis como criamos a chamada autoridade espiritual.

Agora, por favor, prestai atenção. Que entendemos por "saber"? Quando eu digo "sei", que significa isso? Só posso conhecer uma coisa já acabada. Entendeis? Só posso saber o que já se passou; e quando

um *guru* diz que sabe, ele só conhece o passado, o que experimentou; e o que ele experimentou é sempre estático, coisa morta, sem vida. A Verdade, Deus, não pode ser conhecida; não a podeis conhecer ou experimentar, porque no momento em que dizeis: "Sei, experimentei", não sabeis. Só podeis conhecer o que passou, e o que passou não tem validade, já não é a verdade. Quando o instrutor vos diz que vos ajudará a alcançar a Verdade, a Realidade, só poderá ajudar-vos a alcançar algo que está fixado na esfera do tempo e que, portanto, não é verdadeiro.

Senhores, *escutai*. Não aceiteis o que estou dizendo. Vede a verdade respectiva, e o percebimento dessa verdade vos libertará.

Pensamos que a Verdade, Deus, é um ponto fixo no tempo; ela está "ali", e para a alcançarmos, para percorrermos a distância intermediária, dizemos que necessitamos de tempo. O que chamamos "realidade" está fixado num ponto e, portanto, podemos seguir um caminho para lá — ou, melhor, muitos caminhos, os caminhos das várias religiões, seitas, crenças. Mas a realidade não pode situar-se num ponto fixo; ela é imensurável, viva, atemporal; não tem existência nos termos que conhecemos. Dela só é possível nos aproximarmos quando a mente já não está aprisionada na esfera do tempo; assim sendo, nenhum *guru*, nenhum livro, nenhum sistema de meditação vos pode levar a ela. A mente deve estar de todo livre das pretéritas compulsões, deve achar-se imóvel, completamente silenciosa, não mais investigando com o fim de pôr-se em segurança, de ser feliz, de realizar algo. Eis por que o homem verdadeiramente religioso não segue nenhuma autoridade, dogma, tradição ou crença. Tradição, crença, dogma, autoridade, tudo isso se encontra na esfera do tempo, e a mente aprisionada nessa esfera nunca descobrirá o que é atemporal. Libertar a mente do tempo é um problema imenso, porque a mente é resultado do tempo, resultado de inumeráveis influências, memórias; e essa mente pode estar livre do passado? Enquanto a mente não se libertar do passado, não poderá descobrir o que é verdadeiro.

Os entes humanos, porque sofrem, porque se vêem perdidos em meio à sua confusão, recorrem a outrem e esperam encontrar uma resposta, um sentimento de conforto, um abrigo seguro; e encontram esse abrigo, porque assim desejam, mas esse abrigo seguro não é Deus, não é a Verdade. É coisa feita pela mente, construída pelo homem, e o que foi feito pode ser desfeito. Eis por que tanto importa compreenderdes a vós mesmos. O autoconhecimento é o começo da sabedoria. Mas o "eu" é uma entidade muito complexa, e o conhecimento próprio não é simples questão de lerdes um livro, de praticardes um insensato método de introspecção, e depois dizerdes: "Aprendi

tudo a meu respeito." Isso não traz autoconhecimento. Os movimentos do "eu" devem ser descobertos momento por momento, e não mediante acumulação. Observai como vossa mente opera, o que pensais, vossos impulsos, vossas compulsões, vossos motivos ocultos — ficai cônscio de tudo isso, de instante a instante, e, em seguida, libertai vossa mente dessa maldição que é a autoridade, de todos os livros, de todos os guias, políticos ou outros, porque todos eles são tão ambiciosos como vós. Os ambiciosos, os que têm êxito, nunca criarão o novo mundo. O novo mundo só pode ser criado pelo homem já livre da ambição, do desejo de êxito, livre de todos os dogmas e crenças — e isso significa: livre de si próprio, de seu "ego", seu "eu". Só com esta revolução religiosa, e nunca com a revolução econômica, poderá vir à existência o Novo Mundo.

10 de outubro de 1956.

A IMPORTÂNCIA DA AÇÃO INDIVIDUAL

(Nova Deli — II)

Parece-me de suma relevância compreender globalmente todos os problemas, em vez de se tratar, simplesmente, de resolver os problemas um a um; mas a tendência geral, penso eu, é de resolver cada problema em seu nível especial, sem uma inteira visão do problema da existência. O importante, sem dúvida, é ver o todo e não se deixar prender à parte, porque, alcançando-se o todo, a parte será resolvida e compreendida. Em geral nos preocupamos com um dado problema econômico, social ou religioso, e não parecemos estar cônscios do todo. Embora a parte seja importante, se pudéssemos perceber o todo e não nos deixarmos absorver na parte, acho que então estaríamos aptos a resolver os numerosos problemas que nos defrontam.

Todos temos muitos problemas, não é exato? Nossa existência está repleta de problemas contraditórios; e como poderão entes humanos como vós e eu resolver esse enorme complexo de problemas? Temos o problema econômico, o de nossas mútuas relações, o problema da guerra e da paz, o problema da morte, o problema da existência de Deus, da Verdade, o da reforma social, o problema de qual sistema se deve seguir, o comunista, o socialista ou o capitalista, etc.

Ora, como é que nos abeiramos desses numerosos problemas? Consideramos os problemas da vida separadamente da totalidade da existência, ou consideramos a totalidade da existência para em seguida atendermos à particularidade? Entendeis o que quero dizer?

Nossa vida consiste em atividade política, atividade religiosa, a atividade de um emprego e a atividade pessoal da ação egocêntrica; interessa-nos saber qual o líder que devemos seguir, a autoridade a que devemos obedecer, o instrutor que devemos imitar, etc. Tal é a nossa vida e, sem compreendermos a sua totalidade, procuramos, em regra, tratar de cada problema separadamente, esperando assim resolver o

problema integral. O líder político está interessado num problema, o líder religioso noutro, enquanto o reformador social se interessa pelo melhoramento da sociedade, deseja abolir o sistema de castas, etc. Há problemas inumeráveis, mas eu acho que nenhum problema pode ser resolvido isoladamente, porque todos os problemas estão relacionados entre si. Quase todos nós consideramos a educação, a reforma política e a vida religiosa, por exemplo, como problemas separados, não inter-relacionados, e por isso cresce nossa confusão. O político só está interessado em legislação, o chamado religioso na busca da Realidade, de Deus, e ao obreiro social só interessa a reforma da sociedade. Para mim, essa visão fragmentária, com sua atividade isolada, é sumamente perigosa, porquanto só cria mais sofrimentos — e é isso, exatamente, o que está acontecendo em todo o mundo.

Ora, percebendo-se esse processo integral e estando-se cônscio de seu significado, como poderá cada um de nós compreender a totalidade da existência e, em seguida, aplicar nossa compreensão à particularidade? Que é que faz um grande pintor? Ora, um grande pintor é um homem que vê primeiramente o todo e depois pinta as particularidades. Analogamente, pode cada um de nós ver a totalidade da existência, e não ficar unicamente preocupado com a particularidade? A totalidade da existência influi em todas as nossas particulares idiossincrasias, nossas particulares vaidades, nosso condicionamento por determinada religião, cultura ou sistema político, e se não compreendemos a totalidade e atendemos apenas a uma dada questão especial, isso não resolverá nenhum dos nossos problemas. Julgo que qualquer pessoa razoavelmente séria deveria perceber claramente que nenhum problema pode ser resolvido em seu nível próprio, e que dele devemos abeirar-nos com a compreensão da totalidade.

Que significa compreender a totalidade? Significa, por certo, que devo compreender a totalidade de meu próprio ser, pois eu não sou diferente da sociedade. Sou um produto da sociedade, assim como a sociedade é uma "projeção" de mim mesmo; e para conseguir uma transformação fundamental da sociedade, devo transformar-me totalmente. Só quando me empenho na total transformação de mim mesmo, me torno capaz de me ocupar a respeito da sociedade. A moda hoje é interessar-se pela reforma da sociedade, como se a sociedade diferisse de nós. Mas vós e eu criamos a sociedade com nossa ambição, nossa estupidez, a busca de algo que pensamos ser Deus; assim, o problema individual é o problema mundial. Cada um de nós está intimamente relacionado com o mundo, com a sociedade, e para resolvermos o problema social, temos de compreender o criador desse problema, que sois vós, que sou eu.

Por conseguinte, para compreender a totalidade da ação, tenho de compreender a estrutura total de meu próprio ser, tanto a parte consciente como a inconsciente; devo compreender o movimento de meus pensamentos e sentimentos. Se não produzo uma revolução básica em mim mesmo, não há nenhuma possibilidade de criar-se uma nova sociedade, e isso deve parecer bastante óbvio, pelo menos a quem pensa nesses problemas fundamentalmente. E como poderemos vós e eu, como indivíduos, compreender-nos e produzir essa transformação pessoal? Compreendeis o problema? O problema não é de saber em que partido ingressar, que legislação aprovar, que líder seguir, que *guru* imitar, mas sim de saber como eu — que sou composto de todos esses modos de ver parciais, de todas essas contradições — poderei operar uma revolução completa em mim mesmo. Saber o que sou é de infinita importância, porque minha ação reflete a contradição em mim existente e, por conseguinte, cria contradição na sociedade. Isso não significa dar relevo à salvação individual, ao indivíduo e seu preenchimento; pelo contrário, descobrir o que somos é investigar se realmente somos *indivíduos*. Compreendeis?

Em geral, pensamos que somos indivíduos, que somos capazes de pensar independentemente e, por conseguinte, de agir livremente; mas é exato isso? Vós sois um *indivíduo?* Tendes um nome particular, uma conta bancária particular, certos traços fisionômicos e certas qualidades que vos distinguem de outra pessoa; mas sois um indivíduo, no sentido de que vossa mente não está contaminada, de maneira nenhuma, pela sociedade? Ou vossa mente é puro produto da sociedade, de determinada cultura (civilização)? — pois, nesse caso, não sois de modo nenhum um indivíduo, embora vossas atividades, vossas reflexões e lembranças vos façam pensar que sois um indivíduo. Compreendeis?

Pensamos que somos indivíduos; mas o somos realmente? Quando dizeis que sois hinduísta, muçulmano, budista ou cristão, estais repetindo o que vos dizem desde a infância; e o repetir os dizeres alheios não constitui individualidade. Ser verdadeiramente um indivíduo é não ser um resultado do "coletivo"; mas vós sois o resultado do coletivo, porque simplesmente repetis as coisas que a sociedade vos ensinou. Podeis pensar que tendes uma alma individual, mas essa crença é apenas a marca de uma determinada civilização.

Considero muito importante compreender isto. Vede, a Verdade, a Realidade, Deus, ou o nome que quiserdes, só pode ser experimentado pela mente que se acha completamente só; e não está só a mente quando contaminada pela sociedade, quando produto do chamado saber, de determinada civilização ou cultura. Somente o indivíduo que

deveras compreendeu o inteiro significado da verdade é efetivamente religioso, e esse indivíduo, encontrando-se num estado de revolução total, terá efeito revolucionário na sociedade. Eis por que é tão importante descobrir se a mente poderá ser livre para pensar independentemente.

O pensar pode ser independente? Enquanto a mente está condicionada, não pode, decerto, haver liberdade no pensar. E vossa mente está condicionada, não? Como hinduísta estais moldado por muitos séculos de tradição — o brâmane, o intocável, etc. — e isso significa que sois produto da sociedade em que fostes educados; vossa mente está condicionada por certas crenças, conhecimentos, ideais, que vos foram transmitidos, e esse é o *fundo* de onde se origina o vosso pensar. Mas, a não ser que o indivíduo esteja inteiramente livre desse fundo, não há possibilidade de pensar independentemente. Enquanto eu não deixar de ser hinduísta, não me será possível descobrir o que é verdadeiro, e acho muito importante compreender isso. A mente condicionada, a mente formada pela sociedade, pelo tempo, é incapaz de encontrar o atemporal.

É necessário, pois, esse senso da individualidade, o qual só pode apresentar-se quando a mente não está contaminada pela sociedade, isto é, já não está pensando como hinduísta, cristão, budista, etc. A mente que se está libertando constantemente das lembranças, das tradições, dos valores que a sociedade lhe impôs, essa é uma mente individual, e só ela é capaz de investigar o que é verdadeiro. Enquanto está condicionada, moldada pela sociedade, por influências econômicas e religiosas, a mente nunca é livre, e só a mente livre pode descobrir o que é novo. E a verdade é algo totalmente novo; Deus deve ser algo que nunca foi "experimentado" anteriormente. E é por isso que a mente condicionada, moldada pela autoridade, pela tradição, pelos livros religiosos, jamais pode descobrir se existe, ou não, uma realidade.

A totalidade dessa revolução reside no descobrimento pela mente de quanto está condicionada e no libertar-se desse condicionamento. Afinal, a mente que é ambiciosa, invejosa, em qualquer nível que seja, político, religioso, social, é incapaz de compreender o que é verdadeiro. É dificílimo à maioria de nós nos livrarmos da ambição, porque a ambição é a essência mesma do "ego", do "eu"; e a mente que procura alcançar um chamado estado espiritual, que procura alcançar "a outra margem", é tão ambiciosa quanto a mente que deseja uma posição na sociedade. A revolução total é necessária, para que possamos criar um mundo completamente diferente, e essa revolução total só será possível quando a mente de cada um de nós já não estiver sujeita à socie-

dade, isto é, quando já não for o resultado do "coletivo", podendo, por conseguinte, separar-se da estrutura social.

Senhores, fizeram-me algumas perguntas. Tende a bondade de notar que vamos investigar cada problema e descobrir juntos a resposta. Não espereis de mim uma resposta à pergunta, mas examinemos juntos o problema. Embora eu esteja descrevendo e explicando, deveis observar como ele opera em vós; e essa observação, esse percebimento e compreensão do problema em vós mesmos, resolverá o problema.

PERGUNTA: As pessoas muito versadas nas escrituras hinduístas dizem que a prática de *sadhana* é essencial para se alcançar o estado de *mukti*. Vinoba Bhaveji disse que o que chamais liberdade não pode ser a mesma coisa que *mukti*, pois aparentemente não credes em *sadhana*. Tende a bondade de explicar-vos.

KRISHNAMURTI: Ora, senhor, que é importante nesta questão? Não é o que diz Vinoba Bhaveji, nem o que eu digo, nem o que está escrito nas Escrituras: o importante é descobrirdes por vós mesmos o que é verdadeiro. *Sadhana*, consta-me, significa o método, o sistema, a prática visante a um fim; e a questão é se *sadhana* é necessário ou não. Assim, compreendei por favor que não estamos discutindo sobre o que disse X ou Y, porém se de fato uma prática que visa a um certo fim conduz à liberdade, à realidade.

Pensamos, em geral, que executando certas coisas — praticando ioga, meditando, disciplinando, reprimindo, rejeitando, torturando a si própria — a mente será conduzida à Realidade, a Deus. Essa é a base em que fostes educados; mas eu vos digo que nenhum método nem sistema vos pode conduzir à realidade, porque vos tornareis prisioneiro desse sistema, e só a mente que está livre pode descobrir o que é verdadeiro. De mais a mais, a verdade não tem morada fixa, não é estática e, sim, uma coisa viva, em movimento constante — e um caminho só pode conduzir ao que está fixado num ponto, que é estático. A prática de qualquer método ou sistema só pode produzir o resultado que o sistema oferece. Compreendeis?

Senhores, não estou procurando convencer-vos da verdade do que digo, mas, se vós mesmos a perceberdes, ficareis livre do sistema que, segundo esperais, vos conduzirá à Verdade. Compreendendo que nenhum sistema pode conduzir-vos à verdade, estais livre de todos os sistemas.

Em primeiro lugar, pensais que a verdade, a realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo, é um ponto fixo e que para alcançá-lo

basta-vos praticar diligentemente, todos os dias, uma certa disciplina, obrigar vossa mente a ajustar-se a um certo padrão. É o que dizem os vossos livros, os vossos líderes, os vossos *swamis* e iogues; mas todos eles podem estar redondamente enganados, inclusive o *Gita*. Cabe-vos, pois, *descobrir;* e como ireis *descobrir?* Por certo, deveis começar abandonando todas as autoridades. Isso significa que não deveis ter medo. E então que acontece? Começais a investigar o que está implicado numa prática, num método. Sem dúvida, uma prática, método ou disciplina implica a repressão de todos os vossos pensamentos próprios, para obrigá-los a ajustar-se a um determinado padrão que, segundo julgais, vos conduzirá à Realidade.

Isto vos está interessando, ou preferis dormir? Como vedes, o que estou dizendo está completamente em oposição a tudo o que credes e, naturalmente, a maioria de vós deseja continuar a pensar pelas velhas normas; porque o que estou dizendo significa uma verdadeira revolução, não de ordem econômica ou social, porém a revolução básica que se verifica quando se põe em dúvida toda a estrutura da autoridade — não só a autoridade do *guru,* mas também a da tradição e de vossa própria experiência.

Que estamos, pois, investigando? Estamos procurando descobrir a verdade ou a falsidade da crença comum, que inclui as idéias de vossos vários *gurus* de que certas práticas são necessárias para se alcançar *moksha,* se alcançar a liberdade. Se examinardes mui cuidadosamente todo o "processo", descobrireis que, pela prática de um método, vossa mente não se torna livre, porém apenas ajustada ao método e, portanto, escrava dele e do resultado que produzirá. Penso que isso, uma vez percebido, se torna bem claro. A mente, para ser criadora, precisa ser livre e não deve ajustar-se a um padrão ou estrutura que, pensais, vos conduzirá ao real.

Senhores, outro fator aqui envolvido é a questão da disciplina. Pode a disciplina libertar a mente? Ou, para ser livre, deve a mente, mediante intensa vigilância, compreender o significado da disciplina e, desse modo, libertar-se dela? Disciplina implica repressão com o fim de alcançar um resultado a respeito do qual nada sabeis. O que sabeis a respeito de *moksha,* etc., é apenas o que vos foi dito e, a fim de alcançardes o que pensais ser a Verdade, praticais disciplinas; mas pode a Verdade se tornar conhecida para a mente que é ambiciosa, invejosa, cruel? Por que não vos empenhais em libertar a mente da inveja, por exemplo? Podeis livrá-la da inveja por meio de disciplina?

Estais compreendendo, senhores? Já tentastes libertar a vossa mente da inveja, obrigando-a a não ser invejosa? Quando assim fazeis,

que acontece? A mente que é obrigada a não ser invejosa é uma mente morta, não achais? Ergueu em torno de si uma muralha e, por conseguinte, é uma mente insensível. Podeis ser "não-mundano" e trajar uma simples tanga, mas interiormente continuais invejoso, porque desejais chegar a uma certa parte, no chamado sentido espiritual. Se examinardes isso muito profundamente, vereis que a mente jamais poderá livrar-se da inveja mediante qualquer forma de disciplina, e só o conseguirá ao compreender o inteiro processo da inveja — o que significa estudar a inveja, não condená-la nem compará-la com outra coisa qualquer. A inveja se torna existente quando há comparação, quando desejais ser melhor do que X, ser mais *isto* ou mais *aquilo*. Enquanto a mente pensar em termos de mais, tem de haver inveja; e ao vos disciplinardes para não ser invejoso, estais ainda exigindo *mais* e, portanto, sois ainda invejoso. Se bem compreenderdes isto, vereis que a verdade não se encontra num certo ponto distante; ela não está "lá, do outro lado", separada de vós por um vão, um intervalo de tempo. Quando criais esse intervalo, necessitais de tempo para o transpordes, precisais executar várias disciplinas a fim de alcançardes o que chamais "a verdade".

Assim, não há necessidade de *sadhana* de espécie alguma, e o próprio percebimento dessa desnecessidade produz uma profunda compreensão do funcionamento da mente. A mente tem uma contínua ânsia de certeza. Ela deseja um resultado, deseja sentir-se confiante, alcançar um fim que seja permanente, garantido; e praticamos, assim, essas coisas, a fim de encontrarmos conforto, satisfação, o sentimento de termos alcançado a meta — tudo isso processo do "eu", do "ego". Com essa compreensão, não apenas verbal ou intelectual, mas se percebeis realmente a verdade respectiva, não há então distância nenhuma entre *o que é* e a Verdade. Entretanto, para perceberdes essa verdade, deveis começar abandonando toda e qualquer autoridade — a autoridade do livro, por melhor e por mais religioso que seja, a autoridade dos *gurus*, a de todos aqueles que julgam ter alcançado a meta. O homem que diz que sabe, não sabe, porque o que conhece é só o passado, e não a Verdade.

Para serdes livre da autoridade, deveis compreender o medo, e o medo existirá sempre enquanto a mente estiver em busca de segurança, de conforto, satisfação, poder, posição, quer neste mundo, quer no chamado mundo espiritual. Se percebeis isso realmente, que necessidade há de disciplina? Se compreendeis que uma coisa é venenosa, vós certamente não tocais nela; não há tentação, não há conflito, não tendes de disciplinar-vos para não tocar nela. Simplesmente a deixais onde está. Da mesma maneira, se compreendeis o veneno

da ambição, da inveja, vós a deixais "cair da mão", simplesmente, não tendes de praticar nenhuma disciplina para vos livrardes dela. Mas para compreenderdes que a ambição é veneno, deveis aplicar-lhe toda a vossa atenção, e não podeis fazê-lo se sentis medo ou se estais em busca de algum resultado confortador.

A questão, pois, não é de saber qual é o *sadhana* correto ou se há qualquer necessidade de *sadhana*, mas, sim, de saber se a mente pode libertar-se do temor. O temor nasce sempre que a mente está tentando "vir a ser" alguma coisa. Se percebeis ser isto verdadeiro, então não se faz necessária nenhuma disciplina. Mas, para perceber a verdade, necessitais de uma mente sem medo, uma mente não-ansiosa, não-cúpida, e que objetive posição, poder, prestígio, quer neste mundo, quer no outro. Na realidade, estais em busca dessas coisas, e também desejais alcançar a Verdade ou a Felicidade, e por essa razão existe conflito; e desejais saber como vos libertar do conflito sem terdes de renunciar a *isto* ou *àquilo*.

Assim, para se compreender o que é verdadeiro ou o que é falso, precisa-se estar livre do medo, e não se pode disciplinar a mente para deixar de temer. Deveis perceber por vós mesmo que a ambição, a cupidez, a violência, a avidez, etc., são veneno, porque então não mais tocareis nelas. Isso significa opor-se totalmente à sociedade, e a muitas coisas que tendes mantido como se fossem essenciais à vida.

PERGUNTA: Que é o hábito? Há certas necessidades que são fundamentais, e outras que se baseiam na memória psicológica do prazer. Isso significa que devemos satisfazer ou não satisfazer uma necessidade, conforme seja fundamental ou baseada na memória?

KRISHNAMURTI: Senhores, esta é uma questão bem interessante e complexa, porquanto envolve muitas coisas. Entendeis o que quero dizer? Eu descrevo e explico uma coisa, mas essa explicação permanecerá no nível meramente verbal e será, portanto, inútil, se não observardes os vossos próprios hábitos e vos tornardes cônscios de como funcionam.

Ora, que se entende por "hábito"? Caminhemos devagar, passo a passo. Trata-se de problema muito complexo, que exige muita atenção, e se não acompanhardes atentamente a explicação perdereis todo o seu significado. Que se entende por "hábito"? Não estamos pedindo uma definição, porém investigando o conteúdo da palavra. Uma pessoa, por exemplo, toma todas as manhãs uma xícara de café porque acha que, sem ela, terá dor de cabeça. Esse ato se tornou um hábito, baseado no que a pessoa considera uma necessidade. Até aqui

está bastante simples e claro. É como fumar. Embora o primeiro cigarro talvez vos tenha causado náuseas, o fumar se tornou gradualmente aprazível e continuais, assim, a repetir o ato. Esta é uma forma do hábito.

E temos, também, o "processo" relativo ao comer. É essencial ao corpo receber alimento; e o comer se torna um hábito? Só se torna hábito quando eu exijo que o alimento tenha tal e tal sabor, baseado no prazer. Quero picles, quero arroz, quero isto ou aquilo, e isso significa que meu paladar está ditando o hábito de comer, baseado no prazer.

Analogamente, existe o hábito do sexo com tudo o que implica. Há secreções glandulares — e isso é uma função do corpo — e há necessidade de lhes dar vazão. Que acontece então? A mente guarda como lembrança o prazer do ato sexual. Ora, a secreção glandular é um hábito, ou o hábito só surge quando a mente encontra prazer em ressuscitar a lembrança do ato sexual e, dessa maneira, se torna escrava dessa lembrança? Estais-me acompanhando?

O hábito, por certo, é a repetição de um prazer baseado na lembrança de ontem. Segui isto, senhores, porque se seguirdes atentamente, vigilantemente, não apenas minhas palavras, mas também vossa própria mente, vereis que a mente cria o hábito com a exigência de prazer. Hábito não é a natural exigência da fome, por exemplo, porém a exigência de prazer e a repetição desse prazer baseado na memória. Um corpo que tem fome necessita de alimento, mas o hábito surge quando ele exige que o alimento tenha determinado sabor, ou seja a repetição do prazer que antes experimentou. O hábito, pois, é a lembrança de um prazer que a mente experimentou e cuja constante repetição deseja. Está claro? Ou está complexo demais? Não importa, senhores. Acompanhai-me, examinemos juntos a questão.

A mente é resultado de hábito, ela só conhece as lembranças de milhares de dias, e todo ato oriundo desse *fundo (background)* se torna um hábito. Agora, segui o que vou dizer. A mente estabelece um hábito baseado na lembrança e na repetição de determinado prazer. Depois, a sociedade, vosso *guru,* ou o livro sagrado vos diz que o hábito é muito nocivo, e tendes então o oposto: deveis ser casto, ser *isto* ou *aquilo.* Em conseqüência, há um conflito entre o fato, que é o hábito, e o que pensais que *deveis ser;* assim, ides pedir a alguém que vos diga como vos livrardes desse conflito, criando-se dessa maneira mais um problema. Tínheis antes um conflito, e agora tendes dois; e assim é nossa vida, uma interminável série de conflitos. A mente, que se vê sempre frustrada, sempre atribulada e com medo, deseja algo transcendente a si própria. Isso é impossível.

A mente busca a repetição de um certo prazer, sexual ou outro qualquer, e enquanto está a exigir esse prazer funciona na rotina do hábito. Isso é um fato. A mente diz então: "Preciso ficar livre deste hábito" — fica sempre a resistir, a lutar, e procura cultivar outro hábito diferente. Que aconteceu, pois? A mente está em conflito, deseja um certo prazer e ao mesmo tempo procura repelir aquilo que deseja. Não estou dizendo que ela deva ou não deva ceder ao prazer; não é este o problema. Vê-lo-emos mais adiante.

Vejo um belo poente, com nuvens ondulosas iluminadas pelo Sol e, acima delas, Marte. Experimento grande deleite, pois é um lindo espetáculo. Isso é prazer, não? Agora, por que dizemos que observar uma nuvem "é bom" e que certas outras formas de prazer são "más"? Quando repelimos o prazer num terreno e o mantemos noutro, estamo-nos tornando insensíveis. Compreendeis? Isso é como a mente dizer: "Só quero estar cercada de coisas belas; portanto, vou fechar a janela para não ver essa aldeia sórdida". A vida é tanto o feio como o belo, mas nós só queremos uma coisa e não a outra; e a rejeição do feio nos torna insensíveis.

Assim, quando vos vedes entregues a um hábito e a ele resistis a fim de adquirirdes outro hábito que considerais melhor, estais cultivando a insensibilidade. O hábito se baseia no prazer e na repetição desse prazer; mas, se desejais destruir o prazer, como o fazem os *swanis,* os iogues e tantos outros, então não deveis sequer viver, porque o prazer é parte integrante da vida. Ao verdes uma nuvem, um sorriso, uma lágrima, ao observardes uma criança, uma mulher, ou um homem, tudo isso é a vida, e, se negais alguma parte da vida, vos tornais insensível. O homem sensível não tem hábito nenhum. Prestai atenção. Se dizeis: "Não devo ter prazer nenhum", então deveis também rejeitar o amor. Não? Pois foi isso o que fizestes. Quando a mente está dominada pelo hábito e, por conseguinte, insensibilizada, como pode haver amor? — amor puro e simples, *não* amor divino e amor físico. Percebeis o que quero dizer? Estou falando do amor, e isso significa amar o ente humano, a flor, o animal, e não pensar em si mesmo e nos próprios prazeres, vaidades, ambições. A mente deve ser sensível ao amor; deve ser "vulnerável" ao amor. Mas, como pode ser vulnerável ao amor, se possui hábitos, bons ou maus?

Segui isto, senhores, para perceberdes por vós mesmos a sua verdade. Por certo, uma mente insensível não pode saber o que é a beleza. Como poderia? E, se é insensível à beleza, não há austeridade. Um *iogue,* um *swami* ou *mahatma* que só possui uma tanga e pratica toda sorte de austeridades, não é austero. Austeridade é ser sensível à beleza, ao amor. Não podeis ser austero, se não sois simples. E

simplicidade não é questão das roupas que usamos ou não usamos — pois isso é apenas um modo imaturo de pensar. Ser simples é ser interiormente sem ambição, sem resistência, o que significa ser completamente vulnerável, totalmente sensível. Não se pode ser sensível, se há conflito; por conseguinte, um homem que está negando, resistindo, lutando para cultivar um bom hábito, oposto a um hábito mau, não é sensível. Sua mente jamais conhecerá o amor, porquanto só se interessa em seu próprio progresso, suas próprias idéias, não importa quão nobres sejam. Quem não ama não sabe o que é ser austero; conseqüentemente, não sabe o que é ser simples.

Assim, com esta total compreensão vereis que a mente que está em conflito, que forceja por "vir a ser" algo, nunca será sensível; e o que quer que ela faça e por mais que se esforce para reformar o mundo, só será capaz de causar maiores males, maiores danos. Só a pessoa sensível, que sabe o que é amor e, por conseguinte, está livre da ambição, da inveja, do desejo de poder, posição, prestígio — só ela pode ser útil à humanidade.

17 de outubro de 1956.

MUDANÇA RADICAL

(Nova Deli — III)

Para a maioria de nós, se já temos refletido nestes assuntos, a idéia da transformação deve ser um tanto confusa; porque já vimos que as chamadas revoluções, embora tenham produzido certos efeitos externos, talvez benéficos, se tornaram, afinal, profundamente prejudiciais ao homem. É bem de ver que a transformação fundamental deve ser algo mais do que simples mudança de uma estreita esfera de pensamento para outra. Com as coisas correndo como estão, no mundo, pode-se perceber a necessidade de mudança radical de alguma espécie, não só nos níveis econômico e social, mas também profundamente, no íntimo de cada um de nós; e para os que pensam verdadeiramente a sério nestas questões, o problema deve ser o de como produzir essa transformação. A transformação operada mediante compulsão, em qualquer forma, não é, obviamente, transformação nenhuma. Se sou forçado ou influenciado a transformar-me, isso não é uma verdadeira transformação, porquanto me estou apenas ajustando a um padrão que me foi imposto de fora ou que eu próprio estabeleci. Tampouco a transformação consiste em adaptar-se a pessoa a um certo ambiente, pois isso é apenas ajustar-se a um modelo que se julga será benéfico ou um melhor método de vida.

Ora, se se percebe que o ajustamento, o conformismo, ou qualquer espécie de mudança operada pela compulsão ou por determinada influência não é mudança nenhuma, como então promover a mudança? A transformação fundamental é evidentemente essencial, não só neste país mas no mundo inteiro; e como pode iniciar-se essa transformação não resultante de compulsão, conformismo ou ajustamento?

Pensamos em geral que o ajustamento, a adaptação, ou o sermos obrigados a agir num certo sentido, é um processo de transformação, e nunca tivemos dúvida sobre se isso é realmente uma transformação revolucionária. Eu não acho que seja; porque, se observardes a vós

mesmos quando vos estais adaptado, ajustando, quando vos deixais influenciar ou compelir, vereis que apenas vos encaixais num padrão de pensamento, antigo ou moderno, e que vossa essência íntima em nada mudou.

Portanto, o problema é: como podemos mudar radicalmente, essencialmente? Não sei se já tendes pensado bem nisso, pois em geral permitimos de bom grado nos ajustem a um padrão; pensamos ser suficiente produzir uma transformação parcial no mundo, e com isso nos satisfazemos. Mas, se examinardes a questão com profundeza, tereis então de interrogar-vos como será possível transformar a totalidade de nosso ser, de nossa consciência, como se poderá operar uma revolução completa no pensar e na apreciação dos valores. Porque, evidentemente, só essa transformação revolucionária, profunda, interior, no âmago de nosso ser, pode efetivamente libertar a força criadora da realidade e criar um mundo de todo diferente. Se não houver essa fundamental transformação interior, o mero ajustamento externo, a aquisição de mais alguns conhecimentos, o estabelecimento de mais algumas reformas etc., é realmente uma coisa muito superficial. É como vestir uma capa nova, enquanto por baixo continuam existentes as mesmas condições antigas. Assim, se a questão deveras vos interessa, como pode uma pessoa mudar inteiramente?

Permiti-me sugerir-vos escutardes o que estou dizendo sem emitir julgamento, sem dizer que é impossível. Por favor, não traduzais o que se está dizendo nos termos de vossos próprios conhecimentos, nem o escuteis em atitude defensiva, comparando-o com o que outros vos disseram ou com o que lestes nos livros sagrados — que não são mais sagrados do que outro livro qualquer. Escutar é uma tarefa bem difícil; em geral nunca prestamos ouvidos senão à voz de nosso próprio pensar, de modo que, na realidade, nada nos é comunicado. Escutar com julgamento, comparando o que se ouve com o que já se sabe ou leu, é uma forma de distração. Mas, se sois capaz de escutar sem comparação, com atenção natural, então o próprio escutar é um ato de meditação que, indubitavelmente, gera profunda transformação. Tentai de quando em quando observar-vos, para ver se escutais realmente alguma coisa, o que vossos amigos dizem, o que diz vosso marido ou vossa esposa, o que diz vosso patrão — e vereis que vossa mente está sempre totalmente ausente. Simulais estar escutando, mas só escutais pela metade; ou tendes medo, ou estais enfadado, ou simplesmente não desejais escutar e, portanto, não há comunicação direta. Como disse, o escutar, por si só, opera um extraordinário milagre. O próprio ato de escutar produz uma compreensão imensa, sem esforço algum de vossa parte; e, uma vez que vos achais

aqui e eu vos estou falando, desejo sugerir, se permitis, que escuteis para descobrir o que estou tentando transmitir-vos.

A meu ver, uma transformação fundamental — não um "ressurgimento religioso" *(revival)* mas uma revolução religiosa — precisa ser efetuada, porquanto, sem ela, os nossos problemas se multiplicarão; embora tenhamos geladeiras e outras coisas mais, ir-nos-emos tornando cada vez mais superficiais e teremos tribulações maiores ainda. E para se operar essa transformação profunda, no íntimo de nosso ser, não há dúvida que temos de investigar o problema da consciência e compreender a anatomia da transformação. A maioria de nós procura transformar-se mediante esforço, não é verdade? Isto é, vemos que somos cruéis e dizemos: "Preciso transformar-me"; e, assim, empenhamo-nos em nos transformar, tentamos forçar-nos, pela disciplina, a não ser cruéis. Ora, examinemos o impulso que nos leva a desejar modificar-nos, porque, se não compreendemos esse impulso, se não compreendemos totalmente esse processo de consciência que diz: "Preciso modificar-me", não é possível nenhuma transformação básica, ainda que haja ajustamentos superficiais.

Por favor, não escuteis o que estou dizendo comparando-o com o que lestes acerca da consciência no *Gita* ou noutro livro qualquer, porque o que estamos tentando fazer não é comunicar idéias, porém, antes, experimentar diretamente o que estamos escutando. A menos que experimentemos o que estamos escutando, estas palestras nenhum valor terão; serão apenas mais um conjunto de idéias, um processo de "mentalização", o qual, por mais interessante que pareça, nenhuma significação terá. Mas se, ao contrário, vós e eu estivermos realmente escutando o que se está dizendo — vós aí sentados e eu aqui a falar-vos —, se, através da descrição verbal, cada um de nós está observando o funcionamento de sua própria mente, então acho que estas palestras serão realmente úteis.

Estamos, pois, tentando descobrir como poderemos transformar-nos, não apenas superficialmente, mas no âmago de nosso ser, e isto significa que temos de investigar a questão da consciência. Quando pergunto a mim mesmo o que é a consciência, existe um interrogante separado da pergunta, não é verdade? Existe a entidade que fez a pergunta e está aguardando a resposta; e esse "processo" é o começo da consciência, não é? O interrogante diz "Preciso saber como funciona a consciência" — e começa então a investigar; e tanto a investigação como a resposta dependem de como ele faz a pergunta.

Por outras palavras: Eu desejo saber o que é a consciência, e não se trata de uma pergunta vã ou simplesmente curiosa. Pergunto a mim

mesmo o que é a consciência, porque vejo que preciso transformar-me fundamentalmente, que a totalidade de meu ser precisa passar por uma transformação completa. Ora, essa transformação revolucionária se efetua por meio de uma série de esforços por parte daquele que diz: "Preciso transformar-me"? Deve ele desenvolver a necessária qualidade de vontade, e transformar-se de acordo com essa vontade? Compreendeis?

Estou-me interrogando e espero estejais também perguntando a vós mesmos o que é esta consciência, este "eu" que diz "Preciso transformar-me". Qual a impulsão, a ação, a força do inquiridor que tenta modificar-se? Esse processo acha-se todo na esfera da consciência, na esfera do pensar, não é verdade? Estais seguindo? Isto não é muito complexo, porém bem simples.

Quando desejo modificar-me, já tenho o modelo ou a idéia segundo a qual devo modificar-me. Isso é verdade, não? Ora, isso é realmente transformação ou é tão-só um movimento do "conhecido" para outro "conhecido"? Compreendeis? Porque sou cruel, digo que devo ser bondoso. O "processo" de esforçar-me para ser bondoso é um movimento no sentido de uma coisa já conhecida; e isso é realmente transformação? Há transformação se me movimento para algo que conheço? Ora, por certo, só há transformação se a mente se move para o desconhecido. Quando ela persegue aquilo que já experimentou, seu movimento é meramente uma continuação do conhecido em forma modificada e, por conseguinte, não é transformação nenhuma.

Suponhamos que, sendo violento, tenho o ideal da "não-violência". O ideal já é conhecido. Imaginei o que é não ser violento e, portanto, o ideal nasceu de meu atual estado de violência, e quando me modifico no sentido desse ideal, estou-me movendo dentro da esfera do conhecido; por conseguinte, isso não é transformação. Esse é o "processo" inteiro da consciência, não? Senhores, não concordeis comigo, pois tendes de pensar nisso de maneira completa, senti-lo integralmente.

Forcejo para transformar-me em conformidade com o que chamo o ideal e que é o oposto daquilo que experimentei como "violência"; conseqüentemente, criei um conflito entre *o que é* e o que *deveria ser,* e considero esse conflito necessário para se produzir a modificação. Tudo isso é "processo" da consciência, não? Quer consciente, quer inconsciente, esse "processo" é a consciência. Se vós mesmos o virdes claramente, descobrireis algo extraordinário.

Estou, pois, perguntando a mim próprio se há transformação ao esforçar-me para transformar-me. Quando me esforço para transformar-me, há transformação ou apenas ajustamento a um padrão esta-

belecido por mim mesmo ou por algum agente externo? Isto é, qualquer espécie de transformação baseada na tradição ou na autoridade não é transformação nenhuma, porque então nos estamos apenas ajustando a uma idéia, e todas as idéias fazem parte do "conhecido", resultam do *fundo (background)* que as "projeta". Assim, qualquer mudança operada por meio de esforço em direção àquilo que chamamos "ideal" — que é o "conhecido" — não é transformação nenhuma. Quando se persegue o ideal da "não-violência", por exemplo, deseja-se alcançar um certo estado por meio de compulsão, ajustamento a padrão — e isso é outra forma de violência.

A consciência é esse movimento do conhecido para o conhecido, movimento de compulsão, de esforço. Ao dizer o comunista: "Eu tenho o correto padrão para a existência", esse padrão origina-se daquilo que ele já conhece. Ele cria uma utopia consoante seu conhecimento e interpretação da história e, se é um homem importante, leva a cabo o seu plano, enquanto nós, a massa do povo, nos submetemos. É isso o que tem acontecido, numa ou noutra forma, em todas as partes do mundo. Os Shankaras, os líderes, os instrutores têm idéias, nós as lemos e a elas nos ajustamos e pensamos que nos estamos transformando. Poderá ocorrer um ajustamento superficial, mas não há transformação nenhuma, no sentido a que me refiro, isto é, a transformação total de nosso ser, de forma que nossa maneira de pensar seja totalmente nova.

O que é novo não pode produzir-se mediante esforço, mediante movimentação do conhecido para o conhecido, ou seja, a perseguição do ideal. E, no entanto, é isso que estais fazendo em vossa vida de cada dia, não é verdade? Percebeis que sois ambicioso, ou cruel, ou invejoso, e dizeis: "Preciso transformar-me", e começais a ajustar-vos ao padrão de um ideal que vós ou outros estabeleceram, e pensais que essa é uma importantíssima transformação. Mas, se realmente o examinardes, se penetrardes todo o processo psicológico do pensar, vereis que enquanto a mente está pensando em termos de uma dualidade, tal seja "violência" e "não-violência", enquanto se empenha em ajustar-se ao oposto daquilo que ela é — o qual é meramente a projeção do conhecido e, portanto, uma continuação da mesma coisa em forma modificada — não pode haver transformação básica.

O importante, pois, é compreender, perceber ou experimentar realmente a falsidade de vosso esforço para vos transformardes. Os *gurus*, os *mahatmas*, os mestres e todos os livros religiosos vos mandam forcejar, controlar-vos, disciplinar-vos, e o perceber que esse esforço é realmente falso significa que deveis ser capaz de olhá-lo sem a autoridade do líder, político ou religioso, inclusive eu próprio. Para "expe-

rimentardes" a verdade ou falsidade do que vedes, não podeis interpretá-lo de acordo com outra pessoa, não importa quem seja ela. Se penetrardes esta questão e perceberdes claramente, por vós mesmo, que não pode haver transformação enquanto há ajustamento, isto é, enquanto vos estais obrigando a adaptar-vos a um padrão estabelecido por vós ou por outro — se perceberdes realmente a verdade ou a falsidade disso, vereis então que vossa mente se despojou de toda e qualquer autoridade; e não é esse o verdadeiro começo de uma revolução fundamental?

Parece-me haver necessidade — principalmente no tempo presente — de pessoas vivamente interessadas nessas coisas — mas não me refiro às que se dedicam seriamente ao *Gita,* ao comunismo, ou a outro padrão qualquer, porquanto elas são simplesmente "conformistas". Refiro-me às pessoas que séria e ardentemente desejem descobrir como efetuar em si mesmas uma revolução total. Apresenta-se, assim, a questão: Pode a mente libertar-se do conhecido? — pois só então há transformação fundamental.

Notai, por favor, senhores, que isto requer muita penetração, investigação. Não concordeis comigo, mas examinai, meditai, dissecai vossa mente, para descobrirdes a verdade ou a falsidade de tudo isso. Saber o que é o "conhecido" pode produzir transformação? Preciso ter conhecimentos para construir uma ponte; mas há necessidade de minha mente saber *em que* vai transformar-se? Certo, se sei qual será o estado de minha mente depois de transformar-me, então já não há transformação. Esse conhecimento é prejudicial à transformação, porquanto se torna um meio de satisfação e, enquanto existir um centro em busca de satisfação, recompensa ou segurança, não há transformação nenhuma. E todos os nossos esforços baseiam-se nesse centro constituído pela idéia de recompensa, punição, bom êxito, ganho, não é verdade? Eis o que interessa à maioria de nós, e se ele nos ajuda a obter o que desejamos, mudaremos; mas essa mudança não é, de modo nenhum, a verdadeira transformação. Assim, a mente que deseja achar-se, fundamentalmente, profundamente, num estado de transformação, num estado de revolução, deve livrar-se do "conhecido". Ela então se torna sobremodo tranqüila, e só nesse estado poderá experimentar a transformação radical indispensável.

PERGUNTA: Empregais freqüentemente o termo "compreensão" em referência à dissolução dos problemas. Que entendeis exatamente por "compreensão"?

KRISHNAMURTI: Se desejo compreender uma criança, que devo fazer? Devo observá-la, não achais? Observá-la quando dorme, quando brinca,

quando chora, quando faz traquinagens, e jamais condená-la ou compará-la com seu irmão mais velho. Não devo ter um padrão de como *deveria* ela ser. Não é exato? De modo idêntico, se tenho um problema, devo observá-lo, mas não posso observá-lo se desejo uma certa solução para esse problema, ou se o condeno ou temo. O medo, a comparação, o julgamento, a condenação me impedem de compreender o problema. Isto é, se eu condeno, se julgo, se comparo o problema, ou com ele me identifico, não posso compreendê-lo. Mas se nada disso faço, existe ainda o problema? Compreendeis? O problema existe enquanto eu me separo dele, não é exato? Não sei se estais percebendo bem.

Consideremos o problema da violência, da inveja, da avidez, ou outro qualquer. Se sou violento e digo: "Não devo ser violento", com isso já condenei minha violência. A própria palavra "violência" contém condenação. Não é verdade? Se desejo compreender inteiramente o problema da violência, não devo compará-lo com o que eu *deveria ser*, e não deve haver medo. Se afasto o medo — e deixa de haver condenação ou comparação —, existe ainda a violência e todos os problemas respectivos?

Compreendeis, senhores? Vós estais esperando que eu responda. Não o façais, por favor. Experimentai vós mesmos, não espereis minha resposta, pois eu nada tenho para responder. O que consideramos pensamento positivo é um processo em que nos é indicado o que devemos fazer — e isso é pensar? Ou só há uma única forma de pensar, a forma suprema, consistente em penetrar resolutamente, sondar, investigar, e nunca aceitar nada? Mas ninguém pode investigar se está preso a uma suposta forma positiva de pensar. Será que estais seguindo bem isso, senhores?

Estamos tentando averiguar o que se entende por "compreender um problema", e estamos examinando a palavra "compreensão". Vejo que não posso compreender o problema da inveja, por exemplo, se condeno, julgo, identifico, comparo, etc.; e estou perguntando a mim mesmo se, quando a mente deixa de fazer essas coisas, o problema existe. Existe o problema enquanto estou comparando, julgando, avaliando, aceitando ou rejeitando — lutando contra ele. Mas, no instante em que não há mais comparação, no sentido profundo da palavra, no momento em que deixo de comparar-me com meu *guru,* meu ideal, ou com meu superior, no trabalho, não desaparece então o problema da inveja? Assim, para se compreender um problema e dissolvê-lo totalmente, não deve haver nenhuma forma de condenação, julgamento, comparação, pois isso só aumenta o problema em vez de resolvê-lo.

PERGUNTA: Dissestes há dias ser necessário ver a totalidade do problema para compreendê-lo. Que é que nos torna capazes de ver por inteiro o problema?

KRISHNAMURTI: Examinarei esta questão, mas consideremo-la de maneira diferente. Que se entende por atenção? Estou atento ao forçar a mente a prestar atenção? Quando digo a mim mesmo: "Preciso ter atenção, preciso controlar minha mente e repelir todos os outros pensamentos" — a isso chamais atenção? Ora, por certo isso não é atenção. Que acontece quando a mente se obriga a estar atenta? Ela cria uma resistência, para impedir que outros pensamentos se insinuem; preocupa-se com a resistência, com repelir, e, por conseguinte, é incapaz de atenção. Não é exato isso? Quando lutais para prestar atenção a uma coisa, outros pensamentos se apresentam e tendes de repeli-los continuamente; toda a vossa energia se consome nessa batalha. Portanto, não há atenção enquanto se forceja para prestar atenção. Identicamente, não há atenção quando estais examinando um problema com a esperança de resolvê-lo ou de obterdes uma recompensa de vosso esforço. Não achais? Estais ficando cansados?

Assistência: Não!

KRISHNAMURTI: Mas vejo alguns a bocejar. Senhores, tudo isso poderá parecer-vos algo novo, e o escutar se torna necessariamente trabalhoso quando a mente luta para seguir (o que se está dizendo). Não vos esforceis para seguir-me; escutai, simplesmente, como a brincar, e compreendereis muito mais do que lutando.

Como dizíamos, não há evidentemente atenção quando a mente se obriga a prestar atenção. Não há tampouco atenção quando a mente está em busca de recompensa, quando está evitando, fugindo, desejando, pois, nesse estado, ela está distraída. Para compreenderdes uma coisa totalmente, tendes de dar-lhe toda a atenção. Mas, logo verificareis quanto isso é difícil, porque vossa mente está acostumada a ser distraída e, assim, dizeis: "Sem dúvida, é bom prestar atenção — mas como consegui-lo? Quer dizer, voltais ao desejo de obter alguma coisa, e, portanto, nunca prestareis atenção completa. Deveis ver, por vós mesmos, a importância de estar completamente atento, não apenas ao que se está dizendo, mas a tudo na vida. Quando vedes uma árvore ou um pássaro, por exemplo, prestar-lhe atenção completa não é dizer: "Aquilo é um carvalho" ou "aquilo é um papagaio", e continuar seu caminho. Ao aplicar-lhe um nome, já deixastes de estar atento. Olhar para a lua com atenção completa é olhá-la sem dizer: "Aquilo é a lua; depois de amanhã será lua cheia",

e assim por diante, sempre tagarelando entre si ou com outrem. Mas nunca olhamos coisa alguma dessa maneira. Entretanto, se estiverdes completamente desperto, atento, ao olhardes para uma coisa, vereis ocorrer uma transformação completa, e essa atenção integral é o que é bom. Não há outra coisa; e não se consegue a atenção total pela prática. Pela prática se consegue concentração, isto é, levantam-se muralhas de resistência em torno daquele que se concentra; mas isso não é atenção: é exclusão.

Para se compreender a totalidade de uma coisa, requer-se a ausência do "eu", sendo "eu" a preocupação com "minha esposa", "meus filhos", "meus haveres", "meu emprego"; com o homem que está à minha frente e a cuja frente desejo passar. O "eu" — processo *Atman*. Não separeis o *Atman* do "eu", porque o "eu" — processo de pensamento — inventou o *Atman*, e, não havendo pensamento, não há *Atman*. Experimentai e vereis que quando o pensamento cessa completamente — não é levado a cessar, porém cessa realmente — apresenta-se um "estado de ser" que não é o *Atman* inventado pela mente.

Ora bem, o interrogante deseja saber o que é que habilita uma pessoa a ver a totalidade do problema. Pode-se ver o problema em sua inteireza? Em regra nunca nos fizemos esta pergunta, fizemos? Só nos interessa saber como resolver o problema, e quanto mais rápido for resolvido, em qualquer nível que seja, tanto mais satisfeitos ficamos. Jamais fizemos a nós mesmos tal interrogação: "Posso olhar o problema inteiramente, totalmente?". Ao vos formulardes a sério esta pergunta, já estareis olhando o problema em sua totalidade, porque então não vos preocupareis com nenhuma interpretação, avaliação e todos os demais disparates. Estareis observando o problema completamente, sem lhe dardes nome. Para observardes uma coisa em sua inteireza, não podeis dar-lhe um nome, porque o próprio processo de denominar é distração. E que aconteceu à mente que está livre do "dar nome", do avaliar, do comparar? Ela é capaz de percebimento total — não de um contínuo percebimento total, pois isso seria estultícia, visto que, quando uma coisa *continua,* já não tem vida, já está morta. Só a mente é capaz de ver um problema na íntegra, compreende o problema e, por conseguinte, dele está livre. Acha-se essa mente num estado de extraordinário movimento; mas eu não posso falar-vos sobre esse movimento, pois tendes de descobri-lo por vós mesmo. E a mente indolente, a dominada pela autoridade, pela tradição, pelo medo, nunca o descobrirá.

21 de outubro de 1956.

A ESTRUTURA DA MENTE

(Nova Deli — IV)

Seria desperdício de tempo e esta reunião de todo inútil se considerássemos o que se tem dito até agora, e o que se vai dizer, como mero entretenimento intelectual. Quando se necessita de qualquer espécie de estímulo, a mente se torna lerda, embotada, incapaz de pensar com rapidez, e se nos estamos servindo destas palestras apenas como uma nova espécie de estimulante, acho que seria preferível não realizá-las. Por outro lado, se somos capazes de examinar profundamente os movimentos de nosso pensar, na vida diária, e de começar a compreender o "processo" de nossa própria mente, então, talvez, sejam realmente úteis estas reuniões.

Mesmo quando repetimos certas palavras de profunda significação, vivemos, em geral, bem perfuntoriamente; vivemos num mundo verbal, num mundo de ações e emoções superficiais. Nossa mente é sem profundidade, mesquinha, estreita, e um dos problemas mais importantes da vida é como tornar essa mente profunda, rica, cheia. A mente "carregada" de conhecimentos não é uma mente rica; só o é a mente que penetrou fundo em si mesma e descobriu seus próprios e inumeráveis recessos, suas secretas idéias e motivos, e é capaz de penetrar e transcender o pensamento.

Estou empregando a palavra "mente" não só para denotar a mente superficial que está ativa todos os dias, mas também a mente inconsciente, a mente que oculta tantas compulsões e "motivos", aquela que busca o preenchimento de secretos desejos, que está cônscia de suas frustrações, suas aptidões, suas limitações, e sempre a buscar, sempre a sondar. Refiro-me à totalidade da mente, tanto à mente consciente como à inconsciente. Pouco sabemos dessa totalidade, porque em maioria funcionamos nas camadas superficiais da consciência; estamos ocupados completamente a respeito de nosso emprego, da rotina de nossa vida, de crenças, dogmas e fácil recitação de orações

— coisas a que a mente superficial se apega porque lhe são convenientes, proveitosas, e com isso nos damos por satisfeitos.

Agora, se pudermos aprofundar-nos no inteiro processo da mente, penetrar fundo no inconsciente, talvez então possamos descobrir por nós mesmos toda a extensão e limitação da faculdade de pensar. O inconsciente, por certo, não é um mistério, uma coisa que temos de aprender com os psicólogos ou com os que estudaram filosofia. Ele é parte integrante de nossa existência diária e está constantemente a indicar algo, a fornecer sugestões, mas acontece que nossa mente superficial acha-se sempre tão ocupada, tão atarefada com seus próprios problemas triviais, que não lhe sobra tempo ou atenção para receber essas sugestões; mas a mente oculta lá está. Ela não é mais sagrada nem mais divina do que a mente consciente, porquanto as duas fazem parte do processo total de nossa consciência, e, para podermos transcender as limitações dessa consciência, devemos compreender suas peculiaridades.

Em geral, julgamos ser necessário passarmos por essa luta e conflito, por pesares e frustrações várias; que é preciso a mente disciplinar-se; que certas coisas devem ser superadas ou rejeitadas a fim de se alcançar um degrau transcendente à mente, mas não me parece possível transcendê-la dessa maneira. Para se descobrir o que está além da mente, cumpre investigá-la em profundidade e compreender os seus movimentos; porque a mente que não compreendeu de todo a si própria projeta idéias, ilusões, que assumem uma falsa realidade. Enquanto eu não compreender as características de minha própria mente, as características do "eu", todo impulso a buscar baseia-se nos desejos, nos "motivos" da mente. Dessarte, se não se compreenderem realmente as peculiaridades da mente, é impossível descobrir o verdadeiro. Eu posso dizer que existe um *Atman*, uma "superalma", uma realidade atemporal, mas isso será uma mera repetição baseada em meu condicionamento, minha crença, e sem validade alguma. Enquanto eu não compreender toda a esfera de meu pensamento, todo o conteúdo de minha mente, não é possível ir além; e nós *temos* de *ir além*, porquanto, se não descobrirmos algo totalmente novo, a vida se torna mecânica, superficial, estéril.

Assim, como pode a mente compreender a si mesma? Existe, dentro da esfera da mente, uma entidade superior à mente? Compreendeis, senhores? Existe, dentro do processo do pensamento, uma entidade que está acima e além do pensamento e que, por conseguinte, é capaz de controlar o pensamento? Ou essa coisa a que chamamos *Atman*, o "sublime", "a alma", é mera invenção do pensamento e, conseqüentemente, está compreendida na esfera do pensa-

mento? Considero importante compreender isso; porque, se existe uma superentidade, um agente exterior que transcende todo o processo de pensamento, então nada adianta pensarmos a respeito dele, porquanto não se acha em sua esfera. Só podemos pensar acerca de coisa que já conhecemos e que podemos reconhecer; mas, para se encontrar o que se acha além da mente, o pensamento terá de cessar.

A maioria de nós crê — não é verdade? — em algo existente além da mente, um observador que observa não só a mente mas também as coisas da mente; que controla, molda, disciplina o pensamento. Enquanto não pusermos em dúvida a existência de tal entidade transcendente à mente, transcendente à esfera do pensamento, continuaremos a considerar essa entidade como o princípio que guia a nossa vida e molda a nossa conduta.

Ora, existe tal entidade — *Atman,* alma, ou o que quiserdes —, a qual nos está moldando, dirigindo e ajudando a viver uma vida sã e equilibrada? Ou essa entidade se encontra dentro da esfera de nosso próprio pensar, sendo uma invenção de nosso próprio pensamento e, por conseguinte, irreal? A mente é produto do tempo, de experiências inumeráveis, resultado de muitos condicionamentos. O comunista não crê em *Atman,* na alma, porque foi condicionado para crer diferentemente, assim como vós fostes condicionados para crer que *existe* uma alma, um *Atman.* Vós, tal como ele, partis de um postulado, uma asserção, resultantes ambos de uma mente condicionada. Enquanto não se perceber realmente esse fato e não for profundamente compreendido o seu significado, a mente é incapaz de transcender a si própria; ou, expressando-o diferentemente, o pensamento nunca pode estar tranqüilo, a mente nunca pode estar completamente quieta, porque existem sempre "observador" e "coisa observada"; há sempre o experimentador a desejar mais experiência, e assim se torna a nossa vida a infindável série de lutas que realmente é.

Ao terdes uma experiência aprazível, desejais repeti-la; e quando a experiência é dolorosa, vós, como "experimentador", desejais afastar a dor. O pensador abre a porta ao prazer e repele a dor, e por isso trava-se uma perene batalha interior, a qual se torna bem óbvia quando examinais a vós mesmos. Entretanto, tendes a idéia de que o pensador, o observador, existe acima e além do pensar. Credes, porque o lestes em vossos livros religiosos que o *Atman* ou a alma existe e está observando o pensamento. Mas, se examinardes com atenção, vereis que quando não há pensar não há pensador; quando não há exigência de mais e mais experiência, nem acumulação de experiência, não há "experimentador". Convencionou-se que existe uma entidade transcendente a tudo isso. Essa entidade, porém, ainda é resultado do

pensar, e, por conseguinte, está compreendida na área do tempo; logo, ela não é atemporal, nem divina.

Afinal, que é a mente? Por favor, senhores, não vos limiteis a escutar minhas palavras, minhas explicações ou descrições, porém observai vossa própria mente em funcionamento. Eu não vos estou dando instruções positivas, pois, como já expliquei, todo pensar positivo é, realmente, um estado "sem pensamento" (*thoughtlessness*). Já se puderdes pensar negativamente, ou seja observar vossa mente sem a dirigirdes, sem lhe dizer o que fazer — porque o "dirigente", a entidade que diz "isto é correto, aquilo é errado", faz também parte da mente — se puderdes simplesmente observar a vossa mente, sem nada exigirdes, sem traduzir o que vedes, descobrireis então que essa própria observação é esclarecedora, porque a mente não está então buscando um resultado, nem se preocupa com recompensa ou punição; ela deseja apenas observar, saber o que é verdadeiro. E não se pode saber o que é verdadeiro se existe um "dirigente" já moldado pelo passado, por um certo condicionamento. Portanto, escutai, a fim de descobrir por vós mesmos; e só podereis fazê-lo ao observardes vossa mente, isto é, quando a mente observar a si própria.

Ora, que é a mente? Ela não é apenas uma série de reações aos vários desafios que estão sempre a assaltar-nos, mas também uma série de lembranças, conscientes ou inconscientes, as quais estão constantemente moldando o presente em conformidade com o condicionamento do passado, para ajustá-lo a um padrão futuro. Observai a vós mesmos, senhores, não escuteis e não repitais apenas as minhas palavras. Observai-vos e vereis que vossa mente é uma série de desejos, *mais* o impulso a preenchê-los — e isso envolve medo e frustração. Desejo uma coisa, não a consigo, sinto-me frustrado, desditoso. Vós me amais, eu não vos amo, por conseguinte me sinto frustrado, etc., etc.

A mente é também uma série de idéias relacionadas com o passado e com os nossos desejos; isto é, a mente pensa em termos de progresso. Sou *isto,* quero ser *aquilo,* e necessito de tempo para chegar *lá.* Se sou invejoso, digo que necessito de tempo para alcançar o estado de "não-inveja" — e chamamos isso progresso, evolução. Mas o é, realmente? Tende a bondade de observar vossa mente em funcionamento. Pode o pensamento "progredir" para a Verdade, a Realidade, Deus, ou só pode mover-se do "conhecido" para o "conhecido"? E o pensamento é independente da memória, ou, simplesmente, repetição desse *fundo* constituído pela memória?

Tudo isso constitui o conteúdo da mente, sendo a mente o consciente e o inconsciente. No inconsciente estão armazenadas as me-

mórias raciais bem como as experiências individuais que não compreendi; e todas essas lembranças, coletivas e individuais, martelam a mente, nesse processo que chamamos pensar, não é exato? O desejo, o medo, a frustração, o desejo de agir, de melhorar, de procurar preencher-se em alguma ambição, o pensar que existe *Atman,* uma "superalma" ou que nada disso existe — eis o que constitui a mente.

Ora, se não compreendeis a totalidade do "eu", isto é, se a mente não compreende a totalidade de si própria, sua atividade estará sempre restrita à esfera que ela própria criou. A menos que a mente se liberte de seu condicionamento, tanto consciente como inconsciente, não poderá haver investigação real, porque vossa busca será conforme o vosso condicionamento, e vossas experiências de acordo com vosso "fundo" *(background)*. As experiências de um homem que tem visões do Cristo, de Krishna, disto ou daquilo, estão obviamente baseadas no seu "fundo", sua tradição. Assim, a mente que está em busca do verdadeiro, que deseja descobrir se existe a Verdade, a Realidade, Deus, deve estar livre de seu "fundo"; e, se não descobrimos o que é verdadeiro, nossa vida se torna um padrão mecânico, porventura modificado por circunstâncias, porém sempre um padrão mecânico, a que chamamos "progresso", "evolução".

Agora, tratemos de ir um pouco mais longe. Cônscia de sua própria totalidade, percebe a mente que todo esforço feito para alterar a si própria faz parte ainda do mesmo padrão, embora modificado. Compreendeis? A mente que busca a liberdade, por exemplo, é uma mente que criou a idéia da liberdade e persegue essa idéia. Conhecendo apenas a escravidão, diz ela: "Devo ser livre" — e luta então pela liberdade. Deste modo, sempre pensamos que o esforço é necessário para se ser livre; mas, se compreendemos que o esforço só existe quando a mente separou a si própria como "entidade que forceja", como "observador", como "pensador", separado da escravidão, vê-se então que o esforço é fútil. Exato, senhores?

Deixai-me expressá-lo mais simplesmente. Minha mente está escravizada a uma tradição, e desejo libertar-me dela, pois vejo quanto é absurdo a mente estar escravizada a alguma coisa. Mas, no momento em que eu disse: "A mente deve ser livre" — que aconteceu? Criei o esforço, não? E o esforço é em conformidade com o novo padrão daquilo que desejo ser.

Consideremos diferentemente. Se não há "observador" separado da "coisa observada", como pode haver esforço? Só há esforço quando existe um observador tentando alterar a coisa observada. Mas, se compreenderdes que o observador *é* a coisa observada (e não se trata de

uma fórmula intelectual, pois é uma extraordinária experiência constatar que não há pensador separado do pensamento), vereis que não há esforço de espécie alguma. Verifica-se então um processo inteiramente diferente, uma maneira completamente diversa de observar o que chamamos inveja, ou o que quer que se observe. Enquanto houver observador fazendo esforço para alcançar um certo estado, tem de haver conflito, e não é por meio de conflito que nasce a compreensão.

Ora, esse processo total é a mente; e quando a mente compreende seu "processo" total, ela se torna quieta, extremamente tranqüila, porque não há desejo de ser ou de não ser. Essa mente não é *posta* tranqüila, ou induzida a ficar tranqüila, mas se torna tranqüila porque compreendeu o conteúdo de si própria. Só então é possível descobrirdes por vós mesmos se existe a Realidade ou não. Enquanto vossa mente não houver alcançado esse estado, vossas asserções de que existe ou não a Realidade, Deus, ou o *Atman,* nada significam. São puras repetições por parte de uma mente condicionada e que, como disco de gramofone, repete seguidamente a mesma frase.

O autoconhecimento, pois, é essencial, mas não pode ser encontrado nos livros; o autoconhecimento resulta do observarmos a nós mesmos no espelho das relações, o qual revela o funcionamento total da mente. Só depois de havermos compreendido a totalidade da mente, existe a tranqüilidade.

PERGUNTA: No processo do pensar, temos de "retirar" de nosso depósito de conhecimento e experiência. Não estais fazendo a mesma coisa? Por que então condenais o conhecimento e a experiência?

KRISHNAMURTI: Eis, senhores, uma pergunta muito interessante, porque, se a examinarmos com muito cuidado, ela será grandemente reveladora.

As palavras são necessárias para as comunicações. Se eu falasse chinês, por exemplo, não poderíeis compreender-me. Portanto, as palavras que têm um significado comum para vós e para mim constituem um meio de comunicação. Estas palavras estão armazenadas na mente, na memória. Isso é um fato.

Outro fato é que a maioria de nós tem experiências as mais variadas, guardadas na memória, e desse "fundo" de memória procedem as reações. Se não soubésseis onde morais, é evidente que estaríeis sofrendo de algum desarranjo grave. O conhecimento é uma série de experiências, não só individuais mas também coletivas. O conhecimento científico, o conhecimento baseado em vossas próprias expe-

riências, as experiências resultantes de vosso condicionamento próprio — tudo isso foi depositado na mente, como memória. Isto constitui o "fundo", não é verdade? E a maioria de nós funciona de acordo com esse fundo. Isto é, se fui educado como hinduísta, se esta é minha tradição, meu "fundo" *(background)*, e me encontro com um muçulmano, minha reação é imediata: antipatizo com ele, embora possa mostrar-me tolerante, porque sou civilizado. Assim, quando me encontro com uma nova pessoa, eu reajo de acordo com meu condicionamento, e ela reage conforme o seu. Tal é o nosso estado, não?

Ora, o interrogante indaga: "Por que condenais o conhecimento e a experiência?" Eu não estou condenando nada. Preciso ter conhecimento, para voltar para casa, para construir uma ponte, ou para comunicar-vos certas coisas. Preciso ter conhecimento, para não me deixar queimar. Se eu me deixasse queimar continuamente, seria um estúpido, um neurótico. O que eu digo é que a experiência baseada no conhecimento, no nosso "fundo", é meramente o prolongamento desse fundo e, por conseguinte, não é experiência nova. Isso, por certo, é simples. Se estou traduzindo todos os desafios nos termos de meu condicionamento, não há experiência nova. Só posso reagir ao desafio de maneira nova quando minha mente compreendeu o "fundo" e dele se libertou. Para que a mente possa descobrir qualquer coisa nova, não pode depender do conhecimento, o qual se baseia no condicionamento, na memória, na experiência, etc. E, assim, que aconteceu? O interrogante deseja saber se não estou fazendo a mesma coisa quando falo. Eu dependo de palavras para fazer comunicações, naturalmente. Mas existe algo mais que a pergunta implica, e que é: "Não estais falando com base no conhecimento de alguma experiência passada que tivestes?" Vou explicar o que quero dizer.

Digamos que ontem me senti feliz. Assisti a um belo ocaso, com os morros escuros se desenhando contra o Sol poente, com uma árvore solitária cheia de passarinhos; foi uma coisa extraordinariamente bela para contemplar, para sentir. Agora, ao falar-vos desse entardecer, estou vivendo a lembrança dele, ou estou livre dessa lembrança e apenas descrevendo a experiência, sem seu conteúdo emocional? Entendeis o que estou dizendo? Não?

Senhores, isto é muito interessante, e vós descobrireis alguma coisa se observardes vossa mente e não vos limitardes a ouvir minhas palavras. Vossa vida baseia-se nas pretéritas experiências e tais experiências moldam vosso presente pensar. Ora, é possível ficarmos num estado de experiência e não num estado de "ter tido uma experiência"? Percebeis a diferença? São dois estados inteiramente diversos: o estado

de experimentar e o estado de "ter tido uma experiência". O experimentar é um processo vivo, enquanto o outro não é, pois é lembrança de uma experiência acabada. *De qual* desses estados eu falo? É o que deseja saber o interrogante. Eu estou pensando para vós, não é verdade?

Ora, que acontece realmente com a maioria de nós? Não vos preocupeis comigo, por ora. Qual é o fato que se passa convosco? Vós estais pensando e vosso pensamento está baseado na experiência passada, que é o que chamamos conhecimento. Vossa mente, pois, está vivendo no passado; está vivendo da experiência que tivestes, ou da experiência que esperais ter, baseado em vosso condicionamento, em vosso conhecimento. Estais alguma vez cônscio do outro estado, o "estado de experimentar"? Ou só vos achais cônscio da experiência depois de terminada? Estais seguindo?

Vede, senhores, se sois felizes, tendes consciência dessa felicidade? Quando algo vos deleita, estais cônscios de "estar deleitado"? No momento em que sabeis que sois feliz, foi-se a felicidade. Ao estardes cônscios de ser virtuoso, acabou-se a virtude, é óbvio. Por conseguinte, o cultivo da virtude é uma atividade egocêntrica e não é virtude nenhuma.

O interrogante deseja saber se eu falo baseado numa experiência passada de que me lembro e que vos comunico por meio de palavras, ou se o experimentar e o comunicar ocorrem simultaneamente. Está claro?

Expressando-me diferentemente, a palavra "amor" pode ser comunicada. Vós e eu conhecemos esta palavra. Agora, se alguma vez provastes o amor, podeis falar dessa experiência (baseado) no passado; mas se estais "vivendo", se estais "experimentando" o amor, vós podeis comunicar isso, e esse é um estado inteiramente diferente do outro, que consiste em experimentar e depois comunicar. Se compreendeis isso, se realmente percebeis a falsidade de um estado e a verdade do outro, então vossa mente se encontra num estado de contínuo experimentar, que não consiste em experimentar uma coisa e depois comunicá-la. A realidade é uma coisa viva, que não pode ser reconhecida por meio de experiência e depois comunicada por meio de palavras. Se estais sentindo uma coisa intensamente, vivendo-a, a comunicação é significativa, mas nenhum significado tem quando tivestes uma experiência e repetis a experiência de memória.

Senhores, quando repetis a palavra *Atman,* quando citais o *Gita,* o *Upanishads* e outros livros sagrados, a mente é tão-só uma máquina repetidora; mas se a mente percebe a futilidade de tudo isso e é livre

— não livre *de* alguma coisa, porém *livre* —, ela se acha então num incessante estado de experimentar. Compreendeis? Sempre há o estado de experimentar, por conseguinte, a mente permanece fresca, nova, "inocente"; e essa mente pode alcançar o Imensurável.

PERGUNTA: Encontramos a necessidade de disciplina até no nosso viver diário. A disciplina não é necessária para a adequada educação da juventude?

KRISHNAMURTI: Senhor, que se entende por disciplina? Não vos ponhais na defensiva, pois não vos estou atacando; não me coloqueis na posição de acusador e a vós na de réu. Estamos procurando compreender. Que se entende por disciplina? Não significa ajustar-se a um padrão estabelecido pela sociedade, ou que estabelecestes para vós mesmo? Esta é uma forma de disciplina. Disciplina significa também repressão. Tenho um certo sentimento, mas o *guru,* a autoridade, diz: "Não; deveis reprimi-lo." Disciplina significa, também, criar um padrão para minhas ações, a fim de realizar minha ambição, não é verdade? Desejo ser "o máximo" em alguma coisa, e por isso me disciplino de acordo com esta ambição.

Agora, que acontece quando vos reprimis, quando vos conformais, vos ajustais a um padrão? Que aconteceu à mente que se obrigou a ajustar-se a um molde? Sem dúvida, tornou-se uma mente morta, não uma mente viva. Assim como levantamos barreiras para impedir que o rio transborde e inunde toda a região, assim também a mente fica retida num determinado padrão. Para retermos a mente num padrão, necessitamos de disciplina, e por isso dizemos ser a disciplina essencial até em nossa vida diária.

Percebeis, senhores? Estou simplesmente investigando as implicações da disciplina. O que reprimis permanece no inconsciente e se mantém em ação de diferentes maneiras. Com a disciplina, apenas o recalcais mais ainda, proporcionando-lhe assim maior vitalidade para repetir-se em diferentes sentidos. Tudo isso está implicado na disciplina, que achais tão necessária. Dizeis: "Se não me disciplino, levarei vida caótica, infeliz e estúpida." — mas vós estais levando uma vida caótica, infeliz e estúpida, presentemente. Do mesmo modo, o educador diz: "Temos de disciplinar a criança, pois vemos o que aconteceu aos universitários de toda a Índia." Mas é de disciplina que se necessita em nossa vida, ou é da compreenão de todo o processo da disciplina? Compreensão que produzirá sua ordem própria, uma ordem não imposta pela sociedade ou a ambição. Na vida, a ordem é obviamente necessária, mas não a ordem consoante a tradição.

Ora, o interrogante indaga: "A disciplina não é necessária à adequada educação da juventude?" Que entendeis por educação? Ao dizerdes que precisais educar a criança, que significa isso? Quereis dizer, essencialmente, que ela precisa ser ensinada a ajustar-se à sociedade, precisa aprender uma técnica para que possa obter emprego e seja capaz de ganhar a vida. Não é isso que interessa a todos vós? E ensinareis também a criança sobre a chamada religião — ou, se sois comunista, desejareis fazê-la aceitar o comunismo, etc., etc. Os governos, em todo o mundo, desejam que os que foram educados sejam eficientes, bem treinados para matar em nome da pátria, capazes de construir represas, ou possuidores de outras aptidões como engenheiros e técnicos; e a vós é também isso o que interessa. Desejais que o estudante se amolde ao modelo da sociedade, se submeta à tradição, e esteja habilitado a ganhar o próprio sustento; portanto, não estais verdadeiramente interessados na criança, não é exato? Só estais interessados no que ela deverá ser, e o governo, também, se interessa pela mesma coisa. E fazer que a criança se torne o que deverá ser, é isso que chamamos educação, não?

Percebendo todo esse processo, dizeis: "Como educar a criança diferentemente, criadoramente, sem inventar novos padrões, novos modos de condicionamento?" Antes de tratar disso, deveis primeiramente descobrir se sois um educador, se sois um pai que realmente ama o filho — e eu duvido que ameis realmente vosso filho. Se o amásseis, não desejaríeis que se ajustasse a esta sociedade corrupta; pelo contrário, ajudá-lo-íeis a ser livre, para poder criar uma nova sociedade com valores bem diferentes. Se amásseis realmente vosso filho, acabaríeis com todas as guerras, e não pensaríeis em termos de autoridade hierárquica.

Se compreendêsseis tudo isso profundamente e tivésseis um real propósito, que faríeis como educadores, como pais? A vida é uma série de influências inevitáveis. Todo livro, todo jornal, tudo o que ledes, ouvis ou vedes, grava-se em vossa mente, que é moldada por essas influências, e escolheis uma influência, em oposição a outra, conforme vossa tradição, vosso ambiente, vossa sociedade. Assim, a criança é condicionada, desde o começo, por numerosas influências que a rodeiam, e o educador sábio lhas apontará, e desse modo a ajuda a ficar cônscia das influências e a libertar-se delas, sem criar um novo condicionamento que pensa ser mais nobre. Nenhum sistema, nenhum método pode ajudar a criança a ser livre das influências. O pai, assim como o mestre, deve estar atento para não se deixar colher por nenhuma influência, o que significa que deve ter uma mente vigilante; mas nem o pai nem o mestre tem uma mente vigilante. Em geral pensamos

que a teremos com a criação de um novo método, um novo sistema, e contamos que o sistema, o método, a técnica nos ajudarão a ser livres — o que é uma impossibilidade. Só quando a mente do educador, do pai, compreende a pleno o processo da disciplina com todas as suas implicações, só então é possível ajudar a criança a ser livre. A liberdade não está no fim, porém no começo.

Estou falando há uma hora e cinco minutos. Há ainda uma pergunta. Permitis que a examine?

Assistência: Sim, senhor!

KRISHNAMURTI: E isso significa que estais apenas escutando minhas palavras, sem observardes vossa própria mente. Se estivésseis prestando atenção à vossa mente e observando todas as coisas implicadas no que ouvistes, é claro que vos sentiríeis exaustos, porque vossa mente não está acostumada a manter-se intensamente vigilante, alertada. Não vos estou criticando, senhores; longe de mim tal impertinência, sinceramente falando. Mas, ao dizerdes: "Por favor, continuai", isso indica muita coisa, porque, se tomásseis uma questão, como a disciplina, ou o que é "experiência", e a examinásseis completamente, a seguísseis até o fim, não precisaríeis fazer mais pergunta nenhuma, pois teríeis encontrado a totalidade das perguntas e das respostas. Mas, infelizmente, a maioria de nós faz perguntas, esperando que, se juntarmos as numerosas partes, teremos o todo. O todo não pode ser compreendido através da parte. O todo deve ser visto diretamente.

E acho, portanto, que por hoje basta.

24 de outubro de 1956.

O PROBLEMA DO VIVER

(NOVA DELI – V)

PENSO que uma das nossas principais dificuldades é a incapacidade de resolvermos os problemas humanos. Defrontamo-nos com numerosos problemas, um após outro, e em geral parecemos incapazes de resolvê-los. E é possível adquirir essa capacidade através do "processo" do tempo, ou ela nasce, não tanto pelo processo temporal, porém pela direta compreensão do problema? A meu ver, não se trata de cultivar a capacidade, porém, antes, de aplicar uma atenção que não seja distraída. Vou explicar o que quero dizer.

Todos temos muitos problemas humanos em conflito entre si — problemas sociais, econômicos, religiosos, etc. —, e estamos cônscios desses problemas, não só individualmente, em nossa vida particular, mas também coletivamente. Vemos que a atual sociedade está em perene conflito entre si, e que internamente há sempre o fator de deterioração; e também vemos que em nossa mente, por mais ardente e vigilante que seja, se encontra em contínuo movimento esse mesmo processo de deterioração.

Ora, é possível a mente atender a todos esses problemas de forma global, e não parcialmente, um a um? Compreendeis? Estamos frente a frente com este complexo de problemas e pensamos que poderemos resolvê-lo se atacarmos os problemas um a um, procurando fazer algo em relação com a parte, dissociada do todo. O político, por exemplo, sempre atende a uma parte e não ao todo, de modo que nunca trará a paz, embora fale a seu respeito. Isto é como podar um ramo quando as raízes da árvore não recebem nutrição adequada, rega suficiente, etc.

Portanto, o importante é perceber que o complexo problema da existência humana não pode ser resolvido a pouco e pouco, uma parte de cada vez, mas que deve ser atacado por inteiro, como um todo, e parece-me que aí é que reside a nossa dificuldade. Pela educação,

pela tradição, criamos a divisão de vida religiosa e vida mundana, de uma fórmula espiritual e uma técnica material, e com essa visão fragmentária estamos tentando resolver nossos numerosos conflitos. Nessa visão fragmentária, penso, está a causa real da multiplicação de nossos conflitos, e não na falta de capacidade para atendermos ao problema. Supomos que essa capacidade nos falta e, por isso, recorremos a uma certa autoridade para nos ajudar, praticamos disciplinas várias, etc.; mas não acho que o problema seja este. O problema não é o cultivo de determinada técnica, ou o seguir de certo caminho, mas, sim, perceber que não nos estamos aplicando à vida como uma totalidade.

Não há coisa tal como uma existência isolada. Nada pode existir no isolamento, porque tudo está relacionado entre si. Se percebermos a realidade disso, *realmente,* e não apenas intelectualmente, isto é, se a mente puder olhar todo o complexo da existência e perceber que ela é uma totalidade "inter-relacionada" (e isso não é criar uma série de divisões e compreensões parciais), penso que então atenderemos aos nossos problemas de um ponto de vista bem diferente.

Assim, pode a mente aliviar-se de sua maneira de pensar hinduísta, cristã ou budista? Pode cessar de pensar à maneira do político, do homem ambicioso, do homem virtuoso, etc., e nunca funcionar parcialmente? Pode deixar de olhar a vida fragmentariamente? Podeis libertar-vos, por exemplo, da idéia de que sois hindu, americano, russo, ou comunista — libertar-vos não só da palavra, mas também de todo o conteúdo da palavra, de toda tradição e modo de ver —, para pensardes como ente humano a quem cabe resolver o complexo problema da existência? Ora, por certo, a vida deve ser considerada não de acordo com um dado padrão, sistema ou ideologia, mas como um todo integral; e, invariavelmente, surge a pergunta: "*Como* fazer isso, qual o método?"

Ora, não há "como". Há "como" no cultivo de uma maneira de ver fragmentária; mas a perspectiva completa, na qual se vê imediatamente o problema total da existência, não pode ser cultivada por método nenhum. Que fazer, então? Não há dúvida que o necessário é que vós, que nascestes neste país, que fostes educados ou condicionados segundo certas tradições e crenças, percebais que vossa educação, vosso condicionamento, vos impede o percebimento do todo — do ente humano total, com seus numerosos problemas. Isto é, deveis ser capazes de atender aos problemas da vida, não como os atenderia o comunista, o socialista, o hinduísta, ou a chamada pessoa religiosa, porém como um ser humano que está constantemente correspondendo ao desafio de maneira nova. A mente que não corresponde de maneira plena e adequada ao desafio da vida não tarda a encontrar-se

num estado de deterioração. Só aquela que está habituada a enfrentar com êxito esse desafio e quanto dela se exige, só essa mente não se deteriora.

Enquanto a mente pensa em termos relativos à parte, e não corresponde ao complexo total da existência, não será capaz de resolver os problemas humanos, por mais competente que ela seja no campo político, econômico ou no chamado terreno religioso. A mente cujo pensar é fragmentário, parcial, não pode corresponder ao desafio da vida com vigor, com clareza; sua reação é incompleta, inadequada, e é essa a mente que contém em si o fator deteriorante. Se vós e eu percebermos esse fato, percebermos realmente sua verdade, é então necessária alguma técnica? Entendeis?

O importante, por certo, é perceber-se a necessidade de nos abeirarmos da vida de maneira nova, não com os preconceitos do hinduísmo, do comunismo e todos os demais *ismos,* e que significa que nossa mente não deve pensar em termos do "velho", não deve criar um futuro padrão baseado no "velho". Devemos ser capazes de abeirarnos do problema, seja ele qual for, com uma mente inteiramente desprovida de uma perspectiva fragmentária, "separativa" ou parcial; e acho que este é o básico problema que o mundo enfrenta. Nós não somos hindus, nem americanos, nem húngaros: somos seres humanos. Esta é nossa Terra, onde devemos viver totalmente, e não podemos viver uma vida total se estamos pensando como cristãos, budistas, comunistas, ou o que mais seja.

Agora, se escutastes realmente isto, se efetivamente o percebeis, se sentis completamente a sua necessidade, vossa mente já está então livre do condicionamento do passado. E quando esse condicionamento se manifesta, sabeis como cuidar dele, porque vossa mente está pensando em termos do todo e não da parte. Para corresponder de maneira nova a qualquer desafio (e um desafio é sempre novo), deve a mente esvaziar-se completamente do passado. O passado não pode ser ressuscitado. A idéia de reerguer uma velha religião, por mais fascinante que pareça, é em verdade prejudicial. Uma coisa que está morta não pode ser ressuscitada, e religião não é questão de "ressurgimento" *(revival)* (1). Religião é algo inteiramente diverso do condicionamento social da mente. Um homem que é hinduísta, budista, ou cristão, e que por esse caminho busca a Realidade, nunca a encontrará. Não há caminho para Deus. Os caminhos foram inventados pelo homem por sua própria conveniência, e por mais diligente que siga

---

(1) *Revival:* renovado interesse na religião, após um período de indiferença e declínio *(Dic. Webster).* N. do T.

o caminho para o qual sua mente foi condicionada, nunca encontrará ele a Realidade, porque seu pensar é parcial; e é por isso que ele desconhece a essência do amor. O amor não é coisa da mente, e só se pode compreender a sua totalidade quando a mente é capaz de encarar a vida como um todo e não como parte.

Há várias perguntas, que passarei a considerar e, fazendo-o, não vamos tentar encontrar uma solução para o problema, mas, sim, pensar juntos no problema. Buscamos solução quando não compreendemos o problema. Se vós e eu compreendemos o problema, não há necessidade de solução; mas a mente que busca uma resposta, que espera uma solução, só fará o problema crescer, porquanto se está apartando dele, não está realmente interessada no problema em si.

Esta é uma coisa que acho muito importante compreender e sentir sua verdade: que a resposta, a solução de um problema se encontra no próprio problema, e não fora dele. A mente que busca solução não está interessada no problema: está interessada na solução; por isso, é incapaz de considerar o problema e de compreendê-lo. Tampouco a mente é capaz de compreender o problema, se começa com uma conclusão. Por certo, a mente que pensa partindo de uma conclusão não está pensando, em absoluto. Se tenho uma conclusão a respeito de como o amor deve ser e do que não deve ser, e daí inicio o meu processo de pensar, é bem óbvio que minha mente não está pensando; apenas se move de conclusão para conclusão — e é isso o que faz a mente de quase todos. Porque nunca compreenderam o que é amar, sua mente funciona apenas na esfera intelectual das conclusões e, por conseguinte, seu mundo é estéril.

Assim, ao considerarmos estas perguntas, não estaremos a procurar respostas, e tende a bondade de tomar nota disto. Uma resposta pode-se obter a preço reduzido: podeis encontrá-la em qualquer livro ou "comprá-la" de uma autoridade — ofertai-lhe uma grinalda ou dai-lhe algum dinheiro, e tereis a desejada resposta. O homem que realmente deseja compreender um problema tem de afastar de si toda tentação de achar a resposta; mas esta não é a única dificuldade. Ele deve também começar sem conclusão alguma. A mente que leva a carga de uma conclusão é incapaz de considerar o problema e, por conseguinte, só poderá aumentá-lo e multiplicá-lo.

PERGUNTA: O sono é um período de repouso para o espírito e o corpo. Que é que provoca os sonhos?

KRISHNAMURTI: Que é um sonho, e por que sonhamos? E é possível não sonhar nada? Sabemos que sonhamos e que há várias espécies

de sonho. Certos sonhos são muito superficiais, enquanto outros têm profunda significação e, como somos incapazes de compreender suas implicações, recorremos ao psicólogo para obter uma interpretação; mas o intérprete dos sonhos evidentemente os interpreta consoante o próprio condicionamento, e isso significa que nos tornamos escravos do intérprete. Espero que o estejais percebendo. Primeiro, há um sonho e, em seguida, o esforço para descobrir o significado do sonho; e, finalmente, há a questão de se a mente tem mesmo necessidade de sonhar — podendo ser este o problema realmente importante, e não o outro.

Notai, por favor, que estamos pensando juntos neste problema. Observai vossa própria mente em funcionamento: não fiqueis meramente escutando minhas palavras. Estou descrevendo o processo de sonhar, mas, se vos contentais com a descrição, ficareis afinal sem compreender e só vos restarão as cinzas das palavras.

Nós sonhamos. Que significa isso? Quando o organismo físico adormece, a mente continua a funcionar, e esse funcionamento da mente durante o sono se manifesta nos sonhos — mas isso não significa que a mente não esteja funcionando se não sonhamos. A mente não são apenas os níveis superficiais da consciência, é também o inconsciente e, ao dormirmos, ela começa a sonhar. Por quê?

Agora, que se passa durante o dia quando a mente não está sonhando — quando pelo menos *pensa* que não está sonhando? Que se passa realmente? Nos níveis superficiais a mente se ocupa com dada tarefa, com aprender determinada técnica, com o que quer que seja; está ativa, constantemente ocupada com muitas coisas. Assim ocupada durante o dia, a mente superficial não se abre às comunicações do inconsciente, como é óbvio; pois, se está ocupada, como pode dar atenção a outra coisa que não sua própria ocupação? Ela se fecha, não só para o inconsciente, mas também para a extraordinária beleza do céu, as maravilhas da Terra, a medonha pobreza e esqualidez existentes em torno de nós. A mente ocupada é incapaz de ser sensível. Mas, quando o organismo físico adormece e a mente superficial, cansada das ocupações do dia, se tornou relativamente quieta, então, nessa quietude, ela pode receber as comunicações do inconsciente. Essas comunicações assumem a forma de símbolos, visões, idéias, sonhos. É o que de fato acontece, e não há nada de misterioso nisso. Podemos pensar que estamos tendo experiências extraordinárias, encontrando-nos com o Mestre e outras tolices que tais, mas não há nada disso. O inconsciente acha-se tão condicionado como o consciente, e ele projeta certas idéias na forma de sonhos. É isso o que realmente sucede. A mente consciente, que está ocupada durante o dia, fica quieta du-

rante o sono e, assim, as comunicações do inconsciente se projetam nela; e, ao despertardes, dizeis: "Tive um sonho." Desejais então descobrir o significado do sonho e recorreis a uma certa autoridade ou tentais vós mesmos interpretá-lo.

Esse é um "processo". Há ainda outro "processo", embora eu não saiba se ele já vos ocorreu: uma pessoa sonha e, ao mesmo tempo, se processa a interpretação do sonho, de modo que, ao despertar, não há mais necessidade de nenhuma interpretação.

Estais seguindo tudo isso apenas no domínio verbal ou estais realmente penetrando e sentindo o que se está dizendo? Porque, se deveras não sentirdes, estareis apenas escutando as palavras e, no fim, direis: "Escutei-vos, mas nada ganhei com isso." Exatamente; porque não escutastes com a intenção de descobrir por vós mesmos, observando vossa mente em funcionamento.

Assim, o inconsciente — que é um repositório de memórias raciais, padrões culturais, experiências inumeráveis, tanto individuais como coletivas — deseja comunicar algo à mente consciente; mas esta, estando ativa, ocupada, durante o dia, é incapaz de receber comunicações do inconsciente, a não ser na forma de sonhos, quando o organismo físico dorme.

A seguir, vem a pergunta: A mente tem mesmo necessidade de sonhar? — Se vossa mente estiver vigilante durante o dia — entendei, senhores, que não se trata de *como* estar vigilante — se estiver apenas vigilante — bem desperta, e não meramente ocupada — observando o movimento de uma árvore ou de um pássaro, o sorriso de uma criança, a postura de um mendigo, observando vossa própria ocupação, vossa rotina, vossa reação ao que diz vosso patrão, observando a maneira como tratais vossos criados e cortejais os favores dos ricos — se observais tudo isso, se sois realmente sensível a tudo isso, estais então recebendo comunicações do inconsciente a todas as horas. Este não é um processo complicado. Estais desperto no nível superficial e, ao mesmo tempo, o inconsciente, que é o resíduo do passado, vos está transmitindo coisas, como uma enciclopédia. O consciente já não é uma coisa separada do inconsciente, na qual o inconsciente terá de projetar certas idéias durante o sono. Assim sendo, conforme o grau em que estiverdes desperto, vigilante, que necessidade há de sonhar? Está claro isto? A mente se mostra então sobremodo sensível, durante o dia, recebendo e compreendendo, momento por momento, sem nada reter nem acumular. Escutai bem isso, por favor. No momento em que acumulais, fica-vos um resíduo que se tornará sonho, o qual terá de ser interpretado. A mente sensível não acumula; mas a mente

que acumulou é insensível, e essa acumulação é o inconsciente, que tem necessidade de descarregar-se, "limpar-se" e, por isso, começa a projetar símbolos, etc.

Se estais desperto, se sois sensível, não só ao que se está passando em vosso próprio processo de pensamento, mas a tudo o que vos cerca; se, quando ledes os jornais ou vossos livros sagrados, estais cônscio de quanta estupidez neles se contém; se, quando estudais vossa particular autoridade, percebeis suas pretensões, seu desejo de poder, posição, e ao mesmo tempo o vosso próprio desejo de poder, posição, autoridade — se estais desperto para tudo isso, descobrireis então que já não haverá divisão entre consciente e inconsciente. A experiência não deixa então resíduo algum, e tal significa que não há necessidade de sonhar nem de interpretação de sonhos.

Que acontece à mente que se mostra tão sensível, durante o dia, que nada retém, nada acumula? Que acontece quando essa mente adormece? *Está* adormecida? Compreendeis? O organismo físico dorme, naturalmente, pois necessita de repouso. Mas necessita de repouso a mente que esteve tão desperta durante o dia? Ou continua ela no mesmo estado de sensibilidade, porém livre das numerosas impressões externas, e assim apta a penetrar grandes profundidades, sem ser impelida por nenhum incentivo, e capaz, portanto, quando o organismo físico desperta, de perceber algo totalmente novo?

Tudo isso são simples palavras para vós, naturalmente, uma vez que nunca experimentastes tais coisas. Nunca estivestes sensíveis durante o dia, realmente ativos — "ativos" não no sentido de tagarelar, mexericar, executar tarefas rotineiras, etc. A mente ativa é agudamente sensível tanto ao belo como ao feio, e para ela já não há divisão de vigília e sono, de consciente e inconsciente. A mente funciona, então, como um todo integral.

PERGUNTA: Todos temos momentos de claridade interior, mas parecemos incapazes de relacionar esses momentos lúcidos com nossos problemas pessoais, nacionais e internacionais. A menos que possamos estabelecer uma relação entre a lucidez e a ação, que valor tem esta claridade?

KRISHNAMURTI: Todos nós temos momentos de claridade, mas essa claridade é uma coisa rara e a maior parte de nossa vida se passa num estado de contradição, confusão e luta. E o interrogante indaga: "Como posso eu, que conheço momentos de claridade, aplicar esta claridade à confusão em que vivo? De que vale essa lucidez, se não sei relacioná-la com minha ação diária?"

Ora, essa é uma pergunta incorreta, não achais? E se fazeis uma pergunta incorreta, só podeis ter uma resposta incorreta. Vossa pergunta significa: Nossos momentos de claridade podem ajudar-nos a introduzir ordem em nossas atividades, para vivermos uma vida melhor? Eu digo que tal pergunta é incorreta, porque só tendes claridade quando não há confusão. Não se pode relacionar a claridade com a confusão. Se o fazemos, ficamos ainda mais confusos. Entendeis? A clareza só vem quando a mente não se ocupa de si, de suas virtudes, seus deuses, suas insignificantes disputas, ambições das ninharias de sua existência. Não estando a mente ocupada, há clareza. Tendo sentido essa clareza, dizeis: "Como posso relacioná-la com minha ambição?" Naturalmente, não podeis fazer isso. Essa clareza é sem valor em relação a vossa ambição; entretanto, é isto o que todos os líderes político-religiosos dizem: que Deus deve intervir em nossa vida, deve guiar-nos, mostrar-nos como sermos livres ou espirituais. Mas Deus não está interessado em nossa mente insignificante, é claro, porque é só quando a mente deixa de funcionar dentro de sua própria estrutura que existe clareza.

Nossa função, pois, não é de procurar a clareza. A mente pequenina não pode ver o imensurável. O que pode fazer é só libertar-se de sua pequenez — quer dizer, deixar de ser ambiciosa. Um homem ambicioso pode falar a respeito de Deus, mas isso é mera artimanha política do explorador. É só quando deixamos de ser invejosos, ávidos, quando temos o amor real e não idéias relativas ao amor — só então existe uma clareza não relacionada com o que é pequeno. Compreendeis, senhores? Como pode uma mente insignificante, uma mente confusa, contraditória, ambiciosa, vã, insensata, medíocre, compreender aquilo que é imenso, ilimitado? Temos ocasionais vislumbres de algo amplo, cheio, rico, e dizemos: "Como posso relacionar esse estado com minha mente pequenina?" Ao fazermos uma pergunta incorreta, teremos uma resposta incorreta; e nossa vida está cheia de respostas incorretas, porque estamos sempre fazendo perguntas errôneas.

PERGUNTA: Nosso medo mais constante, durante a vida, é o medo da morte. Tememos a morte porque não desejamos deixar a vida, ou porque não sabemos o que existe *além?*

KRISHNAMURTI: Senhor, esta é uma questão muito complexa, que envolve muitos problemas: o problema de *karma,* ou causa-efeito, o problema da solidão completa, e todo o problema referente ao espiritismo, materializações, de se tentar tornar a ver alguém que conhecemos e que pensamos esteja vivendo "do outro lado". E envolve também a crença na reencarnação ou em alguma forma de ressurreição. Esta

questão, pois, abrange outras mais secundárias, que não podemos agora examinar. Talvez possamos fazê-lo noutra ocasião. Assim consideremos o problema principal, porque, se pudermos compreendê-lo, ficaremos aptos a tratar das questões secundárias.

Mais uma vez peço-vos não apenas escutardes minhas palavras, mas também *sentirdes* o que se está dizendo; porque o que vos interessa é a vossa vida, e não a minha. Estarei de partida daqui a poucos dias — o que talvez seja bom —, e o que vos interessa não é a minha pessoa, porém vossa existência de cada dia, com as tribulações, o medo, a agitação, a ansiedade e as outras e incontáveis coisas que constituem a vossa vida. Portanto, este problema é vosso e vós é que tendes de cuidar dele; mesmo porque não estais aqui simplesmente para escutar minhas palavras.

Ora, que é viver e que é morrer, e por que separamos o viver do morrer? O viver está separado do "processo" de morrer? Este é o primeiro problema contido na pergunta, não? Se compreendo realmente o problema primário, poderei então aplicar-me de todo o coração às questões secundárias e resolvê-las; mas, se não compreendo o problema primário, não poderei tratar dos secundários. O problema primário é este: Sei o que é viver? E, se sei o que é viver, posso ter medo de morrer? Certo, se sei o que é viver, então, nesse mesmo viver, minha mente compreenderá o inteiro significado do morrer. Vamos, pois, agora averiguar o que é viver.

Que entendemos por viver? E — estamos vivendo? O viver, para a maioria de nós, é uma rotina, uma série de acontecimentos repetidos: ir para o escritório, sexo, recitar um certo *mantra,* seguir uma autoridade, acumular e traduzir em nossos próprios termos a experiência e o saber de outrem pensando tratar-se de coisa original, etc. Todo esse processo é o que chamamos "viver", e se estais cônscios dele, se atentamente o observais, vereis que nele nada há de original, primário, não premeditado. Estais cheio do *Gita,* da *Bíblia,* repetis meramente o que disse Cristo, o que disse Krishna; sois impelidos pelo sexo ou pelo desejo de preencher alguma ambição, com todas as frustrações e horrores que acarreta. Gerais um filho e tentais, por meio desse filho, por meio de vossos haveres, imortalizar-vos; vosso filho é importante, porque é o continuador de vosso nome. Compreendeis, senhores? Tudo isso é o que chamamos viver.

Ora, isso é viver? O viver é um "processo" de satisfação e sofrimento, mera série de eventos, ou o viver é algo inteiramente diferente? E que entendemos por "morrer"? Vendo que o organismo físico morre por causa do longo desgaste, por doença ou acidente, a mente diz: "Eu acumulei, sofri, adquiri virtude, trabalhei para a pátria,

para Deus; e que me acontecerá quando perecer o organismo físico? Existe no *além* uma continuidade?" Há em nosso viver uma continuidade que é mera repetição. Compreendeis, senhores? Se examinais vossa própria mente, vosso próprio coração, percebeis algo vivente, ou meramente um processo de repetição? Há uma repetição, uma continuidade, no chamado viver, e dizeis: "Quando eu morrer, essa repetição, esse centro de continuidade, deverá continuar." Não é exato?

Expressando-o diferentemente, o "eu", que aprendeu, que sofreu, que acumulou, não se preencheu e dizeis: "Não se lhe deve dar outra oportunidade?" O "eu", pois, é uma entidade complexa, composta de memória acumulada, e é isso que desejais que continue. Podeis pensar que existe um *Atman,* uma entidade transcendente ao tempo; mas essa entidade está ainda dentro da esfera do pensamento e, por conseguinte, faz parte do processo da continuidade. O que vos interessa é uma continuação, e por isso temeis o findar. Dizeis: "Vivi, trabalhei muito, e, se com a morte tenho de acabar, que vale tudo isso?" E, assim, ou vos tornais racionalista e vos desembaraçais da questão da morte intelectualmente, ou inventais uma confortante teoria chamada "reencarnação" e aí vos deixais ficar. Estou apenas mostrando o inteiro processo de operação da mente.

Quero saber o que é a morte, assim como sei o que é viver. Vejo que a repetição, que encerra a carga da tradição, da memória, não é viver; e porque percebo a falsidade ou a verdade sobre o não-viver, sei o que é viver. Percebeis o que estou dizendo? Está claro? A mente presa na rede da repetição não está viva. Percebo esta verdade; por conseguinte, estou livre da repetição. Tende a bondade de *escutar.*

Sei que viver não é uma repetição; é algo incrivelmente novo a cada minuto, algo nunca dantes experimentado. E como sei o que é viver, no real sentido da palavra, devo também saber o que é morrer. Ora, posso experimentar o morrer, assim como sei o que é viver? Pelo viver posso experimentar o morrer? Se não posso, não estou vivendo. Compreendeis? O morrer é uma parte do viver, e se só compreendo a parte, sou insensível ao todo. Por conseguinte, devo compreender, devo saber o que significa a morte, experimentá-la, não em momentos de acidente ou doença, quando o mecanismo físico se consome, mas enquanto estou vivo, sadio, ativo.

Senhores, isto não é uma teoria, isto não é oratória, nem estas reuniões se destinam a estimular-vos intelectualmente; se vos estimulam, sereis ulteriormente entes humanos embotados.

Desejo, pois saber o que significa morrer. Morrer é chegar ao fim, não só do organismo físico, mas também da mente que pensa em termos de continuidade. Morrer é deixar de existir; é a cessação da existência como a conhecemos, a qual é uma continuidade. Compreendeis, senhores? "Minha casa", "meus haveres", "meu emprego", "minha mulher", "minhas virtudes", etc. etc., é uma continuidade. Posso sustar, conscientemente, com pleno sentimento do que estou fazendo, todo esse processo de continuidade?

Senhores, não concordeis nem discordeis, não digais "posso" ou "não posso", porque não sabeis o que isso significa. Não sabeis o que significa viver; se soubésseis, nunca faríeis uma pergunta sobre o que significa morrer, porque então não haveria continuidade nenhuma. Morrer é esse viver sem continuidade. Por certo, uma mente que está viva acolhe a morte ou entra na "mansão da morte", porquanto deve conhecer o perfeito significado desta palavra. A essa mente não interessa a reencarnação, quer verdadeira, quer falsa, pois está pensando numa esfera completamente diferente.

Por certo, o que tem continuidade não é capaz de ser criador. Só no que finda existe possibilidade de renovação. Compreendeis, senhores? A mente que vive, que tem continuidade na memória — que pode ela saber acerca do que é novo? Apenas poderá conhecer sua própria vaidade, suas próprias projeções. Só há renovação para a mente que morre para todos os dias passados, que morre verdadeiramente, de modo que nenhum senso tem de propriedade. Podeis então viver numa casa, porém ela nenhum valor tem como "coisa vossa"; vós a mantendes limpa e bem arrumada, mas nenhuma identificação tendes com ela. Semelhantemente, com vosso filho, vossa filha, vossa mulher. Esta não-identificação é amor. Por conseguinte, a mente que nenhuma identificação tem mediante a continuidade é uma mente realmente criadora — porém esta não é a criação consistente em escrever livros, conceber novos planos, etc. A mente criadora é ilimitada, e só ela não tem medo de viver e, por conseguinte, não teme morrer.

28 de outubro de 1956.

DESCONDICIONAMENTO MENTAL

(Nova Deli – VI)

A meu ver, o importante não é o problema, porém a mente que se aplica ao problema. Temos problemas numerosos e de vária ordem: o incremento da tirania, a multiplicação dos conflitos tanto na vida individual como na coletiva, e a total ausência de um propósito orientador na vida, exceto o que foi artificialmente criado pela sociedade ou pelo próprio indivíduo. Nossos problemas parecem estar aumentando — em vez de diminuir. Quanto mais tem progredido a civilização, tanto maior se tem tornado a complexidade dos problemas do viver; e a maioria de nós está bem cônscia de que os vários modos de vida que quase todos seguem — o modo de vida comunista, o modo de vida chamado "religioso", e o modo de vida materialista ou progressivo, a vida de riqueza — não resolveram estes problemas. Percebendo isso, os que pensam seriamente devem ter considerado a questão de como promover uma transformação, não apenas em nós mesmos e em nossas relações com determinados indivíduos, mas também em nossas relações com a coletividade, a sociedade. Nossos problemas se multiplicam, mas, como disse, não creio que um problema qualquer seja o problema real. O problema real, por certo, é a mente que se aplica aos problemas.

Se minha mente é incapaz de resolver um problema, e eu atuo, o problema se multiplica, não é verdade? Este é um fato óbvio. E, ao ver que tudo quanto faça em relação ao problema só tem o efeito de multiplicá-lo, que deve a mente fazer? Compreendeis a questão? O problema — seja o problema de Deus, seja o da fome, o problema da tirania coletiva em nome do governo etc. — existe em diferentes níveis de nosso ser, e a ele nos aplicamos esperando resolvê-lo; mas eu acho que esta é uma maneira de proceder completamente errônea, porquanto estamos assim atribuindo a principal importância ao problema. Parece-me que o problema real é a própria mente, e não o

problema que ela mesma criou e estou tentando resolver. Se a mente é mesquinha, pequena, estreita, limitada, ela se aplica ao problema — por maior e mais complexo que seja — com suas próprias e pequeninas medidas. Se tenho uma mente pequenina e penso em Deus, o Deus de meu pensar será um Deus pequenino, ainda que eu o revista de grandeza, beleza, sabedoria, etc.

O mesmo acontece com o problema da existência, o problema do sustento, o problema do amor, o problema do sexo, o problema das relações, o problema da morte. Todos estes são problemas enormes, e a eles nos aplicamos com uma mente pequena, tentamos resolvê-lo com uma mente muito limitada. Ainda que tenha capacidades extraordinárias e seja capaz de invenção, de pensamentos sutis e sagazes, a mente continua pequena; e uma mente pequena, ao enfrentar um problema complexo, só poderá traduzi-lo em seus próprios termos e, por conseguinte, o problema cresce e crescem as nossas desditas. A questão, por conseguinte, é esta: Pode a mente pequena, vulgar, ser transformada em algo não restrito pelas suas próprias limitações?

Estais-me entendendo, ou, por outra, estou-me expressando claramente? Considerai, por exemplo, o complexo problema do amor. Ainda que eu seja casado e tenha filhos, a menos que exista aquele senso de beleza, a profundeza e claridade do amor, a vida é superficial, sem significação; e eu me acerco da questão do amor com uma mente bem limitada. Desejo saber o que é ele, mas tenho suposições de toda espécie a seu respeito, já lhe vesti as roupagens de minha mente pequenina. O problema, pois, não é de como compreender o que é o amor, porém de libertar de sua própria vulgaridade a mente que se acerca do problema; e a mente da maioria das pessoas é vulgar.

Por "mente vulgar" entendo a mente que está sempre ocupada. Compreendeis? A mente ocupada com Deus, com planos, com a virtude, ou sobre como pôr em prática o que certas autoridades dizem a respeito de finanças ou de religião; uma mente que se ocupa consigo, com seu próprio desenvolvimento, com a cultura, com o seguir um certo modo de existência; a mente que está ocupada com uma identidade, uma nação, crença ou ideologia — essa é a mente vulgar.

Quando vos ocupais com alguma coisa, que acontece, psicologicamente, interiormente? Não há espaço em vossa mente, há? Já observastes vossa mente em funcionamento? Se já o fizestes deveis saber que ela está perenemente ocupada consigo mesma. Um homem ambicioso se preocupa da manhã à noite, e durante o sono, acerca de seus êxitos e malogros, acerca de suas frustrações, suas inumeráveis exigências e do preenchimento de suas ambições. Ele é como o cha-

mado homem religioso que recita incessantemente uma certa frase, ou que se ocupa de um ideal e busca ajustar-se a esse ideal. A mente ocupada, pois, é uma mente vulgar. Se se compreende isso realmente, entra então em funcionamento um processo de todo diferente.

Afinal de contas, a mente vaidosa, arrogante, cheia do desejo de poder e que procura cultivar a humildade só se ocupa consigo; por conseguinte, é uma mente vulgar. A pessoa que tenta aprimorar-se pela aquisição de conhecimento, que procura tornar-se mais inteligente, mais poderosa, obter um emprego melhor — tal pessoa é vulgar. Ela pode ocupar-se com Deus, com a Verdade, com o *Atman,* ou com o desejo de sentar-se entre os poderosos — mas é sempre uma pessoa vulgar.

Assim, que acontece? Vossa mente vulgar e ocupada começa com certas conclusões, suposições, emite certas idéias — e é com essa mente ocupada que tentais resolver o problema. Quando uma mente vulgar se encontra com um problema descomunal, ela age, evidentemente, e esta ação produz um resultado: o crescimento do problema. Se observardes, podereis ver que é isso exatamente que está acontecendo no mundo. Os que estão nos altos postos ocupam-se consigo, em nome da nação; como eu e vós, querem posição, poderio, prestígio. Estamos todos navegando no mesmo barco e, com nossas mentes pequeninas, tentamos resolver os extraordinários problemas do viver, problemas que exigem uma mente não ocupada. A vida é algo fundamental e sempre em movimento, não é? Por conseguinte, temos de chegar-nos a ela com vigor, com uma mente que não esteja inteiramente ocupada, que contenha um certo espaço, um certo vazio.

Ora, qual é o estado da mente que sabe que está ocupada e percebe que essa ocupação é vulgar? Isto é, ao perceber que minha mente está ocupada e que mente ocupada é mente vulgar, que acontece?

Parece que não percebemos com suficiente clareza que uma mente ocupada é vulgar. Quer a mente esteja ocupada com o melhoramento de si própria, quer com Deus, com bebidas, com a paixão sexual ou o desejo de poder, tudo isso é essencialmente a mesma coisa, embora sociologicamente essas ocupações possam ter uma diferença. Ocupação é ocupação, e a mente ocupada é vulgar porque se acha interessada em si mesma. Se vedes, se realmente experimentais a verdade desse fato, então, por certo, vossa mente já não se preocupa consigo mesma, com seu próprio melhoramento; existe, pois, para a mente que está aprisionada, a possibilidade de eliminar sua clausura.

Como simples experiência, observai por vós mesmos como vossa vida está tão baseada em alguma suposição: que há Deus ou que

não há Deus, que um certo padrão de vida é melhor do que outro padrão, etc. A mente ocupada começa sempre com uma suposição, abeira-se da vida com uma idéia, uma conclusão. Pode a mente acercar-se de um problema de maneira total, afastando todas as suas conclusões, suas prévias experiências que são também uma forma de conclusão? Afinal de contas, um desafio é sempre novo, não é verdade? Se a mente é incapaz de corresponder adequadamente ao desafio, há deterioração, retrocesso; e a mente não pode corresponder adequadamente se, consciente ou inconscientemente, está ocupada — sendo que toda ocupação se baseia em alguma ideologia ou conclusão. Se perceberdes a verdade a este respeito, descobrireis que a mente já não será vulgar, porque se achará num estado de investigação, num estado de sadio ceticismo — que não significa ter dúvidas *a respeito de* alguma coisa, porque isso também se torna ocupação. A mente que deveras investiga não acumula. Vulgar é a mente que acumula, quer esteja acumulando conhecimentos, quer dinheiro, poder, posição. Com o total percebimento desta verdade, verifica-se a real transformação da mente, e essa é que é a mente capaz de atender aos nossos numerosos problemas.

Vou responder a algumas perguntas e, conforme já salientei, a resposta não importa. O importante é o problema, e a mente não pode dar inteira atenção ao problema se está distraída, à procura de uma solução para o problema. Todas as soluções se baseiam no desejo, e o problema existe em virtude do desejo — desejo de mil e uma coisas. Se, não compreendendo o processo total do desejo, atendemos ao problema com uma determinada atividade ditada pelo desejo, esperando obter a solução correta — por essa maneira não se conseguirá a dissolução do problema. Portanto, o que nos interessa não é a solução, porém o próprio problema.

PERGUNTA: Estou inteiramente de acordo convosco sobre a necessidade de descondicionar a mente. Mas, como pode uma mente condicionada descondicionar-se?

KRISHNAMURTI: O interrogante declara concordar comigo. Antes de entrarmos na questão do descondicionamento da mente, verifiquemos o que se entende por "estar de acordo". Vós podeis concordar com uma opinião, uma idéia, mas não se pode concordar com um fato. Vós e eu podemos estar de acordo, no sentido de que temos uma opinião comum a respeito de determinado fato; mas uma opinião sustentada por muitos não "faz" a verdade. Para compreender, necessita-se de vivo e vigoroso ceticismo, e não de concordância ou discordância. Se meramente concordais comigo, estais concordando com uma

opinião que pensais que eu tenho. Eu não tenho opiniões, portanto, não estamos "de acordo". Se nós dois vemos uma serpente venenosa, não há questão de concordar: ambos guardaremos distância dela. Ao dizermos que concordamos, estamos intelectualmente de acordo sobre uma certa idéia; mas a investigação de como libertar a mente do condicionamento não requer concordância intelectual. Enquanto a mente está condicionada como hinduísta, comunista ou o que quer que seja, é incapaz de pensar de maneira nova. Isto não é nenhuma questão de opinião. É um fato. Não tendes necessidade de concordar.

A questão, pois, é: Estando condicionada, como pode a mente descondicionar-se? Percebeis que vossa mente está condicionada como hinduísta, com as diversas crenças do hinduísmo, ou como comunista, ou cristã, ou muçulmana, etc. Vossa mente, é óbvio, está condicionada. Credes em alguma coisa, no sobrenatural, em Deus, enquanto outro que foi educado num diferente meio social e psicológico diz que tal coisa não existe, que tudo isso são baboseiras. Ambos estais condicionados, e o vosso Deus não é mais real do que o "não-Deus" em que o outro crê.

Assim, quer vos agrade, quer não, vossa mente está condicionada, não parcialmente, porém de ponta a ponta. Não digais que o *Atman* não é condicionado. Disseram-vos que o *Atman* existe e, afora isso, nada sabeis a respeito dele; e quando pensais acerca do *Atman*, vosso pensamento está condicionando o *Atman*. Isso também é evidente. É o mesmo caso do homem que crê nos Mestres. Disseram-lhe que os Mestres existem e, em virtude de seu próprio desejo de segurança, ele anseia encontrá-los; e, assim, tem visões, as quais, psicologicamente, são muito simples e infantis.

Ora, a questão é esta: Eu sei que minha mente está condicionada; e como poderei libertá-la do condicionamento se a entidade que procura libertá-la se acha também condicionada? Compreendeis o problema? Quando uma mente condicionada compreende que está condicionada e deseja descondicionar-se, esse próprio desejo é também condicionado; assim, que pode a mente fazer?

Estais seguindo? Por favor, senhores, não vos limiteis a escutar minhas palavras, mas observai vossa própria mente em funcionamento. Este é um problema bem difícil de apreciar com um grupo tão numeroso, e, a menos que presteis real atenção, não encontrareis a solução. Eu não vos vou dar a solução e, portanto, tendes de observar vossa própria mente com toda a atenção.

Sei que minha mente está condicionada como hinduísta, budista, ou o que quer que seja, e vejo que qualquer movimento mental para

descondicionar-se é sempre condicionado. Ao procurar a mente descondicionar-se, a entidade que faz esse esforço está também condicionada, não é verdade? Espero me esteja explicando bem.

Vossa mente está condicionada; não há uma só parte dela que não esteja condicionada. Isto é um fato, quer vos agrade, quer não. Podeis dizer que há uma parte de vós — o observador, a "superalma", o *Atman* — que não é condicionada; mas, visto que pensais nessa coisa, ela está contida na esfera do pensamento e, portanto, condicionada. A tal respeito podem-se inventar dúzias de teorias, mas o fato é que vossa mente está condicionada, de ponta a ponta, tanto a consciente como a inconsciente, e todo esforço que faça para libertar-se é por igual condicionado. Assim, que pode a mente fazer? Ou, melhor, qual é o estado da mente quando sabe estar condicionada e reconhece que qualquer esforço que faça para descondicionar-se é também condicionado? Estou-me expressando claramente?

Agora, quando dizeis: "Sei que estou condicionado" — o sabeis realmente ou trata-se de uma mera declaração verbal? Vós o sabeis com a mesma intensidade com que vedes uma naja? Se vedes uma serpente e sabeis que é uma naja, há ação imediata, não premeditada; e quando dizeis "Sei que estou condicionado", tem isso a mesma significação vital que tem a vossa percepção da naja? Ou trata-se apenas de um superficial reconhecimento do fato, e não da percepção real do fato? Quando percebo o fato de que estou condicionado, há ação imediata. Não preciso fazer nenhum esforço para me descondicionar. O próprio fato de estar condicionado, e a real percepção desse fato, produz imediato esclarecimento. A dificuldade está em que não percebeis realmente que estais condicionado — "não o percebeis", no sentido de que não compreendeis todas as suas implicações, não vedes que todo pensamento, por mais sutil, por mais requintado, por mais filosófico que seja, é condicionado.

Todo pensar baseia-se evidentemente na memória — consciente ou inconsciente —, e quando o pensador diz: "Devo libertar-me do condicionamento", este próprio pensador, sendo um resultado do pensamento, é condicionado, porque a entidade que forceja está também condicionada; por conseguinte, seu esforço produzirá mais condicionamento, apenas um padrão diferente. Percebendo isso por inteiro, a mente se acha num estado não-condicionado, porquanto percebeu a totalidade do condicionamento, sua verdade ou falsidade. Senhores, isso é como ver algo verdadeiro. O próprio percebimento do que é verdadeiro é o fator libertador. Mas esse percebimento requer completa atenção — não uma atenção forçada, não uma atenção calculista, lucrativa, ditada pelo medo ou desejo de ganho. Quando se percebe a

verdade de que tudo o que faça a mente condicionada está também condicionado, cessam todos os esforços dessa ordem; e o percebimento do verdadeiro é que é o fator libertador.

PERGUNTA: Como posso "experimentar" Deus — experiência que dará significação à minha cansativa vida? Sem essa "experiência", que finalidade tem o viver?

KRISHNAMURTI: Posso compreender a vida diretamente, ou devo "experimentar" algo que dê significação à vida? Compreendeis, senhores? Para apreciar a beleza, devo saber qual é a sua finalidade? O amor precisa de uma causa? E se há causa, é amor? Diz o interrogante que precisa ter uma certa experiência que lhe dê significação à vida — e isso supõe que, para ele, a vida, em si, não é importante. Assim, buscando Deus, está em verdade fugindo da vida, fugindo do sofrimento, da beleza, da fealdade, da cólera, da pequenez, do ciúme e do desejo de poder, enfim, da extraordinária complexidade do viver. Tudo isso é a vida, mas ele não a compreende e diz: "Quero descobrir uma coisa superior que dê significado à vida."

Escutai o que estou dizendo, mas não apenas no nível verbal, intelectual, porque, assim, pouco significará. Podeis desfiar uma quantidade de palavras a respeito de tudo isso, ler todos os livros sagrados desta terra, mas isso nenhuma utilidade terá porque não está relacionado com vossa vida, vossa existência de cada dia.

Que é, pois, o nosso viver? Que é essa coisa que chamamos "nossa existência"? Dito muito simplesmente, não filosoficamente, o viver é uma série de experiências de prazer e de dor, e desejamos evitar as dores, enquanto nos apegamos aos prazeres. O prazer que vem do poder, de ser um homem importante no mundo dos importantes, o prazer de dominar a esposa ou o marido, a dor, a frustração, o medo e a ansiedade que acompanham a ambição, a feia adulação do homem importante, etc. — tudo isso constitui o nosso viver diário. Quer dizer, o que chamamos "viver" é uma série de lembranças, dentro da esfera do conhecido; e o conhecido se torna um problema, quando dele não nos libertamos. Funcionando na esfera do conhecido — sendo o conhecido: conhecimento, experiência e a lembrança da experiência — diz a mente: "Preciso conhecer Deus." E, assim, conforme sua tradição, conforme suas idéias, seu condicionamento, ela projeta uma entidade a que chama "Deus"; mas essa entidade origina-se do conhecido, está ainda na esfera do tempo.

Assim, só se pode descobrir com clareza, com verdade, com real experiência, se existe Deus ou não, quando a mente está de todo

livre do conhecido. Por certo, essa certa coisa a que se pode chamar "Deus", ou "a Verdade", deve ser algo totalmente novo, irreconhecível, e a mente que dela se acerca com o conhecimento, com a experiência, está tentando capturar o Desconhecido, ao mesmo tempo que vive na esfera do conhecido — e isso é uma impossibilidade. O mais que a mente pode fazer é investigar se lhe é possível libertar-se do conhecido. Achar-se livre do conhecido é estar inteiramente livre das impressões do passado, do peso da tradição. A própria mente é produto do conhecido, formada pelo tempo, como "eu" e "não eu", que é o conflito da dualidade. Se o conhecido deixar de existir completamente, consciente e inconscientemente — e eu digo, não teoricamente, que existe a possibilidade de ele cessar — então nunca mais perguntareis se existe Deus, porque vossa mente é, em si mesma, imensurável; como o amor, "é sua própria eternidade".

PERGUNTA: Pratico com seriedade a meditação há vinte e cinco anos, e ainda sou incapaz de ultrapassar um certo ponto. Que mais devo fazer?

KRISHNAMURTI: Antes de investigarmos "que mais se deve fazer", não devemos averiguar o que é meditação? Quando pergunto: "Como devo meditar?" — não estou fazendo uma pergunta incorreta? Uma pergunta destas implica que desejo chegar a alguma parte, que estou disposto a praticar um método, a fim de obter o que desejo. É como um homem submeter-se a um exame com o fito de obter um emprego. Por certo, o correto é perguntar o que é meditação; porque a meditação correta dá perfume, profundeza, significação à vida, e, sem ela, a vida pouco significa. Compreendeis, senhores? Saber o que é a meditação correta é mais importante do que ganhar a vida, casar-se, ter dinheiro, bens, porque essas coisas, sem compreensão, são todas destruídas. Assim, a compreensão nascida do coração é o começo do meditar.

Desejo saber o que é meditação. Espero sigais as minhas palavras não apenas verbalmente, mas também em vosso próprio íntimo, porque sem a meditação não se pode conhecer nada da beleza, do amor, do sofrimento, da morte e de toda a amplidão da vida. A mente que diz: "Preciso aprender um método de meditar" é uma mente insensata, porquanto não compreendeu o que é a meditação.

Que é, pois, meditação? Esta própria pergunta não é o começo da meditação? Compreendeis, senhores? Não? Prosseguirei, e veremos. Meditação é processo de concentração em que se força a mente a ajustar-se a um certo padrão? É o que faz a maioria das pessoas que "meditam". Procuram forçar a mente a focar-se numa certa idéia,

porém outras idéias se insinuam; tratam de afastá-las, porém elas de novo se insinuam. E continuam esse jogo por vinte anos seguidos; e quando, afinal, conseguem concentrar a mente numa idéia escolhida, pensam ter aprendido a meditar. Mas isso é meditação? Vejamos o que se implica na concentração.

Quando uma criança está concentrada num brinquedo, que está sucedendo? A atenção da criança absorve-se no brinquedo. Ela não *dá* atenção ao brinquedo, mas o brinquedo é tão interessante que lhe *absorve* a atenção. É exatamente o que sucede convosco ao vos concentrardes na idéia de Mestre, num retrato, ou quando recitais *mantras,* etc. O "brinquedo" vos está absorvendo, e sois um simples joguete do "brinquedo". Pensáveis ser o dono do "brinquedo", mas o "brinquedo" é que é vosso dono.

A concentração implica também exclusão. *Excluís* com o fim de alcançar determinado resultado, como o colegial que forceja para passar num exame. O colegial deseja um resultado proveitoso, obriga-se a concentrar-se, faz um grande esforço para alcançar o que pretende, baseado no seu desejo, no seu condicionamento. E esse processo de forçar a mente a concentrar-se, e que envolve repressão, exclusão, não a torna estreita? A mente que se torna estreita, "dirigida para um só ponto", tem extraordinárias possibilidades, pode conseguir muita coisa; mas a vida não é "um só ponto"; é algo imenso que se deve compreender e amar. Senhores, isto não é retórica, nem verbosidade. Quando sentimos alguma coisa real, a expressão dessa coisa poderá parecer retórica, mas não o é.

Dessarte, concentrar-se não é meditar, embora seja isso o que faz a maioria de nós, chamando-o "meditação". E se concentração não é meditação, que é então meditação? Meditação, sem dúvida, é compreender cada pensamento que surge, e não ficar aferrado a um único pensamento; é abrir a porta a todos os pensamentos, para se compreender o inteiro processo do pensar. Mas, que fazeis agora? Procurais "meditar num só pensamento", numa só "boa imagem", recitar uma só "boa sentença", aprendida do *Gita,* da *Bíblia,* de onde quer que seja; por conseguinte, vossa mente se torna estreita, limitada, vulgar. Já o estar cônscio de cada pensamento que surge, e compreender o inteiro processo do pensar — isso não requer concentração. Pelo contrário, para compreender o processo total do pensar, a mente deve estar sobremodo vigilante e, então, poder-se-á ver que o que chamamos pensar baseia-se numa mente condicionada. Assim, vossa investigação não deve visar a como controlar o pensamento, porém a como libertar a mente do condicionamento. O esforço para controlar o pen-

samento faz parte do processo de concentração, em que o "concentrador" procura silenciar, pacificar a mente, o espírito, não é verdade? "Ter paz de espírito" é uma frase de uso corrente.

Ora, que é "paz de espírito"? Como pode o espírito — a mente — tornar-se quieto, ter paz? Por certo que não é pela disciplina. A mente não pode ser posta tranqüila. A mente que foi posta tranqüila é uma mente morta. Para descobrir o que significa "estar tranqüilo", é preciso investigar todo o conteúdo da mente; e isso significa, com efeito, descobrir o que ela está buscando. O *motivo* da busca será o desejo de conforto, de permanência, de recompensa? Se assim é, essa mente poderá tornar-se serena, mas não encontrará a paz, porque sua serenidade é forçada, baseia-se na compulsão, no medo, e essa mente na realidade não se encontra em paz. Estamos ainda investigando o "processo" total da meditação.

Pessoas que "meditam" e têm visões de Cristo, Krishna, Buda, da Virgem-Maria, ou de quem quer que seja, pensam que estão progredindo maravilhosamente; mas, afinal de contas, tais visões são "projeções" do *fundo* que condiciona essas pessoas. Elas vêem o que desejam ver, e isso, evidentemente, não é meditação. Pelo contrário, meditação é libertar a mente de todo condicionamento, e esse não é um "processo" que nasce num dado momento do dia, quando vos sentais de pernas cruzadas, sozinho, num quarto. Meditação é um "processo" que deve estar sempre ativo, quando passeais, quando tendes medo, quando subis num ônibus; processo que significa observar vossa maneira de falar ao vos dirigirdes a vossa esposa, vosso patrão, vosso criado. Tudo isso é meditação.

Meditação, pois, é a compreensão do "meditador". Se não compreendemos "aquele que medita", que somos nós mesmo, o investigar "como meditar" tem pouquíssimo valor. O começo da meditação é o autoconhecimento, e o autoconhecimento não pode ser colhido num livro, nem se obtém ouvindo um certo professor de psicologia, ou alguém que interpreta o *Gita,* ou qualquer dessas baboseiras. Todos os intérpretes são traidores, porquanto não são "experimentadores originais"; são meros "repetidores de segunda mão" de algo que acreditam que outro experimentou e que crêem verdadeiro. Portanto, cuidado com os intérpretes!

A mente que compreende a si própria é uma mente meditativa. O autoconhecimento é o início da meditação, e, à medida que o fordes penetrando, vereis como vossa mente se tornará de todo tranqüila, não forçada, completamente serena, imóvel — o que significa que não há experimentador a exigir experiência. Quando só há esse estado

de tranqüilidade, sem nenhum movimento da mente, vê-se então que, nele, ocorre "uma outra coisa". Mas não se pode descobrir intelectualmente o que é esse estado; não é possível penetrá-lo por meio da descrição de outro, inclusive eu próprio. O mais que podeis fazer é libertar a mente de seu condicionamento, de suas tradições, da avidez, e de todas as pequeninas coisas que atualmente a sobrecarregam. Vereis então que, sem o buscardes, a mente se torna admiravelmente tranqüila; e, para essa mente, desponta o Imensurável. Vós não podeis ir aonde está o Imensurável, não podeis buscá-lo, não podeis sondar-lhe as profundezas. Só podeis sondar os recessos de vosso coração e de vossa mente. Não podeis chamar a Verdade; ela deve vir a vós. Portanto, não a busqueis. Compreendei vossa própria vida, e a Verdade virá como que no escuro, sem chamado. E descobrireis, então, que existe uma beleza imensa, uma sensibilidade tanto para o feio como para o belo.

31 de outubro de 1956.

SER LIVRE

(Madrasta — I)

Penso que deve interessar muito seriamente a todos nós o que vai pelo mundo, pois vê-se tanta tirania, tanto morticínio em nome desta ou daquela ideologia e que até nas chamadas democracias se acentua lentamente a tendência para moldar a mente humana em conformidade com determinado padrão de pensamento. Por toda parte, nos círculos religiosos e também no mundo político, onde quer que o homem viva, seja na aldeia, seja na cidade mais moderna, encontra-se essa tendência a ajustar-lhe a mente de determinada maneira; e pensamos que, desse modo, se alcançará uma ordem social que não conterá em si o germe da deterioração e da destruição. Estamos fazendo isso há séculos, não é verdade? Pela educação, pelos dogmas e crenças religiosos, pela adoração de um certo deus, pela coerção em todas as formas, esperamos que o homem possa ser condicionado para atuar moderadamente, sem muita exploração, com senso de sociabilidade, e que essa sociedade subsistirá então de maneira ordenada. Desde a antiguidade, têm as religiões do mundo, sucessivamente, moldado o homem para pensar de uma certa maneira, e vemos atualmente os políticos servirem-se de modernos processos psicológicos para controlar-lhe o pensamento. Querem eles a ação coletiva numa base planeada e, assim, procuram adaptar a mente humana a uma certa ideologia, comunista, socialista ou capitalista, esperando que, dessa maneira, vós e eu sejamos levados a viver amigavelmente, em nossas mútuas relações, que constituem a sociedade.

É o que realmente está sucedendo no mundo inteiro. Nas chamadas democracias há mais moderação: podeis ler o que desejais e dizer o que entendeis — dentro de certos limites; mas os jornais, em grande escala, controlam o vosso pensamento e fornecem os preconceitos que devereis nutrir. A literatura que ledes influencia o vosso pensar, e o político, com suas promessas de uma futura utopia, molda-

vos a ação. Assim, as autoridades políticas e religiosas estão moldando a pouco e pouco a mente do homem. Isso é um fato, quer o admitais, quer não.

Eis o verdadeiro estado de coisas, no mundo. Vossa mente é moldada como hinduísta, budista ou socialista; estais condicionados para crer ou para não crer, e mudar simplesmente a forma de crença, abandonando o hinduísmo para vos tornardes cristão, comunista ou o que quer que seja, me parece uma coisa inteiramente fútil — não só fútil, pois é, em verdade, de certa maneira, uma espécie de crime, já que não resolve o problema fundamental. Passamos, meramente, de um palavreado para outro palavreado, e essa mudança das palavras tem, em si, extraordinário efeito na mente. Não sei se já observastes como somos escravos das palavras. Trataremos disso mais adiante, no decorrer destas palestras.

Agora, que deve fazer o homem que percebe exatamente o que se está passando no mundo e realmente deseja descobrir se Deus, a Verdade, é uma realidade ou apenas uma sutil invenção do sacerdote? Afinal de contas, vós e eu somos o resultado do "coletivo", não? E há necessidade de entes humanos completamente libertados do "coletivo", da sociedade, livres de condicionamento, não em certas camadas ou em certos pontos, porém totalmente livres, porque só esses indivíduos podem descobrir o que é Deus ou o que é a Verdade — e não o homem que segue a tradição, o homem que pratica *japam,* que atinge a meta, que cita o *Gita,* e freqüenta o templo todos os dias. São irreligiosos os que assim procedem. Mas o homem que deseja realmente descobrir o que é este extraordinário movimento do viver deve não só compreender o "processo" de seu próprio condicionamento, mas também ser capaz de transcendê-lo; porque a mente só pode descobrir o verdadeiro quando livre de todo condicionamento, e não quando se limita a repetir certas palavras e a citar livros sagrados. Esta mente não é livre.

É, pois, dificílimo, neste mundo, a mente ser livre. O político e o chamado religioso falam sobre a liberdade — é um dos seus temas prediletos; mas põem muito cuidado em que *não* sejais livres — porque, no momento em que fordes livres, sereis uma ameaça à sociedade, à religião organizada, a todas as coisas malsãs existentes ao redor de vós. Só a mente livre descobrirá o verdadeiro, só a mente livre pode ser criadora; e é essencial, numa cultura como a nossa, não se dê importância à observância de um padrão, doutrina, ou tradição, mas, sim, que se permita à mente ser criadora. Mas a mente só pode criar quando está livre de condicionamento, e essa liberdade não se adquire facilmente; é preciso trabalhar muito para alcançá-la. Trabalhais como um

mouro para viver, passais anos e anos "cumprindo ordens" para ganhardes o sustento, sujeitando-vos a insultos, inconveniências, desprezo, subserviência; mais árduo, porém, é o trabalho de tornar a mente livre. Requer bastante discernimento, muita compreensão, um amplo percebimento, em que a mente toma conhecimento de todos os seus obstáculos, barreiras, seus movimentos de automistificação, suas fantasias, ilusões, mitos. Uma vez livre, pode ela começar a investigar, explorar; mas o buscar, sem ser livre, para a mente nada significa. Compreendeis? A mente que aspira a encontrar a Verdade, Deus, a extraordinária profundeza da vida, a plenitude do amor, deve primeiramente estar livre. Nenhuma significação tem para a mente que está moldada, condicionada, aprisionada na tradição, dizer: "Estou buscando a Verdade, Deus." É como um animal amarrado a uma estaca, que não pode ir mais longe do que lhe permite o comprimento da corda.

Assim, se desejamos descobrir que estado extraordinário é esse que se encontra além das fantasias da mente, experimentá-lo deveras, "viver com ele" e conhecer-lhe o inteiro significado, necessitamos, por certo, de liberdade; e a liberdade exige trabalho mais penoso do que em geral estamos dispostos a empreender. Preferimos ser guiados, a descobrir; mas ninguém pode ser guiado para a Verdade. Compreendei, por favor, esse fato bem simples. Nenhum *swami,* nenhum sistema de ioga, nenhuma organização religiosa, nenhuma doutrina ou crença pode conduzir-vos ao descobrimento da Verdade. Só a mente livre pode descobrir. Isso é óbvio, não achais? Não podeis descobrir a verdade a respeito de coisa alguma pelo serdes meramente informados sobre o que ela é, porque então o descobrimento não é vosso. Se sabemos através de outrem o que é felicidade, isso nos torna feliz?

Para descobrirmos o sentido da vida, conhecer-lhe o conteúdo e não apenas as camadas superficiais a que chamamos "viver", estarmos cônscios de suas alegrias, suas extraordinárias profundezas, sua amplidão e beleza, como também a esqualidez, a miséria, a luta, a degradação — para compreendermos o significado de tudo isso nossa mente, é claro, deve estar livre. Se chegarmos a alcançá-lo, então vossa relação comigo e minha relação convosco não se basearão na autoridade. Eu não posso levar-vos à Verdade, nem ninguém mais o pode; cabe-vos descobri-la a cada momento do viver cotidiano. Ela pode ser encontrada no curso de um passeio ou numa viagem de bonde, ao discutirdes com vossa esposa ou vosso marido, quando estais sentados sozinhos ou a contemplar as estrelas. Se souberdes o que é meditação correta, descobrireis o que é verdadeiro; mas a mente que foi "preparada", "educada", como se costuma dizer, condicionada para crer ou para não crer, que se denomina hinduísta, cristã, comunista, budista — essa

mente nunca descobrirá a Verdade, ainda que a busque por um milênio. O importante, pois, é que a mente seja livre; e pode a mente ser livre? Compreendeis o problema, senhores? Só a mente livre pode descobrir o verdadeiro — *descobrir*, e *não* ser informada sobre o verdadeiro. A descrição não é o fato. Quando sentis fome, a descrição do alimento não vos nutre. Mas em geral nos satisfazemos com a descrição da Verdade; e a descrição, o símbolo, tomou o lugar do fato. Para descobrirmos se existe uma realidade ou não, devemos ser capazes de ver o verdadeiro como verdadeiro, o falso como falso, sem esperar que no-lo digam, como se fôssemos um bando de crianças, sem madureza mental.

Assim, para descobrir o verdadeiro deve a mente, em primeiro lugar, estar livre, e o libertar-se é um trabalho dificílimo, mais difícil do que os exercícios da ioga. Estes exercícios apenas condicionam a mente, e só a mente livre pode ser criadora. A mente condicionada pode ser inventiva, conceber novas idéias, novas frases, novos mecanismos, poderá construir um dique, planejar uma nova sociedade, etc.; mas isso não é ação criadora. A força criadora é muito mais do que a mera capacidade de adquirir uma técnica. É porque, dentro da maioria de nós, não existe essa coisa extraordinária que se chama "força criadora", que somos tão superficiais, vazios, insuficientes; e só a mente livre tem a virtude de criar.

Nosso problema é, pois: como libertar a mente? E é possível libertar a mente — não por camadas ou porções, um pedacinho aqui, um pedacinho ali, porém totalmente, de ponta a ponta, tanto o inconsciente como o consciente? Ou a mente está fadada a ser sempre condicionada, sempre moldada? Deveis descobrir por vós mesmos, e não esperar que eu vos diga se a mente pode ser livre. A mente só tem a possibilidade de pensar na liberdade, como o faz o prisioneiro, estando assim condenada a nunca ser livre, a ser perene prisioneira de seu condicionamento?

Compreendeis o problema? Pode a mente ser de todo livre, ou é da sua própria natureza o ser condicionada? Se a qualidade fundamental da mente é o ser limitada, nesse caso está fora de cogitações o descobrir o que é a realidade; podeis, então, continuar a repetir que há Deus ou que não há Deus, que *isto* é bom e *aquilo* é mau — e tudo isso está compreendido no padrão de uma dada cultura. Mas, para descobrirdes a verdade a esse respeito, deveis investigar por vós mesmos se a mente pode de fato ser livre. Eu digo que pode — mas isso não é para aceitardes ou rejeitardes. Isso pode ser verdade, ou pode ser minha opinião, minha fantasia, minha ilusão, e não deveis

basear vossa vida num descobrimento feito por outro, ou numa ilusão, numa fantasia alheia, ou numa mera idéia. Vós tendes de descobrir.

Assim, nossa investigação, no decorrer destas palestras, visará não a como tornar a condicionar a mente, de acordo com um padrão mais nobre, um melhor sistema ou ideologia, como o deseja a maioria das pessoas, porém, antes, a descobrir se é possível libertar de todo a mente. Porque, como vedes, senhores, torna-se necessária uma "explosão criadora" para fazer nascer uma nova sociedade. A simples reforma, dentro do padrão, não é transformação nenhuma. Só há transformação quando nos libertamos do padrão e descobrimos algo novo. Se o que se descobrir terá influência na sociedade — não é isso o que importa. O que é de vital importância é o sermos capazes dessa extraordinária e explosiva força criadora, fora do padrão. Essa "explosiva" força criadora tem sua ação própria, a qual poderá ou não influir na sociedade, mas, certamente, criará uma cultura totalmente nova, uma nova maneira de pensar, independente do padrão. Portanto, não estamos interessados na reforma da sociedade; pelo contrário, nossa investigação visa a descobrir se podemos libertar-nos da sociedade, ou seja, de nosso próprio condicionamento.

Ora, como investigar a verdade relativa a qualquer coisa? Estais compreendendo, senhores? Se estamos seriamente interessados e não apenas apegados a palavras e frases, a um precário modo de pensar, vós e eu desejamos saber como poderemos investigar a questão de se a mente pode ou não pode ser livre. Como empreender essa tarefa? Por certo, um dos fatores essenciais em qualquer espécie de investigação, de indagação, é não pressupor nem postular coisa alguma, não pensar partindo de uma conclusão; porque, se começais a pensar partindo de uma conclusão, isso de modo nenhum é pensar. O pensamento que parte de uma idéia preestabelecida não é pensar, porém simples repetição. Estar livre de conclusões, de pressupostos, é dificílimo; mas esse é o primeiro requisito essencial, assim me parece, da verdadeira investigação. Não podeis investigar de uma base predeterminada, a qual pode ser completamente falsa e, por conseguinte, vossa investigação conduzirá, infalivelmente, a algo igualmente falso.

Assim, podemos, vós e eu, como indivíduos — não como hinduístas, não como habitantes da Índia ou da Europa — iniciar nossa investigação sem pressuposto algum? Não me refiro aos pressupostos implícitos em fatos, tais como amanhã, ontem, o tempo, o alimento, etc., porém aos pressupostos oriundos do estado da mente que exige segurança psicológica: o pressuposto da existência ou não existência de Deus, de que *isto* é bom, *aquilo* é mau, etc. Senhores, para descobrir se há Deus ou se não há Deus, é claro que não devo pressupor

coisa alguma. Se tenho real empenho, se desejo deveras descobrir a verdade relativa a uma certa questão; se ardorosamente pretendo investigar a realidade, compreender seu significado e beleza, ou sua precariedade, sua total inanidade — se desejo conhecer a realidade, como quer que seja ela, minha mente não deve pressupor nada, não achais?

Verbalmente, podereis concordar que nada deveis pressupor; mas abandonareis de fato vossas pressuposições? Porque, se nada pressupondes, que acontecerá? Estareis contra vossa família, vossa sociedade, contra toda espécie de tradição; tereis de ficar sozinho, completamente dissociado dos valores, das idéias que vos foram inculcadas na mente. E tal perspectiva horroriza bastante a vossa mente, porque as idéias, as tradições, os valores lhe proporcionam um sentimento de segurança, de permanência; vosso emprego está baseado em tudo isso, e tendes um interesse psicológico nele. Assim sendo, consciente ou inconscientemente, vossa mente se rebela contra a idéia de ficar completamente *só,* a fim de descobrir. Estar completamente *só* é estar livre de contaminação pela sociedade — a sociedade, que é constituída de inveja, avidez, vaidade, desejo de poder e prestígio, ânsia das coisas mundanas e das chamadas extramundanas — e só essa mente está livre para investigar e descobrir a verdade ou a falsidade daquilo que a supera. Assim, o autoconhecimento é o começo da sabedoria. Nos livros não é encontrável a sabedoria; ela desponta na mente que procura compreender seu próprio mecanismo, e só essa mente pode descobrir a realidade que transcende seus próprios limites.

Em todas estas palestras haverá perguntas e respostas — ou, antes, eu não vou dar respostas às perguntas, mas iremos examinar juntos cada problema.

Ora, porque fazeis uma pergunta? Evidentemente a fazeis com o fim de encontrardes uma resposta. E qual é mais importante, a pergunta ou a resposta? Deveis esclarecer-vos a esse respeito junto comigo. Se a resposta é mais importante, nesse caso a questão não vos interessa realmente, porque estais em busca de uma resposta. Compreendeis, senhores? Vê-lo-eis logo, à medida que formos prosseguindo.

Há um problema qualquer e desejais uma solução para esse problema. Ora, que está realmente sucedendo ao desejardes a solução de um problema? Vossa mente não está dando toda a atenção ao problema. Ela está dividida, distraída pela exigência de solução. Um problema só existe quando a atenção está dividida; mas, quando aplicais vossa inteira atenção ao que se costuma chamar "um problema", ele, o problema, vos dá então sua própria solução, e não tendes necessidade de ir procurá-la fora do problema. Porém, não podeis atentar totalmente para o problema, se estais procurando uma solução.

Não darei, pois, nenhuma resposta. A vida não tem resposta categórica para nada; o que ela vos manda fazer é penetrar o problema, considerar o problema com toda a intensidade, atenção, vitalidade, que lhe puderdes dar. Então, o problema se resolve por si mesmo; ele ainda não se resolveu porque encontrastes uma "solução".

É desta maneira que vamos considerar esta pergunta, e perdereis o seu significado se ficardes esperando uma resposta minha. Digo-vos, logo de começo, a fim de evitar enganos de vossa parte, que não vou dar-vos nenhuma resposta, porém vós e eu vamos investigar juntos o problema.

PERGUNTA: Embora os líderes políticos, os reformadores sociais e os vários santos a condenem incessantemente, a exploração continua a existir nas relações humanas, do mais alto funcionário do governo ao iletrado trabalhador de aldeia. Vós mesmo tendes pregado contra ela nestes últimos trinta anos. Como concebeis ação isenta de exploração?

KRISHNAMURTI: Senhores, podeis estar cônscios deste problema da exploração, ou podeis não cogitar dele, porém ele está bem à frente de vosso nariz e existe em todos os níveis sociais. O homem talentoso — política, religiosa ou cientificamente — explora-me, porque tem capacidades que eu não tenho. Se tenho uma certa instrução e vivo numa pequena aldeia, exploro os analfabetos de lá, e o trabalhador de aldeia explora sua mulher. Ora, que se entende por exploração?

Há a exploração da terra: utilizamo-la, cultivamo-la, cavamos minos, a fim de colher os produtos terrestres para benefício do homem. Esta é uma espécie de exploração. E há a outra espécie, que é a exploração do estúpido pelo inteligente, do fraco pelo forte. O político esperto, o sacerdote sagaz, o líder astuto, o santo perspicaz — todos têm sua idéia de como deve ser a sociedade, sua idéia sobre moral, sobre virtude, e tiram proveito dessa idéia, com sua maneira de viver, sua maneira de falar, etc.; e os estúpidos, os iletrados, os irrefletidos os seguem. Assim, em que nível nos colocamos ao falar de "exploração"? Compreendeis, senhores? Quando um homem diz: "Encontrei Deus; sei o que isso significa" — e ficais muito interessados em conseguir a mesma coisa, não há dúvida que ele vos explora. O chamado líder espiritual supõe conhecer o Mestre e vós não o conheceis, e, assim, o seguis, porque desejais algo que julgais que ele tem, ou algo que ele promete. Por outras palavras, sois explorados "para vosso próprio bem".

Assim, quando um homem "sabe" ou diz que "sabe", e outro diz: "Eu não sei, ensinai-me", não existe exploração na relação

entre os dois? Entendeis, senhores? Quando há instrutor e discípulo, não há exploração? Se digo: "Eu sei, eu experimentei", e vós dizeis que não sabeis, mas desejais ter essa mesma experiência, qualquer que ela seja, não vos colocastes na situação de ser explorados por mim?

Certo, quer se acumulem posses, quer conhecimentos, a coisa é a mesma; só o nível é diferente. E enquanto se verificar o processo de acumulação, tem de haver exploração. O problema, pois, é: se podemos ficar num "estado de aprender" e não num "estado de acumular". Se a vida é para mim um "processo de aprender", não há então exploração, não há divisão de instrutor e discípulo. Então, ambos somos importantes e aprendemos um do outro. Não há então "o de cima" e "o de baixo", o mais espiritual e o menos espiritual, porque então ambos estamos aprendendo e não acumulando.

Por conseguinte, enquanto há acumulação, em qualquer forma, ou seja, ação egocêntrica, tem de haver exploração. Essa ação egocêntrica pode ser desenvolvida em nome da sociedade, ou em nome de Deus, ou pode ser em nome de uma nação ou ideologia, mas é sempre exploração. O político que está "de cima" pensa que sabe o que é bom para toda a Índia. Ele tem poder, prestígio, capacidade, popularidade e, portanto, serve-se de vós, que não sabeis, para pôr em prática suas idéias; e como não tendes a capacidade necessária para estudar, investigar, etc., vós o seguis, simplesmente. Senhores, é isso o que estamos realmente fazendo. Vós sabeis e eu não sei — eis como estabelecemos no mundo uma mentalidade hierárquica, baseada na autoridade. E o interrogante deseja saber como eu concebo a ação de um homem que não está explorando, isto é, que não está acumulando; que pode ter algumas roupas, algumas posses, mas é destituído do espírito de aquisição na forma de bens materiais, idéias ou crença, e que está livre do desejo de engrandecimento pessoal, de todo e qualquer interesse egocêntrico, na vida.

Ora, por que o desejais saber? Por que perguntais como concebo o "estado de ação" isento de exploração? É porque sois indolentes, não é verdade? Quereis ser informados sobre o que é esse estado, quereis examiná-lo, para aceitá-lo ou rejeitá-lo; não quereis *estar* nesse estado. Se vos achásseis nesse estado, não faríeis uma pergunta destas.

Escutai, senhores, por favor. Isto é realmente importante, porque, se o compreenderdes, vos levará a algo prodigioso. Mas, porque sois indolentes, dizeis: "Dizei-me o que significa ser livre de exploração, e eu concordarei convosco ou discordarei de vós." Não desejamos *estar* nesse estado, porque ele exige trabalho penoso, exige investigação,

quebra das atuais condições de exploração, quer no nível mais alto, quer no ínfimo dos níveis. Não desejamos quebrar as presentes condições de exploração; queremos que elas continuem e, no entanto, perguntamos qual é o estado do homem que atua sem exploração. E eu digo: descobri-o, ponde-vos nesse estado, e vereis que ele tem sua ação própria, ação muito mais significativa, muito mais vital e mais rigorosa do que a outra.

Saber o que significa não adquirir, ter o sentimento desse estado, e não apenas a imagem mental suscitada por palavras, é não conhecer nenhum sentimento da própria importância, nenhum sentimento de acumulação; é ser realmente *nada,* interiormente. Embora exteriormente possais ter algumas roupas, algumas posses, todas essas coisas são insignificativas. Sentir profundamente que não estais adquirindo bens materiais, que estais à procura de êxito, que não estais desejando o beneplácito de uma sociedade corrupta; que, psicologicamente, não tendes nenhum interesse em "vir a ser" alguma coisa. Compreendeis? Enquanto estais ocupados em "vir a ser algo", que é processo de aquisição, tem de haver exploração. Podeis falar muito sobre o estado de não-exploração, mas, enquanto houver essa ânsia interior de "vir a ser algo", tornar-se santo, político famoso, rico, ou seja o que for — sendo esta a própria raiz da ação egocêntrica, tem de haver exploração. E esse movimento de "vir a ser algo" é uma das coisas mais difíceis de abandonar, porque para ficar livre dele é preciso compreender o inteiro "processo" do tempo como meio de ascensão para o êxito, pela aquisição de posses, de poder, posição ou saber. Qualquer atividade ou reforma social, como meio de tornar importante o "eu" ou como meio de auto-esquecimento, conduz à exploração.

Se estais seriamente interessado nesta questão e se desejais ardentemente descobrir se a mente pode, em algum tempo, cessar de explorar, então, descobrireis que é possível viver neste mundo sem nada acumular — e isso significa morrer a cada minuto para tudo o que adquiris, para o saber, para a virtude, para as coisas que acumulastes, tanto neste mundo material como no mundo psicológico. Mas, morrer totalmente para todas as coisas — para a experiência, para o saber, para todo o "processo" de aquisição — é árdua tarefa. Significa estar completamente cônscio, inteiramente atento aos movimentos da mente, e isso só é possível quando se observa o "processo" mental em funcionamento, ou seja na ação das relações. Observai como tratais vossos criados, como adulais o patrão, o político importante, o governador, o santo, e o homem tido por "sabedor". Só a mente realmente humilde não está explorando, e a humildade não é coisa que se cultive. Acha-se a

mente no estado de "não-exploração" quando está em silêncio, sozinha, quando não adquire, nem busca êxito, nem galga os degraus da popularidade. Só essa mente pode trazer a sanidade a este mundo tão cheio de crueldade e exploração.

12 de dezembro de 1956.

SOBRE O AMOR

(Madrasta — II)

É sempre difícil a comunicação entre pessoas, principalmente quando se trata de problemas muito complexos, porque cada um fica *escutando,* não ao próprio problema, mas à sua reação ao problema. Como já acentuamos, para se descobrir o que é novo, deve a mente ser livre; e o averiguar o significado pleno da palavra "liberdade", não a mera definição léxica, é muito difícil, porque cada um a interpreta conforme sua fantasia, seu preconceito, consoante sua própria e limitada compreensão, de modo que não sonda realmente as profundezas da palavra. Para compreender o significado da liberdade, não podemos partir de nenhuma suposição, pressuposto ou conclusão, porque então a mente não está livre. Ao me ouvirdes falar agora, por exemplo, já tendes certas idéias, preconceitos, conclusões, e isso significa estardes reagindo segundo o ambiente *(background)* em que fostes criados; não estais escutando o que se está dizendo, mas, sim, a essas conclusões e interpretações e, por conseguinte, não existe real comunicação entre nós. Para que entre nós possa haver comunhão plena e significativa, é óbvio que vós e eu devemos estar livres de qualquer espécie de conclusão, opinião ou crença dogmática.

A mente deve estar livre para escutar, e esta é uma das nossas maiores dificuldades, não achais? Se desejo compreender uma coisa, deve a minha mente abandonar todos os seus preconceitos, conclusões, dogmas e crenças, e isso é dificílimo. Entretanto, este é, evidentemente, o principal requisito de toda investigação: libertar a mente das conclusões ou pressupostos que adquiriu. Não há investigação se começo com uma conclusão, com qualquer espécie de julgamento ou avaliação, porque meu pensar é, então, meramente, um movimento de conclusão para conclusão, e isso de modo nenhum é pensar. Não achais?

Isto, por certo, nos deve ficar bem claro; porque, afinal de contas, que é que estamos tentando aqui? Vós e eu procuramos descobrir juntos a verdade relativa a essa coisa extraordinária chamada "a vida" — não de uma certa parte ou segmento da vida, com sua superficial reação, mas o todo da vida; e para se descobrir o significado da vida, a verdade sobre a sua totalidade, devemos naturalmente começar sem nada pressupor, isto é, com uma mente livre de conclusões. Se vos pressupondes hinduísta, com certos dogmas, opiniões, ou cristão, com idéias muito precisas a respeito da salvação e da maneira de alcançá-la, é claro que esse próprio condicionamento impede a verdadeira busca e o verdadeiro descobrimento. Por conseguinte, só a mente livre pode descobrir se há Deus, a Verdade, pode conhecer o significado do amor, da morte, e dos numerosos problemas que se deparam a cada um de nós.

É óbvio tudo isso, não achais? A mente que deseja descobrir a verdade a respeito de qualquer coisa, especialmente quando se trata de matéria psicológica, compreendendo seu próprio processo, deve começar sem pressuposto algum; não pode pressupor a existência de uma alma, um *Atman,* nem estar apegada a uma dada crença. Deveis começar livremente, pois não podeis investigar se estais amarrados por uma crença. Nosso interesse, por conseguinte, não é o que seja a Verdade, o que seja a Realidade ou Deus, porém, sim, o libertar a mente da crença, da influência, da pressão, do condicionamento, de modo que se torne capaz de descobrir o que é verdadeiro. Temos muitos problemas na vida, não só econômicos, mas tantos outros problemas que surgem nas relações entre um homem e outro, nas relações com idéias e com a natureza; e nunca descobriremos a verdade relativa a tudo isso, se nossa mente está condicionada como comunista, socialista, cristã, hinduísta, budista, ou seja o que for. Necessita-se de uma solução verdadeira para essa descomunal e premente crise que a todos nós se depara; mas a solução verdadeira não depende do tempo, porque o tempo, como o compreendemos, sofreu também uma tremenda revolução, em razão do átomo, em razão dos rápidos progressos tecnológicos, das pressões da guerra, do conflito econômico, etc.; e isso significa que o inteiro processo do nosso pensar a respeito do tempo deve também sofrer fundamental modificação. E para promovermos essa modificação, devemos, evidentemente, libertar nossa mente de seu condicionamento.

Ora, pode a mente liberta-se de seu condicionamento? Este é o real problema, porque, se sois comunista, cristão ou hinduísta, não resolvestes os vossos problemas. Pelo contrário, eles se estão multiplicando com extraordinária rapidez. A questão, por conseguinte, não é de como resolver os inumeráveis problemas, porém, sim, se a mente

pode abeirar-se desses problemas com renovado vigor, com liberdade; porque só a mente livre é capaz de encontrar uma solução, a qual, obviamente, deve ser totalmente diferente das soluções habituais. As soluções que atualmente temos para os problemas da vida não resolveram esses problemas, e o homem que deseja seriamente compreender o significado mais profundo da vida deve interessar-se em libertar a si próprio dos padrões que a sociedade e a religião lhe impuseram. Isso me parece bem claro, mas a dificuldade é que, em geral, nós não admitimos ou não percebemos sua necessidade. Continuamos hinduístas, amarrados pela tradição, ou cristãos, sob o peso de um determinado sistema de dogmas, crenças, por meio do qual estamos tentando compreender o complexo problema do viver.

Assim, pode a mente libertar-se das coisas que a oprimem, das influências da sociedade, a fim de capacitar-se para pensar diretamente, sem ser impelida em direção alguma? Pode ela libertar-se de suas tradições, suas conclusões, das experiências baseadas em seu próprio condicionamento e a que ela chama "conhecimento"? É este, por certo, o verdadeiro problema. Porque o de que se necessita, no mundo, não é de mais planejamento, de mais líderes ou guias espirituais, porém de indivíduos "explosivamente" criadores — *criadores,* não no mero sentido de capacidade inventiva, porém indivíduos possuidores daquela extraordinária qualidade de criação que vem quando a mente está livre das tradições, das avaliações, das imposições de determinada sociedade ou cultura. Só quando cada um de nós for um indivíduo assim, será possível criar-se um mundo novo, uma nova civilização, uma maneira totalmente nova de considerar a vida.

Por certo, investigar se a mente pode ser livre é como fazer sozinho uma jornada pelo desconhecido. Porque, obviamente, a Verdade, a Realidade, Deus, ou o nome que quiserdes, é o Desconhecido; ele não é "propriedade" de nenhum instrutor, não se encontra em livro algum, não pode ser apanhado na rede da tradição. Deveis chegar-vos a ele completamente sós, deveis empreender a viagem sem companheiro, sem Sankara, sem Buda ou Cristo. Só então descobrireis o que é verdadeiro. Mas, em geral, caminhamos acompanhados da lembrança de todas as coisas que nos ensinaram. Fostes ensinados acerca de um certo sistema de idéias, o comunista a respeito de outro, e o cristão a respeito de outro ainda. Tendes certos líderes, instrutores, *gurus,* sacerdotes, ledes assiduamente certos livros que implantaram idéias fixas em vossa mente. Essas idéias fixas são os companheiros com que estais sempre buscando soluções. Mas, indubitavelmente, a solução não pode ser encontrada de acordo com determinado conjunto de idéias, que são, meramente, vossos preconceitos, vosso condicionamento; só

pode ser encontrada quando caminhais totalmente *sós,* sem nenhum companheiro. A Verdade é algo que se precisa descobrir, pois não pode ser chamada nem perseguida, e para descobri-la a mente deve estar livre de seu condicionamento.

Não sei se já refletistes alguma vez neste problema, isto é, se a mente que é resultado do tempo, de associação, que é processo de reconhecimento, de lembranças e tradições acumuladas — se a mente pode libertar-se desse resíduo de memória acumulada, de seu condicionamento hinduísta, cristão, budista ou comunista, e olhar a vida de maneira totalmente nova. Sem dúvida, este é o problema; ou seja, não procurar um novo instrutor, uma nova doutrina, porém descobrir por si mesmo, cada um, se a mente individual pode separar-se da sociedade e ficar completamente só, a fim de descobrir o verdadeiro.

Afinal de contas, que é a sociedade? A sociedade, decerto, são as relações entre homens. Nós criamos a sociedade, somos parte integrante dela, e esta sociedade, por sua vez, nos influenciou, nos nutriu, nos educou; e se não se compreender essa sociedade, isto é, nossas relações mútuas, não seremos capazes de compreender a nós mesmos. Essa sociedade, obviamente, baseia-se na aquisição, na avidez, na inveja, na ambição, na busca de poder, posição, prestígio; ela dá importância ao "ego", ao "eu".

Ora, podemos ficar livres da avidez, da inveja, da ambição, do medo, não parcialmente, parceladamente, porém por inteiro? Pode a mente ser de todo livre das qualidades a que chama avidez, inveja, violência? Se pode, então, no momento em que ela se liberta, nossas relações com a sociedade sofrem uma mudança fundamental, porque já não estamos psicologicamente dependentes dos valores impostos pela sociedade. Isto é, senhores, estar completamente livre da inveja ou do ciúme significa estar livre do complexo problema relativo ao *mais:* mais conhecimento, mais poder, mais capacidade. O "processo" de imitação, o desejo de fama, de êxito, implica comparação: eu sou pequeno e vós sois grandes, vós sabeis e eu não sei. A mente está presa nesse extraordinário "processo" de aquisição, nessa "comparativa" perseguição do êxito, em que se inclui a ambição, com todas as respectivas frustrações e temores.

Mas, pode a mente ficar completamente livre de todo esse processo? Enquanto não ficar, nunca descobrireis o que é a Verdade ou Deus. Podeis falar a seu respeito, mas, então, tratar-se-á meramente de uma palavra "política", para efeito de argumentação. Se a mente não estiver totalmente livre da inveja, não haverá possibilidade de se descobrir o que é verdadeiro; por conseguinte, o homem que deseje seriamente descobrir o verdadeiro deverá interessar-se pelo pro-

blema da inveja. Se começardes a investigá-lo, logo descobrireis que nenhum *guru* pode ajudar-vos a libertar-vos da inveja. Por favor, vede este fato com simplicidade e clareza. Ao apelardes para um instrutor, um *guru,* para que vos ensine como libertar a mente da inveja, dais, evidentemente, mais alento à inveja; desejais realizar algo, ter êxito e, por conseguinte, continuais preso na rede da inveja. A mente que está aprendendo tudo o que se relaciona com o complexo problema da inveja, essa mente aprende por si mesma; não tem nenhum guia, nenhuma filosofia, nenhum sistema, nenhum instrutor. Se tendes um instrutor, um sistema, estais sendo ensinados, e o homem que está sendo ensinado é, fundamentalmente, ávido e, por conseguinte, cessou de aprender. *Aprender* é um processo extraordinário. Quando acumulais conhecimentos, deixas de aprender, porque o que foi acumulado interpreta, e, portanto, impede a continuação do aprender. Não é exato isso? O conhecimento acumulado é um empecilho à continuação do aprender. Percebei isso, por favor, pois, na verdade, é muito simples e essencialmente real.

Afinal, que sois vós, e que fazeis aqui? Se vos colocais na posição de uma pessoa que está sendo ensinada por mim, vossa mente é invejosa, porque aspira ao êxito, em determinado sentido a que chama "espiritual". Só estais interessados em consecução, ganho, em chegar a alguma parte, e isso, essencialmente, é avidez, inveja. Mas se, ao contrário, vós e eu estamos aprendendo sem acumular, nossa relação é então completamente diferente. Compreendeis, senhores? Porque, então, estamos realmente investigando juntos, pesquisando a totalidade da inveja e não, apenas, permanecendo na superfície. E, então, que sucedeu realmente a vossa mente? Já não vos interessam idéias relativas à Verdade, a Deus, à tradição e às compulsões da sociedade, porque sois um ente humano independente, que está investigando, aprendendo, buscando. Acho muito importante perceber isso, porque a tirania se está espalhando pelo mundo; os governos planejam exercer controle cada vez maior sobre a mente dos homens, a fim de torná-los mais eficientes, etc. E, assim, tornando-vos eficientes, poderosos, estais perdendo a capacidade para o pensar "integral", completamente individual, o qual, na verdade, é "pensar explosivo".

Aprender o que é a inveja é o começo da libertação da inveja. Aprender o que é a inveja não significa acumular conhecimentos a respeito dela, porém, sim, observar todos os movimentos da mente, ao se manifestarem, momento por momento, e isso significa estar cônscio das reações da mente ao ver um homem rico, ou um homem inferior, ou um homem muito feliz ou muito erudito. A mente que, dessa maneira, está observando, consciente e inconscientemente, os

seus próprios movimentos, acha-se num "estado de aprender", e a mente que está aprendendo não tem passado; por conseguinte, a idéia de *karma*, no seu todo, como elemento compulsório, se extingue completamente. Mas, quando acumulais conhecimento, como meio de obter mais êxito, ou como meio de vos tornardes importante, estais presos no tempo. O homem que realmente experimentar, aprender, estará completamente só, mas não no sentido de isolado; porque a mente desse homem é pura. Compreendeis, senhores? A pureza da mente é essencial ao "estado de aprender", e isso significa que não se pode aprender quando não há humildade; e não tendes humildade, se estais acumulando conhecimento.

Se percebemos realmente essa verdade, isto é, que só é possível o "estado de aprender" quando não há acumulação de conhecimento, descobriremos, então, que nossa relação, não só entre nós mas também com o resto do mundo, se modificou completamente. Torna-se, então, existente um elemento totalmente novo e deixa de existir todo o problema de "superior" e "inferior". Há evidentemente pessoas dotadas de capacidade maior do que outras, mas não é a essa espécie de desigualdade superficial que me estou referindo. O homem que está aprendendo não conhece igualdade nem desigualdade; por conseguinte, o aprender é um "processo" de meditação que liberta a mente do passado, do saber acumulado. Se estais aprendendo o que significa o vosso condicionamento, já vos livrastes desse condicionamento. É só a mente que empreende a viagem sozinha, sem companheiro, sem instrutor, sem tradição alguma, sem dogma ou crença — só essa mente é pura e, por conseguinte, capaz de descobrir o que é verdadeiro.

Tenho várias perguntas para responder; mas o que realmente importa é a nossa compreensão do problema, e não a solução. Se compreendo o problema, não peço nenhuma solução. A compreensão do próprio problema, resolve o problema. Por favor, senhores, vede por vós mesmos este simples fato, isto é, que a solução está no problema e não fora do problema. A solução não se encontra "no fim do livro", não pode ser dada por nenhum instrutor ou líder, pois isso é puro contra-senso. Mas se vós e eu pudermos considerar o problema de maneira total e perceber sua natureza íntima, todo o seu mecanismo íntimo, então esse próprio percebimento do problema resolve o problema; e é dessa maneira que vamos considerar estas perguntas. Se estais esperando uma resposta de minha parte, ficareis desapontados, porque não estou interessado em nenhuma resposta. Se eu vos desse uma resposta, ficaríeis em condições de refutá-la, aceitá-la, argumentar a seu respeito, etc., e tudo isso é extremamente fútil. Isso é jogo político, apropriado para os jornais. Mas, se desejais descobrir a

verdade relativa ao problema, deveis investigá-lo com seriedade, e, por conseguinte, vossa mente não deve estar interessada em solução. Só a mente que não está interessada em solução pode dar inteira atenção ao problema. Se percebeis este fato simples, passemos à pergunta:

PERGUNTA: Há ação na forma de legislação, no nível governamental; há ação sob o aspecto de reforma, no nível de Gandhiji e Vinobaji; e há ação em conformidade com os diferentes tipos de instrutores religiosos. Parece-me que todas essas formas de ação "puxam" em diferentes direções e que o indivíduo, seduzido pelas promessas de cada uma delas, se vê envolvido em conflito interior. Que considerais como ação correta, não produtiva de tal contradição?

KRISHNAMURTI: Evidentemente, cada governo tem seu plano qüinqüenal ou decenal, porque precisa alcançar certo resultado econômico, alimentar milhões, etc. Essa é uma espécie de ação. Em seguida, temos os vários reformadores relígio-sociais, cada um deles advogando um certo sistema de pensamento e ação e prometendo certos resultados; e o interrogante diz que ficamos em conflito, vendo-nos arrastados em diferentes direções pelas promessas desses líderes.

Ora, isso é exato? Vós, como indivíduo, estais sendo "arrastado" em diversas direções pelas promessas e atividades dos políticos e reformadores relígio-sociais, ou sois vós mesmo que estais criando essas "pressões" contraditórias? O governo tem de controlar vossas ambições, vossa avidez, vossa inveja, vossa crueldade e, por conseguinte, tem de traçar planos, impor pesados impostos, etc. Assim, fostes vós e não o governo quem criou a contradição. Criastes também o reformador relígio-social, com suas promessas, porque não sois capaz de "viver totalmente" como indivíduo. Interiormente, vos vedes arrastado em diferentes direções. Desejais uma economia dirigida e ao mesmo tempo desejais ser livre; sois sobremodo ávido, violento, brutal, corrupto, e simultaneamente falais de Deus, de amor, de Verdade, paz — e quejandos. A contradição, pois, existe em vós mesmo, e isso se torna bastante óbvio quando o examinais. Há em vós esse impulso em diferentes direções. Desejais uma sociedade em perfeita ordem, e a tereis. O estado socialista *(wellfare state)*, que inevitavelmente supõe burocracia, se encarregará de controlar vosso pensar, vosso sentir, vosso agir, exatamente como a atual sociedade vos controla de diferente modo, estimulando-vos a ser ávido, a ser invejoso.

É, pois, um fato que existem atividades contraditórias em cada um de nós e dentro da sociedade, a qual é a "projeção" de nós mesmos. As atividades se dividem em religiosas, políticas, reformatórias, educativas, científicas, sexuais, etc. Identificamo-nos com uma certa forma

de atividade que porventura, no momento, nos é conveniente, proveitosa, e o líder de cada uma dessas atividades pensa possuir a solução. Compreendeis, senhores? O político pensa que *ele* tem a solução, independentemente dos restantes problemas humanos, e assim também pensa o reformador relígio-social. Cada um deles tem certas idéias, preconceitos, baseados em seu especial condicionamento, cada um tem seu plano ou maneira de vida, cada um diz: "*Isto* é certo, *aquilo* é errado"; e vós, como indivíduo, com vossas próprias paixões, vossa luxúria e avidez e ambição, escolheis entre eles o guia que preferis seguir. Tal é o vosso estado atual, não? É o que está acontecendo, interior e exteriormente. E alguém me interroga sobre qual é a ação correta.

Ora, esta pergunta é falsa, sem dúvida nenhuma. Se eu lhe disser qual é a ação correta e ele a aceitar, estaremos apenas criando mais um líder, mais uma autoridade, mais um pernicioso padrão de pensamento. Estou falando sério; portanto, não riais: isso é sumamente sério. Já tendes bastantes padrões, *gurus* e líderes políticos; por que acrescentar mais um à lista? Mas, se de fato perceberdes que, interiormente, sois contraditório, puxado para diferentes partes, cada parte com sua respectiva atividade e seu respectivo líder, nessa "projeção" de nós mesmos que é a sociedade; se seriamente refletirdes sobre esse fato, mesmo por minutos, e vos interrogardes acerca do que é correto, sabereis a resposta e não vos deixareis seduzir por promessas econômicas ou relígio-sociais.

Assim, qual é ação correta? Eu não vo-la direi, mas vós e eu podemos examinar e averiguar juntos. A questão, por certo, não é qual seja a ação correta mas, sim, se é possível uma ação que seja total e, portanto, verdadeira em todas as circunstâncias e não apenas em esporádicos momentos. Senhores, conhecemos em algum momento uma ação total, ou conhecemos apenas uma série de ações separadas que procuramos unir, esperando dessa maneira encontrar a totalidade? Estais ficando cansados?

Estamos tentando descobrir qual é a ação total que atenderá corretamente a todos os problemas — políticos, religiosos, sociais e morais. Ora, por certo, só a ação total é verdadeira em todas as circunstâncias, e não o é qualquer atividade separada, com suas idéias limitadas, seus líderes, etc., e que cria inevitavelmente mais uma contradição. Agora, como iremos averiguar qual é a ação total? Entremos com vagar na questão. Quando atuais como um todo, como ente humano total — se alguma vez o fazeis? Não respondais, por favor. Isto aqui não é uma discussão. Deixai-me explaná-lo, mas não para memorizardes o que vou dizer e mais tarde, voltando para casa, especular a seu respeito; isso é insensato. Nós estamos aprendendo juntos.

Conheceis uma ação total em algum momento de vossa vida? E que entendemos por "ação total"? Por certo, só há ação total quando todo o vosso ser — vossa mente, vosso coração, vosso corpo — está integrado nela, sem divisão ou separação. E quando sucede isso? Acompanhai-me, senhores, com vagar. Quando sucede tal coisa? A ação total só se verifica quando há atenção completa, não é exato? E que se entende por atenção completa?

Vede, por favor, que estou pensando essas coisas enquanto prossigo, não as estou repetindo de memória. Estou observando, aprendendo. De modo idêntico, deveis observar vossa própria mente e não simplesmente escutar minhas explicações verbais. Que se entende por "atenção"? Quando a mente se concentra num objeto, isso é "atenção"? Ao dizermos: "Devo olhar *só* esta coisa e eliminar todos os outros pensamentos", isto é atenção? Ou é um processo de exclusão e, por conseguinte, não é atenção? Nesta, decerto, não há esforço, não há objeto em que nos concentramos. No momento em que tendes um objeto para nele vos concentrardes, esse objeto se torna mais importante do que a atenção. O objeto é então meramente um meio de absorção de vossa mente; ela se absorve numa idéia, assim como uma criança se absorve num brinquedo, e nesse processo não há atenção, mas exclusão.

Tampouco há atenção quando existe algum "motivo", é óbvio. Só quando não há nenhum motivo, nenhum objetivo, nenhuma compulsão de qualquer forma que seja, só então há atenção. E conheceis *esta* atenção? Não estou dizendo que deveis experimentá-la ou aprender algo a seu respeito por meu intermédio; mas, conheceis a qualidade dessa atenção, o sentimento de uma mente que não é compelida a concentrar-se, que nenhum objetivo tem para alcançar e, por conseguinte, é capaz de atenção sem "motivo"? Compreendeis, senhores? O importante não é como consegui-la, porém sentir realmente a qualidade da atenção completa, ao mesmo tempo que me ouvis.

Ora, quando se verifica a atenção completa? Por certo, só quando há amor. Havendo amor, há atenção completa. Não há necessidade de nenhum "motivo", nenhum objetivo, nenhuma compulsão: ama-se, simplesmente isso. Só quando há amor, há inteira atenção e, por conseguinte, ação total com referência aos problemas políticos, religiosos e sociais. Mas nós não temos amor; tampouco os líderes políticos, os reformadores sociais e religiosos estão-se importando com o amor. Se estivessem, não falariam de meras reformas, nem criariam novos padrões de pensamento. O amor não é sentimentalidade, não é emocionalismo, nem devoção. É um "estado de ser" lúcido, são, racional, incorrupto, do qual procede a ação total, a única que pode dar a verdadeira solução a

todos os nossos problemas. É por não terdes amor que procurais uma falsa transformação; na periferia fazeis reformas, mas o coração está vazio. Só sabereis atuar totalmente quando souberdes o que significa amar.

Senhores, desenvolvemos a nossa mente, somos o que se chama "intelectuais", e isso significa que estamos cheios de palavras, de explanações, de técnicas. Somos polemistas, sutis argumentadores e controversistas. Enchemos o coração com as coisas da mente, e eis por que nos achamos num estado de contradição. Mas o amor não é facilmente encontrável. Tendes de trabalhar muito para o alcançardes. O amor é difícil de compreender — *difícil* no sentido de que, para compreendê-lo, é preciso saber *onde* é necessária a razão, e acompanhar a razão até onde seja possível, e ao mesmo tempo conhecer-lhe as limitações. Isso significa que, para alcançar o que é o amor, necessita-se de autoconhecimento — não o conhecimento de Sankara, Buda ou Cristo, que se colhe em certos livros. Esses livros são apenas livros, e não revelações divinas. A revelação divina só se verifica no autoconhecimento; e podeis conhecer-vos não pelo padrão de certo psicólogo, mas tão-só pela observação de como está funcionando o vosso pensamento, isto é, pela observação de vós mesmo, momento por momento, quando entrais num ônibus, quando conversais com vossos filhos, vossa esposa, vosso criado.

Assim, se vos conhecerdes, sabereis o que significa amar, e daí procede a ação total, a única ação verdadeiramente boa. Nenhuma outra ação é boa, por mais inteligente, mais vantajosa e mais reformadora que seja. Mas, para amar, necessita-se de imensa humildade — e isso significa *ser humilde,* apenas, e não cultivar a humildade. Ser humilde significa ser sensível a tudo em derredor, não só ao belo mas também ao feio; ser sensível às estrelas, à calma do entardecer, às árvores, às crianças, à aldeia sórdida, ao criado, ao político, ao motorneiro. Vereis então que vossa sensibilidade, que é amor, tem solução para os muitos problemas da vida, porque o amor é a solução de todos os problemas criados pela mente.

O amor pode ser encontrado por cada um de nós, diretamente, e não aos pés de um *guru,* ou dentro de um livro. Achamo-lo quando estamos *sós,* porque ele é incorrupto, puro, e para alcançá-lo devemos estar despojados da avidez, da inveja, de todas as coisas estúpidas da sociedade, que tornaram a mente pequenina, vulgar. Há então uma ação total, e essa ação total é a solução dos problemas humanos, pois nenhuma solução trazem as atividades separadas do reformador, do planejador e do político.

16 de dezembro de 1956.

DA BUSCA SEM CAUSA

(Madrasta — III)

Parece-me que uma das coisas mais difíceis é separar o pensar e a ação individual do pensamento e da atividade coletiva; entretanto, é de essencial importância libertar a mente, o inteiro processo de pensar, do "coletivo", sobretudo agora, quando o coletivo está tendo um papel tão compulsório em nossa diária existência. No mundo inteiro, todos os meios estão sendo empregados para dominar a mente do indivíduo. Não só os comunistas, mas também todas as classes de pessoas religiosas se mostram ansiosas por moldar a mente humana; e à medida que cresce a eficiência governamental, à medida que se universaliza a chamada educação e em todos os sentidos se expandem os progressos técnicos, o pensamento vai sendo moldado cada vez mais em conformidade com o padrão de uma dada cultura.

Quase todos nós somos resultado do "coletivo". Não há pensar individual. Não estou empregando a palavra "individual" em oposição a "coletivo". Penso que a individualidade é completamente diferente da coletividade e tampouco é uma reação ao "coletivo"; mas, pela maneira como estamos atualmente constituídos, a individualidade como coisa inteiramente separada do "coletivo" não existe. O que chamamos "individualidade" é apenas uma reação, e reação não é ação total. Toda reação produz mais limitação, condiciona mais ainda a mente.

Não emprego, pois, a palavra "individualidade" no sentido de "oposição ao coletivo"; estou-me referindo a um estado mental totalmente independente, dissociado do processo coletivo de pensar. O pensar, como hoje o conhecemos, é quase uma reação ao "coletivo"; e quer-me parecer que, em face da crise atual, desse imenso desafio, com seus inumeráveis problemas de fome, miséria, guerra, horrível brutalidade, nenhum valor tem a reação de caráter coletivo. O "coletivo" só pode reagir consoante o velho condicionamento, o velho padrão de

pensamento; o importante, decerto, é que se verifique o despontar da individualidade, a qual é exterior à atual estrutura social e não faz parte do padrão coletivo de pensamento, com seus dogmas e crenças, quer comunistas, quer da chamada religião.

Não sei se estais bem cônscios desse extraordinário desafio que se apresenta a cada um de nós e que requer uma nova maneira de considerar, uma nova maneira de atuar em relação a ele. Pode-se ver que a velha reação coletiva não se tem mostrado adequada e que essa maneira inadequada de reagir cria novos problemas — e é isso o que realmente sucede no mundo nos tempos presentes. Nosso problema, portanto, é descobrir se a mente, resultado do coletivo, pode libertar-se e tornar-se individual — mas não no sentido de reação, de revolta contra o coletivo, porquanto tal revolta é evidentemente um "processo" adicional de condicionamento segundo um diverso padrão. Pode a mente, pela compreensão do "coletivo", pelo investigar, pesquisar o seu inteiro processo, dissociar-se do coletivo e, com essa profundeza de compreensão, promover, não intelectual porém realmente, ação imediata? Pode a mente libertar-se e atuar como individualidade total? Não estou empregando a palavra "individualidade" na acepção comum, ou seja, significando um indivíduo que se opõe ao coletivo, um indivíduo egocêntrico, interessado unicamente em sua própria atividade, seu próprio gozo, seu próprio sucesso.

Este problema vos concerne, não é verdade? Não vo-lo estou inculcando. Se estais razoavelmente cônscios dos acontecimentos mundiais, cônscios das compulsões e pressões sociais a que estais sujeitos, essa questão tem de surgir inevitavelmente. Pode a mente libertar-se do "coletivo", ou seja, de seu próprio condicionamento? Libertar-se do coletivo não é simplesmente questão de jogar fora vosso passaporte ou de renunciar verbalmente a determinado estado mental; significa libertar-se de todo o conteúdo emocional de palavras tais como "hinduísta", "budista", "cristão", "comunista", "hindu", "russo", "americano", etc. Podeis despojar a mente da etiqueta verbal, mas lá fica um certo "conteúdo íntimo", um íntimo sentimento de ser algo, numa determinada cultura ou sociedade. Sabeis o que quero dizer. Um homem reage como cristão, comunista, hinduísta, porque foi educado num certo ambiente, com uma perspectiva superficial, limitada; e essa reação "coletiva" é o que chamamos "nosso pensar".

Já que me estais escutando, deixai-me sugerir-vos e escuteis sem nenhuma idéia de refutar, defender, concordar ou discordar. Estamos procurando esclarecer juntos o problema. Sendo o problema imenso, para compreendê-lo temos de pensar claramente e com grande profundeza de sentimento. Assim, peço-vos não escuteis simplesmente a minha

descrição, mas, se o puderdes, observeis, por meio dela, o funcionamento de vossa própria mente. Vereis então quanto é difícil pensar de maneira totalmente nova, isto é, não pensar em termos de hinduísmo, budismo, cristianismo ou o que quer que seja. E se vos rebelais contra o padrão do hinduísmo apenas para cairdes noutra gaiola a que chamais "budismo", isto ou aquilo, neste caso a mente está ainda condicionada.

Vemos, pois, que vossa mente resulta do "coletivo". Ela reage, não como "indivíduo", no sentido em que estou empregando a palavra, porém como expressão do "coletivo", o que significa que está agrilhoada pela tradição, pelo inteiro processo de condicionamento. Vossa mente está sob o peso de certos dogmas, crenças, rituais, a que chamais religião, e com esse *fundo (background)* tenta reagir a algo essencialmente novo e vital. Mas só a mente que está livre de seu *fundo* pode corresponder de todo ao desafio, e só essa mente é capaz de criar um novo mundo, uma nova civilização, uma maneira de viver inteiramente nova.

Ora, pode-se libertar a mente de seu *fundo,* que é o "coletivo", não em reação, oposição, mas por se perceber a imperiosa necessidade de uma mente que não seja um mero mecanismo de repetição? Espero estar tornando claro o problema. Atualmente, somos o resultado do que nos foi ensinado, não é verdade? Eis um fato óbvio. Desde a infância ensinaram-nos a crer ou a não crer em algo, e nós repetimos tal ensino; e se não se trata da repetição das coisas velhas a que estamos presos, trata-se então da repetição das mesmas coisas em forma nova. Quer viva no mundo comunista, no mundo socialista, quer no mundo hinduísta, esse centro que chamamos "eu", "ego", é o "processo" de repetição e acumulação próprio do "coletivo".

O problema, pois, é de saber se esse centro pode ser "dinamitado", de modo que nenhum outro centro possa formar-se e surja uma ação que seja total e não simples atividade do "eu". Afinal de contas, a mente é agora um processo de atividade egocêntrica, de tradição, não achais? Vós sois hinduísta, muçulmano, cristão ou budista, ou podeis pertencer a seita mais moderna; mas o centro de vosso pensar é um processo de acumulação, seja em termos de tradição, seja em reação ao coletivo, ou, ainda, é moldado por experiências baseadas em seu próprio condicionamento. Senhores, tudo isso poderá parecer muito difícil, mas não é. Se observardes vossa mente, vereis como é realmente simples.

Que é o centro do pensar, o "eu"? Ou, antes, prefiro não chamá-lo "eu", "ego", "eu superior" ou "eu inferior". O que há é só o

centro. Este centro é um mecanismo de pensar oriundo da tradição e, obviamente, ele reage a todo desafio em termos de seu próprio condicionamento, baseado na segurança, no medo, na avidez, na inveja, etc. Se sois político, pensais em termos de nacionalidade, atuais por várias e vantajosas razões, e essa é a vossa reação a uma situação mundial que requer, não ação relacionada com um determinado segmento do mundo, porém uma ação total, um ponto de vista perfeitamente humano, todo de amor e profunda compreensão. Nega-se tudo isso quando se pensa como nacionalista, quando a mente está limitada pela tradição.

Sendo assim, pode a mente libertar-se da tradição? E, se pode, como empreender esse trabalho? Não sei se já pensastes neste problema alguma vez. Se o fizestes, provavelmente pensastes nele nos termos tradicionais, ou seja, lutando para vos libertardes do "ego", pela sublimação, pela disciplina, pelo controle, pelo preenchimento em diferentes formas, etc. Mas há talvez outra maneira de considerar a questão, a saber: Pode a mente conhecer diretamente a natureza desse centro que se dividiu em "superior" e "inferior", em *Atman* e "eu" pessoal? Esse centro se coloca em diferentes níveis e chama a si próprio por diferentes nomes, pensando existir uma entidade permanente acima e além do impermanente; mas é falsa essa idéia de um centro impermanente pensar numa entidade permanente, pois, sem dúvida, o impermanente não pode criar um estado permanente. Podeis conceber um estado permanente e em torno dele construir todas as vossas teorias, toda a vossa maneira de pensar; mas a idéia de permanência é também impermanente, sendo mera reação à impermanência da vida.

Amanhã podeis já não existir. Vosso pensar, vossa casa, vossa conta bancária, vossas virtudes — tudo isso é impermanente. Vossas relações com a natureza, com vossa família, com idéias, acham-se num estado de fluidez, de constante movimento; tudo é transitório, e a mente, cônscia disso, cria algo a que chama permanente. Mas o próprio pensamento que cria o "permanente" é também impermanente; por conseguinte, o que cria só pode ser impermanente. Isto não é simplesmente uma conseqüência lógica; é um fato indiscutível, tão visível como este microfone. Mas a mente que foi educada, treinada para fugir da vida para o chamado permanente, é incapaz de pensar de maneira nova e, por conseguinte, está sempre em batalha com tudo o que é novo.

Estou falando sobre aquele centro que pensa num estado permanente, que pensa em Deus ou na Verdade, e que também conhece a atividade diária de dor e prazer, de ambição, avidez, inveja, e desejo de poder, prestígio. Tudo isso constitui o centro, seja vastamente am-

pliado, seja limitado a uma pequena família de Mylapore. E é possível esse centro terminar? Vede, por favor, que, a menos que termine esse centro, conhecereis sempre a impermanência e o sofrimento, por mais que presumais saber que existe uma permanência, porque assim diz o livro. Os livros podem estar enganados, e provavelmente estão, inclusive o *Gita,* a *Bíblia,* etc. Cabe-vos, pois, como indivíduo, pensar neste problema como se o estivésseis investigando pela primeira vez e como se nunca ninguém vos tivesse dito coisa alguma a seu respeito. Porque, qual é o fato real, qual é a realidade, até onde a conheceis? Existe esse centro que é ávido, invejoso, vão, que busca poder, posição, prestígio, e que constitui a totalidade da existência humana. É só isso que sabemos. Ocasionalmente há um relâmpago de alegria, um movimento de algo não fabricado por vós; mas o funcionamento daquele centro é a atividade primária da maioria dos entes humanos.

Vós e eu vamos agora viajar nesse centro, sem saber aonde a viagem nos levará. Se já sabeis aonde ela levará, já preconcebestes o ponto de chegada, o qual, por conseguinte, não será o Real. A mente limitada, ainda a mais instruída e apta a discutir eruditamente, é incapaz de buscar algo totalmente novo. O que pode fazer é apenas "projetar" suas próprias idéias ou provocar um estado "devocional" ou extático. Estamos, portanto, entrando num mar desconhecido, e cada um tem de ser seu próprio capitão, piloto e marujo. Cada um, por si, tem de ser tudo. Não há guia, e esta é a beleza da existência. Se tendes companheiros e guias, nunca viajais sozinhos e, portanto, não estais fazendo viagem nenhuma. Essa viagem é um "processo" de autodesconhecimento e, se começardes a compreendê-la, vereis a extraordinária relação que ela tem com vossa presente existência.

Assim, só podereis fazer essa viagem quando começardes a compreender-vos, quando começardes a compreender a natureza de vossa própria mente, a penetrá-la, passo a passo. E não podereis ir longe, se condenardes, se avaliardes o que descobrirdes. Ao condenarmos uma coisa, pomos fim ao pensar, não é verdade? Se digo que sois um sábio ou um tolo, evidentemente, cessei de pensar. Para inquirir, penetrar as profundezas de um pensamento ou uma emoção, desdobrá-los, não deve haver julgamento ou avaliação em sentido algum. Temos de acompanhar-lhes o movimento; e essa investigação do "eu", do *centro,* é meditação. A prática de se pôr a um canto a contemplar uma imagem, e a que chamais meditação, é uma coisa falsa, não é meditação. É auto-hipnose. A verdadeira meditação é essa investigação do extraordinário processo do pensar, a fim de descobrirmos até que ponto o pensamento alcança e se há cessar do pensamento.

Se eu vos dissesse que se pode fazer cessar o pensamento, perguntaríeis: "Como posso alcançar esse findar do pensamento?" — e esta é uma pergunta infantil. O importante é descobrir a natureza do *centro,* penetrá-lo e descobrir todo o processo do pensar, por vós mesmos e não de acordo com outro qualquer; e nesta viagem não podeis levar nenhum companheiro. Nem esposa, nem marido, nem filho, nem *guru,* nem livro algum pode ajudar-vos. Essa viagem deve ser empreendida completamente a sós, e não há nenhuma espécie de organização religiosa que possa ajudar-vos. Embora essas organizações se denominem espirituais, são exploradoras. Não estou voltando ao meu assunto favorito; mas não rejeitais prontamente o que estou dizendo. As organizações religiosas só servem para condicionar mais ainda o homem; por conseguinte, são essencialmente exploradoras, embora operem em nome de Deus, da Verdade, etc., etc.

Assim, para empreenderdes essa viagem, deveis libertar-vos, logo de partida, de todas as organizações religiosas, de toda tradição. E eu vos asseguro que isso é muito difícil, porquanto exige, não simples revolta, mas grande soma de atenção, reflexão e investigação. No processo da investigação, vereis surgir dificuldades de todo gênero — medo, insegurança, incerteza — e, porque não somos capazes de enfrentá-las, pomo-nos em fuga e vamos falar a respeito de Deus e da Verdade. Porém, para o homem que está séria e realmente interessado, o empreender dessa viagem traz solidão, que não é isolamento, porquanto ele conhecerá uma relação bem mais importante do que a relação atualmente existente, a qual não é relação nenhuma. Porque compreendeu o *centro* e não está transferindo esse centro para um diferente nível de consciência, a mente, nesse estado de solidão, é capaz de ação individual total — individual no sentido de não estar relacionada com determinada sociedade ou cultura. Essa mente se torna silenciosa, de todo tranqüila, e nessa própria tranqüilidade há um movimento extraordinário, movimento não por ela gerado. Esse movimento desprovido de *centro,* sem direção ou objetivo, é criação; esse movimento é o real, transcendente às medidas do tempo e do homem.

Agora, senhores, como expliquei há dias, na vida só há perguntas e nenhuma resposta; é deveras relevante compreender isto. A mente que busca resposta não se acha interessada na pergunta. Só quando vossa mente está mesmo interessada no problema — e isso significa que não está sendo distraída pelo desejo de solução, ou pelo reagir à sua maneira ao problema — é só então que lhe dais atenção completa; e quando derdes total atenção ao problema, vereis que ele sofrerá fundamental transformação. Já não é um problema, tem uma qualidade inteiramente nova. Isso requer uma mente capaz de seguir

o problema até ao fim; mas não podeis seguir o problema até o fim se estais buscando solução, ou se a mente, de alguma forma, traduz o problema em termos de seu próprio desejo.

PERGUNTA: Para se compreender o que estais ensinando, não há necessidade de certa dose de treinamento disciplinar?

KRISHNAMURTI: Achais que há? Que se entende por disciplina? Conheceis o significado comum dessa palavra: controlar, subjugar, forçar o pensamento, pelo exercício da vontade, a ajustar-se a um padrão mais nobre. A disciplina supõe resistência, moldagem da mente, retenção do pensamento numa certa direção, etc. Tudo isso e mais ainda está implicado na disciplina. Na disciplina há divisão, ou seja, "aquele que disciplina" e "aquilo que é disciplinado" — e por isso existe conflito perene, conflito que aceitamos como coisa normal, uma sã maneira de vida. Para mim, isso é puro contra-senso.

Pergunta o interrogante: "Uma certa dose de treinamento disciplinar não é necessária para se compreender o que estais ensinando?" Se gostais de fazer uma coisa, é necessário vos disciplinardes para a fazerdes? Se estais realmente interessado no que estou dizendo, precisais de disciplina? Precisais exercitar vossa mente para prestar atenção completa, para escutar com sentimento profundo? Esse próprio escutar é o ato de compreensão — mas vós não estais interessado. Este é que é o verdadeiro problema: Não estais interessado. Não quero dizer que devais estar. Mas, fundamentalmente, sois superficial; desejais uma fácil maneira de vida, desejais "tocar para a frente". É sobremodo aborrecido pensar com profundeza; e, além disso, poderíeis ter de atuar profundamente, poderíeis ver-vos numa revolta total contra esta sociedade corrompida. Assim, fazeis o jogo que vos agrada, ficais "com um pé cá e outro lá", vacilando e perguntando: "Devo disciplinar-me a fim de compreender?" Mas, se verdadeiramente investigásseis o que estou ensinando, o acharíeis muito simples; e podeis fazê-lo sozinho, sem ajuda de ninguém, nem de mim mesmo. O que vos cabe fazer é apenas compreender o funcionamento de vossa própria mente — desse coisa maravilhosa que é a mente: a mais bela coisa do mundo!

Mas não estamos interessados nisso. O que nos interessa é o que a mente pode obter para nós em matéria de segurança, paixão, poderio, posição, conhecimento — que são os vários centros de interesse egoísta. E digo-vos: observai o funcionamento de vossa própria mente, penetrai-a, compreendei-a, e isso podeis fazer sozinho. Atentai para vossas relações diárias com pessoas, para a maneira como falais, a

maneira como gesticulais, vossa busca de poder, como vos portais diante do homem importante e diante do serviçal. Observar esse "processo de vós mesmo" no espelho das relações — eis a única ação necessária. Nada precisais fazer em relação a ele: basta observá-lo. Se observardes, se penetrardes o "processo de vós mesmo" sem condenação, descobrireis que a mente se tornará sobremodo penetrante, clara e destemerosa; por conseguinte, será capaz de compreender problemas humanos, tais como a morte, a meditação, os sonhos, e as muitas outras coisas que se lhe apresentam.

Não se necessita, pois, de nenhum treinamento especial. O necessário é que presteis atenção, não ao que eu digo, mas à vossa própria mente; deveis ver por vós mesmo como está ela enredada em palavras, em explicações sem fundamento, sem nenhuma realidade. Talvez para outro seja *realidade,* mas se a tomais como base de vossa vida, então não é realidade; é mera suposição, especulação, imaginação, por conseguinte sem validade, sem nenhuma realidade essencial. Para descobrir a realidade, deveis trabalhar como trabalhais para ganhar o sustento de cada dia, porém muito mais esforçadamente, pois tudo isso é bem sutil e requer maior atenção; porque cada movimento de pensamento indica um estado da mente, tanto da consciente como da inconsciente. Como não se pode observar o funcionamento da mente a todas as horas, podeis "pegá-la", observá-la e "soltá-la" de novo. Se observardes a vós mesmo dessa maneira, vereis que a atenção terá significado todo diferente e que é possível libertar a mente do "coletivo". Enquanto a mente for um mero "registro" do coletivo, não tem mais valor do que uma máquina. Os novos computadores são em extremo eficientes em certos sentidos, mas os entes humanos são algo mais do que isso. Eles têm a possibilidade daquela extraordinária potência criadora que não é apenas escrever poemas ou livros, mas que é a ação fecunda da mente desprovida de *centro.*

PERGUNTA: A maioria de nós parece interessada em muitas coisas — sexo, posição, poder, etc. — as quais prometem um sentimento de felicidade e preenchimento, mas produzem toda espécie de frustração e sofrimento. É inevitável isso?

KRISHNAMURTI: Que buscamos todos nós? Não pergunto o que *deveríamos* buscar — pois isso é simples contra-senso idealista —, mas o que estamos *realmente* buscando. E que é que nos faz buscar certas coisas? Como diz o interrogante, todos estamos interessados em alguma coisa: sexo, posição, dinheiro, poder, prestígio, ou queremos estar na proximidade do homem mais importante, etc. Desejamos todos alguma coisa, se não neste mundo, pelo menos no outro — o que

quer que seja esse outro mundo; e nessa busca do que desejamos, encontramos a frustração e o sofrimento.

Ora, que buscamos nós, e que é que nos impele a buscá-lo? Compreendeis, senhores? Que estamos buscando, e que é que nos está impelindo a buscar? Não vos estou respondendo e, portanto, não espereis resposta de minha parte. Estou explorando. Juntos iremos descobrir. Todos sabemos que estamos procurando alguma coisa: felicidade, beleza, conforto, o florescer da bondade, a continuidade da satisfação, etc., etc. Buscamos algo, chamemo-lo x. Que nos faz buscar x? É o descontentamento — não o divino descontentamento —, porém o simples descontentamento cotidiano? Isto é, alcançamos uma coisa, ficamos insatisfeitos com ela e desejamos outra coisa. Quando menino, quero divertimento; começando a amadurecer, desejo o sexo, depois um lar e uma família; e alguns anos depois desejo posição, prestígio. O descontentamento, pois, me impele, até eu encontrar algo que me dê satisfação: amor, conhecimento, uma pessoa para adorar, uma pátria ou uma ideologia para servir, um Mestre a quem eu possa dar tudo, em troca de obter contentamento. Isso poderá parecer "cínico", mas não é. Estou apenas enunciando um fato óbvio, e se rejeitais o que digo, taxando-o de "cinismo", isso é convosco.

O descontentamento, pois, impele a maioria de nós. Queremos um pouco mais de dinheiro, um pouco mais de saber, um pouco mais de felicidade. Talvez momentaneamente tenhamos sentido a bondade, a beleza, a extraordinária profundeza e amplidão da vida, ou talvez alguém no-lo tenha descrito, e estamos a buscá-lo; mas a base de nossa busca é ainda esse descontentamento. Somos impulsionados pelo descontentamento a encontrar um meio de vencê-lo. Sem dúvida, é isso um fato, a verdadeira reação da mente. Minha mulher morreu, meu filho partiu, ou meu marido fugiu com outra mulher, e me sinto infeliz; e, assim, vou ao *guru,* ou apelo para um certo livro, esperando encontrar algo que me alivie a agonia, o sofrimento; e, quando o encontro, não ouso duvidar de sua realidade, porque me proporcionou consolo. Conseqüentemente, o que quer que seja que eu encontre, a isso me seguro, até sobrevir o próximo impulso, a nova pressão do descontentamento. Se certo *guru* me satisfaz, aí me deixo ficar permanentemente; se não satisfaz, passo a procurar outro. O mesmo acontece em relação a idéias, casas, tudo. Do funcionário ao mais alto oficial do governo, e tanto nos assuntos espirituais como nos mundanos, todos nós somos impelidos por esse ardente descontentamento, que é uma realidade em nossa vida.

Há, pois, esse movimento do descontentamento; e ao encontrarmos o contentamento, ou seja, o oposto do descontentamento, come-

çamos a dormir. Não é assim? Já não conhecemos pessoas que encontraram o que chamam "deus", ou que estão fechadas numa crença? Elas poderão estar inflamadas de devoção, mas estão retidas numa prisão de idéias, próprias ou alheias — e estas últimas são "projeções" daquelas próprias pessoas.

Eis o caminho da vida, como o conhecemos. Impelidos pelo descontentamento, movemo-nos de uma satisfação para outra; a vida, para a maioria de nós, é um contínuo arder, desejar, perseguir, e esse processo parece inevitável. Mas é inevitável? Se passarmos a investigar e a compreender todo o processo do descontentamento, dessa compreensão poderá nascer um movimento que não significa preenchimento. Compreendeis, senhores?

Que buscamos nós? Buscamos um objetivo que nos dê um sentimento de preenchimento, não é verdade? Estou sempre a preencher-me em minha mulher, em meu filho, em minhas posses, em idéias, num país, no seguir alguém, etc., etc.; e, no séquito do preenchimento, vem sempre a frustração, é óbvio.

Nunca poderá haver autopreenchimento, porque o "eu" é parcial, fragmentário, e nunca total. Ele está sempre fracionado. O autopreenchimento, inevitavelmente, deve ser incompleto e, por conseguinte, causador de frustração. Se minha mente percebe essa verdade, a questão para mim, então, não é se existe um preenchimento final, mas, sim, se existe um movimento de todo diferente daquele que conheço.

Expressando-o diferentemente: Existe busca sem "motivo"? Compreendeis, senhores? Agora estamos buscando, porque estamos descontentes. Sabemos disso muito bem. Estamos perfeitamente familiarizados com esse processo. Sou infeliz e desejo felicidade. O "motivo" é muito simples e muito claro. Mas vejo que, enquanto há "motivo" na busca, tem de haver frustração. Isto também é muito claro, não no domínio verbal, porém na realidade. Assim, a mente diz: "Existe algum movimento que não seja o girar desta roda de contentamento e descontentamento?" Por outras palavras, existe busca, investigação, sem "causa" nenhuma? Porque, no momento em que a busca tem "causa", "motivo", já não estais buscando, evidentemente. Compreendeis, senhores? Não?

Eu busco, porque tenho um "motivo". O "motivo" é meu desejo de ser feliz. Já sei o que é felicidade, porque conheço a infelicidade. Assim, minha busca de felicidade não é busca nenhuma. É, meramente, um esforço visante a encontrar um meio de ser o que chamo "feliz" — ou seja, o oposto do que sou. Conhecemos muito bem esse "processo".

Agora, façamos a nós mesmos a seguinte pergunta: Existe um movimento, uma busca, sem nenhuma "causa", nenhuma pressão, nenhum "motivo"? Não digamos que existe ou que não existe, porquanto isso seria mera especulação. O fato é que não sabemos. E para averiguardes se existe um movimento que nenhuma causa tem, não podeis traduzi-lo em termos do que tendes lido em certos livros. Mas o que podeis fazer é dizer: "Conheço a maneira de vida consistente em mover-me do descontentamento, através do preenchimento, para o descontentamento e vejo que não há fim a esse processo." Podeis então perguntar a vós mesmos: "Existe um movimento da vida que não seja reação ao movimento comum, e que não tenha *centro,* como "causa", "motivo"? Mas, não me peçais, não digais: "Por favor, falai-nos sobre isso." A vós é que cabe descobrir. Eu digo que existe esse movimento, movimento em que não há "causa", nem estímulo, e que não é mera lembrança de coisas do passado. Se puderdes descobri-lo, vereis que ele é completamente dissociado do movimento de contentamento e descontentamento, desse impulso para o preenchimento, com sua sombra de frustração.

Mas, para descobrirdes esse outro movimento, cumpre examinar inteiramente a questão do descontentamento, deveis pensá-la, senti-la, para então passar ao outro (movimento), descobri-lo por vós mesmos. *(sic).* Para descobrir, deveis estar livre de contentamento e descontentamento; deveis ser livre, e não perguntar como ser livre. Só sereis livre quando compreenderdes todo esse processo do contentamento, que encerra frustração, medo, etc.; e chegareis então, natural e facilmente, àquele movimento que não tem "tempo nem causa". Ele não é metafísico, místico, ou coisa parecida, porém um fato real que a mente pode experimentar diretamente quando livre do movimento de "contentamento e descontentamento".

Não há, pois, nenhuma possibilidade de descobrirdes se existe um movimento de vida em que não existe "motivo", enquanto não tiverdes compreendido todo o problema da causalidade e o movimento resultante dessa causalidade. Isso exige muito trabalho, senhores, e não há livro, nem templo, nem deus, nem *guru* que vo-lo possa revelar. Podeis botar fora tudo isso, e começar a investigar por vós mesmos. A sabedoria está na compreensão do descontentamento, e vereis então que há um experimentar não baseado em experiência anterior. Esse experimentar não tem "motivo", não tem fim e, portanto, é eternamente criador.

19 de dezembro de 1956.

O SENTIMENTO DO SAGRADO

(Madrasta — IV)

Parece-me óbvio que nossos problemas aumentam em todo o mundo. Vê-se conflito de toda ordem e as diferentes opiniões e respostas que se apresentam para solucioná-los só levam a maior confusão. Se observardes, vereis que se está verificando neste país uma deterioração sobremodo rápida, e não é imaginária, porém um fato real; e vendo-se todo esse processo de deterioração, essa enorme degradação dos esforços humanos, através dos séculos, há pessoas que aconselham o retorno ao passado, ao templo, aos livros sagrados, à observância da rotina tradicional, das sanções religiosas, a fim de poder reabilitar-nos.

Mas a virtude está no passado? Encontra-se a virtude em algum livro? Ela se torna existente ao seguirmos algum guia, alguma autoridade? E a presente degeneração, a atual corrupção e desintegração moral, não resulta de uma "virtude" baseada na autoridade alheia, na autoridade de um livro, na autoridade de vários líderes que vindes seguindo há séculos? De quem quer que se trate, seja de um guia político, seja de um santo consolador ou reformador religioso, o próprio fato de se seguir outra pessoa não é uma coisa desvirtuosa?

A virtude é algo que se possa armazenar, acumular e guardar em reserva para as ações que exijam uma reação virtuosa? Ou a virtude é coisa inteiramente diversa? Isso não quer dizer que perdemos a virtude, pois provavelmente nunca a tivemos, e por isso mesmo se observa a atual decadência. Não sei se tendes considerado seriamente esta matéria ou se a tendes considerado apenas pela rama, satisfazendo-vos com pequeninas coisas — um pouco de trabalho, um pouco de comida, um pouco de reflexão, uma pequena família — sem vos deixardes perturbar muito e consentindo que a deterioração prossiga livremente. Penso que alguns devem ter pensado seriamente na questão

— mas não em termos de reforma, porque, como vereis, se observardes o que se passa ao redor de vós, tal reforma não produziu uma nova libertação das forças criadoras do homem. Pelo contrário, toda reforma religiosa, tal como toda revolução política, tem apenas criado um diferente grupo, preconizando um padrão diverso.

Vendo tudo isso, já devemos ter perguntado a nós mesmos como fazer nascer aquela retidão que não é apenas ação dos que sabem, ação da mente que acumulou ciência, moralidade, e que funciona pela rotina de uma dada virtude. Não chamo virtuosa uma mente dessas. Virtude não é apenas lembrança de coisas idas, ela não reside no passado de há dez mil anos ou de ontem; ela é a capacidade de enfrentar cada desafio com um novo vigor mental, com amor, com brandura, com penetrante percebimento da totalidade de um acontecimento de qualquer natureza que seja. A mente capaz de corresponder a pleno a uma exigência é a única mente virtuosa, e não aquela que calcula, que está moldada por uma ideologia ou no encalço de um ideal — coisas baseadas no interesse egoísta, em interesses depositados na conduta moral, na tradição, em valores que oferecem vantagens. A virtude é coisa bem diferente de tudo isso, como veremos à medida que, nesta tarde, formos prosseguindo.

A mente educada consoante um padrão de pensamento, que exige o "como", o método, desejosa de conhecer o caminho conducente à virtude, essa mente nunca será virtuosa, porquanto só lhe interessa o êxito, o chegar a alguma parte. Em vez de interessar-se por dinheiro, interessa-se pela chamada virtude. Os fins são essencialmente os mesmos, porque o desejo, em cada caso, é essencialmente o mesmo.

Assim, é possível operar, não uma mudança fragmentária, porém, uma transformação total, de modo que vossa mente, vosso coração, todo vosso ser se torne atento e sensível a tudo o que vos cerca — à beleza de uma nuvem, à aragem entre as folhas, ao aldeão, à mulher torturada pelo conceber filhos e mais filhos? O relevante, decerto, é estar cônscio de tudo isso e corresponder de maneira plena, e não em termos de uma certa moral social, que nenhuma moral é, porém, antes, simples questão de conveniência, de interesse egoísta. Moralidade é a capacidade de corresponder com nosso ser integral — e isso é o que realmente penso e não uma simples sentença retórica. As palavras em si pouco significam. O importante é transcender as palavras e ter sentimento, porque é o sentimento que produz a totalidade da ação. Compreendeis, senhores? Ter sentimento não é o "processo" intelectual gerador de toda espécie de razões solertes sobre por que se deve ou não se deve ter sentimento.

Por favor, já que vos destes ao trabalho de vir aqui, permiti-me sugerir-vos, ao escutardes o que estou dizendo, que escuteis de princípio a fim, que não vos limiteis a apanhar um pedacinho aqui, outro ali, conforme vossa conveniência; escutai a totalidade do que digo e vereis que forma um todo harmônico. Se apenas escolherdes uma pequena parte, levareis só cinzas, que irão criar mais angústia, mais sofrimento, mais confusão.

Também o escutar, em si, é uma verdadeira arte. A maioria de nós nunca escuta realmente, pois só escuta parcialmente. Ouvimos as palavras que são pronunciadas, mas nossa mente está noutra parte; ou nossa mente apenas reage à significação das palavras e essa reação imediata nos impede de *escutar* o que está *além* das palavras. Assim, o escutar é uma arte; se puderdes escutar totalmente ao que se está dizendo, vereis então que há, nesse próprio escutar, uma libertação, porque não é um escutar premeditado, calculado; é uma ação da verdade, porquanto está presente vossa mente total, está sendo dada vossa inteira atenção. Se escutardes sem interpretar, sem vos lembrardes de citações de velhos livros ou compararardes o que ouvis com o que lestes, vereis que vossa mente terá passado por uma transformação radical.

O sentimento, sem os acessórios do pensamento, é realmente uma coisa extraordinária. Não sei se já alguma vez tentastes sentir e vos deixardes levar por esse sentimento, sem controlá-lo, sem moldá-lo, sem chamá-lo bom ou mau, sem atribuir-lhe uma significação verbal. Vereis que isso é dificílimo, verdadeiramente árduo. Não é uma coisa que vem com facilidade, porque temos cultivado nossa mente. Para nós, o intelecto é de enorme importância; gostamos de argumentar, de ser capazes de jogar nossa opinião contra a opinião de outra pessoa muito erudita, bem-ilustrada, ou de citar algum livro antigo. Exercitamos nossa mente para alcançar um alto grau de eficiência, no interesse do "eu" e, assim, perdemos, ou nunca tivemos, aquele sentimento.

A objeção imediata a isso é: "Se temos um sentimento, não desejamos expressá-lo?" É verdade? Ou a mente, vestindo com palavras o sentimento, cria a *sensação,* a qual exige expressão? A mente, olhando para além do sentimento, deseja expressá-lo, preenchê-lo, ou deseja cerceá-lo, suprimi-lo, refreá-lo. O sentimento, pois, é a chama real; e se com efeito libertardes a mente das palavras, se não permitirdes que seja moldada pelos significados verbais, pelo maquinismo de nossos instintos religiosos e morais, vereis que o sentimento não exige necessariamente isso a que chamais "preenchimento". A mente é que o exige, a mente que tem uma idéia a respeito do sentimento. Compreendeis, senhores?

Digamos que apanhais uma folha e a olhais. O sentimento que ela evoca é uma coisa, e outra coisa é vossa opinião sobre ela — "Como é bela!", "Como é verde!", "Como está murcha!" Mas a palavra se torna mais importante e o sentimento se esvai. Observai isso, fazei uma experiência com vós mesmos e logo o verificareis. Um tal sentimento não exige preenchimento. Pelo contrário, tem seu movimento próprio, não relacionado com o movimento verbal do pensamento, que exige ação.

É, pois, o sentimento que produz realmente a transformação fundamental de nosso pensar. E é necessária essa básica transformação de nosso pensar, porquanto não é a pressão externa do ambiente econômico que produz a transformação. A compulsão, de qualquer espécie, tem um certo efeito, porém nunca opera a transformação radical; ela só ocasiona uma "perpetuação modificada" das coisas como sempre foram. O que se necessita é de mudança radical, não da superficial citação de palavras novas, da proclamação de novos *slogans* políticos, ou do seguimento de novos mestres, novos líderes. Tudo isso já experimentamos, e não suscitou um mundo diferente.

Assim, se deveras estais interessados — como o deve estar toda pessoa inteligente e refletida, ao ver tanta pobreza, tanta degradação e degeneração — em promover, não uma reforma, porém uma revolução fundamental, acho que então reconhecereis prontamente que essa revolução só é possível quando a mente, na realidade, é religiosa. Mas religião, o sentimento de religião, não é questão de freqüentar um templo, de assistir a uma cerimônia, de recitar uma porção de palavras estúpidas, de tanger um sino ou de depositar flores aos pés de um ídolo feito pela mão ou pela mente. Tampouco é religião repetir o *Gita* do começo ao fim, ou citar outra qualquer escritura. Religião é o sentimento do sagrado; compreendeis? Não é vosso sentimento por vosso *guru,* pelos Mestres, que é apenas inveja, vantagem, interesse no que se obterá em troca; e não é, tampouco, seguir um dogma ou crença — outra forma de segurança, de interesse egoísta. Religião é o sentimento daquela imensidade que pode ser chamada sagrada, e que nenhuma relação tem com o *Upanishads,* o *Gita* ou a *Bíblia,* com símbolos, igrejas, Budas, Krishnas, nem com minha pessoa. Ela não está em relação com nada disso. É porque destes vosso coração e vossa mente às coisas desta espécie, que não possuís este sentimento do sagrado que a razão solerte não pode perverter, que nem a mente mais sutil pode destruir. Esse sentimento é como o amor; tem sua ação própria. Mas a mente que pensa que deve aprender a amar cria uma ação que é perversão, e essa ação só traz mais complexidade, mais sofrimento, mais confusão.

A religião, pois, não pode ser encontrada em nenhum templo, nenhum livro; nada tem que ver com pôr cinza na testa, vestir vestes sagradas ou pertencer a determinada organização. Religião é algo completamente diferente. Existe positivamente um estado, não um estado fixo, porém um movimento superior às medidas da mente, e o experimentar desse estado é religião. Não o traduzais como estado de *Samandhi,* ou outro qualquer disparate místico; e o real experimentar desse estado, que é criação, faz nascer um mundo novo, porque então vossa mente é purificada de todo o rebotalho dos séculos. Vossa mente é então "inocente", nova, sensível, cônscia de cada problema e, portanto, capaz de resolvê-lo. Mas não é de fácil alcance esse estado mental. Impende compreender a vós mesmos o funcionamento do próprio pensar.

A revolução religiosa é o começo de uma nova religião — a qual não pode ser organizada, não pode ter um clero, ou um presidente e secretário, e propriedades. Isso não é religião. A religião a que me refiro é o sentimento do sagrado, que não é sentimentalidade. É uma coisa que vem mediante árduo trabalho, mediante o penetrar de todas as ilusões, das sombras que a mente criou. Eis por que importa não ter nenhuma espécie de autoridade, representada por Mestres, por um *guru,* por livros sagrados ou ideais e opiniões, vossas próprias ou alheias; porque só então sois um *indivíduo,* livre para descobrir. Enquanto dependeis de outrem para vos instruirdes estais perdido, porque vos enredais nessa instrução.

Quando a mente está toda despojada do passado, que é conhecimento, vê-se surgir um sentimento de qualidade bem diversa, e as pessoas com esse sentimento não pertencem a nenhuma organização religiosa, não têm pátria, não se aproximam dos políticos, pois não estão em busca de poder nem de posição, e tampouco tentam reformar o mundo. A mente interessada em reformas não é uma mente religiosa, nem bondosa, compassiva. Ela pode falar sobre a compaixão, a bondade, mas no próprio ato de reformar há destruição, sofrimento, porque qualquer reforma torna necessária nova reforma, inadequadas como são todas as reformas. Mister se faz uma ação total, mas a ação total não se produz pela reunião de pequenas partes. Surge só quando descobris por vós mesmos, como ente humano individual, isto é, quando reagis não como coletividade, mas como um indivíduo real que se libertou da sociedade e de sua avidez, inveja, ambição, etc. Só esse indivíduo conhecerá aquela experiência extraordinária de algo incomensurável. Não é uma experiência estática. Nem uma experiência para ser lembrada. O que é lembrado não é verdadeiro; já se juntou aos mortos de ontem. E, sem essa experiência da realidade, o que

quer que façais, nunca tereis um mundo são, ordeiro, equilibrado, feliz. Mas não podeis buscar essa experiência; ela tem de vir a vós, e isso só poderá ocorrer quando já não estiverdes interessados em vós mesmos.

Ao fazermos uma pergunta, o importante não é a resposta, porém a própria pergunta; porque, se sabemos "olhar" a pergunta, examiná-la meticulosamente, descobriremos, não a resposta, mas, sim, que o problema deixou de existir. Afinal de contas, só existe problema em nossa vida diária quando não temos capacidade para enfrentá-lo adequadamente. Um bom mecânico descobre imediatamente o defeito de um motor — isso para ele não é problema; mas o será para quantos não entenderem bem de mecânica. Porém, aprender a resolver um problema psicológico é coisa bem diferente, porquanto ele varia de momento a momento. Nunca é o mesmo. Não podeis aprender uma técnica para resolvê-lo, pois o problema está variando constantemente. Não sei se notastes isso. Dizer: "Encontrarei uma solução e aplicá-la-ei ao problema", ou "Estabelecerei um fim e depois farei o problema ajustar-se a esse fim" — é a maneira mais absurda de tratar de um problema. Para resolver um problema, cumpre saber *olhá-lo*. Só isso. Mas não podeis olhar um problema, se estais interessado na solução. Só podeis *olhar* o problema se a ele aplicardes a total atenção; e se lhe dais essa atenção, o problema deixa de existir.

Isso não são meras palavras. Experimentai-o. É deveras extraordinária a capacidade mental de atender a um problema, em cada ocasião, de maneira nova. O responder a cada desafio de maneira nova é renovação da vida; mas a mente que funciona na rotina mecânica da tradição, da memória, não pode corresponder adequadamente ao desafio, e desse modo só cria mais problemas. Quando a mente faz uma pergunta por buscar uma resposta, ela em regra encontra uma resposta, e esta é, invariavelmente, satisfatória, confortadora; a mente, assim, está fechada em sua própria pequenez.

Atentando para tudo isso, passemos a considerar estas perguntas.

PERGUNTA: Impede-se a amizade com propagar a justiça, isto é, organizando a sociedade numa base eqüitativa? Pode a organização de uma sociedade com igual oportunidade para todos despertar aquele sentimento de compaixão que acabará, afinal, com a intromissão do governo em nossa vida pessoal?

KRISHNAMURTI: A primeira parte da pergunta é: "Impede-se a amizade com propagar a justiça, isto é, organizando a sociedade numa base equitativa?" Evidentemente, destrói-se a amizade ao depender-se da justiça para a organização de uma sociedade eqüitativa. Compreendeis?

Se dependo da chamada ordem imposta por uma força exterior, o governo, a Lei, perderei a sensibilidade necessária para tornar-me verdadeiramente amigável. Isto é bastante óbvio, não? E é exatamente o que está sucedendo. Vós continuais brâmane, ou o que quer que sejais, isolando-vos dos outros, e o governo intervém para estabelecer a justiça. Não estamos por ora considerando o problema da justiça.

Quando o homem depende da lei para manter dentro de certos limites a própria avidez, o seu coração invariavelmente emurchece. Senhores, é isso o que está acontecendo no mundo inteiro. A sociedade se está tornando cada vez mais complexa, e como temos de viver juntos, mas não possuímos aquele sentimento de amizade, de amor, de compaixão, que gerará sua ação própria, a legislação governamental nos força a comportar-nos — e isso é o que se chama "justiça social". É a mesma coisa que um homem e sua mulher serem obrigados por lei a viver juntos. Isto é mais fácil de compreender, porque faz parte de vossa existência diária. Mas a outra coisa não está no campo de vossa experiência, não é como um sapato apertado que vos incomoda todos os dias. Não estais cônscios dela, porque vosso coração está murcho.

Como vemos, quando não há amizade, a lei tem de intervir. Compreendeis, senhores? O importante é a percepção, o sentimento da compaixão, e não o que ela pode fazer. Vede, aqui também estais interessados na ação; e por estardes pensando na ação mas não possuís o sentimento, vossa ação tem de ser controlada, moldada, regulada mediante intimidação. Porém, se tiverdes aquele sentimento de simples bondade, simples delicadeza, generosidade, vereis que, conquanto a legislação continue a existir para os que precisam ser compelidos, para vós ela não existe, porque estais atuando num nível diferente, numa diversa profundidade.

A segunda parte da pergunta é: "A organização de uma sociedade em que todos tenham igual oportunidade conduzirá à compaixão?" — Compreendeis? A organização do governo, do poder central através do Estado e da Cidade, ou por parte da Igreja, com sua autoridade, suas sanções, seus sacerdotes, seus livros sagrados e excomunhões, seu moldar da mente em torno de uma crença, em nome do amor, etc., tal organização levará ao amor ou destruirá o amor, a compaixão? Prestai atenção a isso, senhores. Trata-se de vossa própria vida e não da minha. A vós é que cabe responder.

Se, para serdes fraterno, precisais ingressar numa certa sociedade ou pertencer a alguma religião que vos prescreve amar, depender de um sacerdote para terdes uma interpretação daquela extraordinária

beleza, amareis então, sabereis então o que é a compaixão? Sereis sensível à ave, à árvore, à flor, à criança? Refleti, senhores. Dai-vos de coração a essa questão e não vos limiteis a ouvir meras palavras, para concordar ou discordar. Enquanto está vazio o nosso coração, não é possível a extinção do poder do Estado; é mera idéia e, portanto, sem valor. Muito ao contrário, os governos irão tornar-se cada vez mais fortes, uma vez que estão nas mãos de homens como vós, ambiciosos de poder, posição, prestígio. Como vós, eles são políticos, em busca de vantagens pessoais, de resultados imediatos. Quanto mais se fizer sentir a ação mecânica da repressão, interior e exteriormente, tanto mais prosperará o Estado, e organizações como aquelas a que agora pertenceis continuarão a moldar-vos a mente; assim, fenece o coração, não há amizade, não há compaixão entre vós e mim.

Quando há compaixão, o sentimento da compaixão, ela não atinge apenas o pobre aldeão ou o animal faminto; sua intensidade é sempre a mesma onde quer que estejais, numa choça ou num palácio, e esse sentimento não pode ser "organizado" e não podeis, tampouco, alcançá-lo por meio de nenhuma organização. Os Mestres não vo-lo podem dar; e, se dizem que podem dá-lo, é mentira. Senhores, porque há séculos seguis a autoridade do livro, do *guru,* do Estado, a autoridade do patrão, de vosso superior imediato, perdestes a sensibilidade à beleza da vida. Olhar com sentimento para o céu ao amanhecer, para uma estrela acima de uma nuvem, ver o aldeão e dar-lhe algo tirado de vosso coração e não de vosso bolso — nada disso perdestes, porque nunca o tivestes — e é por isso que tendes organizações; e por causa dessas organizações, continuareis a não tê-lo. Quando vos libertardes completamente de todas as organizações e ficardes inteiramente *sós,* só então podereis *descobrir.* Dependência significa interesse por si mesmo e, portanto, enquanto fordes dependente não tereis compaixão. E eu vos asseguro que quando existe compaixão não há necessidade de organizar a sociedade.

PERGUNTA: A tradição, os ideais e um certo senso de moralidade social mantinham as pessoas medíocres como eu ocupadas de maneira virtuosa; mas essas coisas já perderam para a maioria de nós toda a significação. Como podemos libertar-nos de nossa mediocridade?

KRISHNAMURTI: Senhores, que é uma mente medíocre? Não a definais — uma definição pode achar-se facilmente num dicionário —, mas observai vossa mente e tratai de descobrir por que é ela vulgar, medíocre. Diz o interrogante que a tradição, os ideais e um certo senso de moralidade social mantinham ocupadas, de maneira virtuosa, as pessoas medíocres como ele. Ora, isso não era uma "maneira virtuosa",

mas uma maneira tradicional. Fazer o que a sociedade manda não é virtude; é meramente atuar como um gramofone, e isso nada tem em comum com a virtude. Virtude implica libertação da avidez, da inveja, da ambição de poder, e que a pessoa fique *só*. Somente então pode-se falar em virtude. Atuar mecanicamente, porque durante séculos fostes educados para pensar de uma certa maneira e ajustar-vos a um certo padrão, isso não é virtude.

Que é então mediocridade? Não o sabeis? Não sabeis o que é uma mente medíocre? Ora, isso é muito simples. A mente ocupada é uma mente medíocre. Com o que quer que esteja ocupada — Deus, bebidas, sexo, poder — ela é uma mente medíocre. Compreendeis, senhores? A mente que pratica virtude da manhã à noite é uma mente ocupada e, portanto, medíocre, já que está interessada em si própria. Podeis dizer: "Não estou interessado em mim mesmo; estou interessado na Índia"; mas isso é apenas transferir a própria identidade para outra coisa e ficar ocupado com essa coisa. Toda ocupação — com um livro, um pensamento, com qualquer uma dúzia de coisas — denota mediocridade, porque a mente ocupada não é uma mente livre. Só a mente livre pode dar atenção a uma coisa e depois "soltá-la" — e isso é bem diferente de ficar ocupado com ela. A mente ocupada jamais pode ser livre. Examinai vossa mente, para verdes quanto ela está ocupada com vossos interesses, vossa família, vosso emprego; da manhã à noite, nunca há um momento em que esteja vazia — o que não significa um estado de apatia, de vegetação, ou de devaneio. Isso não é *vazio*. Quando a mente está ocupada, cansa-se e põe-se a pensar vagamente noutra coisa — e isso é apenas outra forma de ocupação. Não é disso que estou falando. A mente não ocupada acha-se em extremo vigilante, mas não *em relação a alguma coisa*. Seu estado é de atenção completa; e no momento em que existe esse estado, há criação. Essa mente deixa de ser medíocre; quer viva na aldeia, quer na capital, já não está dominada pelos ditames da sociedade. Mas isso requer laboriosa investigação de si mesmo, e não a complacência dos pequenos êxitos; é resultado de um trabalho realmente penoso para descobrir o motivo da ocupação mental.

Não estais vendo, senhores, que andais ocupados com os assuntos de outras pessoas porque vós *sois* as outras pessoas, não sois vós mesmos. Não vos conheceis. Estais ocupados com coisas que vos disseram serem importantes, mas, se tiverdes um sentimento real a respeito de uma dada coisa, vereis que já não haverá ocupação. O homem dotado de profunda sensibilidade não é uma pessoa medíocre; porém, quando procura expressar essa sensibilidade em palavras e faz muito

"barulho" em torno dela, quando com essas palavras busca a fama, a notoriedade, dinheiro ou o que quer que seja, então ele se torna medíocre. Assim, a investigação da mediocridade é uma investigação de vossa própria mente, e com ela descobrireis que a mente ocupada permanece sempre medíocre.

PERGUNTA: Nascestes numa aldeia de ambiente muito pobre e dizeis que nunca estudastes as Escrituras. Qual foi o "bom karma" que vos possibilitou essa libertação?

KRISHNAMURTI: Eis uma pergunta realmente interessante e que merece ser examinada, não por se tratar de uma pergunta pessoal, mas independentemente da pessoa. Que é que faz uma pessoa enxergar mais, que faz uma pessoa amar, a faz sensível à terra, e às coisas da terra? Que é que faz uma pessoa compreender as palavras, sem gestos? Que é que faz uma pessoa ter uma visão ou uma experiência de algo que transcende os limites da mente? O problema é este, e não o por que alguém nasceu numa aldeia e não noutro lugar, porque isso não tem significação nenhuma. Tratai de descobrir juntos comigo. Por que é que uma mente se torna condicionada, moldada, compelida a agir de certa maneira, e outra mente não? Isso é questão de *karma,* de causa-efeito? Isto é, praticastes boas ações no passado e o efeito disso é que hoje sois um homem de diferente qualidade, ou um homem rico, ou talentoso — isto ou aquilo. Mas isso é exato? Causa-efeito é uma coisa tão claramente delineada, tão precisa assim? Ou a causa, ao produzir efeito, se torna novamente causa? Por conseguinte, não há causa-efeito, isoladamente, mas, sim, uma série ininterrupta de causas e efeitos que se tornam novamente causas. Compreendeis? *Karma,* para a maioria das pessoas, é um "processo" pelo qual uma pessoa se beneficia por ter feito algo de bom no passado e paga por qualquer mal que praticou. Mas a coisa não é tão simples assim, não achais? Sei que é isso o que dizem os que não pensam, os que estão galgando os degraus do êxito e nunca dão atenção ao engraxate ou ao aldeão. Pensam sempre em *karma* em termos de ganho: Porque agora estão fazendo o bem, na próxima vida terão uma casa maior, melhor posição, mais dinheiro, estarão mais próximos de Nirvana, etc. Embora possa ser importante, não é esse, por certo, o problema essencial.

Qual é então o problema essencial? Se fazemos a pergunta corretamente, podemos, investigando-a, conhecer o seu verdadeiro conteúdo. Por que é que um indivíduo tem em si uma extraordinária sensibilidade, e outro não a tem? Se fazeis esta pergunta porque tendes inveja, nunca lhe encontrareis a resposta. Não riais, senhores. Pensai. Em

geral, fazemos perguntas inspiradas pela inveja, porque desejamos a mesma coisa, e nossa pergunta, por conseguinte, não é correta. Ora, por que acontece estar uma mente condicionada, e outra não? Podeis dizer prontamente que é *karma,* ou o que a fantasia, a imaginação sugerir; mas isso, por certo, não é resposta. Por que é que uma determinada mente que é submetida a pressão, que passa por todas as tribulações, enxerga tanto e se sai diferentemente? Qual a causa disso? Isso é como uma raridade botânica ou um raro feito esportivo? Trata-se de algo que é possível a qualquer um? Se é "coisa rara", não tem valor. Podeis muito bem metê-la num museu, pôr-lhe uma etiqueta, e esquecê-la; e é isso o que em geral fazemos — só que declaramos a pessoa um "santo" ou coisa parecida e igualmente absurda. Mas, se desejais realmente saber, tereis de descobrir por vós mesmos se existe uma realidade que possa ser compreendida imediatamente e não no "processo" do tempo.

Há uma Realidade — por favor, escutai, senhores —, há uma Realidade que, ao encontrar-se com a mente, a transforma. Não é preciso fazer nada. Ela opera, funciona, tem sua existência própria; mas a mente tem de senti-la, conhecê-la, e não deve especular nem ter idéias de espécie alguma a seu respeito. A mente que a busca nunca a encontrará; mas aquele estado existe, incontestavelmente. Dizendo-o, não estou especulando, nem descrevendo uma experiência de ontem. É isso mesmo. Esse estado existe; e, se o alcançardes, vereis que tudo é possível, porque nele há criação, que é amor, que é compaixão. Mas ele não se alcança por nenhum meio, nenhum livro, nenhum *guru,* ou organização. Compreendei que não podeis alcançá-lo por meio nenhum; não há meditação que possa conduzir a ele. Ao compreenderdes que não há sanções, nem padrão de comportamento, nem *guru,* nem livro, nem organização, nem autoridade que possa levar-vos àquele estado, já o tendes alcançado. Vereis então que a mente é apenas um instrumento daquela criação que, operando através da mente, produzirá um mundo totalmente diferente — não o mundo planejado pelos políticos ou pelo reformador social, porque aquela criação "é sua própria realidade, sua própria eternidade".

23 de dezembro de 1956.

O FLORESCER DA BONDADE

(MADRASTA — V)

PENSO que à maioria de nós deveria interessar ver o pouco que mudamos, fundamentalmente. O que se necessita não é de uma "continuidade modificada" das coisas como estão, porquanto os problemas imediatos da guerra, as pressões e os tremendos desafios que temos de enfrentar todos os dias exigem que nos modifiquemos de uma maneira totalmente diferente da de antes. Os moralistas, os políticos, os reformadores, todos encarecem a necessidade de uma mudança de certa espécie, e é obviamente necessária uma mudança; entretanto, não parecemos mudar. Por "mudança" não entendo o repúdio de determinada ideologia ou padrão de pensamento, para adotar outro, ou abandonar um grupo religioso para ingressar noutro. Estar empenhado no movimento da transformação — se entendeis o que quero dizer — significa não ter nenhum "ponto residual" de onde se origine a mudança. Isto é, se sou hinduísta e passo para o budismo ou o cristianismo, estou meramente a mudar de um "pensamento residual" para outro, de uma tradição para outra, e isso, é claro, não é transformação. Assim, parece-me sumamente importante que nos empenhemos no movimento da transformação, do qual tratarei mais adiante.

Quase todos nós estamos bem cônscios de que, tecnicamente, o mundo está progredindo com extraordinária rapidez; mas os problemas humanos resultantes do progresso técnico não podem resolver-se de modo adequado por uma mente que esteja apenas funcionando numa rotina ou consoante um certo padrão. Pode-se ver que, dentro em pouco, a tecnologia irá nutrir o homem — talvez não amanhã, porém mais cedo ou mais tarde isso acontecerá. Pelo emprego da força e da compulsão, em todas as formas, pela legislação, pela propaganda, ideologia, etc., o homem será vestido, alimentado, abrigado; mas, ainda que isso venha a realizar-se, interiormente haverá muito pouca mudança. Todos poderão ser alimentados, vestidos e abrigados, porém a mente

continuará mais ou menos no mesmo estado; com a ajuda da máquina, terá mais capacidade de resolver assuntos técnicos, porém, interiormente, não haverá compaixão, o sentimento de bondade ou o florescimento dela. Parece-me, pois, que o problema não se refere simplesmente a como enfrentar o desafio tecnicamente, mas a como irá o indivíduo transformar-se — não apenas vós e eu: como irá a maioria das pessoas transformar-se e ser compassiva, modificar-se de maneira tal que possa existir a compaixão.

Pode a compaixão, o sentimento de bondade, o sentimento do sagrado da vida, a respeito de que estivemos falando em nossa última reunião — pode esse sentimento ser gerado pela compulsão? Ora, por certo, quando há compulsão, em qualquer forma que seja, quando há propaganda ou "moralização", não há compaixão; tampouco há compaixão quando a modificação se efetua em virtude da necessidade de enfrentar o desafio tecnológico de maneira que os homens possam continuar a ser entes humanos e não se convertam em máquinas. A transformação, pois, deve ser "sem causa"; a modificação que se opera em virtude de uma causa não é compaixão e, sim, meramente, uma transação. Este é um dos problemas.

Outro problema é: Se eu me transformo, que influência isso terá na sociedade? Ou isso não me dá cuidados? A maioria das pessoas, decerto, não está interessada nisso de que estamos falando — nem vós, tampouco, se escutais apenas por curiosidade ou em virtude de um certo impulso, e passais adiante. As máquinas aperfeiçoam-se tão rapidamente que a maioria dos seres humanos estão sendo meramente "empurrados" e são incapazes de enfrentar a vida com a riqueza do amor, da compaixão, com profundeza de pensamento. E, se eu me modificar, como influirá isso na sociedade, que são minhas relações convosco? A sociedade não é nenhuma entidade extraordinária, mítica; ela é as nossas relações mútuas; e se dois ou três de nós se transformarem, como irá isso influir no mundo? Ou existe alguma maneira de influir na mente total do homem?

Isto é, há algum "processo" pelo qual o indivíduo que se transforma possa tocar o inconsciente do homem? Compreendeis o problema, senhores? Não é um problema meu que vos estou impingindo. É um problema vosso e, portanto, tendes de cuidar dele. O homem irá ser alimentado, vestido e abrigado pela técnica, e isso influenciará o seu pensar, porquanto ele estará em segurança e terá tudo de que necessitar; e, se não for sumamente vigilante, interiormente rico, tornar-se-á, não um ente humano amadurecido, porém uma "máquina de repetição", e sua transformação se efetuará sob a pressão, a compulsão do "processo" tecnológico, que inclui o emprego da propaganda, para

convencer o homem de certas idéias e condicionar-lhe a mente para pensar numa certa direção — como já está acontecendo. Vendo tudo isso, deveis naturalmente pensar: "Como posso transformar-me? E se eu me transformar, me tornar um ente humano integrado — como me cabe, pois, do contrário, sou apenas parte da máquina da propaganda, com suas várias formas de coerção, etc. — isso produzirá modificação na coletividade? Ou tal coisa é uma impossibilidade?"

Ora, deve a coletividade ser transformada gradualmente? Compreendeis? Quando falamos em "gradualidade", isso evidentemente implica compulsão, lenta persuasão por meio da propaganda, que é a maneira de educar o indivíduo para pensar numa certa direção, para ser bom, amável, delicado, mas debaixo de pressão. A mente, em tais condições, é exatamente como uma máquina movida pela força do vapor e, portanto, não é boa, nem compassiva, e nenhuma apreciação tem do que é sagrado. Sua ação é mero resultado do lhe disserem que deva fazer.

Não sei se já refletistes acerca destas coisas, mas, se já o fizestes, isso deve apresentar-vos um tremendo problema. Cresce constantemente o número dos que se tornam meros repetidores da tradição — comunista, hinduísta ou qualquer que seja —, e não existe um ente humano que esteja refletindo de maneira totalmente nova sobre suas relações com a sociedade. Se esse problema me interessa, não verbal ou intelectualmente, não pelo falar de "uma só vida", que todos somos irmãos, que devemos pregar a fraternidade, pois tudo isso é apenas jogar com palavras; se estou realmente interessado na compaixão, no amor, no real sentimento de algo sagrado, como poderá esse sentimento ser transmitido? Tende a bondade de seguir isso. Se eu o transmito através do microfone, da máquina da propaganda e por essa maneira convenço outra pessoa, o coração dela continuará vazio. Estará a operar a chama da ideologia e a pessoa meramente a repetir, como todos fazeis, que devemos ser amáveis, bons, livres — enfim, todas as inanidades de que falam os políticos, os socialistas e outros que tais. Assim sendo, vendo-se que nenhuma forma de compulsão, por mais sutil que seja, pode trazer aquela beleza, aquele florescimento da bondade, da compaixão, que deve fazer o indivíduo?

Se o homem compassivo é "uma raridade", nenhum valor tem, evidentemente. Podeis muito bem fechá-lo num museu. Mas a ação de uma "raridade" dessas não é como a ação do homem que de fato refletiu muito profundamente em tudo isso, que realmente tem o sentimento de compaixão, a sensibilidade para amar, e não cuida meramente de enunciar um amontoado de idéias intelectuais; esse homem não produz nenhum efeito na sociedade? Se não, o problema, então,

continuará tal como está. Haverá umas poucas "raridades" que nenhum valor terão, a não ser como padrões para a coletividade, a qual ficará a repetir o que eles disserem e a "moralizar-se" nessa base.

Qual é, pois, a relação entre o homem que tem aquele sentimento de compaixão e o homem cuja mente está entrincheirada no "coletivo", no tradicional? Como encontrar a relação não teórica, mas real, entre ambos? Compreendeis, senhores? Isso é como o caso de um homem que sente fome: ele não fala sobre teorias econômicas, nem o satisfazem os livros que descrevem as boas qualidades de alimentos. O que quer é comer. Assim, qual a relação entre o homem esclarecido, não de uma certa maneira misteriosa, mística, e que não é ávido, nem invejoso, que sabe o que é amar, ser bondoso, delicado — qual a relação entre esse homem e aquele que está preso na rede do "coletivo"? Pode ele influir em vós? "Influência" não é a palavra apropriada, pois, se ele vos influencia, estais então sob a compulsão de sua propaganda e, portanto, não tendes a verdadeira chama, mas apenas uma imitação dela. Que fazer, então?

Existe uma ação capaz de tocar o "não-pensante coletivo" de modo que ele comece a pensar de maneira completamente nova? A educação o fará? Isto é, pode o estudante ser ajudado a compreender toda a variedade de influências existentes em redor dele, de maneira que não se submeta a nenhuma influência e possa, assim, fazer surgir uma nova geração com uma compreensão da vida totalmente diferente? Porque os da velha geração já estão "de saída" e evidentemente não podem transformar-se. A maioria de vós estareis aqui a ouvir-me durante os próximos vinte anos e só mudareis quando vos parecer conveniente. Em vez de tangas, vestireis calças, ou começareis a beber, ou a comer carne, e pensareis ter-vos transformado maravilhosamente. Mas não é dessas trivialidades que estou falando.

Pode-se suscitar a transformação começando-se pelo jovem, pela criança? Mas isso torna necessária uma nova espécie de preceptor. Não concordeis apenas comigo, senhores. Vede o inteiro significado disso. Há necessidade de uma nova mentalidade, por parte do preceptor, de modo que possa ajudar o jovem a crescer, não seguindo a tradição, não como comunista, socialista ou o que quer que seja, mas em liberdade. Deve o estudante ser ajudado a ser livre desde o começo e não no fim, livre para compreender as pressões a que está sujeito, no lar por parte dos pais, as pressões da propaganda através dos jornais, dos livros, das idéias, e por meio da aparelhagem da compulsão; e ele próprio deve ser inspirado a perceber a importância de não influenciar os outros. Mas, onde estão esses preceptores? E isso significa que sois *vós* os preceptores. Os preceptores estão no lar e não na escola, porque nin-

guém mais está interessado nisso. Os governos certamente não estão. Pelo contrário, querem que permaneçais dentro do padrão, porque no momento em que dele sairdes vos tornareis um perigo para a atual sociedade. Por isso, eles vos refreiam. O problema recai sobre vós e mim e não sobre o suposto preceptor.

Mas, podeis transformar-vos imediatamente e sem compulsão de espécie alguma? Senhores, prestai atenção, por favor. Se não vos transformardes agora, nunca mais vos transformareis. No campo do tempo não há transformação; porque qualquer transformação verificada nessa esfera é mera modificação do padrão, ou revolta contra determinado padrão para estabelecer outro novo. Assim, penso que o problema não se refere a como o indivíduo esclarecido poderá influir na sociedade. Estou empregando a palavra "esclarecido" no seu sentido mais simples, mais comum, denotando a pessoa que pensa claramente e vê quanto é absurdo tudo o que está sucedendo; que tem compaixão, que ama, mas não porque isso seja vantajoso ou bom para o Estado. Perguntar qual o efeito que um homem desses pode produzir no "coletivo", ou que utilidade tem para a sociedade, é provavelmente fazer uma pergunta errônea. E eu a considero errônea porque se fazemos a pergunta dessa maneira estamos ainda pensando em termos do "coletivo"; por conseguinte, formulemos a pergunta diferentemente.

O homem de esclarecimento, o homem que, interiormente, está livre das religiões, das crenças, dos dogmas, que não pertence a nenhuma organização que revive o passado — tem esse homem alguma realidade neste mundo preso à roda da tradição? Compreendeis, senhores? Como responderíeis a essa pergunta?

Mais uma vez, expressando-o diferentemente: Há no mundo sofrimento, sofrimento oriundo de várias causas. Há não só sofrimento físico, mas também esse complexo "processo" psicológico que engendra e sustenta a amargura, e que todos bem conhecemos.

Ora, há possibilidade de nos libertarmos do sofrimento? Eu digo que há — mas não porque alguém o afirmou, pois essa é a maneira tradicional de pensar. A aflição, a meu ver, pode findar. E que relação tem o homem para quem o sofrimento terminou com o homem sujeito ao penar? Tem qualquer relação? Podemos estar tentando estabelecer uma impossível relação entre o homem livre do sofrimento e o que dele está cativo, criando, assim, uma série de complexos problemas. Não deve o homem sujeito ao sofrimento saltar para fora do seu mundo, em vez de procurar valer-se de quem se acha livre da angústia? E isso significa que todo ente humano deve deixar de depender psicologicamente. Tal coisa é possível?

A dependência, em qualquer forma que seja, gera sofrimento, não é verdade? No depender de preenchimento encontra-se a frustração. Quer um homem busque preencher-se como governador, poeta, escritor, orador, quer procure preencher-se em Deus, tudo isso é essencialmente a mesma coisa, porque na sombra do preenchimento está a dor, a frustração. E como podemos, vós e eu, resolver este problema? Compreendeis, senhores? Eu posso ser livre, mas isso tem para vós algum valor? Se nenhum valor tem, que direito tenho eu a existir? E se tem valor, como deveis aproximar-vos desse homem? Não como deverá ele aproximar-se de vós, mas, sim, como *vós* deveis aproximar-vos dele? Ele poderá desejar aproximar-se de vós para caminhar junto convosco, não uma milha apenas, mas uma centena de milhas; mas de que maneira vos aproximareis dele? E é possível vos modificardes tão fundamentalmente, tão radical e profundamente, que todo o vosso processo de pensar sofra uma "explosão", se torne "inocente", fresco, novo?

Senhores, não há resposta a esta pergunta. Eu a estou apenas indicando. Vós é que tendes de esclarecê-la, "cravar-lhe os dentes", torturar-vos com ela. Vós é que tendes de trabalhar nela, vigorosamente, porque, se o não fizerdes, vossa vida estará liquidada, acabada, e vossos filhos, a geração vindoura, estarão também liquidados. Dizeis sempre que a geração vindoura irá criar o novo mundo, o que é um contra-senso, porquanto já estais condicionando essa geração com vossos livros e jornais, com vossos líderes, vossos políticos e religiões organizadas; tudo isso está forçando os jovens a seguir em determinada direção, enquanto vós ficais a "verbalizar", incessantemente, a respeito de nada.

Eis, pois, o vosso problema, e não me parece que o estejais levando a sério. Isso não vos importa tanto como "fazer dinheiro", ou exercer vosso emprego e deixar-vos prender nessa medonha e fastidiosa rotina a que chamais "vossa vida". Quer sejais advogado, juiz, governador, quer sejais o mais eminente político, vossa vida, em sua maior parte, é uma rotina terrível, estafante e destrutiva, e nessa rotina estais presos; e vossos filhos nela também ficarão cativos, se não vos transformardes fundamentalmente. Isto não é retórica, meus senhores, porém algo sobre que deveis refletir, trabalhar, cooperar, e achar a solução. Porque o mundo necessita de entes humanos capazes de pensar de maneira nova, e não pelo mesmo e velho "canal", e que não se revoltem contra o velho padrão só para criar um novo padrão.

Encontraremos a solução nas relações corretas ao saber o que é amar. É extraordinário como o amor tem sua ação própria; não, provavelmente, num nível reconhecível, mas quem é realmente compassivo tem uma ação, uma certa coisa que falta aos outros homens.

Os que são sérios, que escutam, que pensam, que trabalham — são esses os que farão nascer uma ação diferente no mundo, não no fim, mas agora mesmo. E o problema me parece ser: Como poderá um ente humano transformar tão a fundo sua maneira de pensar, que sua mente se torne de todo descondicionada? — Se dedicardes vossos pensamentos a isso tanto quanto os dedicais ao vosso trabalho, ao vosso *ritual,* descobrireis a solução.

Senhores, vou responder só a esta pergunta — ou, antes, não vou responder, porém iremos jornadear juntos, penetrar o problema. Porque o problema encerra a solução; a solução não se encontra fora do problema. Se estou aberto ao problema, posso ver-lhe toda a beleza, suas complexidades, suas extraordinárias nuanças e implicações, e, então, o problema se dissolve; mas, se considero o problema com a intenção de achar solução, então, evidentemente, não estou aberto ao problema.

PERGUNTA: Meu filho e outras pessoas que estiveram no exterior parecem ter perdido a fibra moral. Como acontece isso e que se pode fazer para desenvolver-lhes o caráter?

KRISHNAMURTI: Por que pensais só naqueles que estiveram no exterior? A fibra moral da maioria dos que aqui estão escutando não lhes foi também arrancada? Estou falando sério, senhores, não riais! Este é um problema muito complexo; exploremo-lo juntos. Desejamos desenvolver o caráter; é pelo menos o que dizemos. Os jornais, os governos, os moralistas, as pessoas religiosas o estão fazendo? Pensais que estão? Como se desenvolve o caráter? Como floresce a bondade? Ela pode florescer dentro da forma da compulsão social, a que se chama moral? Ou a bondade só floresce, o caráter só nasce, quando há liberdade? "Liberdade" não significa liberdade para se fazer o que se entende. Mas é isso o que acontece com as pessoas que vão ao exterior. São-lhes retiradas todas as costumeiras pressões — a pressão da família, da tradição, da pátria, o medo ao pai e à mãe — e eles ficam à solta. Mas tinham eles caráter antes de partir, ou estavam meramente sob o guante dos pais, da tradição ou da sociedade? Pode um ser humano sob o jugo da família, da sociedade, da tradição, da propaganda, etc., ter caráter? Ou é mera "máquina de repetição" a funcionar segundo um certo código moral e, portanto, interiormente, um ente morto, vazio? Compreendeis, senhores? Eis o que está acontecendo aqui na Índia, embora a grande maioria de sua população nunca tenha ido ao exterior. A fibra moral está-se desintegrando rapidamente. Deveis saber disso melhor do que eu. Vosso problema, pois, é de como desenvolver o caráter e ao mesmo tempo permanecer dentro do padrão social a fim de não subverter a sociedade. Porque, embora muito fale sobre caráter

e moral, a sociedade não deseja caráter. Ela quer pessoas dispostas a submeter-se, a respeitar a linha da tradição.

Vemos, pois, que o caráter não pode desenvolver-se dentro de um padrão. Só há caráter quando há liberdade — e liberdade não é fazer o que se entende. Nem é preciso dizê-lo. Observai-vos ao lidardes com vossos próprios filhos. Não quereis que eles tenham caráter; quereis que se ajustem à tradição, a um modelo. Para se ter caráter, precisa-se de liberdade, porque só em liberdade é possível o florescimento da bondade; *isso* é que é caráter, *isso* é que é moralidade, e não a chamada moralidade que meramente se ajusta a um padrão.

É possível, pois, desenvolver o caráter e ao mesmo tempo permanecer dentro da sociedade? A sociedade, por certo, não deseja caráter, não lhe interessa o desenvolvimento da bondade; a sociedade interessa-se pela palavra "bondade", mas não no seu florescer, que só se pode verificar em liberdade. As duas coisas, portanto, são incompatíveis, e o homem que deseja desenvolver o caráter deve libertar-se da sociedade. Afinal de contas, a sociedade baseia-se na avidez, na inveja, na ambição; e não podem entes humanos libertar-se dessas coisas e em seguida ajudar a sociedade a quebrar o seu próprio padrão?

Senhores, se olhardes para a Índia, vereis o que está acontecendo. Tudo está a ruir, porque, essencialmente, não há caráter, realmente não deixastes surgir a bondade. Tende-vos limitado a seguir o padrão de determinada cultura, tentando ser morais dentro dessa estrutura e, quando sobrevém pressão, vossa fibra moral se parte, porque não tem substância, não tem realidade interior; e, assim, todos os anciãos vos prescrevem o retorno aos velhos usos, ao templo, aos livros sagrados, a isto ou aquilo, quer dizer, conformismo. Mas o que se "conforma" nunca pode florescer na sociedade. Necessita-se de liberdade, e a liberdade só pode vir quando se compreende todo o problema da inveja, da avidez, da ambição, do desejo de poder. É a libertação de tudo isso que permite o surgir dessa coisa maravilhosa que se chama caráter. Aí, o homem tem compaixão, sabe o que é amar, e não quando meramente repete palavras e mais palavras acerca de moralidade.

O florescimento da bondade, por conseguinte, não é possível dentro da sociedade, porquanto a sociedade, intrinsecamente, é sempre corrupta. Só o homem que compreende toda a estrutura e "processo" da sociedade e dela se está libertando, só esse homem tem caráter e só ele pode ser bondoso.

26 de dezembro de 1956.

AÇÃO DA REALIDADE

(BOMBAIM — I)

HÁ enorme diferença entre "aprender" e "ser ensinado" e acho muito importante perceber a distinção entre as duas coisas. *Aprender* requer grande humildade, porque aprender é um processo muito penoso e a mente é desinclinada a aprender. No aprender, que é um processo constante, não existe a divisão de instrutor e instruído, de *guru* e discípulo; só há *aprender.*

Não há aprender quando a mente espera ser ensinada e trata tão-só de acumular conhecimento na forma de memória. No processo de ser ensinado, que nenhum esforço requer e consiste meramente em cultivar a memória, há instrutor e discípulo, o que sabe e o que não sabe; e essa distinção é mantida em todo o curso da vida. Recomendável seria tratarmos de compreender, vós e eu, desde o começo, a falsidade dessa distinção e estabelecermos entre nós a verdadeira relação, em que não há instrutor nem instruído mas, tão-só, *aprender;* e, para aprender, necessitamos de muita humildade. Quem diz "eu sei" realmente não sabe. O que sabe é coisa passada, morta. Já para o homem que aprende cotidianamente e não apenas acumula conhecimento, não existe instrutor nem instruído; só há a compreensão da realidade, momento por momento.

Assim, vós e eu devemos compreender que estamos fazendo juntos uma jornada, durante a qual devemos olhar, escutar e aprender; porque, se compreendermos isso, poderemos aprender de tudo o que nos cerca e não apenas de um dado livro, instrutor ou religião. O inteiro processo do viver é religião, como por nós mesmos descobriremos, se começarmos realmente a compreender o que significa aprender. Mas é muito difícil à maioria de nós compreendê-lo, porque, em geral, desejamos ser ensinados, já que, assim, não temos responsabilidades, nem luta: vós sabeis e eu não sei, vós me ensinais e eu simples-

mente aceito o que ensinais. No ser ensinado encontra-se um certo sentimento de segurança, não há investigação, indagação, busca; e seria um erro ouvirdes estas palestras com a atitude de quem quer ser ensinado por mim ou de quem espera que eu vá revelar algo de miraculoso ou extraordinário. Todavia, se com real humildade vós e eu começarmos a compreender o inteiro processo do viver, então, nessa própria compreensão, dá-se o milagre da transformação.

Afinal de contas, é isso o que nos deve interessar, não achais? Devemos estar interessados numa única questão, ou seja, como operar em nós mesmos uma transformação fundamental, que atinja não só as nossas relações sociais, mas também o nosso pensar, as nossas emoções, nossa expressão criadora e nosso viver diário. Se não se realiza, dentro do indivíduo, uma transformação fundamental, sem dúvida qualquer reforma proveniente do exterior só o forçará a ajustar-se ao novo padrão e, por conseguinte, não será transformação nenhuma. Transformação sob compulsão, influência, pressão sociológica, várias formas de legislação, não constitui a verdadeira transformação, porém, simplesmente, "continuidade modificada" do que já existia. Transformação dentro da esfera do tempo não é transformação — sendo "tempo" o processo de pensamento, compulsão, imitação, gradual ajustamento.

Agora, existe uma transformação fundamental não produzida sob pressão de espécie alguma, nenhum ajustamento a certo padrão ideológico? Existe uma transformação proveniente, totalmente, do interior e que não resulte de nenhuma pressão exterior? Nós nos transformamos superficialmente em virtude da compulsão, em várias formas, da idéia de recompensa, das pressões externas, da influência que em nós exercem os livros que lemos, etc.; mas tal mudança me parece superficial e, de modo nenhum, é a verdadeira transformação. Entretanto, é isso o que quase todos estamos fazendo com nossa vida. A mente consciente ajusta-se a um novo padrão social, econômico ou legislativo, mas isso não transforma na essência o indivíduo. Assim, se somos realmente sérios, deve-se-nos apresentar, inevitavelmente, a pergunta: É possível o indivíduo transformar-se a fundo, de modo que considere a vida, não parcialmente, fragmentariamente, porém como entidade integral, um ente humano total?

Em regra, nós reagimos à idéia de recompensa e punição, a uma certa forma de compulsão, e é a isso que chamamos "atenção", em nossa vida diária. Se observardes, vereis que vossa ação, religiosamente e a outros respeitos, é parcial, fragmentária, não é a ação completa de nosso ser integral. E parece-me de toda necessidade, na presente crise mundial, que cada um de nós descubra por si mesmo se é possível agir, não em mera conformidade com padrões ideológicos, ou governamentais,

ou pessoalmente impostos, porém como ente humano total, com todo o seu corpo, mente e coração. É possível atuar dessa maneira total? Basicamente, este me parece ser o único problema do homem.

Vemos o que está acontecendo no mundo; vemos tirania, medonha crueldade, desditas a que todos estamos sujeitos, compulsões, uniformidade de pensar, como nacionalista, socialista, imperialista, o que quer que seja. Nesse "processo" não existe nenhuma ação plena por parte do indivíduo, ação em que sua mente e coração estejam unificados, seu ser inteiro completamente integrado. E parece-me que, se somos realmente sérios, em nosso próprio interesse devemos criar individualmente essa ação total; porque, enquanto nossa ação for simplesmente fragmentária, só da mente ou só dos sentimentos, ou apenas dos sentidos, tal ação tem de ser contraditória e invariavelmente criará confusão.

Agora, existe desejo, aspiração, vontade capaz de atuar como entidade total? Ou o desejo é sempre contraditório? E é possível a mente compreender a totalidade de si própria, tanto o consciente como o inconsciente, e atuar, não parcial ou fragmentariamente, porém como ente humano integrado, sem autocontradição? Para mim, tal ação é a única ação reta, porque todas as outras formas de ação gerarão conflito, tanto interior como exteriormente.

Assim, como produzir essa transformação? Como poderá a mente atuar como entidade total, não dividida interiormente? Não sei se já refletistes alguma vez sobre este problema. Se já o fizestes, provavelmente pensais que os desejos contraditórios da mente podem ser harmonizados e que essa harmonia vem pelo esforço, pelas atividades ideológicas e várias formas de disciplina. Mas é possível harmonizar desejos contraditórios, como estamos tentando fazer? Eu sou violento e desejo ser "não-violento"; desejo ser artista, no lídimo sentido da palavra, e, no entanto, minha mente tende para a ambição, a avidez e a inveja, impedindo, assim, esse esforço criador. Dessarte, há uma perene contradição dentro de nós mesmos. Esses desejos e conflitos promovem realmente certas atividades mas estas, também, em si mesmas, são contraditórias, como se pode ver diariamente em nossa vida. E é possível a mente alcançar aquela compreensão da totalidade de si própria, na qual a ação já não é questão de imitação, de compulsão, de medo, ou desejo de recompensa? Sabeis quanto é difícil transmitir em palavras algo que todos nós sentimos, isto é, a necessidade de uma ação não organizada pela mente, ação que não seja resultado de um pensar fragmentário, mas, sim, o reflexo de todo o nosso ser. Todos sentimos essa necessidade, porém não sabemos como atingir aquela ação. Podemos recorrer à religião, esperando encontrar uma ação não-

contraditória, que seja completa; todavia, religião, para a maioria de nós, é uma coisa um tanto vaga e superficial, questão de crença, e nenhuma eficácia tem em nossa vida diária. Muito falamos a respeito disso que chamamos religião, mas o que dizemos não tem significação básica e apenas se torna mais um fator de contradição em nossa vida. Pensamos que devemos amar, mas não amamos. Desejamos buscar Deus, porém ao mesmo tempo estamos todos empenhados em atividades mundanas; e vemo-nos, assim, divididos, puxados em ambas as direções. Parece-me, entretanto, que a real compreensão do que é religião constitui a única solução para os nossos problemas. O mais importante, decerto, é que cada um de nós experimente diretamente a Realidade; e no próprio "processo" de experimentar a Realidade se encontra a ação da Realidade. Não se trata de experimentar a Verdade, e depois agir; o que há é ação da Verdade, no próprio "processo" de experimentar e compreender a Verdade. É então a Verdade que atua, e não a pessoa que compreende a Verdade.

Eis por que tanto importa compreender o que significa *aprender.* Posso aprender alguma coisa, se parto de uma conclusão, se já tenho uma definição de Deus, da Verdade, ou da religião? Pensar partindo de uma conclusão não é pensar, absolutamente; impede a mente de ir mais longe. Pensar partindo de uma conclusão é vaidade e, portanto, não há humildade. Havendo humildade, a mente diz: "Não sei"; por conseguinte, está disposta a aprender, investigar, sofrer, descobrir. Entretanto, a maioria de nós não deseja proceder assim; queremos ser ensinados, porque no ser ensinados encontramos um sentimento de segurança, de garantia, e é só isso o que queremos. Queremos ser postos em segurança, em conforto, e, em tais condições, a mente é incapaz de aprender.

A Verdade não pode ser ensinada; tendes de descobri-la por vós mesmos; mas não tereis possibilidade de descobri-la se começardes com o pressuposto de que a Verdade existe ou não existe, de que Deus existe ou não existe. Só poderemos descobrir se existe ou não a Verdade, se começarmos a aprender, se passarmos a investigar, a indagar; e não há investigação quando se começa com uma conclusão, um pressuposto.

Se observardes vossa própria mente, vereis quanto é difícil estar-se livre de conclusões. Afinal, o que sabeis é uma série de conclusões, constituída daquilo que vos foi ensinado, do que aprendestes dos livros ou do que achastes em vossas próprias reações — e sobre tal base começais a pensar, a levantar o edifício do pensamento! Mas, sem dúvida, a mente que deseja descobrir o que é a Verdade ou Deus, deve começar sem nenhum pressuposto, nenhuma conclusão, quer dizer,

livre para investigar. E se observardes vossa própria mente, vereis que *não* é livre. Está cheia de conclusões, pejada de conhecimentos, provindos de muitos milhares de dias passados; ela pensa segundo o *Gita*, segundo a *Bíblia* ou o *Alcorão*, ou um certo instrutor, e começa com o pressuposto de que o que dizem é a Verdade. Mas, se ela já sabe o que é a Verdade, é claro que não tem necessidade de procurar a Verdade. Afigura-se-me importante perceber o significado disso.

O povo deste país está sob pressão do Ocidente. A dinâmica revolução científica ora verificada na Europa e na América está influenciando o vosso pensar e modificando o vosso estilo de vida, porém superficialmente apenas. Estai-vos simplesmente ajustando a um novo padrão, uma nova maneira de viver; e, assim, ireis encontrar extraordinárias contradições em vós mesmos, muito sofrimento, até aprenderdes individualmente a pensar em todos os problemas de maneira nova.

Para pensar de maneira nova, cada um de nós deve começar como se nada soubesse; deve iniciar indagando, inquirindo, e isso requer muita humildade. Mas a humildade não é cultivável, porque no momento em que a cultivamos já não há humildade, mas, sim, uma espécie de arrogância. Já, se começardes a aprender a respeito de vós mesmos, a estar cônscios de vossas contradições, a observar vossos próprios pensamentos e sentimentos, sem condenação ou aprovação — e isso significa começar sem nenhum pressuposto —, vereis então que, com o autoconhecimento, surgirá uma ação não fragmentária, porém total. É então o homem um ser humano verdadeiramente religioso. Não é religioso o homem que freqüenta o templo e cita o *Gita;* religioso é aquele que empreendeu a jornada do autodescobrimento. Não podereis conhecer-vos se começardes com o pessuposto de que sois *isto* ou *aquilo;* é sobremodo difícil estar livre de pressupostos, pois durante séculos a tradição gravou certas idéias na mente. Uma velha tradição pode ser quebrada, abolida e, no seu lugar, implantada uma nova tradição, um novo sistema de idéias; mas a ação resultante de qualquer pressuposto, velho ou novo, cria, necessariamente, uma contradição em nossa vida e essa contradição não pode deixar de produzir sofrimentos, interior e exteriormente.

Para perceberdes tudo isso, deveis decerto perguntar a vós mesmos se há uma maneira de viver que seja a ação de todo o vosso ser. Por ora não sabeis o que é "todo o vosso ser", pois estais fracionados, divididos, e vossa ação é fragmentária; mas, ao perceberdes que estais fracionados, que vossa ação é dividida e fragmentária; ao perceberdes claramente esse conflito, descobrireis por vós mesmos que, além, se encontra o amor, se encontra um estado de espírito integral, não-fragmentário, um estado de espírito não formado pelo desejo, não resul-

tante de disciplina, conformismo, pressão. Esse descobrimento é a fonte real da ação independente de vossos fragmentários desejos e propósitos, e eis por que muito importa compreender-vos, conhecerdes vossa própria e contraditória natureza, em vez de procurardes obrigar "o que sois" a ajustar-se ao padrão de um certo ideal ou ideologia. E eu vos garanto haver grande alegria no conhecer a si mesmo, no perceber tudo o que sois, tanto o feio como o belo, tanto a insensibilidade como a extrema sensibilidade da mente. Desse percebimento pleno surge uma mente que conhece a ação total, e só essa mente pode criar um novo estado de relação, um mundo novo.

Em cada uma destas reuniões haverá perguntas e respostas — ou, antes, haverá perguntas, mas acho que não haverá respostas. A vida não tem resposta, a vida é para ser vivida e não para ser "concluída". Em geral, buscamos uma resposta, uma conclusão, algo a que a mente possa apegar-se; e isso, uma vez encontrado, estabelece o padrão para o resto de nossa vida. Fazemos uma pergunta para acharmos uma resposta; mas não há resposta nenhuma, e, se realmente pudermos compreender isso, as perguntas se tornarão então extraordinariamente importantes, plenas de significação, porque então a mente está toda interessada no próprio problema e não na solução — e isso significa que temos de dispensar nossa atenção completa ao problema.

Atualmente vos aplicais ao problema, qualquer que ele seja, com o desejo de encontrar uma resposta, uma solução, ou procurais ajustar o problema ao que pensais ser a solução correta; conseqüentemente, vosso problema continua a existir e a multiplicar-se. Enquanto se perceberdes que nenhuma solução nos livra do problema, mas só serve para aumentá-lo, então vosso desejo de encontrar solução cessará e devotareis toda a vossa mente ao problema — e essa é a beleza do problema, o desafio que ele nos oferece.

Quando sofreis continuamente, não física porém psicologicamente, vossa reação imediata é procurar uma solução: desejais saber por que sofreis, e dizeis que é *karma* ou aceitais outra explicação qualquer — e tudo isso só serve para abafar o problema. O problema do sofrimento continua existente. O importante é começar a investigar o próprio problema, e isso significa não se apegar a nenhuma hipótese, nenhuma conclusão, nenhuma esperança. Tem então o sofrimento um significado extraordinário, e o problema, vitalidade.

Assim, se permitis, vou examinar cada pergunta junto convosco. Vamos encetar juntos uma jornada de exploração do problema, e, se não prestardes atenção ao problema, não compreendereis o que quero dizer. Mas, se começardes realmente a investigar o problema, ver-vos-eis

possuídos de uma extraordinária vitalidade para prosseguir até o fim. A maioria de nós não tem vitalidade, a não ser a de rotina — exercer um emprego, viver de acordo com hábitos arraigados, repetindo certos conjuntos de palavras, etc.; tudo isso tem uma certa vitalidade. Refiro-me, porém, a uma vitalidade de espécie diferente, àquela energia tremenda que se manifesta quando vos vedes frente a frente com um problema que exige *toda* a atenção.

Não sei se já alguma vez destes toda a vossa atenção a alguma coisa. Duvido disso, porquanto a atenção completa é algo verdadeiramente estupendo. Dar atenção completa a uma flor, uma ave, uma árvore, uma criança, um rosto, significa que não se deve dar nome à coisa. Se, ao verdes uma flor, dizeis: "É uma rosa, que bela!", vossa atenção já se afastou dela. Para se dar atenção completa a uma coisa, não deve haver "verbalização", comunicação ou descrição a outrem; deveis estar completamente *com ela.*

Da mesma maneira, se puderdes dar atenção completa a um problema, vereis que, não só achareis a solução desse problema, mas também que tereis capacidade para resolver qualquer problema, e, portanto, não haverá mais medo. É o medo que dissipa a energia e destrói a atenção completa.

Assim, se atentamente pudermos examinar juntos estas perguntas, encontraremos nelas uma extraordinária significação; mas se apenas ficardes dependendo de minha descrição, sem observar vossas próprias reações ao que se vai dizer, nenhuma vitalidade tereis para descobrir a Verdade contida no problema. Portanto, segui vós mesmos o problema. Não fiqueis esperando que eu faça a viagem e depois volte para dizer-vos o que ela significaria para vós; façamos juntos a jornada.

PERGUNTA: Todas as religiões ensinam a necessidade de refrear os sentidos. São os sentidos um empecilho ao descobrimento da verdade?

KRISHNAMURTI: Tratemos de descobrir a verdade relativa a esta questão, sem dependermos do que disseram os vários instrutores e livros, ou daquilo que vosso *guru* local vos gravou na mente.

Conhecemos a extraordinária sensibilidade dos sentidos — do sentido do tato, da audição, da vista, do paladar e do olfato. Para verdes uma flor completamente, estar cônscios de sua cor, de seu delicado perfume e beleza, deveis ter sentidos. É quando vedes um belo homem ou uma bela mulher que começa a aflição, porque então o desejo desperta. Prossigamos com vagar.

Vedes um belo carro. Há a percepção ou visão, a sensação, o contato, e, finalmente, o desejo. É assim que nasce o desejo. Diz então

o desejo: "Seria maravilhoso possuir este carro; tenho de adquiri-lo" — e consumis assim vitalidade e energia ganhando dinheiro para adquirir o carro. Mas a religião diz: "Isso é muito mau, é coisa má ser mundano. Vossos sentidos vos desviarão do bom caminho; deveis subjugá-los. Não olheis para uma mulher, não olheis para um homem; disciplinai-vos, sublimai vosso desejo." E começais assim a refrear os sentidos, vale dizer a cultivar a insensibilidade. Ou, vendo em torno de vós tanta fealdade, sordidez, esqualidez e sofrimento, vós vos fechais para essas coisas, dizendo: "Tudo isso é mau; preciso encontrar Deus, a Verdade." Por um lado estais reprimindo os sentidos, tornando-vos insensíveis, e por outro lado procurando tornar-vos sensíveis a Deus; e, assim, todo o vosso ser se está tornando insensível. Compreendeis, senhores? Se reprimis qualquer espécie de desejo, é claro que vossa mente se insensibiliza, ainda que estejais em busca de Deus.

O problema, pois, é compreender o desejo e não ser escravo dele, significando isso que deveis ser sensíveis totalmente — de corpo, mente e coração: sensível ao belo e ao feio, às flores, às aves que voam, ao Sol-poente espelhado nas águas, aos rostos que vos cercam, à hipocrisia, à falsidade de vossas próprias ilusões. Ser sensível a tudo isso é verdadeiramente importante e *não* apenas tratar de cultivar a sensibilidade à Verdade e à beleza, ao mesmo tempo rejeitando tudo o mais. A própria "rejeição de tudo o mais" produz insensibilidade.

Se considerardes bem isso, vereis que reprimir os sentidos, tornar-se insensível a tudo o que é tempestuoso, contraditório, causador de conflitos e aflições, como insistentemente recomendam todos os *swamis,* iogues, e todas as religiões, é negar a profundeza, a beleza, a glória da existência. Para compreenderdes a verdade, necessitais de sensibilidade completa. Compreendeis, senhores? A Realidade exige todo o vosso ser; deveis chegar-vos a ela com vosso corpo, mente e coração, como ente humano total, e não com uma mente paralisada e tornada insensível pela disciplina. Vereis então que não há necessidade de temer os sentidos, porque sabereis como servir-vos deles, e eles não vos desviarão do "bom caminho". Compreendereis os sentidos, amá-los-eis, percebereis todo o seu significado e, então, não mais vos torturareis a reprimir e controlar. Não percebeis isso, senhores?

Amor não é "amor divino", ou "amor conjugal", ou "amor fraternal" — e outros rótulos que bem conheceis. Amor é simplesmente amor — sem lhe aplicarmos uma significação nossa. Quando amais uma flor com todo o vosso ser — e isso não é apenas dizer "que bela!" e passar adiante; ao amardes a pleno um ser humano, com toda a vossa mente, coração e corpo, vê-se então que aí não há desejo, portanto não há conflito, nem contradição. É o desejo que cria a contradição,

o sofrimento, o conflito entre *o que é* e o que *deveria ser,* o ideal. O homem que consegue reprimir os sentidos, tornando-se insensível, não sabe o que é amor; por conseguinte, ainda que fique meditando por mais dez mil anos, nunca encontrará Deus. Só quando vosso ser se torna sensível a tudo, à profundeza de vossos sentimentos, a todas as extraordinárias complexidades de vossa mente, e não apenas àquilo que chamais "Deus", só então o desejo deixa de ser contraditório. Entra, então, em ação um "processo" completamente diferente, o qual não é "processo de desejo". O amor é "sua própria eternidade", e tem ação própria.

PERGUNTA: Ao falardes de "estar livre do passado", quereis dizer que o passado de um indivíduo com todas as suas experiências, lembranças, desditas e alegrias pode ser totalmente apagado? Pode a mente ter existência, despojada do passado?

KRISHNAMURTI: Esta é uma questão realmente muito complexa, e espero presteis atenção. "Prestar atenção" não significa apenas ouvir minhas palavras ou minha descrição, mas, sim, enquanto aí vos achais sentados e escutando, vos manterdes realmente cônscios de vossa própria mente — a mente que está pensando, lutando, reagindo, olhando para um lado e para o outro. Observai a mente e encontrareis a resposta por vós mesmos.

Agora, pode a mente apagar o passado, os milhares de dias pretéritos? É isso o que a pergunta implica. Os dias passados, de prazer e dor, de popularidade ou fama, as coisas que aprendestes e as coisas que pretendeis fazer amanhã, as qualidades que adquiristes em muitos anos e que, consciente ou inconscientemente, vos estão impelindo a pensar numa certa direção — tudo isso representa o passado com sua extraordinária vitalidade. O passado não é apenas o conteúdo da mente consciente que aprendeu a técnica da vida moderna e adquiriu certa capacidade especializada que vos permite ganhar a vida; o passado é também constituído das coisas que jazem ocultas no inconsciente, os *motivos* de que não tendes consciência, as marcas gravadas pelos séculos, o legado de vossos ancestrais.

Ora, a questão é se a mente pode libertar-se de tudo isso, desembaraçar-se de seu conteúdo total, provindo do passado. Não traduzais isso em *karma.* Propositadamente não emprego esta palavra, porquanto desperta certas reações que poderiam facilmente desviar-vos e fazer-vos perder o significado desta questão.

A mente é tanto o consciente como o subconsciente. O consciente está apto a ajustar-se ao atual ambiente. Por sua vez, o inconsciente

é o resíduo de muitos dias passados; é *conservador,* desinclinado ao movimento, a ajustar-se ao que é moderno, imediato. É o passado. E o interrogante indaga: "Pode a mente libertar-se do passado?"

Que é a mente? Ora, a mente foi formada, "constituída", pelo passado, isto é, pelo tempo. Prestai atenção para verdes como isso é simples. A mente resulta do tempo, sendo o tempo memória, conhecimento, experiência de muitos dias anteriores. Tudo isso é o passado; e por que desejais ficar livres dele? Por que diz vossa mente: "Preciso livrar-me do passado?" Compreendeis, senhores? Estais fazendo disso um problema artificial, para vós mesmos, por que me ouvistes dizer que a mente precisa ser livre do passado? Ou deveríeis dizer: "A vida é algo sempre novo, para ser vivido, para ser sondado completamente a cada minuto, e isso eu não posso fazer, se me encontro com a vida com meus preconceitos, meu nacionalismo, meus deuses, meus dogmas e crenças, isto é, se a ela me chego com o meu passado?" Sem dúvida, há muita diferença, não achais? Surge-vos o problema por minha causa, ou porque desejais compreender a vida por vós mesmos? — Pode a mente libertar-se do passado? É possível ela não depender de nenhuma causalidade, nenhum *motivo,* nenhum pensamento resultante do passado? Senhores, por favor, escutai isso com a mesma intensidade com que procuraríeis um novo emprego se tivésseis perdido o atual. Pode a mente existir sem causalidade, sem *motivo,* sem passado? Vós não sabeis a resposta. Uns dizem "sim", outros dizem "não", mas deixai de parte essas pessoas. Não têm a experiência direta, e o que dizem é apenas suposição. Vós mesmos é que tendes de descobrir.

Ora, como ireis descobrir? Compreendeis o problema? O problema é este: Vossa mente promana do tempo, da tradição, da memória, de vossa educação hinduísta, cristã, etc. E pode a mente existir sem esse *fundo,* sem a imensa pressão do passado? — Se a mente não é capaz de existir sem o peso morto do passado, nunca será livre. Podeis falar sobre liberdade, sobre Deus, mas isso nada significa enquanto a própria mente não estiver livre do passado.

Deveis, pois, descobrir por vós mesmos o que é *pensar.* Compreendeis? Se não souberdes o que é *pensar,* não sabereis o que é o passado. Pensais como hinduísta, como cristão, como comunista ou o que mais seja, porque fostes educado para pensar desta maneira. Assim, o problema é se a mente pode libertar-se de todo o pensar que se baseia no passado. Pode ela estar completamente quieta, sem nenhum movimento de pensamento?

Agora, não fecheis os olhos para entrar em transe, pensando que isso é "meditar"; pois isso é apenas hipnotizar a si próprio. Vede,

simplesmente, que todo pensar se baseia numa causa, é reação de determinado *fundo (background)*, e fazei a vós mesmos esta pergunta: Pode a mente existir sem pensar, ou pensar é a própria natureza da mente? Compreendeis, senhores? Impende-vos descobri-lo. De nada serve eu vo-lo dizer. Deveis descobrir por vós mesmos se é possível a mente existir sem pensamento. E isso só podereis descobrir se compreenderdes todo o processo do pensar; significa que deveis saber o que é "pensar".

Em termos mais simples: o que chamamos pensar é reação da memória. A memória é causa e o pensar, efeito. E é possível à mente que está sempre a pensar e a pensar, a girar e a girar, a afligir-se, a desejar, a reprimir a si própria, sempre invejosa, sempre ávida, etc. — é possível a essa mente acabar com esse sistema? Isto é, pode o experimentador cessar de experimentar? Mais uma vez, só o descobrireis se começardes a investigar seriamente todo o "processo" do pensar, da memória; e, se prestardes atenção a vossas lembranças, ao funcionar de vossa própria mente, vereis que a coisa é muito simples. Então, a despeito de todos os livros, a despeito de todas as pessoas que dizem ser possível ou impossível, descobrireis por vós mesmos que a mente pode libertar-se totalmente do passado — mas isso não significa deixardes de reconhecer o passado, esquecer-vos de vosso endereço. Isso seria absurdo, seria um estado de amnésia. Mas descobrireis que é possível a mente ficar completamente vazia. E descobrireis, também, que a mente de todo vazia é a mente verdadeiramente criadora — e não quando está atulhada de lembranças — porque, vazia, a mente é sempre capaz de receber aquilo que se chama a Verdade. É então qual uma taça, que só tem utilidade quando vazia. A mente repleta de memória, cheia de associações, conhecimentos, nunca compreenderá o que é a Verdade. Assim, deveis começar a compreender todo o processo do passado, e isso só será possível se o seguirdes, se diariamente estiverdes cônscios dele em tudo o que estejais fazendo. Vereis então que há um estado mental totalmente dissociado do passado, e, nessa total dissociação do passado, conhecereis o Eterno.

6 de fevereiro de 1957.

PODEMOS TER AQUELA OUTRA COISA?

(BOMBAIM — II)

PENSO que a maioria de nós facilmente se satisfaz com explicações e que não parecemos capazes de ultrapassar as meras palavras para experimentarmos diretamente, por nós mesmos, algo original. Estamos sempre a repetir, como discos de gramofone, sempre seguindo uma certa autoridade que promete um certo resultado.

Ora, a religião me parece ser algo completamente diferente. Não é adoração de palavras, nem projeção de símbolos e o experimentar desses símbolos. Religião é o experimentar daquilo que transcende os limites da mente; mas, para experimentar esse estado, "realizar" a sua imensidão, é indispensável compreender o processo de nosso próprio pensar. Em geral somos indiferentes às impressões, às pressões, à vitalidade da existência; com facilidade nos satisfazemos e alguns de nós não ousamos sequer considerar os problemas existentes ao redor de nós e dentro de nós mesmos.

Assim, proveitoso seria se pudéssemos considerar nesta tarde os nossos problemas, não teórica ou abstratamente, porém realmente, para vermos o que em verdade são. Isso não quer dizer que iremos resolver o problema da guerra ou acabar com a matança que ocorre em outras partes do mundo; mas acontece que facilmente nos deixamos desviar pela enormidade desses problemas e não existe em nós aquela clareza do pensamento que só se apresenta ao começarmos com "nós mesmos" e não com outra pessoa ou coisa. O problema mundial é nosso problema, porque nós somos o mundo. O que pensamos atinge o mundo; o que fazemos atinge a sociedade. O problema individual relaciona-se diretamente com o problema mundial e não me parece estarmos atribuindo suficiente importância ao poder do pensar e da ação individuais. Historicamente, por certo podeis verificar que são sempre indivíduos os que iniciam os grandes movimentos.

Assim, cabe-nos considerar antes de tudo os nossos próprios problemas, porque eles estão diretamente relacionados com os problemas mundiais; e se vós e eu pudermos aplicar toda esta hora a esse trabalho, talvez então possamos sair daqui com uma diferente perspectiva, um novo impulso, uma "explosiva" vitalidade.

Ora, qual é nosso problema básico? Como estudantes ou homens de negócios, como engenheiros, políticos ou supostos "buscadores da Verdade" — o que quer que isso seja — qual é, fundamentalmente, o nosso problema?

Em primeiro lugar, o mundo me parece estar-se transformando rapidamente, e a civilização ocidental, com sua mecanização, sua industrialização, suas descobertas científicas, sua tirania, seu parlamentarismo, seus investimentos de capitais, etc., imprimiu-nos na mente uma profunda marca. Mas nós criamos, no curso dos séculos, uma sociedade da qual somos parte integrante e que determina que devemos ser morais, honrados, virtuosos, que devemos comportar-nos segundo um certo padrão de pensamento que promete o final conhecimento da Realidade, de Deus ou da Verdade.

Existe, assim, uma contradição em nós, não é verdade? Vivemos neste mundo de avidez, inveja e apetites sexuais, pressões emocionais, mecanização, com o governo controlando eficientemente nossas necessidades — e ao mesmo tempo desejamos encontrar algo superior à mera satisfação física. Existe ânsia de encontrar Deus e também de viver mundanamente. Queremos trazer aquela Realidade para este mundo. Dizemos que, para viver neste mundo, precisamos ganhar dinheiro, que a sociedade requer que sejamos ávidos, invejosos, competidores, ambiciosos; e, todavia, vivendo neste mundo, desejamos fazer surgir aquela "outra coisa". Será possível que todas as nossas necessidades físicas sejam atendidas, que o governo crie um Estado no qual tenhamos um alto grau de segurança exterior; mas interiormente estaremos famintos. Assim, desejamos aquele estado a que chamamos religião, aquela Realidade que imprime à ação um novo impulso, uma "explosiva" vitalidade.

Este, por certo, é meu problema e vosso problema: Como iremos viver neste mundo, onde o viver implica competição, aquisição, ambição, a busca "agressiva" de nosso próprio preenchimento, e ao mesmo tempo trazer à nossa existência o perfume de algo que se acha além? É possível tal coisa? Podemos viver neste mundo e ao mesmo tempo possuir aquela "outra coisa"? Este mundo se está tornando cada vez mais mecanizado; os pensamentos e ações dos indivíduos estão sendo controlados cada vez mais pelo Estado. O indivíduo está sendo "espe-

cializado", educado num certo padrão, a fim de seguir uma rotina diária. Há compulsão em todos os sentidos; e, vivendo num mundo assim, podemos tornar existente aquilo que não é exterior nem interior, porém tem movimento próprio e requer uma mente sobremodo ágil, mente capaz de intenso sentimento, intensa investigação? Isso é possível? A não ser que sejamos neuróticos, mentalmente excêntricos, temos de reconhecer ser este o nosso problema.

Ora, qualquer homem inteligente pode ver que freqüentar os templos, praticar *puja* e todas as demais extravagâncias que se praticam em nome da religião não é absolutamente religião; é, meramente, uma conveniência social, um padrão que fomos ensinados a seguir. O homem está sendo educado para ajustar-se a um padrão, para não duvidar, não investigar; e nosso problema é como viver neste mundo de inveja, avidez, ajustamento e perseguição de ambições pessoais, e ao mesmo tempo experimentar aquilo que se acha além da mente, chamai-o Deus, Verdade, ou o que quiserdes. Não estou falando sobre o deus dos templos, dos livros, dos *gurus,* mas de algo que é muito mais intenso, e vital, e grandioso, de algo imensurável.

Assim, vivendo neste mundo com tantos problemas, como posso captar "a outra coisa"? Isso é possível? Não é, decerto. Não posso ser invejoso e ao mesmo tempo descobrir o que é Deus ou a Verdade; as duas coisas são contraditórias, incompatíveis. Mas é isso o que está tentando fazer a maioria de nós. Somos invejosos, deixamo-nos levar por esse velho impulso, e simultaneamente sonhamos descobrir se existe Deus, se existe Amor, Verdade, Beleza, Eternidade. Se observardes vosso próprio pensar, se estiverdes realmente cônscios do funcionamento de vossa mente, vereis que vosso desejo é estar com "um pé neste mundo e um pé no outro mundo" — o que quer que este último seja. Mas os dois mundos são incompatíveis, não podem misturar-se. Que fazer, então?

Entendeis, senhores? Compreendeis que não se pode misturar a Realidade com algo que não é real? Como pode uma mente agitada pela inveja, que está vivendo na esfera da ambição, da avidez, compreender algo completamente tranqüilo e que, nessa tranqüilidade, tem seu movimento próprio? Como ser humano inteligente, percebo a impossibilidade disso. Percebo, também, que meu problema não é achar Deus, porque não sei o que isto significa. Posso ter lido uma infinidade de livros sobre o assunto, mas esses livros são meramente explicações, palavras, teorias sem realidade alguma para a pessoa que nunca experimentou aquilo que está além da mente. E o intérprete, não importa quem seja ele, é sempre um traidor.

Meu problema, pois, não é achar Deus, porque minha mente é incapaz disso. Como pode uma mente estúpida e limitada encontrar-se com o imensurável? Poderá falar sobre o imensurável, escrever livros a seu respeito, modelar um símbolo da Verdade e coroar de flores esse símbolo, mas tudo isso fica no nível verbal. Assim, se sou inteligente e estou cônscio desse fato, digo: "Devo começar com *o que verdadeiramente sou,* e não com o que *deveria ser.* Eu sou invejoso, e é só isso o que sei."

Ora, posso eu, vivendo nesta sociedade, libertar-me da inveja? Dizer sim ou não é mera suposição, e, portanto, sem valor. Para descobrir se isso é possível, requer-se intensa investigação. Em geral, direis ser impossível viver neste mundo sem inveja, sem avidez. Toda a nossa estrutura social, nosso código de moralidade se baseiam na inveja e, assim, pressupondes que não é possível — e o caso está liquidado. Mas se, ao contrário, um homem diz: "Não sei se existe ou não uma Realidade, mas desejo averiguar isso e, para averiguá-lo, é óbvio que minha mente deve estar livre da inveja, não apenas parceladamente, porém totalmente, porque a inveja é um movimento de agitação" — esse homem, e só ele, é capaz da verdadeira investigação. Voltaremos a este ponto mais adiante.

Meu problema, pois, não é investigar a Realidade, mas, sim, descobrir se, vivendo neste mundo, posso libertar-me da inveja. A inveja não é simples ciúme, embora o ciúme faça parte dela, nem é simplesmente mostrar-me ressentido porque alguém possui mais do que eu. A inveja é o estado da mente que está a exigir sempre *mais* e *mais:* mais poder, mais posição, mais dinheiro, mais experiência, mais saber. E exigir *mais* é atividade própria da mente egocêntrica.

Posso viver neste mundo, livre da atividade egocêntrica? Posso deixar de comparar-me com outro? Se sou feio, desejo ser belo; se sou violento, desejo ser "não-violento". Desejar ser diferente, ser *mais,* é o começo da inveja — o que não significa que devo aceitar cegamente o que sou. Mas esse desejo de ser diferente está sempre em relação com algo *comparativamente* maior, mais belo, mais *isso* ou mais *aquilo,* e somos educados para comparar dessa maneira. Nossa ânsia de todos os dias é competir, superar, e sentimo-nos satisfeitos em ser invejosos, não só consciente, mas também inconscientemente.

Achais que deveis tornar-vos *alguém* neste mundo, um grande homem ou um homem rico e, se tendes sorte, dizeis que é porque no passado praticastes boas obras — toda essa "conversa" de *karma,* etc. Interiormente, também, desejais tornar-vos *alguém,* um santo, um homem virtuoso; e, se observardes todo esse movimento de "vir a

ser", essa ânsia de *mais,* tanto externa como internamente, vereis que ele, esse movimento, se baseia essencialmente na inveja. Nesse movimento da inveja a vossa mente se vê envolvida; e, com a mente em tais condições, pode-se descobrir o Real? Ou isso é uma impossibilidade? Por certo, para descobrir o Real, deve a vossa mente estar completamente livre da inveja; não deve haver exigência de *mais,* declarada ou oculta nos íntimos recessos do inconsciente. E, se alguma vez já a observastes, deveis saber que vossa mente está sempre em perseguição do *mais.* Tivestes *ontem* uma certa experiência e hoje "quereis mais"; ou, se sois violento, desejais ser "não-violento", e assim por diante. Tudo isso são atividades de uma mente toda interessada em si própria.

Ora, é possível a mente ficar livre de todo esse "processo"? É *isto* que tenho de investigar, e não se existe ou não existe Deus. Para a mente invejosa, buscar Deus é pura perda de tempo; é coisa sem significação, a não ser teoricamente, intelectualmente, a título de entretenimento. Se desejo realmente descobrir se Deus existe ou não, devo começar *comigo mesmo,* isto é, minha mente deve estar de todo livre da inveja; e eu posso garantir que essa é uma tarefa imensa. Não é uma simples questão de "brincar" com palavras.

Mas, vede, quase ninguém, dentre nós, se interessa por isso e está disposto a dizer: "Quero libertar minha mente da inveja." O que nos interessa é o mundo, os acontecimentos da Europa, a mecanização da indústria — qualquer coisa que sirva para nos afastar do ponto central: que não poderei contribuir para a criação de um mundo diferente, enquanto, como indivíduo, eu não me tiver transformado fundamentalmente. Perceber que cada um precisa começar *consigo próprio* é perceber uma imensa verdade; mas quase todos nós fechamos os olhos a essa verdade, afastamo-la prontamente para o lado, porque o que nos interessa é o "coletivo", a reforma da ordem social, o tentar implantar a paz e a harmonia no mundo.

Poucas pessoas se interessam em si mesmas — a não ser quando se trata de seu êxito pessoal. Não é desta última espécie de interesse que estou tratando. Refiro-me ao interesse que o indivíduo deve ter em transformar-se. Mas, em primeiro lugar, a maioria de nós não percebe a importância, a verdade relativa à transformação; e, em segundo lugar, não sabemos como nos transformar, como produzir em nós essa extraordinária, essa "explosiva" transformação interior. A transformação no nível da mediocridade — que é trocar um padrão por outro — não é absolutamente transformação.

Aquela transformação "explosiva" deriva da concentração de toda a nossa energia, a fim de resolvermos o problema fundamental da

inveja. Estou considerando este ponto como o problema central, embora haja muitas outras coisas nele implicadas. Tenho a capacidade, a intensidade, a inteligência, a agilidade necessária para seguir os movimentos da inveja, em vez de apenas dizer "não devo ser invejoso"? Isto vimos dizendo há séculos. Também temos dito "devo seguir o ideal da "não-inveja" — o que é igualmente absurdo, pois significa "projetar" o ideal da "não-inveja" e, entrementes, continuar invejoso.

Por favor, observai esse "processo". O fato é que vós sois invejosos, enquanto o ideal é o "estado de não-inveja", e entre os dois estados existe um intervalo que deve ser preenchido com o tempo. Dizeis: "*um dia* serei não-invejoso" — o que é uma impossibilidade, pois isso tem de acontecer *agora* ou nunca. Não podeis fixar uma data futura em que sereis "não-invejosos".

Assim sendo, é-me possível adquirir a capacidade de investigar a inveja e dela me libertar totalmente? Como surge essa capacidade? Aparece pela prática de algum método ou exercício? Torno-me artista, se pratico uma determinada técnica todos os dias? Claro que não. Tende, pois, a bondade de prestar atenção por alguns minutos, não com o desejo de *adquirir* alguma coisa, mas de descobrir como nasce aquela capacidade. Compreendeis, senhores? O desejo de adquirir aquela capacidade é um movimento egoísta da mente; ao passo que, se não procuro cultivá-la, mas começo a investigar todo o processo da inveja, já é então existente o meio de dissolver totalmente a inveja.

Ora, de que maneira investigo o "processo" da inveja? Qual o *motivo* que determina essa investigação? Desejo libertar-me da inveja a fim de ser um grande homem, de me tornar semelhante a Buda, Cristo, etc.? Se investigo com essa intenção, esse *motivo*, minha investigação "projeta" sua resposta própria e, desse modo, o que acontece é que perpetuamos este mundo monstruoso que temos atualmente. Mas, se começo a investigar com humildade, i.e., sem o desejo de êxito, entra então a funcionar um processo totalmente diferente. Reconhecendo que não possuo a capacidade de me livrar da inveja, digo: "Vou investigar" — e isso significa que há humildade desde o começo. E, no momento em que é humilde, um homem já é capaz de libertar-se da inveja. Mas o homem que diz: "Quero ter aquela capacidade e hei de adquiri-la por meio de tais métodos, por meio de tal sistema" — esse homem errou o caminho, e foram homens como esse que criaram este mundo feio e traiçoeiro.

A mente deveras humilde tem uma capacidade imensa para a investigação, ao passo que a mente que leva o peso do saber, que se vê entravada pela experiência, por seu próprio condicionamento, nunca

poderá investigar realmente. A mente humilde diz: "Não sei; vou investigar" — e isso significa que investigar nunca é um processo de acumulação. Para não acumulardes, deveis morrer todos os dias, pois então vereis que — porque fundamentalmente, profundamente, sois humilde — essa capacidade aparece por si mesma; não é uma coisa que adquiristes. A humildade não pode ser exercitada, mas, se há humildade, a mente tem capacidade para investigar a inveja; e essa mente já não é invejosa.

Compreendeis, senhores? A mente que diz: "Não sei" e não deseja tornar-se alguma coisa, deixou totalmente de ser invejosa. Vereis então que a virtude tem significado completamente diverso. Virtude não é respeitabilidade, não é ajustamento, nada tem em comum com a moralidade social, que é mera conveniência, uma maneira de viver tornada respeitável através de séculos de compulsão, ajustamento, pressão e medo. A mente que é mesmo humilde, no sentido que expliquei, criará sua própria virtude, que não é a virtude nascida de um padrão. É a virtude do viver, nascida da humildade e do descobrir momento por momento o que é a Verdade.

Vosso problema, pois, não é o mundo das idéias, dos jornais, dos políticos, porém vosso mundo interior; mas deveis perceber, sentir a verdade desta asserção, e não, meramente, concordar, porque o *Gita* ou alguém diz que assim é. Se estais cônscios desse mundo interior e observando a vós mesmos sem condenação ou justificação, dia por dia, momento por momento, vereis então que há nesse percebimento uma tremenda vitalidade. A mente que acumula teme morrer, e ela nunca descobrirá o que é a Verdade. Mas à mente que está morrendo, a cada minuto, para tudo o que experimentou, vem uma extraordinária vitalidade, porque cada momento é novo; e só assim é a mente capaz de descobrimento.

Senhores, é bom ser sério, mas muito raramente somos sérios em nossa vida. Não entendo com isso "ser sério *a respeito de alguma coisa*", mas, sim, termos o sentimento da *seriedade* em nós mesmos. Sabemos muito bem o que significa ser alegre, gracejador, mas mui poucos de nós conhecem o sentimento de profunda seriedade, sem um *objeto* que nos faz *sérios;* (pouquíssimos) conhecem aquele estado em que a mente se abeira de cada situação, por mais cômica, alegre ou estimulante que seja, com um propósito sério. É, portanto, bom passarmos juntos uma hora dessa maneira, numa séria investigação, pois a vida é para a maioria de nós muito superficial, uma rotineira relação de trabalho, sexo, devoção, etc. A mente está sempre à superfície, e penetrar abaixo da superfície parece tarefa extremamente difícil. O necessário é esse estado de "explosividade", que é a revolução real

no sentido religioso, porque, só quando "explosiva", a mente é capaz de descobrir ou de criar algo original, novo.

PERGUNTA: Pratiquei uma ação iníqua e pecaminosa, que me deixou com um verdadeiro sentimento de culpa. Como poderei superar esse sentimento?

KRISHNAMURTI: Senhor, que entendeis por "pecado"? Os cristãos têm um conceito de pecado que vós não tendes, mas vós vos sentis "culpado" ao possuirdes mais dinheiro, ao terdes uma casa maior do que outro — pelo menos assim deveríeis sentir-vos. Quando passeais num carro confortável e avistais uma interminável fila de pessoas à espera de um ônibus, isso tem um certo efeito em vós, tendes o que se chama "sentimento de culpa" e desejais fazer alguma reforma radical, não no estúpido sentido econômico, mas no sentido religioso, de modo que tais coisas não possam acontecer no mundo. Ou, podeis sentir-vos "culpado" porque sabeis que tendes uma certa capacidade, um certo discernimento que a outros falta. Mas é muito estranho verificar que nunca nos sentimos "culpados" a respeito de tais coisas; só nos sentimos culpados quando se trata de coisas materiais, mundanas — ter mais dinheiro, melhor posição social, etc.

Ora, que é esse "sentimento de culpa" e quando vos tornais cônscio dele? É uma manifestação de piedade? A maioria de nós está ocupada consigo mesma, em diferentes maneiras, da manhã à noite e, consciente ou inconscientemente, vamos vogando nessa corrente. Ao surgir um súbito desafio, esse movimento, essa ocupação egoísta perturba-se e, então, nos sentimos "culpados", sentimos que estamos fazendo algo iníquo, ou que deixamos de fazer algo justo; mas esse sentimento está ainda na corrente da atividade egocêntrica, não é verdade? Não sei se todos vós estais seguindo isto.

Por que deveis sentir-vos "culpado"? Se estais vivendo intensamente, com todo o vosso ser, se percebeis plenamente tudo o que se passa ao redor de vós e dentro de vós, tanto consciente como inconscientemente, onde há lugar para a "culpa"? O homem que vive fragmentariamente, que está interiormente dividido, esse, sim, sente "culpa". Uma parte dele é boa, outra parte corrupta; uma parte procura ser nobre, e a outra é ignóbil; uma parte é ambiciosa, cruel, e a outra fala de paz e de amor. Essas pessoas sentem-se "culpadas" porque se acham ainda dentro do padrão que elas próprias fabricaram. Enquanto houver atividade egocêntrica, não podereis superar o sentimento de culpa. Só desaparece esse sentimento quando ides ao encontro da vida totalmente, com todo o vosso ser, isto é, quando

não há preenchimento de espécie alguma. Vêdes então que o sentimento de culpa já não existe, porque não estais pensando em vós mesmos. Não há atividade egocêntrica.

Senhores, se estais escutando, mas não agis, isso é o mesmo que estar sempre a arar sem nunca semear. É melhor não escutar uma verdade, do que escutá-la sem agir, porque ela então se torna veneno. Se aprovais ou desaprovais certas particularidades do que se está dizendo, isso é sem importância; o importante é perceberdes a verdade de que, enquanto funcionardes dentro do campo da atividade egocêntrica, não podeis fugir a várias formas de sofrimento e de frustração. O sofrimento e a frustração só podem cessar quando viveis totalmente, com a intensidade de todo o vosso ser, de vossa mente, coração e corpo; e não podeis viver desse modo completo, com essa intensidade, se só cuidais de vossa própria virtude. Podeis estar livres hoje do sentimento de culpa, mas ele surgirá com outra forma amanhã ou um dia depois.

Experimentai isso, senhores, experimentai um pouco viver intensamente todos os dias, com toda a vossa mente, coração e corpo, com tudo o que possuís, e vereis que então não há contradição, não há pecado. É o desejo, a inveja, a ambição, que gera a contradição, e a mente envolvida em contradição nunca descobrirá a realidade.

PERGUNTA: Como posso ser sensível quando estou sendo torturado pelo desejo?

KRISHNAMURTI: Por que somos torturados pelo desejo? Por que fazemos do desejo um instrumento de tortura? Há desejo de poder, desejo de posição, desejo de fama, desejo sexual, desejo de dinheiro, desejo de um carro, etc. Que entendeis pela palavra "desejo"? E por que é "errado" o desejo? Por que dizemos que devemos reprimir ou sublimar o desejo, fazer algo contra ele? Estamos agora tentando averiguar isso; não fiqueis apenas a escutar-me, mas penetrai junto comigo na questão e tratai de descobrir por vós mesmos.

Que há de "errado" no desejo? Vós o tendes reprimido, não? A maioria de vós tendes reprimido o desejo por várias razões: porque não é conveniente, não é satisfatório, ou porque pensais que não é moral, ou porque os livros religiosos dizem que para encontrardes Deus deveis ser "sem desejo", etc. Diz a tradição que deveis reprimir, controlar, dominar o desejo e gastais assim vosso tempo e energia a disciplinar-vos.

Ora, vejamos em primeiro lugar o que sucede à mente que está sempre a controlar-se, sempre a reprimir, a sublimar o desejo. Essa

mente, só ocupada consigo mesma, se torna insensível. Embora possa falar de sensibilidade, de bondade, embora possa dizer que devemos ser fraternos, que devemos criar um mundo maravilhoso, e todas as demais extravagâncias de que falam as pessoas que reprimem o desejo — essa mente é insensível porque não compreende aquilo que reprimiu. Reprimir o desejo, ou a ele ceder, é a mesma coisa, porque o desejo continua ainda existente. Podeis reprimir o desejo de uma mulher, de um carro, de posição; mas o próprio estímulo a não ter essas coisas, que vos faz reprimir o desejo delas, é, em si, uma forma de desejo. Assim, ao vos verdes presos na rede do desejo, deveis compreendê-lo, em vez de dizer que ele é correto ou errado, justo ou injusto.

Pois bem. Que é o desejo? Quando vejo uma árvore agitada pelo vento, isto é um belo espetáculo; que mal há em admirá-lo? Que mal há em observar os graciosos movimentos de uma ave que voa? Que mal há em admirar um belo carro, maravilhosamente construído e todo reluzente? E que mal há em apreciar uma pessoa agradável, de rosto simétrico, revelador de bom senso, inteligência, qualidade?

Mas o desejo não se detém aí. Vossa percepção não é apenas percepção, porque se acompanha de sensação. Em surgindo a sensação, desejais tocar, ter contato, e se apresenta então a ânsia de possuir. Dizeis: "Isto é belo, preciso adquiri-lo", e começa assim a agitação do desejo.

Ora, é possível ver, observar, estar cônscio das coisas belas e feias da vida, sem dizer: "Quero ter", "não quero ter"? Já observastes alguma vez uma coisa, simplesmente? Entendeis, senhores? Já observastes vossa mulher, vossos filhos, vossos amigos, simplesmente, olhando-os? Já olhastes para uma flor, sem a chamardes "rosa", sem desejardes colocá-la na lapela ou levá-la para casa para dá-la a alguém? Se sois capaz de observar assim, sem nenhuma avaliação por parte da mente, vereis então que o desejo não é uma coisa tão "monstruosa". Podeis olhar para um carro, ver-lhe a beleza, sem vos deixardes colher na agitação ou contradição do desejo. Mas isso requer extraordinária intensidade de observação, e não uma simples e indiferente olhada. Não significa que não tendes nenhum desejo; significa, apenas, que a mente é capaz de olhar sem descrever. Podeis olhar para a Lua sem dizer imediatamente: "Lá está a Lua, que bela!" Quer dizer, não há "tagarelice" mental. Se fordes capaz disso, vereis que, na intensidade da observação, do sentimento, da real afeição, tem o amor sua ação própria, que não é a ação contraditória do desejo.

Experimentai isso, para verdes quanto é difícil a mente observar sem "tagarelar" a respeito do que está observando. Mas esta, sem dúvida, é a própria natureza do amor. Como se pode amar quando a mente nunca está silenciosa, se está pensando sempre em si? Amar uma pessoa com todo o vosso ser, vossa mente, coração e corpo, requer grande intensidade; e, quando o amor é intenso, o desejo logo desaparece. Mas a maioria de nós nunca teve intensidade em relação a coisa alguma, a não ser quando se trata de nossa própria vantagem, consciente ou inconscientemente. Jamais procuramos abeirar-nos de coisa alguma sem procurar extrair proveito dela. Porém, só a mente que tem essa intensa energia é capaz de seguir o célere movimento da Verdade. A Verdade não é estática; é mais veloz do que o pensamento, e a mente não tem nenhuma possibilidade de concebê-la. Para compreender a Verdade, requer-se essa imensa energia, que não pode ser conservada ou cultivada. Essa energia não nasce da renúncia, da repressão; pelo contrário, exige completo "abandono" *(abandonment)* — e não podeis abandonar-vos ou abandonar tudo o que tendes, se apenas quereis um resultado.

É possível viver sem inveja, neste mundo que se baseia na inveja, na aquisição, na busca de poder e posição; mas isso requer extraordinária intensidade, clareza de pensamento e compreensão. A não ser que comeceis com "vós mesmos", o que quer que façais, nunca encontrareis o fim do sofrimento. A purificação da mente é meditação — purificação da mente que só por si se interessa. Tendes de compreender-vos — e poderíeis "entreter-vos" um pouco com isso, todos os dias. O homem que se "entretém" com a compreensão de si próprio perceberá muito mais do que aquele que prega aos outros.

10 de fevereiro de 1957.

DISCIPLINA

(Bombaim — III)

Quando a religião se torna universal, deixa de ser religião. Se religião é questão de crença, de conversão, de pertencer a um grupo que propugna certas idéias, já não existe então a semente religiosa. Porque religião é algo que precisa ser compreendido por cada indivíduo no "processo" do viver, nas atividades da vida diária e, por conseguinte, nenhuma relação tem com o educar a mente para funcionar segundo determinado padrão de pensamento.

Assim, parece-me muito importante compreender a função do indivíduo numa sociedade que é puramente o mecanismo de um sistema de idéias e na qual o que se chama moral é simples questão de manter-se dentro de determinado padrão de conduta. Mas, virtude não é seguir um padrão; é a ação da mente que compreende sua relação com outra. Se sou moral apenas no sentido social, essa moralidade, embora conveniente do ponto de vista social, nada tem que ver com a religião. Ora, por certo, para descobrirmos o que é a Verdade, o que é a Realidade ou Deus, devemos estar livres da moralidade social, porque a moralidade social conduz à respeitabilidade, ao conformismo; e, é óbvio, a mente que apenas se ajusta a um padrão ético ou moral nunca descobrirá o verdadeiro.

A virtude é que, realmente, põe a mente em ordem; e nosso problema é como criar a virtude, sem "cultivar virtude". Se eu a cultivo, ela deixa de ser virtude; entretanto, sem a virtude não existe ordem. É, de fato, um disciplinar da mente sem nenhum objetivo em mira — algo semelhante ao arrumar um quarto. A virtude não é um fim em si. Ela apenas torna a mente clara, livre, não contaminada pela sociedade. O problema, portanto, é este: Como pode a mente, nosso ser inteiro, tornar-se de pronto virtuosa, e não pelo seguir o "processo" de se fazer virtuosa? Porque a luta para se

tornar virtuosa, só pode reforçar a limitação, a atividade egocêntrica da mente. Isso me parece bem claro, isto é, ao procurar ser virtuoso estou em verdade realçando a atividade de meu próprio egotismo e isso, por conseguinte, já não é virtude.

A virtude liberta a mente, e a mente não está livre enquanto não há virtude. Mas a chamada virtude em que quase todos nós baseamos a nossa conduta é pura conveniência social; e a sociedade, radicada que está na aquisição, na compulsão, no egotismo, nenhuma possibilidade tem de compreender a virtude de *ser* e não *vir a ser*.

Se não compreendemos o que é ser virtuoso, nunca estará a mente livre para investigar, descobrir a Realidade. A virtude é essencial como conduta, comportamento; mas o comportamento baseado na compulsão, no conformismo, no medo, já não é ação de uma mente virtuosa. Assim, cumpre averiguar o que é ser virtuoso, sem cultivo da virtude. As duas coisas seguem direções completamente diversas. O homem que cultiva a virtude está sempre a pensar em si mesmo; só se preocupa com seu próprio progresso, seu melhoramento pessoal, e isso é ainda atividade do "ego", do "eu"; e essa atividade, evidentemente, nada tem em comum com a virtude, que é um "estado de ser" e não de "vir a ser".

Ora, como pode a mente, cujo condicionamento social e moral sempre foi o de cultivar a virtude, servindo-se do tempo como o meio de se tornar virtuosa — como pode a mente libertar-se desse estado de "vir a ser" e permanecer num "estado de virtude"? Não sei se já alguma vez pensastes no problema desta maneira. Para compreendê-lo, talvez seja necessário descobrirmos o que significa disciplinar a mente.

A maioria de nós se serve da disciplina a fim de conseguir um resultado. Se sinto cólera digo que *não devo* sentir cólera e, assim, me disciplino, controlo, reprimo, domino a minha cólera — e isso significa que me estou ajustando a um padrão ideológico. Assim estamos acostumados: uma luta constante para ajustarmos o que somos ao que pensamos que *deveríamos ser*. A fim de nos tornarmos o que *deveríamos ser*, submetemo-nos a certas práticas, disciplinas, dia após dia, mês após mês, do começo ao fim do ano, na esperança de alcançar um estado que consideramos correto. Há, assim, na disciplina, não apenas repressão, mas também conformismo, o estreitar da mente para ajustá-la a um certo padrão. Por favor, senhores, compreendei que não estou condenando a disciplina. Estamos examinando todo o processo envolvido na conduta que se baseia na disciplina.

Se posso compreender o atual processo de disciplina, processo que a maioria de nós conhece, e perceber a respectiva falsidade ou

verdade, terei então um "senso de disciplina" completamente diferente, ou seja uma disciplina sem nenhuma relação com o medo; e esse "senso" da disciplina é essencial. Mas a disciplina que praticamos se baseia no temor e no ajustamento, na luta para "vir a ser" algo mediante substituição, identificação ou sublimação. Tudo isso está implicado na prática da disciplina por parte de uma mente que se vê em confusão, e tal disciplinamento, é óbvio, baseado no medo, nenhuma relação tem com a Realidade. Se me disciplino porque meu vizinho, ou a sociedade, ou o sacerdote, ou um certo livro sagrado me diz ser essa a ação correta, então essa disciplina é sem madureza, infantil, nenhuma significação tem, e toda conduta baseada em tal padrão só leva à respeitabilidade, que nada tem que ver com a Realidade.

Ora, se compreendo que o mero ajustar-se a um padrão, por medo, não é disciplina, que *é* então disciplina? A mente deve funcionar livre de desordem, livre de confusão; e virtude, sem dúvida, é pôr em ordem a mente, de modo que ela possa voar em linha reta, e não tortuosamente, sem as distorções de suas próprias ambições, invejas e desejos. Mas, para "voar em linha reta", ela necessita de uma disciplina não relacionada com a disciplina do conformismo, da sublimação ou repressão, isto é, uma disciplina isenta de esforço — esforço para "vir a ser algo". E como tornar existente essa disciplina sem volição, ação da vontade? Pois, afinal de contas, a vontade é a culminação do desejo. É possível a mente ser disciplinada, sem vir à existência a entidade que deseja disciplina? Entendeis?

Este me parece um ponto importante e permiti-me sugerir que escuteis, não com o antagonismo próprio da mente que funciona pela velha disciplina e, portanto, rejeita a outra, mas, sim, com o intuito de descobrir o que é essa outra disciplina. A disciplina comum, embora possa parecer nobre, baseia-se essencialmente no temor; e nossa investigação visa a descobrir se existe uma disciplina não-baseada no medo, não-proveniente da ação volitiva.

Pode-se ver que a ação da vontade produz de fato um certo resultado. Se desejo algo muito ardentemente, se o persigo pacientemente, tê-lo-ei. Mas isso implica o funcionamento da vontade, e a vontade é essencialmente um "processo" de resistência, e a mente cuja disciplina é puramente processo de resistência não pode de modo nenhum compreender a outra espécie de disciplina.

Assim, como poderá a mente individual, vossa mente e a minha, alcançar o "estado de disciplina" sem disciplinar-se? Afinal de contas, a virtude — que significa "ser virtuoso", e não "vir a ser virtuoso"

— é um estado de disciplina sem base egocêntrica. E como pode a mente libertar-se da atividade egocêntrica, a que agora chama disciplina? Essa disciplina pode produzir certos resultados, que poderão ser nobres ou ignóbeis; mas a atividade egocêntrica, em qualquer forma que seja, com sua vontade, com seus temores, nunca pode ser virtuosa. E é possível minha mente libertar-se de toda atividade egocêntrica sem se disciplinar? Este é, na conduta, no comportamento, o problema real. Quando emprego as palavras "minha mente", isso é naturalmente uma maneira de dizer; não se trata de *minha* mente, trata-se *da* mente.

Ora, essa mente, até onde posso ver, funciona tão-só como atividade egocêntrica; quer meditando em Deus, quer buscando satisfação sexual, praticando o ideal da "não-violência", lançando-se a reformas sociais — sua atividade é essencialmente egocêntrica, isto é, confinada na esfera do tempo, no campo de seu próprio pensamento. E é possível a mente libertar-se dessa atividade egocêntrica, sem compulsão, sem a disciplina de ajustamento a padrão?

Por que se faz esta pergunta? Quase todos nós nos disciplinamos no sentido comum. Se somos invejosos, dizemos que *não* devemos ser invejosos, que devemos ser rigorosos com nós mesmos. Se não compreendemos, dizemos: "Se eu progredir por meio da disciplina, no fim compreenderei." Nunca duvidamos desse processo de disciplina em si.

Ora, pelo duvidar, pelo investigar, vereis que a disciplina nenhum valor tem, a não ser socialmente, e de modo nenhum pode conduzir à Realidade.

A Realidade só pode ser compreendida com o completo "abandono", e não podeis abandonar-vos enquanto existir qualquer forma de atividade egocêntrica. Não se pode ser austero quando se cultiva a austeridade, porque então a mente está em busca de resultado. Há uma austeridade de espécie diferente, que nenhuma relação tem com o abandonar uma coisa a fim de alcançar outra coisa, e que nunca será conhecida enquanto a mente estiver forçando, controlando, reprimindo a si própria. A austeridade da repressão produz de fato um sentimento de poder, de domínio de si mesmo, e nisso se encontra grande prazer, grande vitalidade que, entretanto, não nos leva na direção da Realidade. Pelo contrário, isso é, puramente, uma perpetuação da atividade egocêntrica, "apartada do mundo". É como possuir todos os tesouros do mundo seguindo por um caminho diferente (*sic*). Assim, será possível a mente ser austera se existe a entidade que procura ser austera?

Senhores, isto não é algo metafísico, místico ou vago. Se realmente seguirdes, ou investigardes, olhardes na direção que estou apontando, descobrireis, por vós mesmos, como resultado dessa investigação, que surgirá uma disciplina que nada tem em comum com a atividade egocêntrica que busca um resultado. A disciplina a que estais habituados é de todo em todo falsa; poderá ter valor no sentido social, mas nenhuma relação tem com a investigação da Realidade. Entretanto, há necessidade de virtude para se achar a Realidade; assim, que cumpre fazer?

Quando a mente busca, não pelo desejo de resultado, mas pela simples necessidade de buscar, porque percebeu a falsidade do que estava fazendo — então, esse próprio processo de investigação é disciplina que nenhuma relação tem com auto-aperfeiçoamento. Eu estou investigando; e, para investigar, deve a mente total estar "não-contaminada", livre de todas as pressões. A mente que está agrilhoada à preocupação, à ambição, à avidez, à paixão, é evidentemente incapaz de investigar. A verdade é para ser achada, e não para se crer, e para achá-la a mente deve ser livre. No momento em que percebo a verdade disso, minha mente se está libertando do falso e, por conseguinte, existe a verdadeira disciplina; não há nenhuma "entidade que disciplina", e o próprio percebimento do que é falso faz a mente compreender a verdadeira disciplina.

A virtude, pois, é essencial para se compreender a Realidade, e virtude não é respeitabilidade. Ser virtuoso, sem procurar *tornar-se* virtuoso, exige extraordinária investigação, lúcido pensar, e não tendes nenhuma possibilidade de pensar lucidamente, se há qualquer forma de medo. Por conseguinte, impende compreender o medo, sem perguntar "como" vencer o medo; é preciso compreender a violência, sem tentar *tornar-se* "não-violento". Descobrireis, então, que existe uma disciplina não relacionada com a disciplina da moralidade social; uma disciplina que é essencial, porquanto torna a mente capaz de seguir com incomum velocidade o célere movimento da Verdade. Se desejais observar o vôo de uma ave, deveis prestar-lhe toda a atenção e essa própria atenção é disciplina. A "Realidade" dos livros, dos sacerdotes, da sociedade, nenhuma realidade é; é mera propaganda e, portanto, não-verdadeira. Se desejais compreender o que é a Realidade, deve vossa mente ser capaz de extraordinária lucidez, silêncio, velocidade; e não é lúcida, não é silenciosa, não é veloz a mente quando agrilhoada a qualquer forma de disciplina, paralisada pela moralidade social. Ao compreenderdes isso, vereis que existe uma disciplina, uma austeridade não resultante de atividade egocêntrica; e essa disciplina é que é essencial, para que a mente possa seguir o rápido movimento da Verdade.

Para a maioria de nós a dificuldade é que tivemos uma certa e agradável experiência, e nos disciplinamos porque desejamos que essa experiência continue. Tive um momento lúcido, feliz, de viva percepção de algo inefável, e isso deixou-me forte impressão na mente; e, porque desejo repeti-lo, controlo-me, pratico a virtude, etc. Trata-se de uma forma de inveja, não achais? A inveja gera a disciplina, mas isso não é liberdade.

Ora, a mente que busca a Realidade encontra, nessa própria busca, um "processo" de disciplina em que não há experimentar por parte do "experimentador". Para que o "experimentador" não tenha experiências, requer-se extraordinária lucidez, espantosa firmeza de pensamento, de compreensão; e dessa compreensão da totalidade da mente, que é autoconhecimento, provém uma disciplina, uma conduta, um comportamento produtivo daquela austeridade tão essencial ao "abandono (de si mesmo)". Com esse "abandono", produto da austeridade, encontra-se a Beleza. Só a mente que de todo se abandona é realmente austera, e ela é que pode compreender a Verdade, a Realidade.

PERGUNTA: O pensamento é a semente que contém o começo e o fim — a totalidade do tempo. Esta semente se robustece e germina na escuridão da mente. Que ação é possível para consumir esta semente?

KRISHNAMURTI: Só há uma ação: a ação do silêncio. Mas, antes de mais nada, espero tenhais compreendido a pergunta. Diz o interrogante que a semente do pensamento, ou seja, a totalidade do tempo, amadurece no "ventre escuro da mente", e pergunta como pode esta semente do pensamento, este resultado do tempo, este produto do passado, ser completamente consumido — não por meio de um "processo", não por meio de um método ou sistema, pois isso implica tempo, e desse modo nos vemos de volta à escuridão em que ocorre a germinação e a continuidade do pensamento. A questão, pois, é esta: Como pode o pensamento, que é a totalidade do tempo, terminar?

Ora, antes de proceder a este descobrimento, tenho de investigar o que é pensar, não achais? E com esta pergunta apresentei a mim mesmo um "desafio" — e a "reação" a esse "desafio" é de acordo com minha memória. Quando digo "Que é pensar?" põe-se em movimento o mecanismo da memória — a memória de minhas experiências, de meus conhecimentos, de tudo o que aprendi ou tudo o que me disseram a respeito do pensar. Minha mente, pois, está a "cavar" na memória, procurando uma resposta à pergunta — ao "desafio". Esse "cavar" na memória, em busca da resposta, e a comunicação verbal

dessa resposta, é o que chamamos "pensar", o qual é processo de tempo.

Espero me esteja fazendo claro, pois é realmente importante compreender isso. É só quando compreendemos o processo de nosso próprio pensar que se pode descobrir o que significa ter uma mente de todo tranqüila. Para que a mente esteja tranqüila, há necessidade de energia completa, energia que não se dissipe, que seja total, na qual haja a vitalidade de todo o nosso ser. Para termos essa energia total que silencia a mente, precisamos investigar o que é pensar; e vemos que pensar é reação da memória, sendo isto bastante simples. Se vos pergunto onde morais, respondeis prontamente, porque se trata de uma coisa com que estais familiarizado. Se vos faço uma pergunta mais complicada, hesitais, há um intervalo entre minha pergunta e vossa resposta; nesse intervalo a mente está pensando, perscrutando a memória. Se vos faço pergunta mais complicada ainda, o intervalo é mais longo. A mente está buscando, tateando para encontrar a resposta; e se não encontra a resposta, diz: "Não sei." Mas, quando diz "Não sei", encontra-se num estado de "desejar saber" e, por conseguinte, está ainda prisioneira do processo do pensar.

Estamos vendo, pois, o que é pensar. A pergunta que põe a mente em movimento pode ser simples ou muito complexa, mas é sempre o mecanismo da memória que responde (reage), quer seja a memória de passado extremamente recente, quer seja do passado de ontem, ou do passado de há um século. Vê-se, pois, que o "processo" de pensar é reação da memória. E é esse processo de pensar que diz: "Devo disciplinar-me, devo libertar-me do medo, da avidez, da inveja, preciso encontrar Deus"; é este processo de pensar que tem a crença em Deus ou que diz: "Não há Deus"; mas ele está ainda compreendido na esfera do tempo, porquanto o pensamento é, ele próprio, a totalidade do tempo.

Agora, para um homem que deseja encontrar a Realidade ou a compreensão que lhe revelará a Realidade, para esse homem o pensamento deve cessar — pensamento no sentido de totalidade do tempo. E como pode cessar o pensamento? — mas não por meio de qualquer espécie de exercício, disciplina, controle, repressão, pois tudo isso está na esfera do pensamento, e, por conseguinte, no âmbito do tempo. A mente que diz: "Preciso investigar algo que não seja do tempo", é essa mente — processo de pensamento, processo de tempo — que deve cessar. Não achais?

Espero não estejais simplesmente ouvindo minhas palavras, porquanto palavras são cinzas, nenhuma significação têm, a não ser no

nível verbal; mas, se fordes capazes de investigar a significação daquilo que se acha além das palavras, compreendereis então a extraordinária beleza e profundeza da mente que se liberta do processo temporal. No tempo não há profundeza, no tempo não há virtude, no tempo só se encontra a germinação e amadurecimento do pensamento — do pensamento sempre condicionado, do pensamento que nunca pode ser livre. Não existe "livre pensamento": isto é puro disparate. "Pensar" é unicamente "pensar", e se perceberdes o verdadeiro significado do pensar, nunca mais falareis de "livre pensamento".

Por conseguinte, perguntamos: É possível ao pensamento, que é o resultado do passado, a totalidade do tempo, cessar de imediato? Digo que só é possível quando a mente está por inteiro tranqüila. Se perguntais: "Como poderá a mente ficar completamente tranqüila?" — esse "como" é uma exigência de método e, dessa maneira, estais de novo aprisionados no tempo. Mas existe um "como" que não está em relação com o tempo, pois não é exigência de método. Compreendeis o que estou dizendo, senhores? Podeis perguntar "como" — significando: "Ensinai-me o método que, com o tempo, porá fim ao pensar" — e esse "como" constitui meramente a continuação do pensamento, com o qual esperais alcançar um estado em que não há pensar — o que é uma óbvia impossibilidade. Mas, se percebeis a falsidade desse processo, então o "como" tem significado inteiramente diferente.

Peço-vos prestar atenção a isto, pois, se o compreenderdes, sabereis de pronto, por vós mesmos, o que é "ter uma mente serena"; ninguém vo-lo precisará ensinar e não necessitareis de nenhum *guru*. O "como" que implica método supõe tempo e, por conseguinte, continuação do pensamento, que é condicionado e no qual não há liberdade. Não tem esse "como" validade alguma ao investigar-se o que é a Verdade, porque, para se investigar o que é a Verdade, necessita-se de liberdade — de estar livre do pensamento.

Ora, no momento em que se percebe que o "como" que exige método é meramente a continuação do tempo, que acontece à mente? Espero estejais observando vossa mente, e não simplesmente ouvindo minhas palavras. Que acontece à vossa mente ao perceberdes que o "como" que exige método não é o caminho certo para se libertar a mente? Resta-vos um "como" que é *investigação*, não é verdade? E para investigar, temos de começar no mais completo silêncio, visto que nada sabemos. Entendeis?

A mente que está investigando não contém acumulação, sua investigação não é "aditiva", não há nela acumulação de conhecimento. Entendeis, senhores? Se estou investigando o que é o amor, não posso

dizer que o amor é espiritual, divino, efeito de *karma* etc., pois isso é simplesmente um "processo" de pensar. Nunca descobrirei o que é o amor por meio do pensar, porquanto o pensamento é condicionado, o pensamento é resultado do tempo. O pensamento "projeta" idéias sobre o amor, mas o que ele projeta não é amor. Para investigar o que é o amor, a mente deve estar livre de informações, idéias, pensamentos. Ao perceber esta verdade, minha mente se torna tranqüila; não tenho de perguntar *como* torná-la tranqüila. O importante é a correta investigação, isto é: investigar de modo que a mente esteja livre do conhecimento acumulado, através da experiência, pelo "experimentador".

O pensamento, que é a totalidade do tempo, germina nos escuros recessos da mente, porque a mente resultou do tempo, de muitos milhares de dias passados. A mera continuação do pensamento, por mais nobre, mais erudito, mais venerável que seja, se verifica na esfera do tempo, e essa mente é incapaz de descobrir o que se acha além de seus próprios limites.

O relevante, pois, é que a mente — resultado do tempo — comece a investigar a si mesma, em vez de especular a respeito do estado mental, que é livre do tempo. É só quando começa a investigar a si própria que a mente se torna cônscia de seus próprios processos e do significado de seu pensar. Só podeis estar total e imediatamente cônscios de todos os obscuros recantos da mente, onde o pensamento funciona, se percebeis que o pensamento nunca conduzirá a mente à liberdade. Se bem compreenderdes isso, vereis que a mente se tornará sobremodo tranqüila, não apenas a mente consciente, mas também a mente inconsciente, com toda a sua herança racial, seus *motivos,* dogmas e ocultos temores. Mas só se verifica essa tranqüilidade total da mente quando há a tremenda energia do autoconhecimento. É o autoconhecimento que traz essa energia, e não a vossa abstinência do sexo, do álcool, disto ou daquilo — pois isso, também, é uma forma de atividade egocêntrica. Essa energia é essencial e só pode manifestar-se em toda a sua intensidade, plenitude e vitalidade quando há conhecimento próprio.

Mas o autoconhecimento não é "cumulativo"; é o descobrimento do que sois de momento a momento. A mente está então tranqüila, e nessa tranqüilidade há grande beleza, da qual nada sabeis. Há nela um espantoso movimento que destrói a germinação da mente. Esse silêncio tem uma atividade própria, seu modo próprio de atuar sobre a sociedade, e ele produzirá ação, não importa qual seja o padrão social em apreço. Mas a mente que apenas se empenha na reforma social, no produzir a igualdade pela legislação, etc., nunca conhecerá

essa outra ação que opera sobre a totalidade. Eis por que tanto importa compreendermos. Graças a essa compreensão, há o verdadeiro "abandono" (passividade) e só então se apresenta esse extraordinário sentimento de silêncio.

Não sei se já alguma vez experimentastes, de manhã cedo, estar sentados calmamente, com a mente inativa, observando o céu sereno, as refulgentes estrelas, as árvores, os pássaros. Experimentai-o uma vez, não para meditardes — que é atividade egocêntrica do meditador —, mas por mero divertimento. Vereis então que há um silêncio que nenhuma relação tem com o conhecimento. Não é o fim do barulho, ou o oposto do barulho. É um silêncio que é, em verdade, o movimento criador *(creativeness)* de todas as coisas, o começo de tudo. Mas nunca o encontrareis se não tiverdes esse conhecimento próprio. Essa compreensão é o despertar da liberdade.

17 de fevereiro de 1957.

O INFINITO APRENDER

(Bombaim — IV)

Geralmente, que buscamos todos nós? E ao encontrarmos o que procuramos, consideramo-lo inteiramente satisfatório, ou há sempre a sombra da frustração no que achamos? E é possível aprendermos de todas as coisas, de nossas aflições e alegrias, para que nossa mente seja sempre "fresca", capaz de aprender infinitamente mais?

Em regra, escutamos porque desejamos que nos digam o que devemos fazer, ou a fim de nos ajustarmos a um dado padrão, ou, ainda, escutamos com o simples intuito de colher mais conhecimentos. Se aqui estamos com tal atitude, nesse caso o "processo" de escutar terá pouco valor, em relação ao verdadeiro objetivo destas palestras. Mas, infelizmente, parece-me ser só isto o que nos interessa; desejamos que nos digam as coisas, escutamos com o fim de ser ensinados; e a mente que apenas deseja ser ensinada é incapaz de aprender.

Penso existir um "processo" de aprender sem nenhuma relação com o desejo de ser ensinado. Vendo-nos confusos, não raro desejamos encontrar alguém que nos ajude a viver sem confusão e, por conseguinte, só estamos aprendendo e adquirindo conhecimentos com o fim de nos ajustar a um certo padrão; e, a meu ver, essas maneiras de aprender conduzirão, invariavelmente, não só a mais confusão, senão à deterioração da mente. Julgo haver um aprender de espécie diferente, um aprender que é investigação de nós mesmos e em que não há mestre nem discípulo, seguidor nem *guru*. Ao começarmos a investigar o funcionamento da própria mente, ao observarmos o próprio pensar, nossas atividades e sentimentos de cada dia, não podemos então ser ensinados, porque não há ninguém para nos ensinar. A investigação não pode então basear-se em autoridade alguma, em nenhuma hipótese, nenhum conhecimento prévio. Se assim fazemos, estamo-nos simplesmente ajustando ao padrão daquilo que já sabemos e, por conseguinte, já não estamos aprendendo sobre nós.

Para mim, muito importa o autoconhecimento, porque é só então que a mente pode esvaziar-se do "velho"; e, a menos que ela se torne vazia de quanto é velho, não poderá haver nenhum impulso novo. Esse impulso novo, criador, é essencial para que o indivíduo crie um mundo novo, um diferente estado de relações, uma diferente estrutura moral. E é só pelo completo esvaziar da mente, das coisas velhas, que é possível nascer o novo impulso, não importa como o chamemos: "impulso da Realidade", "graça de Deus", "sentimento de algo completamente novo, não premeditado, algo nunca dantes pensado, algo não fabricado pela mente". Sem esse extraordinário impulso criador da Realidade, por mais que fizermos para dissipar a confusão e trazer a ordem à estrutura social, isso só conduzirá a novas angústias e sofrimentos. Tal fato me parece evidente, se observarmos os acontecimentos políticos e sociais que se estão desenrolando no mundo.

É importante, pois, que a mente se esvazie de todos os seus conhecimentos, porquanto o conhecimento invariavelmente pertence ao passado; e enquanto a mente está onerada dos resíduos do passado, de experiências pessoais e coletivas, não há aprender.

Há o aprender que começa com o autoconhecimento, um aprender oriundo da percepção das atividades diárias: o que fazemos, o que pensamos, a natureza de nossas mútuas relações, a maneira como nossa mente "responde" a cada incidente e desafio do cotidiano viver. Se não estais cônscios da maneira como reagis a cada desafio da vida, não há autoconhecimento. Só podeis conhecer-vos, tais como sois, em vossas relações — relações com outras pessoas, com idéias e com coisas. Se, por exemplo, pressupondes qualquer coisa a respeito de vós mesmos, e começais daí — o que por certo é uma forma de conclusão —, vossa mente é incapaz de aprender.

Quando a mente leva a carga de uma conclusão, de uma formulação, acabou-se a investigação. E é essencial investigar, não apenas como o fazem certos especialistas, mas, sim, investigar em si mesmo e conhecer a totalidade do próprio ser, o funcionamento da própria mente, tanto no nível consciente como no inconsciente, em todas as atividades da vida diária: como funcionamos, quais são as nossas reações quando nos dirigimos ao nosso emprego, quando viajamos num ônibus, quando falamos com nossos filhos, com nossas mulheres ou maridos, etc. Se a mente não estiver cônscia de sua própria totalidade, não como *deveria ser,* mas como realmente *é;* a menos que perceba suas conclusões, seus pressupostos, seus ideais, seu conformismo, não há possibilidade de surgir o novo impulso criador da Realidade.

Podeis conhecer as camadas superficiais de vossa mente; mas conhecer os ocultos *motivos,* impulsos, temores, os recônditos resíduos

da tradição, da herança racial — estar consciente deles, prestar-lhes estrita atenção — eis um árduo trabalho que exige grande soma de energia. Em geral, não nos dispomos a atentar para essas coisas, falta-nos paciência para penetrarmos em nós mesmos, a pouco e pouco, a fim de começarmos a conhecer as sutilezas, os intricados movimentos da mente. Mas só a mente que bem se compreende e se torna, portanto, incapaz de enganar-se, só ela pode libertar-se de seu passado e transcender seus próprios movimentos na esfera do tempo. Isso não é muito difícil, mas requer grande soma de paciente trabalho.

Trabalhais muito em vosso emprego, pois precisais trabalhar para ganhar a vida e para nela realizar qualquer coisa. Fostes preparados para laborar com esforço no mundo comercial e estais também dispostos a forcejar no chamado mundo espiritual se para isso houver a oferta de uma recompensa. Diante da promessa de um lugarzinho no céu, ou se credes que alcançareis a bem-aventurança, a paz eterna, estais dispostos a trabalhar muito para obter isso; mas essa é meramente ação própria da avidez.

Ora, há uma diferente maneira de agir, ou seja, o investigardes a vós mesmos para saber exatamente o que se passa no campo mental, não com o intuito de obter recompensa, mas pela simples razão de que as misérias deste mundo nunca terão fim enquanto a mente não compreender a si própria. E, afinal de contas, o mundo em que vivemos não é o vasto mundo das atividades políticas, ou da investigação científica, etc.; é o pequeno mundo da família, o mundo das relações entre pessoas, no lar ou no emprego, entre marido e mulher, entre pais e filhos, mestre e discípulo, advogado e cliente, policial e cidadão. Eis o pequeno mundo em que todos vivemos; mas preferimos escapar-nos desse mundo das relações para um mundo maravilhoso criado pela nossa imaginação e sem nenhuma existência real. Se não compreendermos a esfera das relações e nela promovermos uma fundamental mudança, de modo algum poderemos criar uma nova cultura, uma diferente civilização, um mundo pacífico. Assim, a transformação deve começar em nós mesmos. Necessita o mundo de uma imensa e radical transformação; e nenhuma transformação real poderemos operar em nós se não conhecermos a totalidade de nossos pensamentos, sentimentos, ações; se não estivermos cônscios de nós mesmos a cada instante. E vereis, se ficardes assim vigilantes, que a mente começará a libertar-se de todas as influências do passado. Afinal de contas, a mente é agora o resultado do passado, e todo pensar é "projeção" dele, simples reação do passado a cada desafio; assim sendo, o mero pensar em criar um novo mundo jamais o tornará existente.

A maioria das pessoas, quando se vêem em confusão, procuram restaurar a velha religião, os antigos costumes, o modo de devoção praticado pelos seus ancestrais, etc., etc. Mas, sem dúvida, o necessário é descobrir se a mente, resultante do tempo, a mente que está confusa, perturbada, procurando às cegas alguma coisa — se essa mente pode aprender sem recorrer a um *guru,* se pode empreender, sem guia, a necessária jornada. Porque só é possível fazer essa viagem com a luz da compreensão de si mesmo, e essa luz não vos pode ser dada por ninguém; nenhum Mestre, nenhum *guru* vo-la pode dar, e tampouco a encontrareis no *Gita* ou em outro livro qualquer. Essa luz, tendes de achá-la dentro de vós, e isso significa investigar a vós mesmos — investigação essa bem difícil. Ninguém pode guiar-vos, ninguém pode ensinar-vos a vos investigardes. Pode-se-vos assinalar que essa investigação é essencial, mas o próprio "processo" de investigação tem de iniciar-se mediante vossa auto-observação.

A mente que deseja compreender o que é verdadeiro, o que é real, o que é bom, o que se encontra além de seus limites — qualquer que seja o nome que se lhe dê — deve estar vazia, mas não estar *cônscia* de estar vazia. Espero que distingais a diferença entre essas duas coisas. Se estou cônscio de que sou virtuoso, já não sou virtuoso; deixo também de ser humilde se me sinto como tal. Isso é bem óbvio, não? Do mesmo modo, se a mente está consciente de que se acha vazia, já não está vazia, porque há então o "observador" a "experimentar" o vazio.

Assim, é possível a mente libertar-se do "observador", do "censor"? Afinal, o observador, o censor, é o "eu", que quer sempre mais e mais experiência. Tive todas as "experiências" que este mundo pode proporcionar, prazeres e dores, ambição, avidez, inveja, e sinto-me insatisfeito, frustrado, superficial. Por conseguinte, desejo novas experiências, noutro nível a que chamo "o mundo espiritual"; mas o "experimentador" continua existente, o observador subsiste. O observador, o pensador, o experimentador poderá cultivar a virtude, disciplinar a si próprio, viver o que considera ser uma vida moral; mas ele continua a existir. E pode o "experimentador", o "eu", deixar de existir completamente? Porque só então é possível a mente esvaziar-se e surgir o novo, a Verdade, a Realidade criadora.

Em palavras mais simples: É-me possível esquecer de mim mesmo? Não digais "sim" ou "não". Não sabemos o que isso significa. Os livros sagrados dizem *isto* e *aquilo,* mas tudo não passa de meras palavras, e palavras não são realidades. O importante é a mente descobrir se aquilo que foi "ajuntado", acumulado — o "experimentador", "pensador", "observador", o "eu" — pode desaparecer, dis-

solver-se. Não deve haver *outra entidade* para o dissolver. Espero me esteja fazendo claro. Se a mente diz: "O Eu precisa ser dissolvido, para se alcançar aquele estado extraordinário que os livros sagrados prometem" — está então em ação a vontade, uma entidade que quer *alcançar;* por conseguinte, o "eu" ainda existe.

Ora, é possível a mente libertar-se do "observador", do "experimentador", sem motivo algum? Evidentemente, se há motivo, esse motivo é a própria essência do "eu", do "experimentador". Podeis esquecer a vós mesmos sem compulsão alguma, sem nenhum desejo de recompensa nem medo de punição — esquecer-vos simplesmente? Não sei se já experimentastes isso. Já alguma vez tal idéia se vos apresentou à mente? E, ao surgir uma idéia dessas, dizeis logo: "Se me esqueço de mim próprio, como posso viver neste mundo, onde todos lutam para me empurrar para o lado e passar-me à frente?" Para terdes uma resposta correta a esta pergunta, deveis primeiramente saber como viver sem o "eu", sem o "experimentador", sem a atividade egocêntrica geradora de sofrimento e que é a própria essência da confusão e da aflição. Assim, enquanto vive neste mundo com todas as suas complexas relações, todas as suas penas, pode um homem "abandonar a si mesmo" completamente e livrar-se das coisas que concorrem para a formação do "eu"?

Vede, senhores e senhoras, que isto é uma investigação, e não uma resposta que vos estou dando. Vós mesmos é que tendes de descobrir, e isso requer sério exame, árduo trabalho — muito mais árduo que o de ganhar o rotineiro sustento. Exige extraordinária vigilância, constante atenção, incessante investigação de cada movimento do pensamento. E, no momento em que se começa a investigar o "processo" do pensar — e isso consiste em isolar cada pensamento e acompanhá-lo até o fim —, pode-se ver quanto é difícil esse trabalho; não é nenhum divertimento para um homem indolente. Mas é de essencial importância fazê-lo, porque só a mente que se esvazia de todos os seus velhos conhecimentos, suas velhas distrações, conflitos e autocontradições — só essa mente possui o novo, o impulso criador da Realidade. Cria a mente, então, sua ação própria, faz surgir uma atividade de todo diferente, sem a qual a mera reforma social, por mais necessária e benéfica que seja, de modo nenhum criará um mundo pacífico e feliz.

Como entes humanos, todos somos capazes de investigação, descobrimento, e esse processo integral é meditação. Meditação é o investigar a própria essência do "meditador". Não se pode meditar sem autoconhecimento, sem se estar cônscio dos movimentos da mente, desde as reações superficiais às mais complexas sutilezas do pensa-

mento. Por certo, não é verdadeiramente difícil conhecer, estar cônscio de si mesmo; entretanto, para a maioria de nós há tal dificuldade, porque tememos investigar, "tatear no escuro", buscar. Nosso medo não é ao "desconhecido", porém, antes, de largar o conhecido. E só quando a mente deixa o "conhecido" dissipar-se por inteiro, só então há a completa libertação do "conhecido" e é possível nascer o novo impulso.

PERGUNTA: Em vossa última palestra, admitistes afinal a básica necessidade de disciplina, mas complicastes a questão ao dizer que essa disciplina era a disciplina da atenção total. Tende a bondade de explicar isso.

KRISHNAMURTI: Em minha última palestra, se bem me lembro, assinalei que a disciplina consistente em reprimir, sublimar ou substituir, nenhuma disciplina é; é mero ajustamento a padrão, processo mecânico baseado essencialmente no medo e na respeitabilidade. Assinalei, também, que existe uma disciplina de espécie completamente diferente, que não está em nenhuma relação com o medo: a disciplina da atenção total.

Ora, que se entende por "atenção"? Já prestastes atenção a alguma coisa? Por favor, senhores, acompanhai isso um pouco. Costumamos prestar atenção a alguma coisa, escutá-la, observá-la? Ou nossa atenção, nossa observação, nosso escutar não passa de mero processo de resistência? Ouço aquele corvo grasnar e resisto a fim de ouvir outra coisa, ou resisto ao vozerio daquelas crianças, porque desejo escutar o que se está dizendo. Essa resistência é atenção parcial, e atenção parcial não é, de modo nenhum, atenção. Ora, isso é evidente, não achais? Qual é o estado de minha mente ao resistir eu a um barulho porque desejo escutar outra coisa? Há nela conflito, o conflito resultante invariavelmente da resistência; e onde há conflito, aí não há atenção. Isto se me afigura bem claro. Havendo qualquer espécie de resistência, há conflito, e a mente em conflito é incapaz de prestar atenção.

Ora, é possível a mente estar livre de resistência, de conflito? Como surge o conflito? Ele surge quando há um desejo em oposição a outro, quando há tensão entre dois desejos. Isso também é bastante claro.

Agora, senhores, eu estou explicando, e se estais meramente ouvindo a explicação, perdeis o significado do que digo. Mas se, enquanto escutardes, estiverdes observando vossa própria mente, os movimentos de vosso próprio pensar, podereis então *ver* com toda a clareza e essa própria clareza de percebimento gerará atenção, e nenhum

esforço tereis de fazer para prestar atenção. No momento em que forcejais para prestar atenção, esse esforço supõe resistência, e quando há resistência não há possibilidade de atenção. A resistência, o conflito, surgem quando há desejos opostos, a tensão de desejar e não desejar. Deve a mente, pois, compreender todo o processo do desejo, sem se identificar com um desejo em oposição a outro, ou procurar ajustar um desejo a outro, por mais nobre, significativo ou vantajoso que isso possa ser. Todo desejo é em si contraditório e, por conseguinte, o desejo é a raiz mesma da resistência.

Mas pode a mente compreender o desejo? Sabe ela o que é desejo? A mente conhece o desejo *de alguma coisa,* desejo de mulher, desejo de homem; conheceis o desejo no sentido de "querer isto" ou "rejeitar aquilo". Agora pergunto: Sabe a mente o que é desejo? Está a mente cônscia de seu próprio estado ao sentir desejo? E há desejo sem objeto do desejo, sem a coisa que cria o desejo?

Vejo uma coisa bela e há sensação, contato, e daí resulta o desejo de possuí-la; o desejo, por conseguinte, é uma reação. E há desejo que não seja reação? Pode a mente experimentar o desejo "em si"? Espero estejais seguindo o que estamos investigando.

Vede, senhores, sabe a mente o que é amar? Conheceis a qualidade, o sentimento de amor? Não se trata daquilo que amais, mas, sim, do próprio sentimento. Ou o sentimento está sempre associado ao objeto? E, se não há objeto, existe o sentimento independente de objeto? Se o sentimento depende de objeto, se só surge com o percebimento dele, então, obviamente, não se trata de amor mas apenas da sensação produzida pelo objeto e geradora de conflito.

Ora, por favor, investigai comigo, pensai junto comigo, e senti junto comigo. É possível a mente ter o sentimento do amor sem objeto ou independente de objeto? É possível a mente prestar atenção sem objeto de atenção?

Receio estar tornando a coisa um pouco complicada; mas ela é em si mesma complicada, e se não lhe estais dando atenção, lamento-o. Tendes de investigar tudo isso, vós mesmos, e não, apenas, dizer: "Ora, disciplina é disciplina; porque vos preocupais tanto a seu respeito?" A disciplina que até agora conheceis é um simples hábito mecânico, sem vitalidade; é destrutiva, dissolvente. E é isso o que está acontecendo à maioria de vós: com a chamada disciplina estais destruindo a vitalidade do pensamento, da investigação independente, da atenção plena.

Eu vos digo que há uma disciplina independente desse horrível processo de ajustamento: a disciplina da atenção. Mas não há atenção se existe resistência, conflito. E pode a mente libertar-se do conflito?

Para investigá-lo, cabe-lhe descobrir o que cria conflito. A causa de conflito é o desejo de um objeto, isto é, quando o objeto cria desejo. Disciplinamo-nos *contra* o objeto, não é verdade? Tornamo-nos eremitas, *monges*, reprimimos, controlamos, e dessa maneira se cria cada vez mais conflito. E é isso o que chamamos "ser austero" — maneira bem infantil de pensar.

A seguir, temos a questão: É possível a mente perceber o objeto sem se despertar o desejo? Pode ela olhar o objeto e não reprimir sua própria reação? Porque todo o viver é reação, não é? Ver a beleza de uma árvore, do céu límpido, do mar, de uma ave a voar; ver os rostos que sorriem e as lágrimas dos que sofrem — ver tudo isso e *senti-lo* é viver; e se nos fechamos a qualquer dessas coisas por meio de disciplina, e de resistência, tornamos a vida superficial, monótona e estulta.

É possível, pois, a mente perceber tudo, o belo e o feio, sem se despertar o desejo? E quando a mente não está ocupada com um objeto de desejo, não há sentimento nenhum? Por favor, investigai vós mesmos. Não existe sentimento, se não há objeto? Não existe amor sem objeto? Não existe *escutar* sem alguém a falar? Se vossa mente fosse capaz de escutar assim, de assim amar, de sentir dessa maneira, veríeis surgir um extraordinário estado de liberdade do passado, e esse estado é a atenção total. Não teríeis então necessidade de fazer esforço algum para disciplinar-vos, porque essa plena atenção traz sua própria disciplina.

Não sei se já notastes que quando a mente dá inteira atenção a alguma coisa, não há "observador", não há "experimentador". Compreendeis, senhores? Se escuto de maneira total, sem resistência, o grasnar daqueles corvos, nessa atenção não há observador, nem experimentador, nem entidade que escuta; só há atenção completa, escutar completo, vida plena, sem sombras. Essa atenção traz sua própria disciplina, que é muito mais sutil, bem mais árdua e rigorosa do que a estúpida disciplina do medo e do conformismo.

O estado de atenção completa é austeridade, e só nesse estado pode a mente "abandonar-se"; só então lhe é possível receber o impulso criador da Realidade. O mero resistir a um desejo só serve para torturar a mente e criar o conflito da dualidade e, daí, todas as especulações filosóficas acerca da realidade. Já se vossa mente for capaz de prestar atenção completa a uma coisa — a vossos filhos, vossa esposa ou marido, a uma ave, uma árvore, a vossas tarefas diárias —, vereis então que não existirá contradição, nem resistência. Só surge a resistência, só se torna existente a contradição, quando existe a entidade que observa, que avalia, que julga, que condena, e essa entidade é o "ego", o "eu".

Conformismo, ajustamento, em qualquer ocasião que seja, não é moral; mas existe uma disciplina que não é resultado de medo, de respeitabilidade, de ajustamento à moral social, e só vem essa disciplina quando a mente é capaz de dar atenção total, em que não há contradição ou distração. Não há, para a mente, a questão de como evitar ser distraída, porque, quando se dá atenção total, não há distração.

Senhores, vós todos agis como uma criança que se entretém com um brinquedo. A criança está toda empolgada pelo brinquedo, absorvida por ele; mas isso não é atenção, porque o brinquedo se tornou *importante*. De modo idêntico, vos quedais sentados diante de uma imagem e por ela vos deixais absorver — e a isso chamais "meditação". A imagem, o cântico, o *shloka,* o *mantra* vos absorve; mas isso não é atenção. Aí há conflito, porque a imagem, a palavra, o símbolo, se torna sumamente relevante. Se perceberdes essa verdade, vereis surgir uma atenção sem objeto algum. Essa atenção não é um dom especial, mas, simplesmente, atenção sem esforço, sem objeto, e, portanto, sem sombra. É o objeto da atenção que projeta a sombra da contradição na mente que está dando atenção. A atenção sem objeto é um estado de completo vazio; a mente é capaz de *escutar* de maneira completa porque não está resistindo.

PERGUNTA: Um dia sucede ao outro, e a velhice e a morte se vão aproximando inexoravelmente. Eu vos escuto, mas a angústia do fim que se aproxima não diminui. Ensinai-me a enfrentar a velhice e a morte com serenidade.

KRISHNAMURTI: Que se entende por velhice? Tornar-se calvo, perder os dentes? O organismo físico evidentemente se gasta pelo longo uso. Isso é velhice? Ou velhice é a deterioração da mente? Uma pessoa pode ser jovem, sadia, forte e, no entanto, ser velha, se sua mente já está encaminhada para a deterioração.

Que se entende, pois, por velhice? Naturalmente, não nos estamos referindo ao gradual desgaste do corpo, pelo uso e pelo declínio. Não é disso que se trata. Referimo-nos ao estado da mente que envelheceu por não ter "inocência". Compreendeis, senhores? A mente está velha quando não é "fresca", quando só pensa em termos do passado e se serve do presente como passagem para o futuro. Eis a mente que não é jovem. E pode a mente tornar-se nova, "inocente", "fresca"? Pode renovar-se a cada momento, de modo que nunca envelheça? Ora, este é que é o nosso problema, e não como deter o envelhecimento, coisa naturalmente impossível. Poderão inventar-se novas drogas que vos

permitam viver cinqüenta anos mais; e daí? Por mais jovem que seja uma pessoa, o "processo" da deterioração já existe no funcionamento da mente. É possível, pois, a mente não se deteriorar?

Quais são os fatores da deterioração? Este é que é o problema. E pode a mente manter o viço, a pureza? Só a mente pura pode aprender, não aquela carregada de conhecimento e, portanto, já velha. Assim, como pode a mente tornar-se nova, fresca, purificada? Compreendeis, senhores?

A mente é resultado do tempo, de muitos dias anteriores, de todos os conflitos, impressões, contradições, esperanças e temores do passado; produto de inumeráveis desejos, do prazer e da dor, de ambições poderosas e terríveis frustrações. E como pode a mente, que se constituiu através do tempo, da experiência, de condicionamento, tornar-se nova?

Não importa se o organismo físico é novo ou velho, a mente se acha velha quando está fixada, moldada, funcionando numa rotina, num círculo de medo; e como pode ela tornar-se viçosa, sem danos? Ora, só se morrer para o passado, para tudo o que conhece. Compreendeis, senhores? É-me possível morrer para "minha casa", "minha família", "meu deus", "minha necessidade", "minha crença", "minha tradição", para todas as impressões, compulsões, influências que me formaram, e ao mesmo tempo estar cônscio de minha família, da beleza de uma árvore, da beleza de uma flor, do ocaso, do céu?

Afinal, que sois vós? Sois as memórias de vossa alegria, de vossas ambições e frustrações, dos poucos bens que possuís; sois a memória ou reconhecimento de vossa esposa ou marido, de vossos filhos, e a expectativa das coisas que pretendeis realizar; sois um feixe de tensões, de contradições, de impressões inumeráveis. Tudo isso sois "vós". Quer creiais que há Deus ou nenhum Deus, isso está ainda na esfera da memória, do conhecido, do pensamento. Podemos morrer para tudo isso imediatamente? Esperar a vinda da morte, para então perguntar: "Há vida após a morte?" — isso é, tão-só, dar continuidade à mente que envelheceu.

É possível, pois, a mente cessar, pôr termo (sem causa alguma) ao fator deteriorante, que é o conflito, ao processo de reconhecimento como "meu" e "vosso", etc.? Tentai isso, senhores. Vivei por um dia, por uma hora, como se tivésseis de morrer, como se realmente fôsseis morrer na próxima hora. Se soubésseis estar prestes a morrer, que faríeis? Trataríeis de reunir vossa família, pôr em ordem vossas finanças e vossos bens, fazer vosso testamento; e, depois, ao aproximar-se a morte, teríeis de compreender tudo o que fostes. Se apenas sentísseis

medo por estardes a morrer, não estaríeis morrendo para coisa alguma. Mas não sentiríeis medo se dissésseis: "Vivi uma vida monótona, ambiciosa, invejosa, estúpida, e agora vou apagar tudo isso de minha mente, vou esquecer o passado, para viver completamente esta hora. Senhores, se puderdes viver assim por uma hora, podereis viver completamente todo o resto da vida. Porém, morrer é um trabalho difícil; não o morrer de doença ou de velhice, que não dá trabalho nenhum. O *morrer* é inevitável, é o que todos teremos de fazer, e neste particular procurais confortar-vos de diversos modos. Mas, se morrerdes da maneira que falo, isto é, vivendo plenamente essa hora, descobrireis que existe enorme vitalidade, extraordinária atenção para tudo, porque essa é a única hora em que estais vivendo. Olhais para a fonte da vida porque nunca mais tornareis a vê-la; vedes o sorriso, as lágrimas, sentis a Terra, sentis a *qualidade* de uma árvore, sentis o amor que não tem continuidade nem objeto. Percebereis que nessa atenção total é inexistente o "eu" e que a mente, estando vazia, pode renovar-se. A mente é então "fresca", "indene" e, assim, vive eternamente, além do tempo.

20 de fevereiro de 1957.

INVESTIGAR PARA DESCOBRIR

(BOMBAIM — V)

SENDO a vida tão complicada, deveríamos considerá-la com toda a simplicidade. A vida é um vasto complexo de lutas, sofrimentos, alegrias passageiras e, para alguns, talvez, a deleitável continuação de algo que experimentaram. Diante desse extraordinário e complicado "processo" que chamamos "a existência", devemos certamente abeirar-nos dele com muita simplicidade; porque é a mente simples que realmente compreende o problema, e não a mente "sofisticada", a mente repleta de conhecimentos. Se desejamos compreender algo bem complexo, devemos estudá-lo de maneira simples, e aí é que está a nossa dificuldade; porque sempre nos aplicamos aos nossos problemas com asserções, pressupostos, conclusões e, assim, nunca estamos livres para tratar deles com humildade necessária.

E permiti-me assinalar que esta palestra será completamente fútil se escutarmos o que se vai dizer apenas no nível verbal ou intelectual. O mero escutar no plano verbal ou intelectual nenhuma significação tem quando temos à nossa frente problemas imensos. Assim, procuremos escutar, pelo menos por enquanto, não apenas no nível verbal ou com certas conclusões a que porventura a mente tenha chegado, porém com senso de humildade, de modo que vós e eu possamos examinar juntos todo este problema do conhecimento.

A anulação do conhecimento é o começo da humildade. Só a mente humilde pode compreender o que é verdadeiro e o que é falso e, assim, evitar o falso para seguir o verdadeiro. Mas a maioria de nós queremos abeirar-nos da vida com o conhecimento — sendo conhecimento tudo o que aprendemos, tudo o que nos ensinaram, e tudo o que acumulamos, nos incidentes e acidentes da vida. Esse conhecimento se torna nosso *fundo,* nosso condicionamento; ele nos molda os pensamentos e faz-nos ajustar ao padrão do que *foi.* Se desejamos com-

preender qualquer coisa, devemos chegar-nos a ela com humildade; e é o conhecimento que nos faz "não-humildes". Não sei se já notastes que, quando *sabeis,* deixastes de examinar *o que é.* Se já sabeis, não estais vivendo, absolutamente. A mente que desfaz tudo o que acumula, que realmente, e não apenas intelectualmente, está dissipando tudo o que sabe — só essa mente é capaz de compreensão; pois, para a maioria de nós, o conhecimento se torna a autoridade, o guia que nos mantém dentro do santuário da sociedade, dentro das fronteiras da respeitabilidade. O conhecimento é o centro de onde julgamos, de onde condenamos, aceitamos ou rejeitamos.

Ora, é possível a mente libertar-se do conhecimento? Pode esse "centro do eu", que é essencialmente conhecimento acumulado, ser dissolvido, para a mente ser realmente humilde, pura, e, portanto, capaz de perceber o que é a Verdade?

Afinal, que sabemos nós? Conhecemos apenas fatos ou o que nos ensinaram a respeito de fatos. Quanto me examino e a mim mesmo pergunto: "Que é que realmente sei?" — vejo que, em verdade, só sei aquilo que me foi ensinado, uma técnica, uma profissão, *mais* os conhecimentos que adquiri nas diárias relações de desafio e reação. Fora isso, que sei eu, que sabeis vós? O que sabemos é obviamente o que nos foi ensinado ou que recolhemos dos livros e das influências ambientes. Esse acervo de coisas que adquirimos ou nos foram ensinadas "reage" ao ambiente e, assim, torna mais forte ainda o *fundo,* isso que chamamos conhecimento.

Ora, pode a mente, formada mediante o conhecimento, desfazer tudo o que acumulou e, dessa maneira, banir completamente a autoridade? Porque é a autoridade do conhecimento que nos dá arrogância, vaidade, e só pode haver humildade quando essa autoridade é expulsa, não em teoria, porém realmente, a fim de que possa aplicar-me a todo esse complexo processo da existência com uma mente que *não sabe.* E é possível a mente libertar-se de tudo o que é sabido?

Como vemos, há muita tirania no mundo a espalhar-se cada vez mais; há compulsão, sofrimento físico e moral e a constante ameaça de guerra; e, com o mundo nestas condições, torna-se necessária uma radical transformação de nosso pensar. Mas a maioria de nós considera a ação mais importante do que o pensamento; queremos saber o que se deve *fazer* em relação a todos esses complexos problemas, e estamos mais interessados na ação correta do que no "processo" de pensar que produz a ação correta.

Ora, o processo do pensar não poderá ser renovado enquanto começarmos o nosso pensar com qualquer pressuposto, qualquer con-

clusão. Assim, temos de perguntar a nós mesmos se é possível a mente desfazer os conhecimentos que acumulou; o conhecimento se torna autoridade, a qual produz arrogância, e com essa arrogância e vaidade nós, consciente ou inconscientemente, consideramos a vida e, portanto, não nos abeiramos de coisa alguma com humildade.

Eu sei por ter aprendido, experimentado, acumulado, ou por governar meu pensamento e atividade consoante certa ideologia a que me ajustei. E assim, gradualmente, construo, em mim mesmo, todo esse "processo" da autoridade: a autoridade do experimentador, do homem que sabe. E meu problema é: Posso eu — que tanto conhecimento acumulei, que tanto aprendi, que tantas experiências tive — desfazer tudo isso? Porque não há possibilidade de nenhuma mudança radical sem a anulação do conhecimento. O próprio anular do conhecimento é o começo da mudança, não é verdade?

Que entendemos por "mudança"? Mudança é mero movimento do conhecimento que acumulei para outros campos de conhecimento, novos pressupostos e ideologias, "projetados" do passado? É isso, em geral, o que entendemos por mudança, não é exato? Ao dizer que preciso mudar, estou pensando em termos de "mudar para algo que já conheço". Quando digo que devo ser bom, é porque tenho uma idéia, uma formulação, um conceito do que é "ser bom". O florescimento da bondade só vem se compreendo o processo da acumulação de conhecimentos, e quando se desfaz o que eu sei. Então há possibilidade de revolução, mudança radical. Mas o mover-me, meramente, do conhecido para o conhecido não é mudança nenhuma.

Espero me esteja fazendo claro; porque vós e eu necessitamos mesmo de transformar-nos radicalmente, de maneira tremenda, revolucionária. Por certo, não podemos continuar como estamos. As crises e coisas terríveis que estão sucedendo no mundo exigem que o indivíduo considere esses problemas de um ponto de vista totalmente diverso, com mente e coração bem diferentes. Eis por que preciso compreender como operar em mim essa mudança radical. E vejo que só posso mudar desfazendo tudo o que conheço. O desemaranhar a mente do conhecimento é, em si, transformação radical, porque a mente é então humilde, e essa própria humildade produz uma ação de todo nova. Enquanto a mente está adquirindo, comparando, pensando em termos de *mais,* é obviamente incapaz de ação nova. E posso eu, que sou invejoso, ávido, mudar completamente, de modo que minha mente deixe de adquirir, comparar, competir? Por outras palavras, pode a minha mente esvaziar-se e no próprio processo de esvaziar-se descobrir a ação que é nova?

Assim, é possível operar uma mudança fundamental não oriunda de ação da vontade, nem resultante de influências, pressões? Mudança baseada em influência, pressão, ou ação da vontade não é mudança nenhuma. Vereis ser isso bem óbvio, se o examinardes. E se sinto a necessidade de uma completa e radical mudança interior, cabe-me, por certo, investigar o processo do conhecimento, que forma o centro de onde procede todo o experimentar. Compreendeis? Há um centro em cada um de nós, resultado da experiência, do conhecimento, da memória, e conforme esse centro nós atuamos, "mudamos"; e a própria anulação dele, a própria dissolução desse "eu", desse "processo" de acumulação, suscita uma mudança radical. Mas isso exige o difícil trabalho de conhecermos a nós mesmos.

Devo conhecer a mim mesmo *como sou,* e não como acho que *deveria ser;* devo conhecer-me como o "centro" de onde estou atuando, de onde penso, o centro constituído de conhecimento acumulado, de pressuposições, de pretéritas experiências, pois tudo isso impede a revolução interna, minha radical transformação. E como temos tantas complexidades no mundo atual, quando tantas mudanças superficiais se estão operando, torna-se necessária uma radical transformação no indivíduo; porque só o indivíduo, e não o "coletivo", pode criar um mundo novo.

Considerando-se tudo isso, podemos nós, como indivíduos, mudar, não superficialmente, porém radicalmente, para que se dê a dissolução do centro de onde emana toda a vaidade, todo o senso de autoridade, desse centro que acumula ativamente, desse centro constituído de saber, experiência, memória?

Esta é uma pergunta que não pode ser respondida verbalmente. Só a faço para despertar-vos o pensar, o investigar, a fim de empreenderdes sozinhos a viagem. Porque não podeis iniciar essa viagem com a ajuda de outro, não podeis ter um *guru* para dizer-vos o que deveis fazer e o que deveis procurar. Se vo-lo dizem, então já não estais fazendo a viagem. Mas não podeis iniciar essa viagem de investigação sozinhos, sem a acumulação de conhecimentos que vos impeçam o investigar? Para investigar, a mente deve estar livre do conhecimento. Se há qualquer pressão, por trás da investigação, a investigação então não é direta, torna-se tortuosa, e por isso é tão importante ter uma mente deveras humilde, uma mente que diga: "Não sei, quero investigar" — e que jamais acumula, no processo de investigar. No momento em que acumulais, tendes um centro e esse centro sempre influencia a vossa investigação.

Pode, pois a mente investigar sem acumular, sem tornar mais importante o centro com a autoridade do saber? Se pode, qual é então

o estado dessa mente? Compreendeis? Qual o estado da mente que está realmente investigando? Por certo, o seu estado é o "estado de vazio".

Não sei se já experimentastes o que é estar completamente só, sem nenhuma pressão, nenhum *motivo* ou influência, sem a idéia de passado e futuro. Estar inteiramente só é muito diferente do estado de solidão. Há solidão quando o "centro de acumulação" se sente isolado em suas relações com outro. Não me refiro a esse sentimento de solidão. Falo daquela solitude em que a mente não está contaminada porque compreendeu o processo da contaminação, que é a acumulação. Quando a mente se acha de todo *só* porque, pelo autoconhecimento, compreendeu o "centro de acumulação", vê-se então que, por estar vazia, não influenciada, ela é capaz de ação não relacionada com a ambição, a inveja, ou com qualquer dos conflitos que conhecemos. Essa mente, sendo indiferente, no sentido de que não está buscando resultado, pode viver com compaixão. Mas esse estado mental não é adquirível, nem é possível desenvolvê-lo. Ele nasce com o autoconhecimento, com o conhecerdes a vós mesmos — não um certo "eu" enorme, superior, mas aquele pequeno "eu" invejoso, ávido, vulgar, colérico, violento. O necessário é conhecer a totalidade dessa mente que é o nosso pequeno "eu". Para irdes longe, tendes de começar com o que está perto, e o que está perto sois vós, o "vós" que deveis compreender. E quando começardes a compreendê-lo, vereis ocorrer a dissolução do conhecimento e a mente tornar-se totalmente atenta, vigilante, vazia, sem aquele centro; e só essa mente é capaz de acolher o que é a Verdade.

PERGUNTA: Sou estudante. Antes de começar a ouvir-vos, era muito aplicado aos estudos e estava-me preparando para uma boa carreira. Mas agora tudo me parece tão fútil, que perdi completamente o interesse neles e na carreira. O que dizeis parece atraente, mas é impossível atingir. Tudo isso me torna confuso. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Senhor, eu vos tornei confuso? Fui eu que vos mostrei que o que estais fazendo é fútil? Se sou a causa de vossa confusão, então não estais confuso, porque, quando eu partir, voltareis à vossa antiga confusão ou clareza. Mas, se esse interrogante está falando seriamente, então o que de fato aconteceu foi que, escutando o que aqui temos dito, ele *despertou* para suas atividades; percebe agora que o que está fazendo, estudando e preparando-se para uma carreira, é um tanto vão, sem muita significação. Assim, pergunta ele: "Que devo fazer?" Está confuso, não porque eu o tornei confuso, mas, sim, porque, escutando, se tornou consciente da situação mundial, de sua

própria condição e de suas relações com o mundo. Percebeu por si a futilidade, a inutilidade desse interesse em preparar uma futura carreira. *Ele* mesmo compreendeu isso, não fui eu quem o levou a essa compreensão.

Senhor, acho que esta é a primeira coisa que devemos perceber: que, escutando e observando vossas próprias atividades, vós mesmo fizestes esse descobrimento; portanto, é um descobrimento *vosso* e não meu. Se fosse meu, eu o levaria comigo ao sair daqui, mas isso é algo que não vos pode ser tirado por ninguém, porque descoberto por vós. Vós vos observastes em ação, observastes vossa própria vida, e percebeis agora que preparar uma carreira para o futuro é uma coisa fútil. Assim, vendo-vos confuso, perguntais: "Que devo fazer?"

Que deveis fazer, com efeito? Deveis prosseguir vossos estudos, não? Isso é óbvio, pois cabe-vos exercer uma profissão, ter um meio de vida correto. Compreendeis? Prestai bem atenção, senhores. Vós tendes de ganhar a vida de maneira correta. A advocacia, por exemplo, não é meio de vida correto, porquanto mantém a sociedade no estado em que se encontra, uma sociedade baseada na aquisição, na avidez, na inveja, na autoridade, na exploração e, por conseguinte, internamente agitada. Por conseguinte, a advocacia não é profissão adequada para o homem verdadeiramente sério em matéria religiosa; esse homem, tampouco, pode ser funcionário da polícia ou militar. Ser soldado, evidentemente, é exercer uma profissão consistente em matar, e não há diferença entre "defensiva" e "ofensiva". O soldado é exercitado para matar, e a função do general é preparar a guerra. Assim, se essas três não são profissões corretas, que deveis fazer? Vós mesmos deveis descobrir isso, não? Cabe-vos descobrir, por vós mesmos, o que realmente deveis fazer, sem dependerdes de vosso pai, ou vossa avó, ou algum professor, ou quem quer que seja, para dizer-vos o que deveis fazer. E que significa "descobrir o que realmente deveis fazer"? Significa *descobrir o que gostais de fazer,* não achais? Quando amais o que fazeis, não sois ambicioso, não sois ávido, não buscais a fama, porque o próprio amor ao vosso trabalho é em si suficiente. Nesse amor não há frustração, porque não buscais preenchimento.

Mas, vede, tudo isso exige bastante reflexão, muita investigação, meditação, e, infelizmente, a pressão do mundo é bem forte — sendo o mundo vossos pais, vossos avós, a sociedade em derredor. Todos querem que vos torneis um homem de êxito, querem que vos adapteis ao padrão estabelecido, e com este propósito vos educam. Mas a inteira estrutura da sociedade baseia-se na aquisição, na inveja, na arrogância impiedosa, nas atividades agressivas de cada um de nós; e, se virdes

por vós mesmos, se virdes deveras e não em teoria, que essa sociedade inevitavelmente se desintegrará, encontrareis então a linha de ação que deveis seguir, que é: *fazer o que gostais de fazer.* Isso poderá ocasionar conflito com a sociedade atual — e por que não? O homem religioso, aquele que busca a Verdade, acha-se em revolta com a sociedade, alicerçada na respeitabilidade, na ânsia de aquisição, e na ambiciosa busca de poder. Ele não está em conflito com a sociedade; ela é que está em conflito com ele. A sociedade de modo nenhum pode aceitar esse homem. Poderá, talvez, declará-lo "santo" e adorá-lo — que é uma maneira de destruí-lo.

Ora bem, esse estudante, que esteve aqui escutando, sente-se agora confuso. Mas se ele não fugir a essa confusão, correndo para um cinema, entrando num templo, lendo um livro, recorrendo a um *guru,* e compreender como surgiu a confusão; se encarar a confusão e, no processo de investigação, não se ajustar ao padrão da sociedade, será ele então um homem verdadeiramente religioso. E os homens religiosos são necessários, porque serão eles os que criarão um novo mundo.

PERGUNTA: Para vós a observação do pensamento e do sentimento, dentro da consciência, parece ser um estado de completa objetividade. Como é possível isso? Podeis separar um pensamento ou sentimento da matriz do pensamento?

KRISHNAMURTI: Deixai-me explicar a questão, até onde a alcanço. O pensamento é parte da consciência; pensar, sentir, faz parte da mente. O que pensamos e sentimos — as contradições, as tensões, as ambições, a avidez, as aspirações, o desejo de ser poderoso, o preenchimento e a frustração — tudo isso se encontra no que chamamos "o campo da consciência". A consciência é como uma peça de pano inteiriça; e o interrogante pergunta: "Como podeis separar da consciência um pensamento ou um sentimento, e examiná-lo objetivamente, do princípio ao fim, sem nenhuma distorção? Isso é possível?"

Ora, descobrireis se é possível, ou não, se escutardes o que vou explicar. A explicação é meramente verbal; mas nós vamos examinar juntos o problema, e isso é meditação; a verdadeira meditação, por conseguinte, é um trabalho difícil. Requer-se enorme atenção para separar um pensamento ou sentimento e segui-lo até que esteja compreendido, dissolvido, sem permitir a interferência de nenhum outro pensamento ou um sentimento, nenhuma outra pressão. Como se pode fazer isso? É como seguir de ponta a ponta um dos fios de uma grande peça de tecido. Já experimentastes isso? Seguir esse fio requer, não só atenção visual, mas também a atenção da mente e do coração, de

todo o ser, para não perdê-lo. E o que agora vamos fazer é coisa semelhante, que exige muito trabalho, muita atenção — não a atenção que restringe, a concentração que exclui, porém uma atenção objetiva que tudo percebe. Não sei se estais compreendendo. Não, receio que não.

Senhores, vou tentar esclarecê-lo de outra maneira. Há um sentimento, e todo sentimento é pensamento e ao mesmo tempo desejo. Desejo, sentimento e pensamento não são unidades separadas; estão inter-relacionados e, por conseguinte, têm extraordinária vitalidade. São uma coisa viva e minha atenção deve ser igualmente viva, enérgica, para segui-los. Posso "olhar" um desejo, um pensamento, um sentimento, e segui-lo até o fim? Consideremos aquele desejo-sentimento-pensamento que denominamos "inveja". Inveja não é apenas o ciúme que um homem sente porque seu vizinho é mais belo do que ele ou tem uma casa maior. Isso é apenas um aspecto da inveja. Inveja é o desejo de *mais* — mais conhecimento, mais experiência; é o "senso comparativo" que diz: "sou *isto* e devo tornar-me *aquilo*". Inveja é a idéia de "vir a ser": "vir a ser" virtuoso, "vir a ser" nobre, "vir a ser" santo, iluminado. Tudo isso é inveja.

Vamos agora seguir a inveja, assim como se segue um fio numa peça de pano. A inveja está ativa, é uma coisa viva e, portanto, devo prestar-lhe inteira atenção, não só no nível superficial, consciente, mas também no nível inconsciente; porque o inconsciente, com toda a sua herança tradicional e racial, baseia-se na inveja. Fui ensinando a aperfeiçoar-me, preencher-me, "vir a ser", e tudo isso faz parte da inveja. Assim, posso seguir a inveja, passo a passo, em mim próprio, *objetivamente,* e perceber qual é a sua relação com o todo? E posso também examiná-la em si mesma?

Espero que isto não esteja difícil ou abstrato demais. Não o é, com efeito, porque, se a mente quer libertar-se da inveja, terá de percorrer todo esse caminho; e a mente deve libertar-se da inveja, porque, se há inveja, não se pode compreender a verdade. A compreensão da verdade requer humildade, e enquanto a mente for invejosa, enquanto desejar tornar-se Governador, Diretor, Banqueiro, Mestre ou o que quer que seja, não é humilde.

Assim, pode vossa mente, que é a matriz em que está contido todo o pensar, isolar o sentimento da inveja e segui-lo até o fim? Sabeis o que é "ser invejoso". Já o descrevi, e isso é o que sois. Embora não queirais admitir esse fato, embora procureis justificá-lo, vós sois invejosos. É óbvio. E podeis seguir esse sentimento de inveja até o fim? É o que vamos fazer, enquanto vou falando e, portanto, atentai para o que vou dizer.

Estou perfeitamente familiarizado com o fato de que sou invejoso; para ele não há justificação. Não o justifico nem o condeno. Ele existe. É um fato tão concreto como este microfone, observado com a mesma objetividade. Minha mente, pois, separa esse sentimento, esse desejo chamado "inveja", e é capaz de observá-lo em ação. Percebo então que sinto inveja ao ver um carro, uma bela pessoa ou um homem erudito; por conseguinte, estou apto a observar o absurdo de "vir a ser", e a ver todas as implicações da inveja.

Ora, pode minha mente existir sem comparação? Pode funcionar sem o pensamento de *mais,* sem, entretanto, ficar vegetando? Em geral dizemos: "Se não entro em competição, se não aprendo e luto para "vir a ser" algo, ficarei vegetando, far-me-ei em pedaços, desintegrar-me-ei." Mas, pergunto eu: "Pode minha mente existir sem inveja, sem a luta para "vir a ser" alguma coisa, e ao mesmo tempo estar extraordinariamente ativa, muito vigilante?

Vejo de que maneira minha mente sempre atua em relação a esse pensamento, esse sentimento, esse desejo a que chamo "inveja". Ela sempre se abeira dele com condenação ou justificação. Vejo agora que, se desejo compreender algo, não deve haver condenação, nem justificação. Nessas condições, a condenação e a justificação cessaram. Vejo, também, que, se dou nome ao sentimento, se o denomino "inveja", o estou condenando, porque a própria palavra "inveja" é condenatória.

Assim, podemos separar a palavra do sentimento? É possível isso? Porque no momento em que ocorre o sentimento, este recebe imediatamente um nome. Se observardes, vereis que o sentimento e o dar-lhe nome são quase simultâneos. E a verdadeira função da meditação, para a mente, é separar a palavra do sentimento — coisa bem difícil, porque requer muita atenção — de modo que o sentimento continue sem "verbalização".

"Verbalizais" um sentimento a fim de o reconhecerdes e por várias outras razões. O "dar nome" fixa o sentimento na mente, com o que se estabelece o "processo" de reconhecimento. E, assim, pelo reconhecimento, o novo sentimento se torna "o velho sentimento". Um sentimento é sempre novo mas nós o verbalizamos, a fim de fixá-lo no "velho", e para nos lembrarmos dele e o comunicar. Mas não desejamos tratar de tudo isso neste instante.

Ora, tenho agora o sentimento, o desejo, o pensamento que se chama "inveja", separado da matriz de todos os pensamentos. Percebo as implicações da inveja, tanto interiormente como socialmente. Percebo quanto é difícil a mente separar a denominação do sentimento, porquanto são praticamente simultâneos. Assim, é possível à mente se-

parar a palavra do sentimento? E se é, que acontece ao sentimento após isso? Se a mente já não o identifica com a palavra, o sentimento não permanece; há então, nesse sentimento, um movimento de qualidade completamente diferente.

Em geral só conhecemos um sentimento pelo "processo" de "verbalização" e reconhecimento. Com o reconhecimento, ou pomos fim ao sentimento ou lhe damos continuidade. Se o sentimento é agradável, dizemos: "Que belo, quero mais"; mas, se é feio, o condenamos. Já, se não damos nome nem ao sentimento agradável nem ao feio, só há então o sentimento — e isso é essencial, porque é por desejar o agradável e rejeitar o feio que a mente se torna insensível, incapaz de sentir. E é esse sentimento, esse impulso não relacionado com a "verbalização", que é novo.

Não sei se já notastes que todo sentimento é novo se não lhe damos nome. Denominar o sentimento é que o torna velho, e com isso se destrói o "impulso". O "impulso" é o novo, mas este se torna velho por causa do reconhecimento, da denominação.

Senhores, como disse, trata-se de coisa dificílima. Ao voltardes para casa, pegai um pedaço de pano e experimentai ver se podeis seguir um de seus fios até o fim; segui-lo não apenas visualmente, mas com toda a atenção. Experimentai, para verdes como é difícil.

De modo idêntico, é sobremodo difícil à mente seguir um pensamento, um sentimento, um desejo, até o fim, sem nenhuma distorção, nenhum desvio; porque, como de início expliquei, é o conhecimento, como palavra, que destrói o "novo". A palavra, que é conhecimento, é "o velho"; e no momento em que reconheceis um sentimento já o tornastes velho, porque reconhecê-lo é dar-lhe nome. Não podeis reconhecer uma coisa se já não a conheceis. Quando se apresenta um sentimento, a mente aplica-lhe de imediato um rótulo, tornando assim o sentimento velho. Mas, se não lhe dais nome — e não dar nome a um sentimento é dificílimo, trabalho verdadeiramente árduo, que exige muita atenção, meditação, extrema vigilância —, vereis então que o sentimento é inteiramente novo, irreconhecível; e o sentimento que é novo tem seu movimento próprio, sua atividade própria. É essa a mente capaz de separar um pensamento, sentimento ou desejo, da matriz da consciência.

24 de fevereiro de 1957.

O CAMPO DO CONFLITO

(Bombaim — VI)

Seria pura perda de tempo e de todo em todo fútil escutar estas palestras apenas para refutar ou para aceitar intelectualmente os dizeres do orador. Mas, se pudermos experimentar diretamente o que ele diz, isto é, se puder cada um de nós seguir as operações de sua própria mente, penso que então estas palestras serão realmente proveitosas. Porque o que nos interessa não são abstrações e idealizações, mas o viver de cada dia com todas as suas angústias, dores e prazeres; e quer-me parecer que o importante é verificar-se, sã e racionalmente, uma mudança radical em nossa existência diária, pois se apenas nos apegamos a teorias, ideologias, ou fazemos asserções intelectuais, isso é extremamente fútil e nenhum valor tem, num mundo que exige, da parte de cada um, ação direta, responsável. Para operarmos uma radical mudança no cotidiano viver, devemos, por certo, compreender o inteiro processo de "vir a ser", como distinto de *ser*.

Todo o nosso pensar e agir se baseiam em "vir a ser", não é verdade? Estou empregando a expressão "vir a ser" de maneira muito simples, não no sentido filosófico, porém no sentido comum de desejar "vir a ser" algo neste mundo ou no chamado mundo espiritual. Se pudermos compreender esse processo de desejar tornar-se algo, talvez, assim, alcancemos o que é o sofrimento; porque é esse desejo que fornece à mente o solo em que pode medrar o sofrimento. E como nossas vidas — salvo raros momentos de felicidade — estão cheias de angústia, sofrimento, dor, medo, todas as formas de conflito, consciente e inconsciente, afigura-se-me importante compreender, em sua inteireza, essa questão de "vir a ser".

No pretender "vir a ser", atribuímos importância a coisas secundárias, tais como política, reforma social, ideologias, e às várias formas de religião organizada que oferecem conforto no "processo de tornar-

se". É isso, afinal, o que todos estamos fazendo, não é verdade? Estamos lutando para "tornar-nos algo", política ou socialmente, exterior ou interiormente. Não temos um momento em que não haja "vir a ser" mas somente *ser* — esse *ser* que nada é. Mas, esse "ser que não é nada" não pode ser compreendido se não apreendermos plenamente o significado de "vir a ser".

Todo pensar comparativo é uma forma de "vir a ser". A inveja, a ambição e as várias formas de preenchimento e suas frustrações são, essencialmente, "processo de vir a ser", graças ao qual o sofrimento se enraíza na mente. Aqui, também, a palavra "sofrimento" não é um termo filosófico, porém uma palavra que todos compreendemos; e não podemos estar livres do sofrimento enquanto não compreendemos esse "processo de vir a ser".

Todos estamos tentando, de diferentes maneiras, tornar-nos alguma coisa: mais nobres, menos ávidos, não-violentos; estamos tentando preencher-nos, com nosso trabalho, nosso Deus, nossa família, nossas posses, nossa identificação com uma idéia, etc. De inúmeras formas tentamos "vir a ser" algo, preencher-nos, e acho que nesse processo está toda a teia do sofrimento. Vendo-nos apanhados nessa teia, perguntamos: "Como livrar-me do sofrimento?" Só nos interessa livrarnos do sofrimento, e, *não,* compreender o processo de "vir da ser".

Ora, por que razão todos nós, por meios variados, vimos persistindo, através dos séculos, nessa senda do "vir a ser"? Por que deseja cada um de nós ser alguma coisa? Sou feio, e desejo ser belo; sou estúpido e desejo ser inteligente; sou invejoso e pretendo ser livre de inveja. Trava-se, assim, uma batalha constante entre o que eu sou e o que acho que *deveria ser.* O "deveria ser" é o alvo de todo aquele que deseja "tornar-se", e nesse "processo" encontram-se lutas, dores, medo, frustração intermináveis. E percebendo esse "processo", reconhecendo que minha mente está presa na teia do sofrimento, como posso ficar livre do meu penar?

Quando nos fazemos esta pergunta, em geral dizemos: "Posso disciplinar-me contra o desejo, contra a inveja." Não percebemos que a resistência é outra forma de "vir a ser" e que, com a resistência, estamos atribuindo importância a soluções secundárias. A fuga — a solução secundária — oferece um meio de preenchimento sem erradicar o sofrimento.

Vede o que se passa no mundo. As soluções secundárias — atividades políticas, reformas sociais, ou identificação da pessoa com determinado movimento reformador — estão assumindo valores fundamentais em nossa vida. Por quê? Não é porque oferecem ao indivíduo

um meio de autopreenchimento? Isto é, oferecem um meio pelo qual posso "vir a ser" algo, embora continue a criar sofrimento ao redor de mim e dentro de mim mesmo. A ânsia de vir a ser algo, esse desejo egotístico de expansão, tão poderoso, tão vital, encontra necessariamente meios e modos de expressar-se, e tal é a razão por que as soluções secundárias dominam hoje em dia nossa existência.

Todas as manhãs, os jornais estão cheios de "soluções secundárias", e o barulho que fazem abafa os "sussurros" da solução fundamental, coisa inteiramente diferente. A solução fundamental é a compreensão do "não vir a ser", do "não ser nada" — esse nada em que se manifesta, em sua totalidade, a Verdade, Realidade, Deus ou o nome que quiserdes. Mas a mente que, de diversas maneiras, busca "vir a ser", preencher-se — pela memória, a identificação com a família, com a pátria, com uma ideologia — nunca encontrará "a outra coisa"; e sem essa "outra coisa", todas as ideologias, e atividades políticas, e movimentos reformadores só gerarão mais sofrimento e mais confusão. Não parecemos perceber isso, porque estamos sempre interessados na satisfação imediata, no imediato preenchimento de nós mesmos por meio de "soluções secundárias".

Assim, se em certo grau estamos cônscios de nós mesmos, poderemos ver quanto se tornaram importantes, em nossa vida, certos movimentos, certas atividades, determinadas ideologias e teorias econômicas. E importa compreendermos essas coisas como "soluções secundárias", porque, então, talvez, nos abeiremos delas com um diferente sentir, isto é, sem o desejo de "vir a ser".

Há uma revolução religiosa que se verifica no indivíduo quando não há nenhuma espécie de "vir a ser", isto é, quando interiormente percebo o fato — *o que sou* — sem a menor distorção: o fato de que sou invejoso, ambicioso, completamente destituído de humildade. Se estou cônscio do fato — disso que *sou* — e dele não me abeiro com uma opinião, um julgamento, uma avaliação — porque opinião, julgamento, avaliação, se baseiam na intenção de transformar o fato, que é o desejo de "vir a ser" —, então esse próprio fato produz uma transformação na qual não há "vir a ser". Perceber que sou invejoso, sem condená-lo, é dificílimo, porquanto a própria palavra "inveja" tem significado condenatório. Mas, se puderdes libertar a mente dessa avaliação condenatória, se puderdes estar cônscios do sentimento sem identificardes o sentimento com a palavra, vereis que já não existirá o impulso para transformá-lo noutra coisa. O sentimento não "verbalizado", não "avaliado", não tem a qualidade de "vir a ser". E vereis também que, havendo sentimento sem "verbalização", não há desejo

de preenchê-lo. Só há o desejo de preencher um sentimento quando há identificação do sentimento com uma palavra, uma "avaliação".

Assim, é o "vir a ser" que dá raízes ao sofrimento, e se examinardes isso com profundeza, meditardes a seu respeito de tal maneira que a mente se liberte de todo o "processo" de vir a ser, vereis então que tereis eliminado completamente o penar. Então, a mente só está interessada na coisa fundamental, a Realidade, e porque se interessa por algo básico sua ação sobre as coisas secundárias terá seu significado próprio.

O interessar-se unicamente pelo "secundário" nunca levará ao "fundamental". Isso é como pôr em ordem uma sala, limpá-la, adorná-la; embora tudo isso seja essencial, nada significará sem a mobília da sala. De modo idêntico, a virtude é essencial. A mente virtuosa, austera, pôs a si mesma "em boa ordem"; pois a mente necessita de ordem, necessita de clareza. Mas a ordem, a clareza, a humildade, a austeridade, por si sós, nada exprimem; só exprimirão quando a mente que as possui é capaz de atuar sem o "experimentador" acumulador de experiência, e, por conseguinte, quando não há "vir a ser", mas só *ser*. Isto é, a mente está completamente vazia de todas as idéias baseadas no "experimentador", no "pensador", no "observador" sempre empenhado em "vir a ser". Só no esvaziar a mente de todo esse processo de "vir a ser" encontra-se o *ser,* que tem seu movimento próprio, independente do "vir a ser"; e a pessoa ocupada em "vir a ser" e ao mesmo tempo em buscar o estado de *ser,* nunca o encontrará. O homem que se ocupa com suas ambições, seu preenchimento, que deseja "tornar-se" alguma coisa, esse homem nunca encontrará a Realidade, Deus. Poderá ler todos os livros sagrados, praticar ritos diariamente, freqüentar todos os templos do mundo, mas o sofrimento o acompanhará como sua própria sombra.

Parece-me, por conseguinte, importante compreendermos esse "processo de vir a ser" existente em nós mesmos — e essa compreensão é, em essência, o autoconhecimento. Autoconhecimento é a compreensão do "vir a ser", ou seja o "eu"; e sem essa compreensão a mente nunca estará vazia e, por conseguinte, livre para compreender o Real, que é coisa bem diferente. Mas, com a compreensão do Real, descobrireis que nossas atividades sociais, nossas ações políticas, nossas mútuas relações de cada dia, têm uma qualidade completamente diversa. Deixarão de ser o solo em que medra e floresce o sofrimento.

É importantíssimo, pois, que o homem religioso compreenda a si próprio — esse "eu" que está sempre a percorrer a senda do "vir a ser"; e quando, com o autoconhecimento, cessa o "vir a ser", opera-se

nele, interiormente, a revolução religiosa. Esta é a única revolução que poderá criar um diferente mundo em todos os sentidos — economicamente, politicamente, e em nossas relações sociais.

Para compreender a Realidade, não é necessário esforço. Só há esforço no "vir a ser" — quando me sirvo da disciplina como meio de aperfeiçoamento, meio de alcançar a felicidade, de preencher-me — e isso é processo de resistência. Tudo isso é a senda do "vir a ser", na qual se encontra o sofrimento; e o homem que deseja compreender a Realidade deve estar livre dessa senda do "vir a ser", não no campo verbal ou ideológico, porém deveras livre. Deve ele compreender todo esse problema mediante o autoconhecimento. Com a mente libertada do "vir a ser", descobrireis que ela tem uma atividade própria, extraordinária, atividade que não pode ser "verbalizada", que não pode ser descrita ou comunicada a outrem; ela é mesmo a Realidade, o próprio movimento criador.

Há três perguntas para esta tarde e, como já expliquei, não vou responder a tais interrogações, pois a vida não tem respostas. A vida é para ser vivida, e o homem que só fica sentado na margem com vontade de banhar-se, que só faz uma pergunta para obter uma resposta, não está vivendo. Mas, *se estais vivendo,* encontrareis a resposta a cada passo, e eis por que é tão importante compreender o próprio problema, em vez de procurar a resposta, a solução do problema.

PERGUNTA: A Realidade foi definida como SATYAM, SHIVAM, SUNDARAM — isto é, Verdade, Bondade e Beleza. Todos os instrutores religiosos enaltecem a Verdade e a Bondade. Que lugar cabe à Beleza, no experimentar da Realidade?

KRISHNAMURTI: Há diferença entre Verdade, Bondade e Beleza? São três coisas distintas ou são realmente uma e só coisa que se pode chamar por esses três diferentes nomes? Para compreendermos a Verdade, a Bondade ou a Beleza, temos procurado reprimir o desejo, discipliná-lo, controlá-lo, ou encontrar para ele um substituto. Vendo que o desejo é tremendamente ativo, "vulcânico" em sua atividade, e que produz extremo sofrimento, dor, e alegria, dizemos que devemos ser livres de desejos. É o que têm sustentado todas as religiões, isto é, que devemos ser livres de desejos, a fim de encontrarmos aquela tríade; e vimos, assim, há séculos, procurando reprimir o desejo, e nessa própria repressão deixamos de ser sensíveis à Bondade, à Verdade, à Beleza.

Que é a Beleza? Esta é uma questão extremamente complexa, a cujo respeito se têm escrito volumes. Mas se vós e eu, que somos

pessoas simples, não eruditos ou ilustrados, desejamos descobrir o que é a Beleza, como devemos começar? Como descobrir o que é a Verdade, não verbal ou teoricamente, porém experimentar deveras o sentimento dessa coisa maravilhosa que se chama a Beleza?

Em geral, só conhecemos a beleza que foi "formada", "construída". Para a maioria de nós a beleza é uma reação. E pergunto a mim mesmo: Existe um sentimento que se possa denominar "beleza", bondade" ou "verdade" e que não seja simples reação?

Vejo aquela árvore, e digo: "Que bela!" A árvore é algo que foi criado e, à vista dela, eu "reajo", dizendo-a "bela" — e passo adiante. Identicamente, ao ver aquele edifício — que exprime também uma criação — digo "Que feio"! Isso é igualmente uma reação. E a Beleza é mera reação a alguma coisa criada? Ou existe um estado mental que se pode chamar "Beleza" e que não resulta de reação?

Nossa mente, afinal de contas, é resultado de reação, "desafio" e inadequada reação a ele; por conseguinte, há luta, dor. Nesse "processo" está a mente baseada, em ampla ou estreita medida; e quando vejo uma árvore, uma ave, uma pessoa bonita, uma criança, ou quando vejo pobreza, esqualidez, edifícios feios, digo "que belo"! ou "que feio"!, conforme minha reação e a espécie de atenção que dispenso. Se estou plenamente atento, há reação, nessa atenção plena? E há *objeto* da atenção? Compreendeis, senhores, ou está complicado demais? Não acho isso complexo, se o seguimos atentamente.

Conforme disse, a atenção que tem *objeto* não é atenção, em absoluto — porque o *objeto* vos absorve. Mas se estou plenamente atento, com a totalidade de meu ser, há então, nesse estado, alguma reação? Existe, nesse estado, o que se chama "belo" e "feio"? Afinal de contas, há a beleza ideológica, a beleza prescrita pelo ideal; e há a beleza da experiência, a essência da experiência. Agora, pergunto a mim mesmo — e considero-o uma pergunta legítima — "Existe um estado em que a mente se acha bem consciente e tem perfeita compreensão de sua reação à beleza e à fealdade, sem chamá-la "bela" nem "feia", porque está dispensando aquela atenção completa que encerra a totalidade da experiência? E nesse estado de total atenção, existe uma entidade que "experimenta a beleza" — ou só existe sentimento e o experimentar que não é reação, que não é resultado de uma causa?

Assim, pode a mente, sem perder sua sensibilidade para a beleza e a fealdade criada pelo homem, num edifício ou numa estátua, experimentar essa totalidade de atenção em que ela (a mente) não cria o belo e o feio? Compreendeis? Ora, por certo, só a mente que se acha em conflito, que está enredada em seus próprios desejos, seus

próprios preenchimentos e frustrações — só essa mente cria o que se chama "o belo" e "o feio".

Senhores, como disse, trata-se de um problema muito complexo, e para compreender *realmente,* não apenas verbalmente, o que é a Beleza, a Bondade, ou a Verdade, a mente deve estar vazia da palavra e de sua reação à palavra. Vereis que haverá então uma "totalidade de experiência", e nenhum "experimentador" experimentando a totalidade. Nesse estado existe uma ação criadora *(creativeness)* que nada tem em comum com as criações da mente contraditórias, que tem necessidade de expressão, seja construindo, seja escrevendo poemas, ensaios, etc. Ouvindo tudo isso, direis, porventura: "E vós não falais, a fim de vos 'expressardes', vos preencherdes? " Penso que não, porque o homem verdadeiramente religioso não busca preenchimento. Conforme expliquei, o preenchimento é o solo em que medra o sofrimento.

PERGUNTA: Para vós, é o amor que dissolve todos os problemas humanos. Eu não amo, e, entretanto, tenho de viver. Mas o amor não pode ser cultivado. Significa isso que meus problemas nunca serão resolvidos?

KRISHNAMURTI: Só se pode sentir o que é o amor ao compreendermos a maneira como vivemos. A maioria de nós deseja uma definição do amor, ou buscamos aquele estado que chamamos "amor universal", "cósmico", "divino", etc. etc., sem compreender nossa existência diária. Não conhecemos, na vida cotidiana, nenhuma espécie de amizade, bondade, delicadeza? Nunca somos generosos, compassivos? Jamais temos o sentimento de ser espontaneamente bons para com alguém, ou em que revelamos grande humildade? Tudo isso não são expressões do amor? E, quando amamos alguém, não há então um sentimento total em que o "eu" é inexistente?

O que geralmente acontece é que nos identificamos com uma pessoa, uma família, uma nação, um partido ou ideologia, e, nessa auto-identificação com algo, encontro grande intensidade de sentimento, de ação; mas não nos esquecemos realmente de nós mesmos. Pelo contrário, com a identificação nos expandimos. O movimento, o partido, a ideologia, a igreja, ou o que quer que seja com que se identificou a mente, é um prolongamento do "eu". O homem que, consciente ou inconscientemente, se identificou com algo, não tem amor, ainda que fale de amor. Quando falais sobre vosso amor à pátria, isso não significa que amais a pátria, constituída de pessoas, de entes humanos; o que amais é puramente a *idéia* de pátria, com a qual vos identificastes e pela qual estais dispostos a matar e a morrer.

Assim sendo, consciente ou inconscientemente, a mente se identifica com alguma coisa — um movimento, um partido, uma ideologia, uma família, uma religião, um *guru* — e essa mente é incapaz de amar; afigura-se-me importante compreender isto, porque muita gente boa se perde por causa da identificação, por não perceber sua falsidade. E se a identificação, a que chamamos "amor", não é amor, que é então o amor?

Sem dúvida, o amor é o estado de espírito em que o "eu" perdeu toda a sua importância. Amar é ser amistoso. Compreendeis, senhores? Quando amais, não tendes inimizade e não causais inimizade. E vós causais inimizade ao pertencerdes a religiões, nações, partidos políticos. Se possuís muitas terras, imensas riquezas, enquanto outro, pouco ou nada tem, causais inimizade, ainda que freqüenteis os templos, ou mandeis construir templos com vossas riquezas. Não tendes afabilidade quando estais em busca de posição, poder, prestígio.

Sim, todos vós acenareis com vossas cabeças e concordareis comigo, mas continuareis por vossos velhos caminhos; e a tragédia é, não a vossa falta de amor, porém, a falta de compreensão de vosso modo de vida, o não-percebimento do significado da maneira como realmente estais vivendo. Se realmente *sentísseis* isso, seríeis generosos. Por certo, a generosidade da mão e do coração é o começo da afabilidade; e onde há afabilidade não se necessita de justiça por força da Lei. Existindo afabilidade, há bondade, compaixão espontânea. Ocasionalmente, tendes sido amistosos, afáveis, sem pensardes em vós mesmos, sem estardes preocupados a respeito de vossa pátria, de vossos problemas. E quando transcendemos tudo isso, surge algo completamente diverso — um estado em que a mente é compassiva e, todavia, "indiferente".

Conhecemos a indiferença no sentido de "desapego", sendo este o resultado de cálculo, um ato concebido pela mente, a fim de proteger-se contra a dor. Conhecemos também a indiferença da mente que diz: "Passei por muitas penas e angústias, e agora vou ser indiferente." Ora, isto é também ação da vontade. Mas eu me refiro a uma indiferença totalmente desligada da indiferença intelectual concebida pela mente que deseja resistir ao sofrimento. Há uma indiferença originada da compaixão; a mente é compassiva e, todavia, "indiferente". Já tivestes alguma vez tal sentimento? Ao verdes um ser a penar, tratais de socorrê-lo e, entretanto, sois "indiferente" nesse próprio processo de socorrer. Mas, em geral, que fazemos nós? Apiedamo-nos porque vemos sofrimento, e desejamos alterar as coisas, promover uma reforma e, desse modo, nos lançamos de corpo e alma à ação; mas a mente de

tal maneira está empenhada em produzir um resultado, que perde o "senso" da compaixão.

Assim, se observardes o funcionamento de vossa própria mente, vereis que todas essas coisas se passam no cotidiano viver. Conheceis momentos de compaixão, momentos de amor, de generosidade, porém eles são bem raros. Todas as nossas ações calculadas se baseiam nesse processo de "vir a ser" algo importante, e só a mente que está livre do "vir a ser" pode conhecer aquele amor que dissolve nossos numerosos problemas.

PERGUNTA: Se, como dizeis, Deus ou a Realidade se encontra além da mente, tem então Deus alguma relação com minha vida diária?

KRISHNAMURTI: Senhor, que é nossa vida cotidiana, não teórica ou ideologicamente, porém na realidade? Ela é confusa, desditosa, ambiciosa, invejosa, estúpida, não é verdade? Citamos uma quantidade de livros que contêm as experiências de outros, a respeito das quais nada sabemos; repetimos o que nos ensinaram, lutamos, sofremos, e ocasionalmente conhecemos um movimento de alegria, o qual nos foge antes de o sentirmos em toda a profundeza. Esta é a nossa vida: um vão processo de mentir, enganar, tentar tornar-nos algo importante, lutar para dominar, reprimir. E pensais que essa vida tem alguma relação com a Realidade, a Bondade, a Beleza, Deus, com algo que não é de procedência humana? Entretanto, sabendo o que é a nossa vida diária, queremos trazer para ela aquela Realidade e tratamos de freqüentar o templo, de ler livros sagrados, e falamos a respeito de Deus, e dizemos que estamos buscando a salvação, etc. etc. Queremos trazer aquela Imensidão, aquela imensurabilidade, para dentro do "mensurável". E tal coisa é possível?

Vedes como a mente engana a si própria? Podeis trazer o Desconhecido, aquilo que não pode ser experimentado, para dentro do "condicionado", para o reino do conhecido? Claro que não. Portanto, não o tenteis. Não tenteis encontrar Deus, a Verdade, porque isso é sem significação. O mais que podeis fazer é observar o funcionamento de vossa própria mente, que é o campo do conflito, da angústia, do sofrimento, da ambição, do preenchimento, da frustração. Isso vós *podeis* compreender, e suas estreitas fronteiras podem ser derribadas. Mas tal coisa não vos interessa. Quereis "capturar" Deus e prendê-lo na gaiola do "conhecido" — a gaiola que chamais "o templo", "o livro", o *"guru"*, o "sistema", e com isso vos satisfazeis. Assim agindo pensais que vos estais tornando muito religiosos. Mas não estais. Sois apenas hipócritas — roubando, logrando, mentindo, dentro da gaiola.

Assim, o homem que está cônscio de tudo isso não se preocupa a respeito da Realidade, do imensurável, do incognoscível; o que lhe interessa é o findar da inveja, o findar do sofrimento, o findar de todo esse "processo" de vir a ser. Isso vós podeis fazer — podeis fazê-lo todos os dias, mantendo-vos atentos à vossa inveja, observando vossa maneira de falar, a maneira como mostrais um respeito que não é respeito nenhum, a maneira como adquiris, acumulais. Com o autoconhecimento a mente pode libertar-se de suas limitações, seu condicionamento, e esse libertar a si própria do condicionamento é meditação. Não tenteis meditar sobre a Realidade, porque não podeis fazê-lo; é uma impossibilidade. A meditação sobre Deus nada significa. Como pode uma mente condicionada, limitada, vulgar, invejosa meditar acerca de algo que é incognoscível? O mais que a mente pode fazer é libertar-se do "conhecido" — "o conhecido" que são todas as coisas que vos ensinaram, vossas ambições, vossas identificações, vossa avidez. O libertar a mente da memória de tudo isso é meditação. E com a mente livre, descobrireis que se apresenta uma maravilhosa tranqüilidade, tranqüilidade em que não existe o experimentador que está sempre medindo, lembrando, calculando, desejando. A mente então percebe alguma coisa em extremo diferente, um estado que é, em si, uma bênção, que encerra um movimento desprovido de "centro" e, por conseguinte, não tem começo nem fim. A mente capaz dessa atenção total, independente da entidade que experimenta o que está ocorrendo, descobrirá que existe uma Realidade, uma Bondade, uma Beleza, que não é reação, que não é um oposto, que é sem causa e, portanto, é "algo em si". Mas a "realização" dessa imensidade não pode ocorrer se a mente não estiver de todo vazia do "conhecido".

3 de março de 1957.